**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**
**CENTRO DE HUMANIDADES**
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

**CLEBER SOUZA CORDEIRO**

# TRADUÇÃO COMENTADA DE *AGUAFUERTES MADRILEÑAS*, DE ROBERTO ARLT

**FORTALEZA**
**2018**

CLEBER SOUZA CORDEIRO

# TRADUÇÃO COMENTADA DE *AGUAFUERTES MADRILEÑAS*, DE ROBERTO ARLT

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução. Área de concentração: Processos de Retextualização.

Orientador: Prof. Dr. Walter Carlos Costa.

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo autor

---

C818t Cordeiro, Cleber Souza.
*Tradução comentada de Aguafuertes madrileñas*, de Roberto Arlt / Cleber Souza Cordeiro. – 2018.
306 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Fortaleza, 2018.
Orientação: Prof. Dr. Walter Carlos Costa.

1. Estudos da Tradução. 2. Roberto Arlt. 3. Literatura Argentina. 4. Crônica. 5. Literatura de viagem. I. Título.

CDD 418.02

---

CLEBER SOUZA CORDEIRO

TRADUÇÃO COMENTADA DE *AGUAFUERTES MADRILEÑAS*, DE ROBERTO ARLT

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Tradução. Área de concentração: Processos de Retextualização.

Aprovada em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Walter Carlos Costa (Orientador)
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) / Universidade Federal do Ceará (UFC)

_____

Prof. Dr. Philippe Humblé
Vrije Universiteit Brussel (VUB)

_____

Profa. Dra. Meritxell Hernando Marsal
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

_____

Profa. Dra. Nicoletta Cherobin
Universidade Federal do Ceará (UFC)

## AGRADECIMENTOS

O percurso até a conclusão deste trabalho não foi um caminho plano. Houve curvas imprevistas, desvios, conexões, atrasos. Mas como toda viagem, trouxe afetos, gentilezas e aprendizagens que me fizeram evoluir no espaço entre a partida e a chegada.

Agradeço a Deus e a meus pais, pela graça da vida e pelo apoio de sempre. Cada novo passo também é deles.

Agradeço a minha amada Morganna, pelo apoio, incentivo e amor incondicionais. Desde o início deste voo, nada teria sido possível sem essa força incrível que me acompanha por todo o caminho.

Aos familiares e aos amigos de agora e de sempre, pelo carinho, apoio, interesse e constância.

Aos colegas de mestrado e secretário da POET/UFC pela acolhida, amizade e por todo o aprendizado que pude ter com todos.

Aos professores do programa, pelos ensinamentos e aportes ao trabalho. Nossa convivência foi um privilégio para mim.

Ao meu orientador, professor Walter, pela confiança e por todas as lições proporcionadas.

Aos professores Philippe Humblé e Julio Cesar Neves Monteiro, pelo interesse por esse trabalho e a ótima sessão de qualificação, contribuindo de forma decisiva com o texto final com suas observações e comentários.

À banca de defesa, composta pelos professores Philippe Humblé, Meritxell Hernando Marsal e Nicoletta Cherobin, por aceitar o convite e proporcionar nova oportunidade para o debate e aperfeiçoamento do trabalho.

A todos aqueles que contribuíram para o desenvolvimento deste projeto, desde os muito próximos até aqueles que, sem me conhecer, prestaram ajuda valiosa. O conhecimento é veículo compartilhado e a gentileza nos leva além.

¡*Gracias a todos*!

*Un viaje es, ¿no les parece que a ustedes que un viaje es como ir apresuradamente al encuentro del destino que no tiene forma y que guarda misterios que no sabemos en qué consisten?*

Roberto Arlt

*Longe de casa*
*Sigo o roteiro*
*Mais uma estação.*
*E alegria no coração!*

L. Gonzaga / H. Cordovil

# RESUMO

Nos anos 1935-1936, o escritor e jornalista argentino Roberto Arlt foi enviado como correspondente à Espanha pelo jornal *El Mundo*. Percorreu aquele país, onde pode observar o povo, os costumes, a arquitetura e demais idiossincrasias de diversas regiões, além de fazer uma incursão ao Marrocos. Suas impressões e fotografias são publicadas durante a viagem no jornal portenho. Ao final de seu percurso, chega a Madri, onde permanece de janeiro a abril de 1936, sendo testemunha ocular de acontecimentos que precederam a Guerra Civil Espanhola. Sua permanência na capital espanhola rendeu trinta e sete crônicas, que eram acessíveis apenas nas páginas do jornal até, no início deste século, serem selecionadas e publicadas pelas editoras Losada (Buenos Aires, 2000), Hermida (Madri, 2015) e Hernández (Buenos Aires, 2017). Este trabalho compreende uma tradução anotada e comentada das chamadas *Aguafuertes madrileñas*, justificada por seu duplo interesse, literário e histórico, bem como pelo crescente reconhecimento da importância da série de *Aguafuertes* espanholas na trajetória literária de Arlt. Compõe o trabalho ainda estudo introdutório acerca do autor, enfocado em sua faceta de viageiro e, em especial, em sua jornada espanhola. São abordadas também suas *Aguafuertes*, estando presente a discussão acerca do caráter híbrido e multifacetado destes textos, bem como uma revisão do percurso da literatura arltiana traduzida até o momento. Os comentários sobre tradução serão realizados a partir de leituras de Antoine Berman (2007) e Jiří Levý (2011, 2012, 2012b). Ademais, como suporte para a análise da prática tradutória, serão úteis trabalhos acadêmicos dedicados ao trabalho de tradução da obra de Roberto Arlt, além daqueles que abordam especificamente as chamadas *Aguafuertes españolas*, como os de Carvalho (2009), Cimadevilla (2009; 2013), Frenkel (2007), Juárez (2008), Ribeiro (2001) e Vale (2012), entre outros.



**Palavras-chave**: Estudos da Tradução. Roberto Arlt. Literatura Argentina. Crônica. Literatura de viagem.

**RESUMEN**

Durante los años 1935-1936, el escritor y periodista argentino Roberto Arlt fue enviado a España como corresponsal por el periódico *El Mundo*. Arlt recorrió el país, observando la gente, las costumbres, arquitectura y demás idiosincrasias de las diversas regiones, además de hacer una incursión en Marruecos. Sus impresiones y fotografías se publican durante el viaje en *El Mundo*. Al final de su trayecto llega a Madrid, quedándose allí entre enero y abril de 1936, donde testimonia los hechos que precedieron la Guerra Civil Española. De su permanencia en la ciudad se generaron treinta y siete crónicas, que permanecian restrictas a las páginas del diario hasta que, en los años 2000, fueron seleccionadas y publicadas por las editoriales Losada (Buenos Aires, 2000) Hermida (Madrid, 2015), y Hernández (Buenos Aires, 2017). Este trabajo comprende una traducción anotada y comentada de las llamadas *Aguafuertes madrileñas*, justificada por el doble interés que encierran –literario e histórico–, así como por el crecente reconocimiento de la importancia de las *Aguafuertes españolas* en la literatura de Arlt. También componen este trabajo un estudio introductorio sobre el autor, enfocado en su faceta de viajero y, particularmente, en el viaje a España. Se presenta un abordaje de sus *Aguafuertes*, planteando la discusión acerca de su carácter híbrido y polifacético, bien como un repaso de la trayectoria de la literatura arltiana traducida hasta la fecha. Se presentarán comentarios aplicados respecto a la traducción, fundados en lecturas de Antoine Berman (2007) y Jiří Levý (2011, 2012, 2012b). Finalmente, como soporte a la práctica de traducción, se utilizaron trabajos académicos dedicados al esfuerzo de traducción de la obra de Roberto Arlt, así como aquellos que tratan específicamente de las llamadas *Aguafuertes españolas*, como lo son los de Carvalho (2009), Cimadevilla (2009; 2013), Frenkel (2007), Juárez (2008), Ribeiro (2001) y Vale (2012).

**Palabras clave**: Estudios de Traducción. Roberto Arlt. Literatura argentina. Crónica. Literatura de viaje.

**ABSTRACT**

During the years 1935-1936, the Argentinian writer and journalist Roberto Arlt was sent to Spain as a correspondent from the newspaper *El Mundo*. Arlt toured this country, observing the people, customs, architecture and other idiosyncrasies of the various regions, in addition to making an incursion into Morocco. His impressions and photographs are published in *El Mundo* during the trip. At the end of his journey, he arrives in Madrid, staying there between January and April 1936, where he testifies the events that preceded the Spanish Civil War. Thirty-seven chronicles were written during his stay in the city, remaining restricted to the pages of the newspaper until, in the 2000s, they were selected and published by the publishing houses Losada (Buenos Aires, 2000) Hermida (Madrid, 2015), and Hernández (Buenos Aires, 2017). This work includes an annotated translation of the so-called *Aguafuertes madrileñas*, justified by the double interest that they contain - literary and historical -, as well as by the growing recognition of the importance of the Spanish chronicles series in the Arlt's literature. This work also includes an introductory study about the author, focused on Arlt as a traveller and, particularly, on the Spanish trip. His *Aguafuertes* are presented, raising the discussion about their hybrid and multifaceted character, as well as a review of the trajectory of Arltian literature translated to date. Comments on the translation are be presented, based on Antoine Berman (2007) and Jiří Levý (2011, 2012, 2012b) readings. Finally, as a support to the practice of translation, academic works dedicated to the translation effort of Roberto Arlt's work were used, as well as those that specifically deal with the *Aguafuertes Españolas*, such as those of Carvalho (2009), Cimadevilla (2009; 2013), Frenkel (2007), Juárez (2008), Ribeiro (2001) and Vale (2012).

**Keywords**: Translation Studies. Roberto Arlt. Argentinian Literature. Chronicle. Travel literature.

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição do quantitativo de traduções por país ..... 45

Gráfico 2 – Distribuição das traduções realizadas por livro ..... 45

Gráfico 3 – Distribuição das traduções realizadas por gênero ..... 46

Gráfico 4 – Distribuição das traduções realizadas no Brasil por gênero ..... 47

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – *Aguafuertes madrileñas*..... 307

Tabela 2 – Traduções de Roberto Arlt..... 308

**SUMÁRIO**


**1 INTRODUÇÃO** ..... 22

**1.1 Roberto Arlt: vida e obra** ..... 22

**1.2 As *Aguafuertes madrileñas*** ..... 25

**2 AS *AGUAFUERTES*: PARA ALÉM DAS *PORTEÑAS*** ..... 29

**2.1 O cronista da cidade** ..... 29

**2.2 A crônica e a *aguafuerte*** ..... 30

**2.3 *Con el pie en el estribo*: Arlt viageiro** ..... 31

**2.4 A *aguafuerte* e o relato de viagem** ..... 31

**2.5 Seguem as viagens** ..... 33

**2.6 "*Me voy a España*"** ..... 34

**2.7 A alegria de Madrid** ..... 36

**2.8 Últimos projetos** ..... 38

**3 *ARLT E AS TRADUÇÕES: PERCURSO DIACRÔNICO*** ..... 40

**3.1 Roberto Arlt e as traduções** ..... 40

**3.2 Primeiras traduções** ..... 41

**3.3 Arlt em português** ..... 41

**3.4 A Universidade: recepção e difusão do autor** ..... 42

**3.5 Cronista e romancista** ..... 43

**4 AS ÁGUAS-FORTES MADRILENHAS** ..... 48

**4.1 Relato, Artigo, Crônica: A Água-forte** ..... 48

***4.1.1 Referências adotadas*** ..... 52

**4.2 Comentários sobre a tradução: a teoria na prática** ..... 54

**4.2.1 *Aproximações teóricas e comentários sobre a tradução.*** ..... 54

***4.2.2 Escrever "mal": traduzir "mal"?*** ..... 60

***4.2.3 Notas de tradução*** ..... 61

**5 *AGUAFUERTES MADRILEÑAS* / ÁGUAS-FORTES MADRILENHAS** ... 65

**6** **CONCLUSÃO** ..... 298
**REFERÊNCIAS** ..... 301
**ANEXO A – TABELA DE *AGUAFUERTES MADRILEÑAS*** ..... 307
**ANEXO B – RELAÇÃO DAS TRADUÇÕES DE ROBERTO ARLT** ..... 308

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Roberto Arlt – Vida e obra

Roberto Arlt nasceu em Buenos Aires, em 26 de abril de 1900[1], filho de um imigrante alemão e uma imigrante italiana. O jovem Arlt tem uma infância humilde no bairro operário de Flores, quando a Argentina – e em particular Buenos Aires–, vivia um período de grandes progressos e transformações, e sua população era composta majoritariamente de imigrantes, que povoavam as ruas com os mais distintos sotaques e costumes.

Sobre seus primeiros anos, o próprio Arlt deixaria alguns escritos, muitos deles ficcionalizados ou contraditórios, nos quais, se não ficava clara a veracidade dos fatos narrados, se construía a base da mitologia criada pelo autor em torno de si mesmo: narrativas de que vendia seus contos desde a infância, de que fora expulso da escola "por inútil", de que só cursou até a terceira série. Tal intersecção entre autobiografismo e ficção será uma constante na obra arltiana, criando-se confusão até mesmo quanto ao seu nome e data de nascimento (Saítta, 2008:16). O jovem Arlt cresceu numa família pobre e conturbada na Buenos Aires do início do século XX, onde aprendeu um sem-número de ofícios (foi aprendiz de mecânico, oleiro, estivador, pintor e vendedor de papel de embrulho, entre outros)[2], além de ver despertar seu interesse pela literatura: faz amigos com os mesmos interesses, trabalha em livrarias, lê todo tipo de livros (os estrangeiros, através de depreciadas traduções).

Após uma série de recusas iniciais, seu primeiro romance é publicado em 1926. *El juguete rabioso* teve grande repercussão, tanto pelas histórias e tipos humanos que compunham o enredo quanto pela forma de escrever do seu autor, cujos personagens têm vozes populares, repletas do *lunfardo*, o calão portenho em plena formação à época. Por trabalhar o que usualmente não era objeto literário, Arlt constrói uma literatura original, no dizer de Sarlo (2007:216), o que repercute de modo decisivo em sua carreira e em sua inclusão no sistema literário argentino: se até o momento havia publicado apenas esporadicamente em revistas e jornais, o autor logo passa a exercer mais amiúde

---

[1] A data de nascimento exata do autor é objeto de contradições, geradas pelo próprio autor em seus escritos. Saítta (2000:16), no entanto, aponta como correta a data constante da certidão de nascimento.
[2] Cf. Saítta (2008:25).

o ofício de cronista, com colaborações em revistas – além de desempenhar o papel de repórter policial em alguns jornais em 1927 –, e, com o surgimento do jornal *El Mundo*, no qual passa a trabalhar a partir de 1928[3], tem, ao mesmo tempo, o trabalho necessário ao escritor sem renda e o espaço fértil e propício para se dedicar ao seu projeto literário, como relata Saítta (2008:75).

Suas *Aguafuertes porteñas* – titulo emprestado da técnica de gravura a partir de matrizes metálicas, que deixam sua impressão através da ação de ácidos –, tinham viés costumbrista e tratavam basicamente da cidade de Buenos Aires e seus habitantes. Rapidamente se converteram em grande sucesso, em boa parte por adotarem os procedimentos narrativos e vocabulário já empregados em *El juguete rabioso*.
Ao mesmo tempo, seu emprego estável de jornalista possibilitava o avanço do projeto literário romanesco. Arlt, de fato, encontra seu espaço de escritor a partir de suas *aguafuertes* diárias, como assinala Borré (2000:149), ao passo que desfrutava de todas as vantagens de estar em um grande meio de comunicação, como a maior facilidade de formação de público e divulgação de sua obra em livros (Saítta, 2008:78) Em 1929 publica *Los siete locos*, considerada sua principal obra. O romance é bem recebido e premiado, inscrevendo Arlt de vez entre os principais nomes da literatura argentina.

A nota diária em *El Mundo*, no entanto, representava uma obrigação da qual Arlt necessitava se desincumbir, com prioridade sobre seus romances. Além disso, era necessário evitar o desgaste da coluna, o que exigia que a coluna se reinventasse de tempos em tempos. Como observa Borré (2000:149), entre as formas de revitalização do espaço ocupado por Arlt estão as viagens dentro e fora do país[4]. É desse modo que o escritor percorre diversas localidades do interior até que, em 1930, é enviado pelo jornal para uma jornada pela América do Sul, abreviada pela premiação de *Los siete locos* em concurso literário municipal, exigindo seu regresso.

Arlt seguiria por tempo razoável equilibrando seus deveres com *El Mundo* e seu projeto literário: em 1931 publica *Los lanzallamas*, continuação de *Los siete locos*. No ano seguinte lança *El amor brujo*, seu último romance. Praticamente ao mesmo tempo, passa a interessar-se pelo teatro, tendo lançado no mesmo ano sua primeira peça, *Trescientos millones*. Esse interesse, que inaugura uma nova fase na obra do autor, resiste ao longo período de viagem à Europa, em 1935-1936. No ano de seu regresso,

---

[3] Publica em 18 de maio seu primeiro artigo no jornal, sem assinatura. Em 14 de agosto, já sob o título de *Aguafuertes porteñas*, publica a primeira nota assinada.
[4] A faceta de Arlt como viajante será tratada mais adiante.

estreia em Buenos Aires as peças *Saverio el cruel* e *El fabricante de fantasmas*. Em 1938, lançaria *La isla desierta* e *África*.

A obra de Arlt passou por novas mudanças a partir de seu regresso da Europa. Suas *aguafuertes* deram lugar a novas formas de representação, menos costumbristas e locais, mais reflexivos e globais: em *Tiempos presentes* e *Al margen del cable* o autor passava a comentar acontecimentos políticos nacionais e internacionais, que, por algum motivo, não eram aproveitados em suas respectivas seções e ficcionalizando relatos que chegavam à redação vindos de todo o mundo. Ao lado do teatro e de seu indefectível sonho de chegar à fortuna através de algum grande invento, que o acompanhou por toda a vida[5], essas foram as principais ocupações do autor durante sua terceira fase.

Arlt manteve sua coluna em *El Mundo* por toda a vida, com diversas renovações de temas e estilo, refletindo os vários interesses que lhe atraíam ao longo dos anos, ainda que a periodicidade de sua publicação tenha se reduzido consideravelmente. Em 26 de julho de 1942, o autor morre de um ataque cardíaco em sua residência. Sua última nota já havia sido escrita e seria publicada no dia seguinte.

## 1.2 As *Aguafuertes madrileñas*

### PEQUENO HISTÓRICO E DELIMITAÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Como veremos em seguida, no âmbito de sua viagem pela Espanha, entre janeiro e abril de 1936, Roberto Arlt permaneceu em Madri, onde pode conhecer alguns dos principais atrativos da cidade, ao mesmo tempo em que era testemunha ocular dos acontecimentos pré-guerra civil: Arlt viu os preparativos para as eleições que seriam vencidas pela esquerda, o dia do pleito, a tensão pós-apuração, os distúrbios iniciais pela cidade na qual permaneceu até a destituição de Alcalá Zamora. Ao todo, durante sua permanência em Madri, publicou trinta e sete notas, que basicamente abordam três eixos temáticos: a cidade de Madri, as notas políticas e, no último mês de viagem, a cidade de Toledo e El Greco. Relacionam-se a essas notas quatro artigos publicados em

[5] Arlt compartilhou com os protagonistas de seus romances esse traço peculiar. O escritor-inventor chegou a patentear meias-calças femininas que não desfiavam, investindo tempo e dinheiro no aperfeiçoamento da criação, que, no entanto, não teve êxito (cf. Saíta, 2008: 286-289).

*El Mundo* após o regresso do escritor a Buenos Aires, publicados em julho e agosto do mesmo ano, após o início do confronto. Tais artigos, do mesmo modo que a grande maioria dos textos da viagem à Espanha, foram publicados no jornal, sendo gradativamente esquecidos com o passar do tempo. A exceção são algumas das crônicas que, após um processo de reescrita e edição levado a cabo por Arlt, saíram em livro, sob o título de *Aguafuertes españolas*, em 1936[6]. Na realidade, esses textos referem-se apenas ao período da viagem passado na Andaluzia, e a existência de volume com tal título – o que pode se justificar pela suposta intenção do autor de levar à publicação novos volumes das notas de viagem pela Espanha, nunca realizada[7] –, certamente contribuiu para o relativo apagamento dos demais textos no âmbito da literatura breve produzida pelo escritor. Outro fator que pode ser aventado para o adormecimento dos textos desses meses nas páginas do jornal é o fato de que, diferentemente dos textos inspirados pela visita ao Marrocos (Arlt escreveu diversos contos com inspiração árabe e africana após o regresso), os temas espanhóis não foram revisitados pelo escritor com consistência; em parte, segundo o próprio Arlt, por desgosto em haver conhecido determinada realidade, "y recordarla cómo fue, y saberla tan despedazada..." (*apud* Saítta, 2012, s/nº).

De qualquer modo, o fato é que tais textos foram retomados somente no ano de 2000, quando Sylvia Saítta, uma das principais estudiosas da vida e obra de Arlt, compila e edita os textos esquecidos nas páginas do extinto jornal *El Mundo*. Quanto aos textos aqui em estudo, Saítta publica *Aguafuertes madrileñas: Presagios de una guerra civil* pela editora Losada, naquele ano. No subtítulo, bem como do prólogo, Saítta destaca a vertente política dos textos madrilenhos de Arlt. Em cotejo com a *Bibliografia de Roberto Arlt*, apêndice da biografia *El escritor en el bosque de ladrillos* (2008: 301-413), da mesma estudiosa, foi possível chegar à conclusão de que os textos madrilenhos publicados não estavam completos. Na realidade, havia sete *Aguafuertes madrileñas* que permaneciam inéditas em livro, como se pode observar na **Tabela 2**, em sintonia com o viés temático adotado para nortear a edição da obra em livro. Cabe apontar ainda que as *Aguafuertes madrileñas* foram novamente publicadas em livro recentemente, numa compilação, juntamente com as demais *Aguafuertes españolas*, por

---

[6] *Aguafuertes Españolas - primera parte*. Buenos Aires: L.G. Rosso, 1936.

[7] Na verdade, a promessa de novas publicações que nunca foram lançadas era uma constante na carreira de Arlt. Como exemplo, podem ser citados, além dos novos volumes das *Aguafuertes españolas*, o romance *El pájaro de fuego,* em continuação a *El amor brujo*, a peça teatral *Cuando ellos lleguen* e também o romance *El bandido en el bosque de ladrillos*, como nota Saítta (2008: 76).

Toni Montesinos, em Madri[8]. No entanto, os textos apresentados são os mesmos da edição organizada por Saítta. Por fim, em 2017, também organizado por Saítta, surge *Aguafuertes de viaje – España y África*[9], volume no qual, pela primeira vez, são publicados em livro todos os textos escritos durante a viagem de Arlt.

Para a delimitação do objeto de trabalho é importante observar também aspectos editoriais das crônicas publicadas no jornal, não reproduzidos na edição em livro. Desse modo, e após tomar conhecimento da existência dos textos inéditos, bem como da informação da possibilidade de que a publicação em *El Mundo* tivesse fotos realizadas pelo próprio Arlt – o que ocorreu nos textos da viagem espanhola, como visto através dos trabalhos de Carvalho (2007) e Cimadevilla (2009; 2013a; 2013b) –, tornou-se imperativo o acesso aos originais. Tais documentos estão disponíveis apenas em suporte físico (jornal), na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Mariano Moreno, em Buenos Aires, aos quais tive acesso em setembro de 2016.

Após a reunião do material que compõe o *corpus*, teve início o trabalho de preparação dos textos, demandando a transcrição das crônicas, bem como a edição das imagens localizadas. Tal processo conduziu a questões como a extensão final do trabalho e ao confronto de duas opções: trabalhar com todos os textos ou reduzir o *corpus*, o que implicaria nova seleção.

A esse respeito, outro detalhe editorial chamou a atenção no processo de estabelecimento do *corpus*. Observa-se que a coluna de Arlt em *El Mundo* apresenta, além do título do texto, um segundo título, mais ou menos fixo, que é apresentado em caixa alta, em tamanho menor que o do título da crônica do dia, encimando-o. Esse é o título da coluna destinada a Arlt, que como se pode inferir, é consagrada como *Aguafuertes porteñas*, apesar de que era alterado devido às séries realizadas pelo autor, em razão de qualquer acontecimento, como uma reportagem investigativa ou uma viagem. Desse modo, observar o título da coluna corrobora a existência de "eixos temáticos" na composição das *Aguafuertes madrileñas*. Com efeito, foram identificados quatro títulos diferentes no decorrer da permanência do escritor em Madri: *Aguafuertes españolas*, título genérico, aparece em duas notas, a primeira e a última, que, a rigor, podem não ter sido necessariamente escritas na cidade. A nomenclatura mais utilizada, *Aguafuertes madrileñas*, está relacionada com os textos de caráter costumbrista e descritivos da cidade, contando vinte e seis publicações. *Crónicas de España* parece ser

---

[8] *Aguafuertes*. Madri: Hermida, 2015.
[9] *Aguafuertes de Viaje - España y África*. Buenos Aires: Hernández, 2017.

o título escolhido para as publicações que tratavam da política espanhola do momento, com seis notas. Finalmente, uma variante dessa última, *Crónicas de Madrid*, também tem o mesmo viés e está presente em três notas de abril de 1936, quando os acontecimentos já apresentavam o conflito armado como uma possibilidade bastante próxima.

Com base em todos os elementos expostos, surge a necessidade de restringir o *corpus*. Isso porque, além da extensão do trabalho, outros fatores, como a representatividade do material escolhido, a oportunidade de se tangenciar temas ainda não tratados, como as imagens de Arlt para as ruas madrilenhas, e a necessidade de um viés condutor para a construção do texto crítico se fizeram presentes. Desse modo, e visando uma aproximação com a faceta mais produtiva e que permeia a crônica de Arlt, tanto a de viagem, como as "autóctones", que é a de escritor costumbrista e narrador ligado às imagens que produz, optou-se por uma abordagem que privilegiasse a relação entre Arlt e Madri, com a inclusão das *Aguafuertes* inéditas e exclusão dos textos de análise política após o regresso de Arlt, que não parecem, a rigor, tratar-se de *Aguafuertes madrileñas*. Ainda assim, mantive os textos presentes nas denominadas "Cartas", visto que a tensão política e social também era elemento que compunha o colorido da cidade que se apresentava ao autor. Desse modo, o *corpus* conta com trinta e sete textos, que são apresentados, transcritos, traduzidos para o português brasileiro, anotados e comentados.

## POR QUE TRADUZIR

Como se pode observar, os textos eleitos para compor o *corpus* constituem material ainda pouco estudado de Roberto Arlt. A importância de tais textos, esquecidos por décadas, para a obra do escritor argentino só vem sendo discutida na contemporaneidade, e tomar parte do processo de resgate e disponibilização do texto deverá contribuir para a discussão. Ao mesmo tempo, o *corpus* se revela campo fértil para análises à luz dos Estudos da Tradução: se compõe de relatos de viagem, nos quais um estrangeiro tenta compreender e explicar para seus conterrâneos um novo mundo com o qual toma contato. Ademais, a existência de fotos realizadas pelo próprio autor e que compunham sua coluna em conjunto com o texto nos permite realizar aproximações com a tradução intermidial, bem como compreendê-las como componente não-verbal da "tradução" de Madri que Arlt tenta apresentar a seus leitores. Finalmente, a tradução de

um texto literário inédito em outra língua constitui uma contribuição para o estudo e prática dos processos de tradução, tanto pelo ineditismo, quanto pelo subsídio a futuros trabalhos em diversos campos de estudos.

# 2 AS *AGUAFUERTES*: PARA ALÉM DAS *PORTEÑAS*

## 2.1 O cronista da cidade

Em 1928, a Editorial Haynes, que já possuía publicações de relevância na cidade de Buenos Aires, como as revistas *Mundo Argentino, Don Goyo* e *El Hogar*, decide editar um jornal. A empreitada é ambiciosa, e é contratado como diretor do jornal o então editor *de La Nación*, Alberto Gerchunoff. O plano é colocar em circulação um jornal inovador no mercado local, em formato tabloide, fácil de manusear no transporte público. Além disso, a publicação pretendia ter penetração em camadas variadas de público – como se depreende de um de seus slogans, "diário que interesa a la mujer, al hogar y al niño"[10]. Em suma, uma publicação que tencionava ser moderna e adaptada aos novos tempos, gerada a partir da disseminação do jornalismo de massa, ocupando o mercado e o espaço de jornais tradicionais, como *La Nación*. Para tanto, a editora começa a recrutar jornalistas profissionais e jovens escritores, entre eles Roberto Arlt, que trazia consigo alguma experiência jornalística, principalmente como repórter policial, além de colaborações esporádicas nas revistas do grupo Haynes. O escritor passa a desempenhar suas atividades no jornal, escrevendo notas sobre a conjuntura diária, sem título ou assinatura, como as demais colunas. No mesmo ano, há uma mudança de direção no diário, e passa à chefia Carlos Mucio Sáenz Peña. Arlt passaria a ter uma coluna titulada e assinada: surgiam as *Aguafuertes porteñas*. Como privilégio único naquela redação durante algum tempo, a coluna assinada lhe permite a transição para uma subjetividade no texto, como observa Saítta (2008: 73): Arlt passará a apresentar pontos de vista, defender posições (algumas vezes, à revelia da direção) e, até mesmo, corresponder-se com seus leitores.

Desse modo, quase que imediatamente, Arlt consegue construir um local de enunciação próprio, com público cativo. Suas notas diárias, que, à semelhança de sua obra ficcional, estão impregnadas de coloquialismos, lunfardo, quebras de estrutura sintática canônica, tratam muitas vezes de tipos e assuntos marginais, o que lhe traz tanto leitores assíduos quanto críticos contumazes, que assinalavam a "má escrita" de Arlt. Como observa Borré (2000: 148), o relato de viés costumbrista em si não era novidade, nem na Argentina, nem no periodismo internacional. O que chamava a

[10] *El Mundo*, 03/02/1936.

atenção era a peculiar maneira de dizer do cronista, que é alçado a uma posição de destaque no jornal. Isso se traduz em algumas benesses, como viagens, renda que lhe permite tocar seu projeto literário e plataforma para a divulgação de sua obra publicada.

## 2.2 *A crônica e a aguafuerte*

As *Aguafuertes porteñas* eram muito populares, e multiplicaram-se com o passar dos dias e anos. Se, por um lado, traziam as vantagens mencionadas para o autor, por outro, a obrigação da nota diária lhe tomava tempo que poderia ser dedicado à sua ficção. De todo modo, com o passar dos anos, era necessário que a coluna regularmente se reinventasse, buscando novos temas e cenários. Um dos primeiros movimentos nesse sentido foi quando, em 1932, Arlt revive seus tempos de jornalista investigativo e, de forma anônima, visita hospitais municipais. Como resultado, no ano seguinte, as *Aguafuertes* habituais dão espaço para a coluna *Hospitales en la miseria*, nas quais descreve tudo o que vira. Tais notas têm grande repercussão, ocasionando modificações na administração hospitalar, face à desaprovação popular.

Em 1933, as *Aguafuertes porteñas* já ultrapassavam a casa dos milhares. Sua grande popularidade atrai o interesse de alguns editores, que conseguem convencer Arlt a selecionar e publicar um volume de suas notas. Na seleção de sessenta e nove crônicas, Arlt privilegia seus textos típicos dos primeiros anos, optando por não incluir relatos sobre o golpe de 1930, ou notas de sua viagem ao Brasil e Uruguai (Borré, 1999: 151). Tal edição, ao ser nomeada como a primeira série de *aguafuertes*, sugeria novos volumes, que nunca apareceram.

De modo semelhante às notas sobre o estado dos hospitais, surge uma nova série denuncista em 1934, quando Arlt decide percorrer a periferia da cidade para mostrar a (ausência de) atuação do poder público. Desse modo, a coluna se torna *Buenos Aires se queja*, apresentando a situação de paragens abandonadas pela administração municipal.

Cabe observar a sintonia do autor com o que ocorre na cidade e no país naquele momento: após um golpe de estado, em 1930 (também retratado pelo autor, a contragosto da direção do jornal, temeroso de represálias), somado à agitação social e às mudanças urbanas por que passa a cidade, o início da década traz um grau maior de politização que se reflete nos textos arltianos, como observa Saítta (2008: 88). Ainda que novas reportagens investigativas e de denúncia fossem surgir no jornal (como uma nova série sobre os hospitais, em 1939), esse período foi caracterizado pela faceta

investigativa do autor durante sua atuação em *El Mundo*.

## 2.3 *Con el pie en el estribo:* Arlt viageiro

Como mencionado, outro elemento renovador da coluna de Arlt eram as *aguafuertes* de viagem. As viagens impulsionavam novas formas de narrar, comparar e mostrar o exótico através do olhar singular do autor: ao mudar de cenário, toda a estrutura do relato tende a se alterar, e se produzem textos híbridos, com elementos da crônica costumbrista, do relato de viagem, do artigo político e da autobiografia, entre outros. Vale observar que as viagens do jornalista Arlt eram uma distinção que denotava seu *status* de jornalista-estrela em *El Mundo*: viagens em primeira classe, cartas de recomendação, oportunidades de novos contatos literários, aumento de salário.

## 2.4 A *aguafuerte* e o relato de viagem

O primeiro movimento de substituição do cenário portenho nas *aguafuertes* de Arlt foram as chamadas *Aguafuertes silvestres*. Trata-se de uma breve série, de apenas quatro notas, publicada em fevereiro de 1930, relativa a alguns dias em que Arlt esteve no campo. A fase das viagens, no entanto, se iniciaria verdadeiramente quando o jornal decide enviar seu funcionário em uma turnê pela América do Sul, em março do mesmo ano. Uma viagem em primeira classe, na qual seu trabalho seria, em suma, o mesmo que realizava em Buenos Aires: caminhar pela cidade, observar, relatar seus lugares, habitantes, costumes. Em suma, compor sua *aguafuerte* sobre novos temas. Tal evento não era novo: Arlt está inscrito numa linhagem que inclui Roberto J. Payró (186-1928), considerado o pioneiro na prática profissional do *reporterismo viajero*, em *La Nación*[11]. De fato, o relato de viagem jornalístico é um produto de sua época, vinculado às novas tecnologias de comunicação a distância, formando parte de um novo modelo de relacionamento entre o escritor e o meio de comunicação, e daquele com seu público leitor, que se estabelecia a partir dos anos 20, como relata Saítta (2008: 181).

Assim, o próprio modelo do escritor-viageiro passa por alterações: não serão mais as impressões pessoais de viajantes bem-nascidos e eruditos que serão editadas e publicadas em livro ao término da viagem, mas sim os relatos redigidos por um

[11] Servelli, Martin. Roberto J. Payró y el reporterismo viajero. In *Viajes y viajeros: un itinerario bibliográfico*. Biblioteca Nacional Argentina. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2013, p. 197.

profissional da palavra, atento aos anseios de seu público, que terá acesso ao texto poucos dias após a escrita, em papel-jornal, ainda com o periodista em viagem.

É nesse contexto que Arlt recebe a notícia de sua primeira viagem internacional e passa a elucubrar o formato de seus novos relatos: antes mesmo de partir, o autor já dá conta de sua viagem, colocando os sentimentos contraditórios e agruras de quem se prepara para partir[12]. Também não deixa de colocar o leitor a par do que acontece ainda a bordo, compartilhando sua experiência[13]. À maneira de um folhetim, o escritor-viageiro torna-se ainda mais protagonista de uma aventura que pode viver e contar quase que simultaneamente. Para tanto, Arlt logo de início delineia como pretende agir:

> Ustedes me dirán que programa tengo. No tengo ningún programa, no llevo ninguna guía. Lo único que llevo en mi valija, son dos trajes. Un traje para tratar con personas decentes, y otro hecho pedazos, con un par de alpargatas y una gorra desencuadernada.
> Pienso mezclarme y convivir con la gente del bajo fondo que infesta los pueblos de ultramar. Conocer los rincones más sombríos y más desesperados de las ciudades que duermen bajo el sol del trópico (…). (ARLT, 1996, p. 20).

> Quiero andar por todas partes y como se me dé la gana. De zapatos o alpargatas. No quiero tener obligaciones con caballeros de ninguna naturaleza, ni buenos ni malos; no quiero extasiarme artificialmente frente a ningún Partenón aborigen (…)[14]. (ARLT, 1996, p. 26).

Tais observações se fazem necessárias por Arlt considerar a forma das narrativas de argentinos acerca do exterior equivocadas: ao limitar-se a falar de monumentos, conhecimentos enciclopédicos ou outras coisas que todos já sabem a respeito de determinado lugar, se esquecem de que ali há uma maioria que vive e trabalha, "pasando por mil tragedias distintas" sem que ninguém se dê conta[15]. Arlt busca, portanto, mais que o cartão-postal: a exemplo de suas *aguafuertes porteñas*, quer ver (e mostrar) o que ninguém vê, a cotidianidade que está relacionada mais à crônica que ao relato de viagem que se limita a descrever lugares de interesse e acidentes geográficos.

---

[12] *Con el pie en el estribo*, 08/03/1930; *Frente al viaje*, 09/03/1930; *Au revoir*, 10/03/1930; *Y me voy el martes*, 11/03/1930.
[13] Ya estamos a bordo, 13/03/1930; Ya lejos, 15/03/1930.
[14] *Y me voy el martes*, 11/03/1930.
[15] *Argentinos en Europa*. *El Mundo*, 18/10/1928. In ARLT, R. *Aguafuertes II*. Buenos Aires: Losada, 1998, p. 621.

Afinal, "montañas hay en todas partes. Los países no valen por sus montañas" (ARLT, 2013:144).

É desse modo que o autor apresenta suas *Aguafuertes uruguayas* e suas notas acerca do Rio de Janeiro (as notas brasileiras, ao contrário das uruguaias, tiveram como título *Notas de viaje*, ou apenas *De Roberto Arlt*). Aponta para tipos curiosos, lugares que frequenta, serviçais, funcionários, colegas jornalistas, desconhecidos. Compara organizações sociais, formas de viver, hábitos dos diferentes lugares. Sua forma de representar e mostrar o estrangeiro está fortemente vinculada ao parâmetro portenho. Como observa Borré (2000: 67), é por meio da constante comparação que o autor procura paralelos possíveis entre as cidades. Ademais, adotar como referencial algo conhecido (Buenos Aires) contribui para a experiência do leitor, objetivo último e razão de ser da empreitada.

Sua viagem é interrompida antes do tempo por necessitar retornar a Buenos Aires. Seu regresso, em um hidroavião, também é digno de narrativa, bem como os preparativos do retorno.[16]

## 2.5 Seguem as viagens

Em condições distintas, Arlt voltaria a viajar em 1933, agora pelo litoral argentino. A viagem tem um caráter marcadamente distinto da anterior, realizada em primeira classe, visto que o autor decide fazer parte da tripulação de um navio. Desse modo, Arlt enfatiza a importância da experiência do viageiro, norteada pelo desejo de conhecer o novo (ou aquilo de que ninguém fala), pela experimentação, seguida pela conversão do vivido em texto. Arlt lançaria mão desse expediente novamente alguns anos depois, em sua viagem à Espanha, quando sai para a pesca junto com os pescadores do norte espanhol, ou quando se mistura aos ciganos para conseguir retratá-los em seus relatos.

Desse modo, a bordo do navio Rodolfo Aebi, Arlt percorre o litoral argentino como um tripulante mais, movendo seu lugar de enunciação para um local que não coincide tanto com o do turista moderno quanto com o do mero cronista que descreve a partir do que apenas vê (SAÍTTA, 2013:231). É desse ponto de vista quase mimético que Arlt envia suas notas passando por diversas cidades em direção ao Chaco argentino,

---

[16] *Espérenme que llegaré en aeroplano*, 21/05/1930; *Diario del que va a viajar en aeroplano*, 30/05/1930; ¡*Es lindo viajar en hidroavión!*, 01/06/1930.

relatando paisagens, cidades, pessoas e as atividades náuticas com que tomava contato.

No ano seguinte, o escritor terá um novo destino a explorar, dessa vez ao sul. É enviado à Patagônia argentina, onde se defrontará pela primeira vez com paisagens praticamente intocadas pelo homem, bem distintas de seus cenários habituais, superpovoados e caóticos. Essa mudança, como observa Saítta (2008: 188), "pone en cuestión la posibilidad de traducir lo visual", levando Arlt a buscar novas imagens e estratégias narrativas para contornar a situação imposta. Tal "impossibilidade de tradução" se manifestaria novamente em outras ocasiões de deslocamento, inclusive na viagem à Espanha, ao deparar-se com temas como El Escorial, onde se constata uma abrupta ruptura em relação aos textos madrilenhos anteriores, como aponta Cimadevilla (2013:12).

## 2.6 *"Me voy a España"*

O ano de 1935 pode ser considerado fundamental para definir os caminhos literários que percorreria Arlt. Àquela altura, já havia publicado seu último romance, *El amor brujo*, em 1932, bem como estreara no mesmo ano sua primeira peça teatral, *Trescientos millones*. Também havia publicado seu primeiro volume de contos, *El Jorobadito* (1933). É nesse contexto que recebe a notícia de que fará sua maior, mais duradoura e mais esperada viagem: embarcará para a Europa em fevereiro, devendo percorrer toda a Espanha. Tal notícia, como assinala Borré (2000: 76), representava uma distinção e vantagens econômicas, visto que seu salário seria aumentado, mas também a obrigação de manter o interesse dos leitores em sua coluna. A viagem, ademais, está em plena sintonia com as práticas jornalísticas do seu tempo: como observa Saítta (2008: 194), Arlt viaja porque sua escrita lhe possibilita isso. Trata-se de um profissional assalariado que apresentará seu trabalho através do suporte jornalístico, contrastando com os antigos relatos de viagens produzidos sem método e ao acaso por viajantes ocasionais. No que toca a sua obra, a viagem poderia proporcionar um leque de opções para Arlt: contatos com escritores e outros artistas, oportunidades de publicações em jornais locais, de difusão de suas peças teatrais em terras espanholas[17].

---

[17] Arlt, de fato, busca alguma inserção na cena local, ao menos no âmbito do teatro. *El Heraldo de Madrid*, em 10 de janeiro de 1936, página 9, publicou entrevista com o dramaturgo Jacinto Grau (que seria personagem de duas *Aguafuertes madrileñas*), acenando com a possibilidade de estreia da peça de Arlt "*El déspota Saverio*" (*sic*) no Cine Teatro Club, sob sua presidência. Anteriormente, o mesmo jornal já havia publicado uma nota acerca da estadia de Arlt na Espanha, e o articulista José Alfredo

É com todas essas possibilidades que Arlt, acompanhado de sua máquina de escrever e de uma *Kodak globe-trotter* disponibilizada pelo jornal, embarca no navio *Santo Tomé* em fevereiro. Após uma passagem pelas ilhas Canárias, chega a Cádiz, a partir de onde inicia seu périplo espanhol. Na Espanha, escreveria cerca de duzentas *aguafuertes*, em séries temáticas relativas às regiões visitadas (as denominadas *Españolas* – que em realidade referem-se à região de Andaluzia –, seguidas das *Gallegas*, *Asturianas*, *Vascas* e *Madrileñas*, além das *Africanas*, referentes a uma breve incursão no Marrocos) no decorrer de cerca de quatorze meses.

Seu projeto de viagem fora estabelecido previamente, e, como aponta Juaréz (2008: 65), guarda similitudes com aquele traçado para a ida ao Rio de Janeiro: a perspectiva de conhecer através da experiência, de se aprofundar na "cor local" e apresentar o desconhecido para seus leitores, em detrimento do modo "antigo" de se relatar viagens, fundado em exotismo e pontos turísticos, exposto pelo autor anteriormente[18], são ideias que permanecem em voga. É desse modo que Arlt procura participar de eventos como a Semana Santa em Sevilha, ou se lançar ao mar com pescadores de sardinhas, ou visitar as minas de carvão em Oviedo. No entanto, como observa Saítta (2008: 195), algo não estava previsto em seu processo de criação: a Espanha encontrava-se agitada politicamente naquele momento, e esse era o assunto do dia em todos os lugares por onde anda o escritor. Arlt observa que tal componente não poderia ser desprezado em seus relatos, e o aspecto político o acompanha em paralelo por toda a viagem, atingindo seu *clímax* justamente em Madri, onde o escritor chega em vésperas de eleição, e suas notas adquirem, por vezes, o tom dos correspondentes internacionais.

Juárez (2008: 64) observa que a viagem à Espanha e Marrocos marca uma mudança acentuada na literatura de Arlt, que buscava um novo estilo e uma nova forma de representação espacial e narrativa. Nesse sentido, pode-se dizer que o percurso real, de vivência de novos mundos e perspectivas caminhou em paralelo com o percurso metafórico de assentamento de novos procedimentos literários. Como aponta a mesma autora (2008: 91), ao contrário do que se pode observar nos romances de Arlt, nesta série de *aguafuertes* o que se representa é "un paisaje onírico, universo alucinatorio y de ensueño infantil, que roza la orden de lo maravilloso". Tal cenário, oposto ao de sua

---

Lloriente aventa a possibilidade de estreia de peça inédita intitulada *La cabeza cortada* (*El Heraldo de Madrid*, 20 de abril de 1935, p. 7).

[18] Na já citada *aguafuerte Argentinos en Europa.*

terra natal, reflete o fascínio do viageiro, ao mesmo tempo em que expõe o antagonismo que se gera entre a Espanha como lugar ideal e a Argentina, lugar do caos. Saítta corrobora essa ideia: "el viaje a Europa repercute en el modo en que Arlt concibe el porqué de su escritura y su función como cronista de viajes" (2008: 216). Esse processo ocorre pela exposição a uma nova realidade, que, por sua vez, está também em convulsão e transformação.

Cabe observar que, ainda que o quadro apontado pareça próximo da idealização pura e simples, Arlt não salta por sobre questões que vê e o incomodam. A situação de pobreza que assola a Espanha naquele momento não é omitida, bem como o sentimento de revolta contida que observa nos operários em Oviedo, ou mesmo os acontecimentos cada vez mais graves que se apresentam ao longo de sua estada em Madri. Desse modo, seus relatos mantêm um olhar de admiração, ainda que não omitam pontos negativos observados, buscando reflexões e sensações acerca de ambos, o que gera relatos de viagem mais multifacetados que o habitual, transitando entre o relato viageiro típico, a crônica de costumes e os relatos ficcionalizados, e flertando com o conto e relatos jornalísticos de correspondentes internacionais.

Ademais, é digno de nota que, apesar de defender o conhecimento através da experiência sem mediação, em detrimento do conhecimento meramente livresco, ou da mera descrição de cartões postais, em alguns momentos Arlt acaba retomando algumas das fórmulas rechaçadas, como, por exemplo, ao visitar Toledo e demonstrar seu fascínio por El Greco, ou durante sua visita ao Palácio Real em Madri. Como aponta Juaréz (2008: 66), essas formas de representação, ainda que minoritárias, convivem com aquelas construídas a partir da experiência e do olhar em torno do periférico.

## 2.7 A alegria de Madri

Ao chegar a Madri, em janeiro de 1936, Roberto Arlt está fora de casa há quase um ano. Apesar de haver transitado por diversas cidades nesse período, como Sevilha, Vigo, Bilbau e Santander, o encontro com a capital espanhola era o reencontro com a grande cidade, depois de muito tempo. Por isso, Arlt se extasia com Madri: a cidade é alegre e populosa, satisfaz "la avidez por lo diverso del sujeto", no dizer de Juárez (2008: 98). Ali não há lugar para o crime e para a monstruosidade portenha, constituindo "una conjugación ideal entre presente y pasado" (cf. JUÁREZ, 2008: 99),

uma dupla temporalidade que vai ser uma constante na descrição da paisagem madrilenha e que explica a psicologia da cidade delineada por Arlt.

Nesse sentido se podem ler as primeiras *aguafuertes* escritas na cidade, nas quais o autor busca mergulhar no universo alegre, colorido e exótico que se apresenta, construindo a paisagem urbana característica da cidade como fruto do sincretismo já mencionado entre presente e passado. Procura refletir através de comparações com Buenos Aires tanto as causas políticas, sociais e arquitetônicas que possibilitam a existência da alegria de Madri, em contraste com a realidade portenha, fundada em outros princípios. Assim, temas como a densidade populacional dos quarteirões, a estabilidade dos funcionários públicos e as mulheres que trabalham na limpeza urbana são assuntos que vêm à baila nos primeiros dias de permanência na cidade que percorre prazerosamente. As comparações, elemento característico do relato de viagem, podem ser vistas com dupla função: além de constituírem o arcabouço de conhecimentos prévios do autor, possibilitando sua análise, são o referencial em que se ancora a compreensão de seus leitores. Desse modo, o autor tem na comparação a chave para problematizar e refletir sobre questões do seu mundo: a constatação de que outros mundos existem.

A questão política, que o acompanhara de maneira mais ou menos explícita por toda a viagem, não estaria ausente na capital. Pelo contrário: Arlt chega a Madri na mesma época em que se consolida a frente única de esquerda para disputar as eleições, fazendo do fato tema de sua primeira comunicação de Madri. Como aponta Saítta (2008: 222), "la política lo atrapa". Assim, Arlt busca informações, conversa com pessoas, lê os jornais, busca se inteirar da efervescente realidade política daquele momento. O argentino acompanha vivamente as eleições, dando testemunho da inédita vitória da esquerda, bem como dos distúrbios que se produziram em seguida. As tensões que se produzem no período imediatamente pós-eleições, com contínua elevação de tom, fazem com que Arlt se questione sobre quais são os rumos que o país estaria tomando: em questão de dias, a ordem do dia já passara da discussão sobre a composição do novo governo para a destituição do primeiro-ministro e primeiros atentados e crimes políticos.

Em meio a tal situação, que mereceu a atenção de dez textos de Arlt durante a permanência na cidade, o escritor busca retomar o foco nos relatos de viagem, de quando em quando mescladas com relatos do tenso quadro político. As alterações no percurso narrativo, no entanto, são sensíveis. Arlt segue percorrendo Madri mas as

imagens alegres e coloridas das primeiras crônicas dão lugar a paisagens como El Escorial ou o antigo Palácio Real, além de caminhadas por bairros proletários em tensão, como Cuatro Caminos. O autor também visita Toledo, mostrando-se fascinado com a cidade e, sobretudo, com a marcante presença de El Greco.

No final do mês de abril, Arlt parte de Madri. A essa altura, Alcalá Zamora havia sido deposto e atentados e batalhas nas ruas passavam a ser uma realidade. Após uma rápida passagem por Barcelona, o autor embarca pesarosamente para sua terra natal, aonde chega em 22 de maio.

## 2.8 Últimos projetos

Arlt retorna a Buenos Aires, mas sua coluna não será mais como antes. Com efeito, a última nota publicada sob o icônico título *Aguafuertes porteñas* fora publicada em fevereiro de 1935, durante os preparativos da ida à Europa. Após uma série de artigos jornalísticos, em que discorre sobre a situação delicada da Espanha, Arlt faz uma breve incursão nas resenhas cinematográficas, das quais logo retornaria, para novamente assumir sua coluna com alguma regularidade no início de 1937. *Tiempos presentes*, que em breve se tornaria *Al margen del cable,* como aponta Juárez (2008: 168), consiste em "uma miscelânea", em que se cruzam comentários acerca da situação mundial, ficções elaboradas a partir de telegramas desprezados por outras seções do jornal e curiosidades gerais, entre outros. Esse processo de literaturização de eventos, como se nota, é uma constante em toda a obra cronística de Arlt, seja em crônicas costumbristas, relatos de viagem, ensaios e demais manifestações abordadas por Arlt, inclusive no âmbito do teatro.

A nova fase de sua coluna, portanto, pode ser vista como a continuidade de um processo de busca por novas formas já empreendido por Arlt desde a viagem, e agora fortemente influenciado por ela e pela situação cada vez mais dramática que se desenhava por toda a Europa. Como Saítta observa (2008: 246), Arlt parece sentir "el anhelo de ser testigo, ya no de su ciudad, pero de un mundo que parece derrumbarse. De fato, o tema central de sua coluna se torna a política internacional, e se bem pode ser encarada como o resgate da narração ligada ao que é marginal, como nos primórdios da coluna, também está ligada ao exótico e ao alheio, como aponta Juárez (2008: 172). A busca da inovação se reflete na utilização de novas formas de contar e discursar, em detrimento do vocabulário impregnado de lunfardo utilizado nas *Aguafuertes porteñas* –

caminho que já se delineava desde a jornada espanhola, como observado anteriormente.

As viagens marcariam mais dois capítulos no roteiro da contribuição de Arlt para *El Mundo* nos últimos anos. A situação de calamidade causada pela seca em Santiago del Estero gerou a série *Santiago en llamas*, na qual o relato de viagem abre espaço para manifestações semelhantes àquelas das séries de denúncia. Nesse sentido, suas notas novamente geram engajamento popular, que se traduz em donativos e mobilização da sociedade em prol da cidade do norte argentino. Arlt partiria uma última vez com destino à capital chilena, no início da década de 1940. Tal viagem, conturbada como a política do país andino, produziria esparsas *Cartas de Chile* e alguns artigos de análise política. Essa seria a última saída de Arlt da Argentina, deixando por concretizar planos como o regresso à Europa ou a ida aos Estados Unidos, razão de ser de seus estudos e aulas de inglês.

# 3 ARLT E AS TRADUÇÕES: PERCURSO DIACRÔNICO

## 3.1 Roberto Arlt e as traduções

A obra de Roberto Arlt é polifacética: durante sua vida, o autor produziu contos, romances, peças teatrais e textos jornalísticos das mais variadas espécies, como crônicas, relatos de viagem, ensaios, crítica de artes, reportagens investigativas, policiais e análises políticas, entre outros.

A análise da recepção da obra arltiana se inicia em seu sistema originário, ou seja, as letras argentinas da primeira metade do século XX. É ponto pacífico que a literatura de Arlt obteve grande sucesso em seu período. Com efeito, Arlt recebeu prêmios literários, relacionou-se com seus pares escritores, gerou polêmicas, devido a seu caráter vanguardista e revolucionário; teve ainda em vida relativo reconhecimento da importância de sua obra no contexto da literatura argentina contemporânea. Entretanto, não obstante a importância das atividades desenvolvidas como jornalista na construção de sua literatura, e para além, na construção e relacionamento com seu público, como observam estudiosos como Sarlo (2007: 234) e Saítta (2008: 75), em geral, o reconhecimento mencionado se refere majoritariamente ao Arlt romancista, ainda que o autor seja frequentemente apresentado como jornalista e autor das *Aguasfuertes porteñas* de *El Mundo*.

Tal situação se intensifica após o falecimento do autor. Os anos seguintes são de esquecimento de Arlt e sua obra, sendo considerado ponto de inflexão para sua retomada a publicação da biografia *Roberto Arlt, el torturado*, de Raul Larra, em 1950. Como Frenkel e Costa observam (2007: 34), ainda que lentamente, o reconhecimento de Arlt veio inicialmente dos escritores, seguidos pelo mundo acadêmico. A partir daí, temos a consolidação paulatina do romancista, ao mesmo tempo em que milhares de publicações em *El Mundo,* se não são esquecidas, ficam na marginalidade, conhecidas – e lidas – em geral apenas através da compilação de uma seleção das primeiras

*Aguafuertes porteñas*, realizada por Arlt em 1933[19].

Desse modo, e apesar da existência da publicação de contos (*El Jorobadito*, 1933; *Viaje terrible*, 1941) e peças teatrais (*Trescientos millones*, 1932), a figura de Arlt como romancista se consolidou no imaginário do leitor e nos escritos da crítica literária ao longo da segunda metade do século XX. Certamente contribuiu para o fenômeno, além dos pontos mencionados, a posição preponderante do romance no sistema literário argentino, formando-se a imagem parcial de um escritor que correspondia, como aponta Saítta (2008: 10), em grande medida, apenas à chamada primeira fase de Arlt.

### 3.2 Primeiras traduções

É nesse contexto que a obra de Arlt passa a atingir novos polissistemas literários, através de traduções. As primeiras, ambas do romance *Los Siete locos*, considerado sua principal obra, foram publicadas em 1971, em italiano[20] e em alemão[21]. Pode-se dizer que a difusão de Arlt em outros idiomas deu-se de modo semelhante ao de seu resgate operado na Argentina, de forma paulatina, e, num primeiro momento, parcial. De fato, os romances, e em especial *Los siete locos*, ocuparão o centro das atenções e somente em 1980 será publicada uma tradução da contística de Arlt[22], surgindo apenas em 1991 a primeira tradução de seu teatro[23].

### 3.3 Arlt em português

A primeira tradução de Arlt para o português foi publicada no Brasil[24], realizada por Janer Cristaldo, em 1982[25]. Também se tratava de uma tradução de *Los Siete locos*, e por muitos anos foi o único livro de Arlt traduzido em nosso país. Apenas em 1996 foi publicada a tradução de *El jorobadito*, por Sérgio Molina[26]. No final dos anos 90 e

---

[19] ARLT, Roberto. *Aguafuertes porteñas*. Buenos Aires: Victoria, 1933.
[20] *I Sette Pazzi*. Milão: Bompiani, 1971. Tradução de Luigi Pellisari.
[21] *Die sieben Irren*. Frankfurt: Insel Verlag, 1971. Tradução de Bruno Keller.
[22] *Le belve.* Milão*: Savelli*, 1980. Tradução de Angiolina Zucconi.
[23] *Saverio le cruel. L'île déserte*. Paris: Christian Burgois, 1991. Tradução de Isabelle Berman.
[24] É relevante observar que foi identificada a existência de uma tradução de conto de Roberto Arlt, publicada em 1943 na revista brasileira *O Tico-Tico* (*A oitava viagem de Simbad o marítimo*. *Almanaque do Tico Tico*, s/nº, 1943. p. 32-33. Tradução de Albertus de Carvalho (o original *El octavo viaje de Simbad el marítimo* fora publicado na revista *El Hogar*, em 1938), que pode ser considerado o primeiro registro de tradução de Roberto Arlt localizado. Entretanto, considerando a dificuldade de investigação mais profunda do fenômeno tradutório em páginas de revistas e jornais, este trabalho tomou em conta apenas as edições em livro.
[25] *Os sete loucos.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. Tradução de Janer Cristaldo.
[26] *As feras*. São Paulo: Iluminuras, 1996. Tradução de Sergio Molina.

início dos 2000, houve um importante incremento na obra de Arlt traduzida para o português, com a publicação da tradução da peça teatral *Viaje terrible*, por Maria Paula Gurgel Ribeiro – a tradutora brasileira que mais verteu obras de Roberto Arlt, com cinco títulos publicados –, seguida de uma nova versão *de Los Siete locos*, realizada pela mesma tradutora em edição que trouxe também a tradução de *Los Lanzallamas*. No mesmo período, cabe apontar a tradução de Sérgio Fraco para *Un argentino entre gansters*, compilação de contos policiais de Arlt, bem como a única tradução em português europeu encontrada. Trata-se de mais uma tradução de *Los Siete locos*, a cargo de Rui Lagartinho e Sofia Rodrigues.

O ano de 2013, possivelmente por marcar a entrada definitiva de Arlt em domínio público (uma alteração nas leis argentinas sobre a matéria fez com que a obra estivesse também em domínio público em períodos entre 1973 e 2009), representou o principal *boom* tradutório do autor no Brasil. Nada menos que quatro edições saíram à luz nesse ano: além de duas traduções de *El Juguete rabioso* (por Maria Paula Gurgel Ribeiro e Davidson Diniz), houve a publicação de dois volumes de crônicas, as *Águas-fortes cariocas*, por Gustavo Pacheco, e as *Águas-fortes portenhas seguidas de Águas-fortes cariocas*, também por Maria Paula Gurgel Ribeiro.

### 3.4 A universidade: recepção e difusão do autor

O processo de ampliação da penetração de Arlt no sistema literário brasileiro passa pela imprensa e pela universidade, como apontam Frenkel e Costa (2007: 36). De fato, as menções no jornalismo cultural e as teses e dissertações produzidas sobre o autor foram decisivas no processo de recepção de Arlt no país. Nesse sentido, pode-se apontar que tal processo segue em desenvolvimento, sobretudo no meio acadêmico, onde diversos trabalhos têm se debruçado sobre a obra de Arlt, inclusive propiciando algumas traduções de suas *aguafuertes*, gênero que, como é possível observar, permanece desprivilegiado frente a outras manifestações literárias. Como exemplo, podem ser citados trabalhos relevantes, como a tradução de *Aguafuertes porteñas* por Maria Paula Gurgel Ribeiro – elaborada no âmbito de sua dissertação de mestrado (2001) e posteriormente editada e publicada em conjunto com outro trabalho da tradutora, as *Aguafuertes cariocas* (2013) –, e a tradução das *Aguafuertes gallegas* por Taís Nascimento do Vale, também integrante de dissertação de mestrado (2012). Há também o trabalho de dissertação de Rosimeire Carvalho (2009), que trata as crônicas

de viagem de Arlt na Andaluzia e no Marrocos, e o de Eleonora Frenkel (2007), primeiro a abordar de forma mais específica o processo tradutório de Roberto Arlt para o português[27]. A partir desse cenário, é possível notar que a introdução de Arlt no sistema cultural brasileiro é um processo em andamento, e mais que isso, muitas vezes se desenvolve de forma a abordar materiais e temas ainda desconhecidos ou com pouca relevância em outras culturas receptoras de Arlt. Em boa medida, a pesquisa acadêmica tem papel decisivo nesse processo, que chegou a suplantar e interferir na recepção e difusão da obra do escritor argentino em seu próprio país. O caso das *Aguafuertes cariocas*[28], publicadas primeiramente em tradução brasileira, e concomitantemente compiladas e publicadas pela primeira vez na Argentina[29], é emblemático e pode ser analisado sob a luz de vários fatores intervenientes, além de apontar para importância do trabalho acadêmico na preservação de textos supostamente efêmeros, como os jornalísticos.

### 3.5 Cronista e romancista

No que toca ao trabalho tradutório da obra arltiana publicada em *El Mundo*, deve-se observar que a dificuldade de acesso aos originais, bem como a necessidade da consulta física desse material, pode ser apontada como importante fator para o rarefeito estudo, crítica e tradução dessa parte da obra, ao lado de questões paralelas, como os direitos autorais, enquanto vigoraram. Nesse sentido, trabalhos como a seleção e compilação das *Aguafuertes*, realizados por Sylvia Saítta no final da década de 1990[30], podem ser considerados fundamentais para os processos de circulação desses textos e consequente geração de fortuna crítica dessa faceta de Arlt. Entretanto, como observa Carvalho (2009: 16), a compilação de trabalhos inéditos e a entrada da obra em domínio público não afetaram significativamente o afluxo da crítica e a produção de novas traduções, de modo geral. Desse modo, a autora considera que o caráter periférico de gêneros como a crônica e o conto e "o fato de a crítica ver no trabalho jornalístico apenas a profissionalização do escritor, uma atividade que visa exclusivamente garantir

---

[27] Para maiores informações acerca dos trabalhos acadêmicos citados, verificar a seção Referências.

[28] *Águas-fortes portenhas seguidas de Águas–fortes cariocas*. São Paulo: Iluminuras, 2013. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. *Águas-fortes cariocas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013. Tradução de Gustavo Pacheco.

[29] *Aguafuertes cariocas. Crónicas inéditas desde Rio de Janeiro*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2013.

[30] Saítta selecionou e organizou boa parte das publicações de Arlt em *El Mundo* hoje disponíveis em livro, em especial aquelas que cobrem o período da viagem à Europa (entre elas, as *Aguafuertes madrileñas*) e os últimos anos do autor. Para a relação de publicações, ver referências bibliográficas.

seu sustento" (2009: 17) impedem ou permitem de forma muito lenta a alteração desse panorama.

Com a finalidade de melhor analisar como se desenvolveu o processo de difusão da obra de Roberto Arlt, fiz um levantamento das traduções já publicadas. Em seguida, organizei os dados em tabelas. É possível notar, entre outras coisas, que a pesquisa corrobora a formulação de Carvalho citada acima. Como se pode observar através da **Tabela 1** (em anexo), somente cinco das cinquenta e oito traduções identificadas são de crônicas, o que equivale a apenas 9% (nove por cento) do total. Além disso, observa-se que entre essas cinco obras, duas são de *Aguafuertes porteñas*, ou seja, beneficiam-se da existência da compilação publicada por Arlt em 1933, e duas se referem às já mencionadas traduções brasileiras para *Aguafuertes cariocas*. Desse modo, apenas a tradução italiana para as chamadas *Aguafuertes patagónicas*[31] se valeu da melhoria de acessibilidade das crônicas já mencionada (nesse caso, possivelmente a compilação de Saítta[32]).

Podem ser observados alguns fenômenos a partir da leitura dos dados tabulados. Primeiramente, cabe notar que a entrada em domínio público da obra de Arlt em 2013 foi responsável por um novo impulso tradutório. Entre 2013 e 2016, foram identificadas mais de vinte novas publicações, nos mais diversos idiomas. Como mencionado anteriormente, esse novo ciclo da obra arltiana também produziu frutos no Brasil, embora de publicação concentrada no primeiro ano de domínio público.

Outro fator relevante na recepção de Arlt foi a instituição do *Programa Sur*, em 2009. Trata-se de uma iniciativa governamental de apoio financeiro à tradução de literatura argentina gerido pelo Ministerio de Relaciones Exteriores y Culto da Argentina, que conta com mais de oitocentas obras publicadas em trinta e oito idiomas, segundo seu *site*[33]. A partir de 2010, foram identificadas dezoito traduções de Roberto Arlt com o apoio do programa, entre contos, crônicas e romances, em nove idiomas.

---

[31] *Patagonia. Viaggio nella terra del vento*. Ascoli Piceno: Sigismundus, 2013. Tradução de L. Marfé e A. Prunetti.
[32] *En el país del viento*. Buenos Aires: Simurg, 1998.
[33] http://programa-sur.mrecic.gov.ar/. Acesso em 04/04/2017.

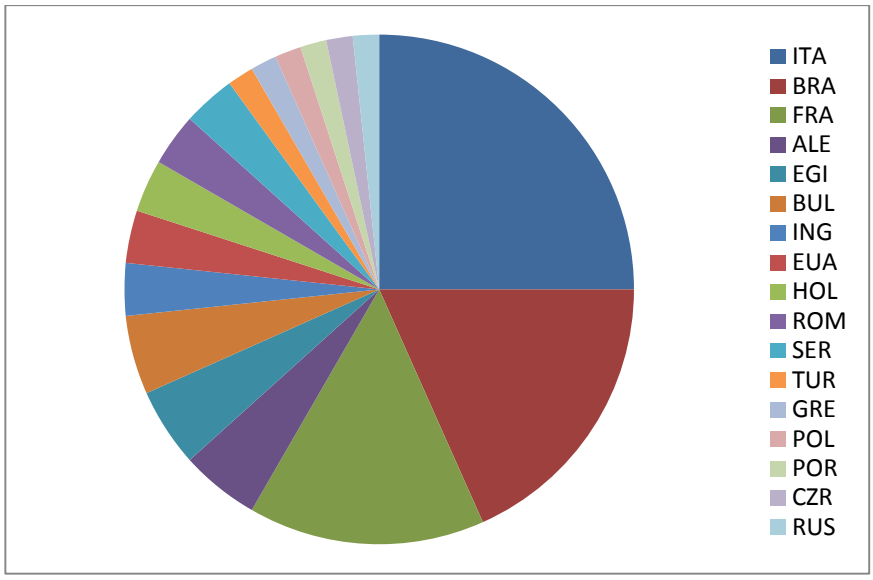


*Gráfico 1 – Distribuição das traduções por país*

É possível identificar – e provavelmente sob a influência dos fatores citados – uma nova fase de penetração da obra arltiana em diversos polissistemas, sobretudo naqueles com menor tradição literária, após décadas de lenta e contínua introdução da obra traduzida em idiomas de maior tradição no mundo ocidental, em especial o italiano, que conta com quinze traduções, o francês, com nove, e o inglês, com quatro. O português, graças à longa tradição de importação e exportação literária do Brasil com o país vizinho, é o segundo maior receptor de obras traduzidas de Arlt, com doze títulos publicados.

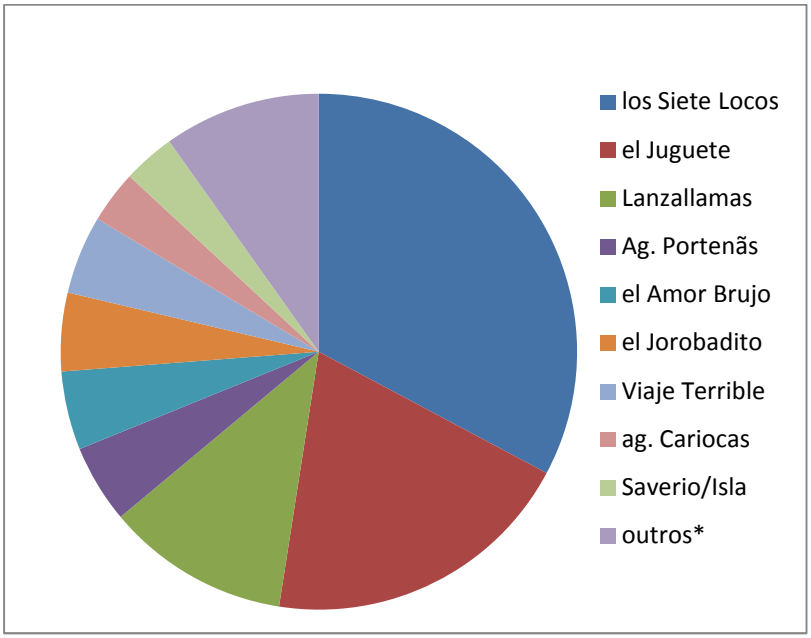


*Gráfico 2 – Distribuição das traduções realizadas por livro*

A pesquisa realizada confirma ainda a preferência pela tradução dos romances (quase setenta por cento da obra traduzida), e em especial de *Los siete locos* (traduzida vinte vezes, em quinze idiomas). Seguramente, a posição central deste romance na obra de Arlt, abalizada pela fortuna crítica e pela ampla popularidade em seu sistema literário original, a credencia a ser o "cartão de visitas" de Arlt ao inscrever-se em novos sistemas literários. Por outro lado, a obra jornalística não foi objeto de tradução até 2010, apesar de o autor ser amplamente reconhecido como cronista. Tal fenômeno poderia ser explicado pelo fato de essa parte da produção de Arlt ser fortemente vinculada à imagem das *Aguafuertes porteñas*, recheadas de lunfardo e coloquialismos dos anos 30, o que as tornaria demasiado localizadas e datadas para "exportação". No entanto, tais características são compartilhadas com os romances do autor, contemporâneos da primeira fase do projeto literário arltiano, e assim reconhecidas pela crítica.

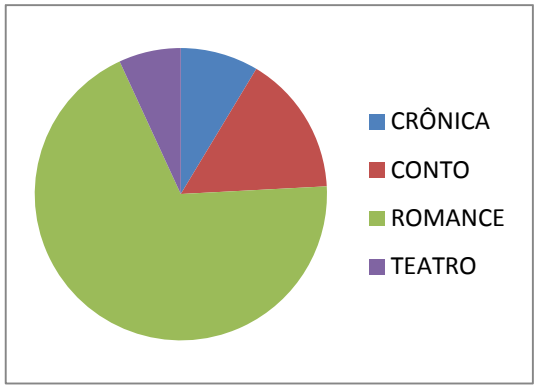


*Gráfico 3 – Distribuição das traduções por gênero*

No Brasil, observam-se algumas diferenças em relação à distribuição da obra traduzida por gêneros. Os romances também são os mais traduzidos, porém com menos preponderância em relação aos demais gêneros (são cinco traduções, ou quarenta e cinco por cento do total). As crônicas, no entanto, ocupam posição de mais relevância, com três traduções, superando os contos traduzidos, numa inversão em relação ao panorama geral, atribuível ao estatuto privilegiado ocupado pelo gênero crônica no Brasil. Para contextualizar o fenômeno, cabem as observações realizadas acerca da importância dos trabalhos acadêmicos brasileiros no processo de recepção e do caso das *Aguafuertes cariocas*.

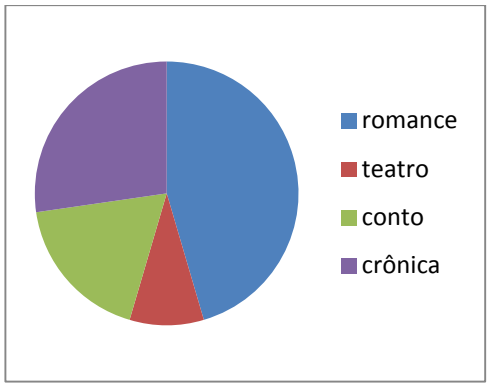


*Gráfico 4 – Distribuição das traduções realizadas no Brasil por gênero*

Como se verificou, as obras traduzidas parecem seguir o mesmo processo de conhecimento e valoração observável na fortuna crítica, sendo influentes ainda fatores como o prestígio de cada gênero no sistema literário. Assim a cronística, apesar de numerosa e do extenso período em que Arlt dedicou-se a elas, geralmente está fortemente associada às *Aguafuertes porteñas*, num processo reducionista que se reflete nas traduções. No entanto, são notáveis os recentes avanços nos estudos e na tradução das crônicas, a partir do levantamento realizado. Ao menos no caso brasileiro, vislumbra-se que o processo de redescoberta das crônicas caminha em paralelo com o movimento de revisão de seu papel na obra arltiana por parte da crítica, em boa medida graças à academia. A posição da crônica como gênero 'menor' – o relativo prestígio de que goza no Brasil é uma exceção – e demais problemas mencionados (dificuldade de localização, textos apenas em suporte físico, fortuna crítica específica ainda incipiente), dificultam a celeridade desse processo, que embora esteja em início de desenvolvimento, é campo fértil para o aprofundamento na obra literária de Arlt e um caminho natural em suas novas fases de recepção.

# 4 AS ÁGUAS-FORTES MADRILENHAS

## 4.1 RELATO, ARTIGO, CRÔNICA: A ÁGUA-FORTE.

Após a fixação do *corpus*, explicitada no primeiro capítulo, é tarefa importante a reflexão acerca do gênero literário trabalhado e suas implicações no processo tradutório. Assim, passaremos a tecer breves considerações acerca da crônica, bem como refletir acerca da pertinência do enquadramento da obra jornalística de Arlt – e, mais especificamente, das *Aguafuertes madrileñas* – nessa categoria.

Como aponta Arrigucci Jr. (2003:51), a palavra *crônica* provém do grego *chronos*, denotando sua vocação inicial para o registro histórico. Na modernidade, em especial a partir dos *faits divers* dos periódicos franceses, assume nova configuração, perdendo o tom oficial e grandiloquente para tratar de cotidianidades, em texto para consumo imediato.

No caminho da contemporaneidade, em especial a partir do jornalismo de massas, que possibilitou o surgimento de cronistas que tinham na coluna diária o ganha-pão que lhes permitiria desenvolver seu projeto literário – entre eles, Roberto Arlt, como aponta Sarlo (2018:5) –, a crônica tornou-se espaço de experimentação propício para originalidades. Esse fato, aliado à instabilidade e transformação características do gênero, torna a crônica gênero dinâmico e de inovação por excelência ao longo do século XX, com maior destaque em determinados sistemas literários, como o argentino e o brasileiro, ainda que, mesmo nesses espaços, permaneçam como gênero "menor" até a atualidade, como apontam estudiosos como Candido (1992:13) e Retamoso (2002:299).

Devido ao caráter polifacético do gênero, fica claro que elencar suas as principais características é tarefa fluida e pouco exata, muitas vezes tendente à generalização. Apesar disso, é possível, com alguma segurança, apontar determinadas propriedades essenciais da crônica, além de outras que serão úteis para a apreciação do *corpus* deste trabalho. É ponto pacífico, por exemplo, que a crônica é gênero breve, ainda tendente a caber no espaço reservado a uma coluna na página jornalística diagramada, ainda que os suportes hajam se diversificado. Como aponta Candido (1992:14), a aparente despretensão e despojamento presentes na crônica contemporânea

são também elementos viscerais, por permitirem "a quebra do monumental e da ênfase" e explorarem a grandeza de algo miúdo ou banal, aproximando prosa e poesia. Elemento recorrente na análise da crônica também é sua suposta efemeridade: apesar de escrita para consumo imediato, e ainda que trate muitas vezes de referentes datados, observa-se, como discutido no capítulo anterior, certa "permanência" e durabilidade da crônica, como texto literário e documento histórico. Esse fato, ainda que geralmente atrelado à fixação do autor no cânone literário através de outros gêneros, é representativo da emergente valorização do gênero, por crítica e público leitor.

Cândido esboça ainda uma breve teoria da crônica, mencionando elementos como a construção da cena a partir de reflexões do cronista, fundada num ritmo emocionado (1992:19), criando-se camadas de significado sob uma casca aparentemente despretensiosa. Essa "teoria" se entende a partir do caráter central da subjetividade no gênero crônica, como observa Villoro (2006: s/n), não apenas na construção do texto, mas também recordando que a crônica pressupõe — e muitas vezes interage — com seu público.

Villoro também expõe o caráter híbrido da crônica (2006:s/n), aproximando seu registro ao de gêneros diversos, como o romance, a reportagem, o conto, a entrevista, o teatro, o ensaio e a autobiografia, apontando que seu êxito depende do equilíbrio entre esses aportes. A partir daí, fundados nos elementos essenciais mencionados, é possível falar em gêneros que tangenciam e se interseccionam com a crônica de modo mais patente e incisivo. Dentre esses, cabe mencionar a chamada literatura de viagem, na qual a subjetividade do olhar autoral e sua destreza na (re)construção da cena desempenham papel preponderante. Como consequência do processo subjetivo apontado, a experiência do escritor também ocupa lugar de destaque como característica compartilhada de ambos os gêneros. Do mesmo modo, o autobiografismo e a ficcionalização dos fatos vivenciados são elementos que aproximam os dois gêneros e apontados por Torre (2003:518) como garantidores de literariedade no texto de viagens, que, desse modo, se desvia do mero documentário de fatos e lugares.

Como se observa, os limites fluidos da crônica e outros gêneros limítrofes, por vezes, conduzem a dificuldades de classificação. No entanto, em relação ao *corpus* aqui adotado e seu trabalho tradutório, foi mais produtivo concentrar em suas semelhanças e intersecções.

Conforme apontado no primeiro capítulo, a obra de Roberto Arlt pode ser classificada como polifacética, levando-se em conta a variedade de gêneros percorridos,

bem como o grau de originalidade aplicado em suas obras. Entretanto, podemos observar essa grande variação também em um âmbito bastante mais concentrado, como nosso *corpus* selecionado, que traz textos ora mais afiliados à literatura de viagem, ora à crônica costumbrista, ora ao relato jornalístico, passando ainda por textos ficcionalizados de inspiração autobiográfica.

De fato, o próprio autor demonstrava consciência dessa alternância entre gêneros, seja pela constante troca de título da coluna conforme o assunto (*Aguafuertes españolas, Aguafuertes madrileñas, Cartas de España* e *Cartas de Madrid*, como já mencionado), seja por referir-se a seus textos ora como artigo (cf. *La casa del Greco en Toledo*), ora como nota (cf. *La Alegría de Madrid. Tercera parte*), nota de viaje (cf. *Despedida de Madrid*) ou crônica (cf. *Etapa apasionante de la política española*), ou referir-se a si mesmo como cronista (Cf. *La destitución de Alcalá Zamora*) ou periodista (cf. *Etapa apasionante de la política española*).

Tal variedade de perspectiva acarreta em diferentes tipologias textuais, níveis de formalidade, referenciais adotados, entre outros. Com efeito, os textos que narram a situação política do momento apresentam linguagem predominantemente denotativa e se aparentam com artigos de opinião ou relato de correspondentes internacionais. Entretanto, por vezes esses textos se encerram com relatos autobiográficos, em mudanças de registro súbitas que procurei preservar no texto traduzido. Os textos em que o autor percorre Madri, por outro lado, apresentam maior poeticidade e esmero na criação de imagens, além de utilizar vocabulário adequado ao menor nível de formalidade apresentado. A contínua referência a personalidades, lugares e cenas do momento presentificado, elemento presente em diversas vertentes textuais, também exigiu atenção e análise, visando a melhor solução em cada caso, como será comentado mais adiante neste capítulo.

Objeto de interesse também é o vocabulário utilizado pelo autor. Tanto nos textos de maior referencialidade quanto nos mais subjetivos, Arlt se aproxima do registro formal do espanhol escrito, e mais ainda, da variedade peninsular. Com efeito, não se observam ocorrência de vocábulos do lunfardo e das vozes populares do *arrabal* portenho, tão comuns nas obras da primeira fase do autor, e, além disso, vocábulos como “vereda” alternam-se com “acera”, além da ausência de voseo, adotando-se a norma peninsular ainda que, na maioria das vezes, Arlt recorra à segunda pessoa do singular ou do plural para interagir retoricamente com seus leitores argentinos. Tal fato pode se dever a uma presumida espanholização do autor, como apontada por Borré

(2000:79), mas, em todo caso, o fato é que sua passagem pela Espanha foi um ponto de inflexão não apenas quanto aos gêneros textuais trabalhados por Arlt, mas também quanto ao vocabulário empregado dali por diante, não mais se retornando àquele de *Los siete locos* ou *Aguafuertes porteñas*, por exemplo. Esse apagamento das marcas linguísticas do que outrora era defendido como "língua popular" em prol de um discurso "mais cuidado" e com incorporação de recursos literários, como Juárez (2008:175) define as mudanças na estética textual não pode, no entanto, ser confundida com um esmaecimento das imagens e tipos retratados pelo autor, que segue compondo cenas e narrando com suas características originalidade e inventividade.

Outros pontos de interesse, esses sem muita alteração com o que praticava em sua primeira fase, são as repetições, inversões e pontuação típica de Arlt. Esses elementos de composição textual são facilmente identificáveis ao longo de todo o corpus e sua preservação foi objetivada tanto quanto possível, atentando-se, no caso da inversão e pontuação, para o grau de normalidade ou normatividade que tais construções, caso a caso, apresentam na língua de partida e procurando simetrias com a língua de chegada, visando ao respeito ao estilo do autor, adaptado a estruturas equivalentes no português. Tal fato, por vezes desconstrói inversões que se entenderam como idiomáticas do espanhol, mas que trariam rebuscamento ou dificuldade inexistente no original para a língua de chegada, ao tempo em que tenta preservar aquelas que se mostram como características do autor.

A essa altura, há necessidade de remissão a um tópico relevante quanto à escrita de Roberto Arlt: o escritor sempre foi acusado de "escrever mal", tomando-se em conta a norma culta e os padrões vigentes à época. A "má escrita" de Arlt – que podemos considerar que engloba pontos mencionados anteriormente, como as repetições inversões e pontuação não canônica, aos que se juntam neologismos e vocabulário desprestigiado, por exemplo – não era problema para ele, até mesmo por ser condizente com a figura de escritor criada para si próprio. O autor não fazia questão de esconder sua baixa escolaridade e o trabalho que a revisão de seu texto trazia ao diretor de redação em *El Mundo*, e antes a Güiraldes, na publicação de *El Juguete Rabioso*.

Como Eleonora Frenkel aponta no prefácio de "*A Vida Porca*" (2013:8), o tradutor de Arlt está destinado a "traduzir mal", ou seja, o desafio que se apresenta nessa empreitada é "resolver como não normatizar" uma linguagem que por vezes busca o estranhamento encontrado na direção contrária. Ainda que, como relatado, o *corpus* deste trabalho apresente-se mais próximo da norma que seus textos anteriores, é notável

que ali ainda estão presentes muitos dos “defeitos de escrita”, – ou antes, marcas estilísticas – do escritor.

Somam-se a tais ocorrências desviantes os erros de impressão, característicos do jornal impresso, pretensamente efêmero, publicado sem tempo para revisões mais acuradas e sujeito a falhas de composição. Considerando que esta é a fonte primária do *corpus*, estabelece-se a necessidade de estabelecer um padrão para a tradução: ou adotar uma fidelidade de escrivão em tais casos, apenas transcrevendo-os, ou realizar ao menos as correções que aparentam ser óbvias. A segunda foi a opção de Saítta (2000:26) quando realizou a transcrição que é fonte secundária do *corpus*, e também será a opção deste trabalho. Tal prática se mostra de uso estendido na reprodução de textos publicados originalmente em jornal e, nesse sentido, mostra-se interessante o prefácio de Telê Ancona Lopez para a edição de *Taxi e Crônicas no Diário Nacional*, de Mário de Andrade. Ali, a editora comenta soluções para vários itens emblemáticos da transcrição por ela realizada, como erros de ortografia, que ela informa corrigir, e pontuação, que é “respeitada rigorosamente” por ser considerada "elemento do estilo" (2005:24). Tais exemplos mencionados, ainda que não se tratem de traduções, são também pertinentes ao processo aqui desenvolvido por evidenciarem a necessidade da fixação do método, bem como por tratar-se, de certo modo, de processo de translação do original, em que questões como a fidelidade também vêm à baila.

Os textos objeto de estudo, como vemos, comportam uma diversidade de estilos literários, marcas estilísticas autorais, de época e mesmo erros de impressão que devem ser objeto de reflexão que conduza a uma definição de metodologia para sua transcrição e revisão. Considerando a multiplicidade de registros mencionada, e para fins meramente de referenciação, ao longo deste trabalho o *corpus* eleito será tratado como simplesmente como *Aguafuertes*, por se tratar de termo consagrado pelo uso do autor e fixado pela crítica, suficiente para abarcar toda a diversidade de registros mencionada; ou, alternativamente, como “crônicas”, tanto pelo caráter menos específico e mais abrangente do conceito, em sintonia com o *corpus* que se apresenta composto de diversas tendências de registro, como por entender a *Aguafuerte* de Arlt tributária da tradição cronística.

### *4.1.1 - ALGUMAS REFERÊNCIAS*

Após algumas observações acerca da natureza dos textos em tradução, passa-se a

expor e traçar alguns comentários quanto a alguns textos de apoio, teóricos e práticos, que foram de grande valia no desenvolvimento do trabalho tradutório, explicitando seu papel nessa tarefa.

Em primeiro lugar, como destacado no segundo capítulo, o processo tardio de recepção de Arlt no Brasil intensificou-se a partir da vigência do domínio público sobre sua obra e contou com importante participação acadêmica nesse processo. Assim, traduções pregressas de Arlt em português brasileiro, como a de Janer Cristaldo para *Los siete locos*, a de Davidson de Oliveira Diniz para *El juguete rabioso* e os trabalhos de tradução de *Aguafuertes* de Maria Paula Gurgel Ribeiro e Gustavo Pacheco foram importantes para, em cotejo com os originais, observar como se deu o processo tradutório e a formação de um fio condutor fundamental que permeia as escolhas dos tradutores citados e podemos chamar de "tradição tradutória", do autor em nosso idioma. Entretanto, todos são textos da primeira fase do autor, que, como mencionado anteriormente, já se encontram um pouco distantes temporal, linguística e estilisticamente das *Aguafuertes madrileñas*. Nesse ponto, merece destaque o trabalho de tradução comentada das *Aguafuertes gallegas*, realizado por Thaís Nascimento do Vale no âmbito de programa de mestrado em Letras da Unesp. Por se tratar de tradução de texto contemporâneo ao abordado no *corpus* deste trabalho, acrescido de comentários acerca do processo de tradução, é um referencial importante, ainda que não publicado.

Finalmente, entre os cronistas da literatura nacional que serviram de referência no trabalho de construção das água-fortes arltianas de 1936 em português brasileiro, podemos citar Rubem Braga[34], Mário de Andrade[35] e Alcântara Machado[36]. O primeiro, por produzir crônicas no mesmo período e com grande sucesso em nosso país, escritor de linhas simples, mas de grande carga imagética e emocional. Mario de Andrade, por sua vez, aporta aproximações com Arlt através de sua pontuação e coloquialidade, ainda que suas crônicas sejam contemporâneas às Aguafuertes Porteñas (1929-1932), na primeira fase de Arlt. Alcântara Machado, por fim, traz como características aproximantes a maior carga ficcional, os tipos e vozes populares e as frases curtas. Seus textos são também contemporâneos à primeira fase de Arlt, publicados nos anos 1920.

---

[34] BRAGA, Rubem. *200 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
[35] ANDRADE, Mario de. *Táxi e Crônicas no Diário Nacional.*. Rio de Janeiro: Itatiaia, 2005.
[36] ALCÂNTARA MACHADO, Antônio. *Novelas Paulistanas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

## 4.2 COMENTÁRIOS À TRADUÇÃO: A TEORIA NA PRÁTICA

Após a conclusão da tradução, um dos objetivos desse trabalho consiste na elaboração de comentários ao trabalho tradutório, lastreados pela bibliografia de Estudos da Tradução escolhida. Fundamentalmente, a perspectiva predominante nestes comentários estará relacionada com a de Jiří Levý[37], que será em alguns pontos confrontada com a de Antoine Berman[38]. Como textos de apoio a estes comentários, estão presentes preceitos de Paul Ricoeur e Paulo Henriques Britto.

A teoria de Jiří Levý foi selecionada por sua abordagem original do ato de traduzir e do campo de Estudos da Tradução, de caráter eminentemente prático, como buscou ser a natureza deste trabalho. Ademais, considerando o ainda restrito debate acerca da obra de Levý no Brasil – em parte, devido à inexistência de edição em português de sua produção -, entendi que tal abordagem poderia trazer também alguma originalidade a esta análise.

### *4.2.1 APROXIMAÇÕES TÉORICAS E COMENTÁRIOS ACERCA DA TRADUÇÃO*

O teórico Levý, cuja principal obra, *The Art of Translation*, se dedica à tradução literária, ou "artística", tem como objetivo declarado o desenvolvimento de um metodologia científica do traduzir, possibilitando a formação de tradutores. Dessa forma, seu texto é marcado por certo normativismo, e pode ser considerando de grande importância por contribuir de forma programática com as fundações do então insipiente campo dos Estudos de Tradução, em meio ao que se convencionou chamar de *Cultural Turn*. De fato, podemos entender como cerne de seu pensamento a concepção da tradução como um processo, que, como tal, pode ser analisado, segmentado em subprocessos, esquematizado e reproduzido de forma técnica.

Na concepção do teórico checo, as traduções podem ser divididas em ilusionistas e não ilusionistas, sendo que as primeiras tentam gerar a ilusão de que o leitor lê o original, enquanto nas segundas o tradutor deixa de se "esconder" e quebra tal pacto com o leitor. Levý considera o segundo tipo mais raro, visto que a tradução deve ser representativa (2011:20). Desse modo, anuncia sua teoria como "ilusionista", perspectiva que se adequa ao trabalho tradutório aqui desenvolvido: em verdade, o

---

[37] Conforme bibliografia indicada.
[38] Id. Ib.

objetivo central é que o leitor brasileiro possa ler o texto produzido *como se fosse*, de fato, aquele escrito por Arlt. Para tanto, uma série de técnicas e estratégias devem ser empregadas, buscando criar essa sensação no leitor, ainda que este – bem como o tradutor – pertença a uma cultura outra, distinta daquela que propiciou o texto arltiano. Britto abaliza o conceito (2012:18) e também o coloca como cerne de seu projeto tradutório. Deve-se notar que o termo, no entanto, não deve se confundir com os conceitos de estrangeirização ou domesticação, pois não se busca que a experiência de leitor da tradução seja idêntica à do leitor do original, mas sim que a função da obra seja a mesma sobre ambos.

Nesse ponto, é produtivo cotejarmos a concepção de Levý com a formulada por Antoine Berman. Este autor, por sua vez, entende a tradução como tendente à etnocentria (centrar-se no receptor, ainda que às custas do apagamento da cultura de origem) e à hipertextualidade (geração de texto que é adaptação ou pastiche de outro já existente). Tais elementos para Berman devem ser secundários, abrindo caminho para traduções "éticas" e "poéticas" (2012:35), características de uma camada mais profunda do texto, mas fundamentais para sua literariedade. Desse modo, certamente a tradução apresentada não poderá escapar do etnocentrismo e hipertextualidade dominantes (mesmo porque tais componentes aproximam-se muito da concepção "ilusionista" de Levý), mas desde já deve ser apontada a busca pela tradução "ética" e "poética" almejada por Berman, que se funda, segundo o autor, na criatividade (2012:53). Esse elemento do trabalho tradutório, identificado com "uma reformulação artística do original" (2011:47) também é apontado por Levý como algo que se espera do no trabalho do tradutor. Isso conduz a um ponto central em ambas as concepções tradutórias é a constatação da assimetria linguística. Esse fato linguístico é um dos principais problemas identificados por Levý, ao lado da interferência linguística e das tensões de estilo. Berman, por sua vez, ao identificar o que chama de impossibilidade e traição da tradução, aponta que o estudo e controle das chamadas tendências deformadoras seria o caminho a seguir em direção ao seu ideal de tradução. Em meio a esse impasse, a solução de Paul Ricoeur, além de simples, parece sensata e harmônica com a necessidade prática do traduzir: ainda que os campos semânticos e sintaxes das distintas línguas sejam não correspondentes, o ato tradutório é um fato. Desse modo, abre-se caminho para a "tradução possível", que virá como um desafio à natureza do tradutor em busca da tradução perfeita, que deverá aceitar "a diferença incontornável do próprio e do estrangeiro", "a equivalência sem adequação" (2012:29).

Ainda no âmbito da não correspondência semântico-sintática, deve-se apontar que tal fenômeno é o ponto de partida no processo de tomada de decisão descrito por Levý. De acordo com esse pensamento, similar ao de um jogo, o que define as tomadas de decisão são o contexto e o paradigma. O paradigma é focado na língua de chegada e o processo de escolha é baseado no contexto (2012:74). Desse modo, o processo de tomada de decisão pode ser basicamente de dois tipos: interpretativo, entre os elementos do paradigma semântico da palavra, conforme o contexto; ou criativo, dentro do paradigma de palavras da língua de chegada, donde se conclui que a tradução propriamente dita ocorre na interpretação, reservando-se o processo criativo para momentos em que o ocorre a substituição, nos sentidos empregados por Levý (2011:86).

Finalmente, antes de comentários mais aplicados ao texto traduzido, devemos buscar clarificar o objetivo da tradução no entender dos autores aplicados. Levý aponta taxativamente que a natureza da tradução é reprodutiva, conservando, entendendo e conciliando a obra original (2011:57). Entretanto, e como vimos anteriormente, isso não deve ser confundido com trabalho mecânico. Ao contrário, para o autor a tradução deve ser a reprodução mais exata possível, mas também uma obra de valor em seu meio doméstico (2012:60).

Por seu turno, Berman entende que o objetivo é triplo: ético, poético e filosófico (2011:94), podendo ser compreendido como o reconhecimento e acolhimento do Outro, sem alteração de suas características. Nesse sentido, vemos que o autor francês busca resultado similar ao de Levý, qual seja, uma tradução "fiel", por uma via oposta: Berman rejeita o estabelecimento de metodologia, visto que os princípios acima enunciados não são metodológicos para ele.

Maior distinção pode ser observada quanto ao papel da comunicação na tradução. Levý defende que a comunicação é verdadeira meta a ser perseguida, sendo consequência lógica dos processos de apreensão e interpretação por parte do tradutor. Desse modo, a comunicação (e não o texto) do texto-base é o ponto de partida, e seu objetivo é comunicar conteúdo (e não texto) ao leitor (2012:30). Já Berman entende que o objetivo não é *apenas* comunicar. "Fidelidade e exatidão se reportam à literalidade carnal do texto" (2011: 99) e portanto não pode haver tradução que não seja tradução da letra, que pode ser entendida de modo semelhante ao signo sausseriano, elemento de dupla dimensão e indivisível. Como consequência, temos o estabelecimento do objetivo ético já mencionado, além da negação de uma metodologia, por haver algo a mais que o mero processo comunicativo (2011:90). Quanto ao ponto, Ricoeur se mostra

ideologicamente próximo a Berman, quando diz que "traduzir o sentido apenas é renegar uma aquisição da semiótica contemporânea, a unidade do sentido e do som, do significado e do significante" (2011:69). Deve-se ter presente, ainda, que a questão semiótica é retomada de maneira explícita por Levý posteriormente, ao descrever seu sistema de tomada de decisão (2012:91).

Observando sob um viés prático, em um primeiro momento pode-se supor que uma tradução em prosa do espanhol para o português possivelmente apresenta um baixo impacto da chamada assimetria das línguas: ambas tem origem comum, compartilham vocabulário, boa parte das estruturas sintáticas é semelhante. De fato, em boa parte do texto foi possível aproveitar essa proximidade para manter estruturas sintáticas simples onde Arlt as propôs simples, e suas inversões sintáticas e pontuação características puderam ser transpostas para o português causando estranheza similar à do texto-base. Entretanto, em diversos momentos a ausência de equivalência se fez presente, oportunidade em que se pode observar o processo de tomada de decisão proposto por Levý em funcionamento – ou a ocorrência das deformações bermanianas, se essa fosse a abordagem.

Esse movimento se observa, por exemplo, frente ao vocabulário técnico utilizado por Arlt no texto literário, uma constante observada desde seus textos da primeira fase. Com efeito, por diversas vezes se observa Alrt utilizar termos técnicos, que podem ser entendidos como uma forma de tentar *mostrar* ao leitor determinado artefato ou realidade. Desse modo, se observa a profusão de termos arquitetônicos ao se descrever edifícios e interiores, materiais de cozinha ao descrever a cozinha do palácio real ou ainda de termos ligados a justas e armaduras ao divagar sobre o assunto em visita ao palácio real ou ao Escorial Nas *aguafuertes madrileñas* abundam vocábulos técnicos de arquitetura e construção civil, que podem ser divididos em duas categorias principais: aqueles que possuem tradução exata, ainda que a palavra em português seja de baixo uso; e aqueles que não possuem tradução, em geral por representarem elementos arquitetônicos ausentes em nossa cultura. É possível observar que a primeira situação aproxima-se da tradução propriamente dita na concepção de Levý, enquanto a segunda se identifica com o processo descrito como substituição, e foram os métodos adotados nessas situações. Nesses casos, no entanto, a incongruência lexical das línguas faz com que o procedimento incorra em generalização. Tal procedimento é apontado por Levý como muitas vezes necessário, pois o leitor não está familiarizado com o ambiente estrangeiro (2011:110). Nesse sentido, duas soluções foram adotadas: a substituição

generalista ocorre quando a substituição do vocábulo não impede a compreensão global da situação e não incorre em perda de conteúdo essencial para o leitor. Como exemplo, pode-se citar a palavra *Cigarral*[39], que designa uma tipologia arquitetônica rural exclusiva dos arredores de Toledo. Tendo em vista seu caráter de lazer, permanência esporádica e grandes dimensões, optou-se por traduzir tal termo simplesmente por "sítio", não havendo perda relevante para o processo de intelecção do leitor. Em outros casos, a ausência do termo implicaria em prejuízo. Nesses, optou-se pela substituição – ou tradução, caso o termo tenha correspondente em nosso idioma –, acompanhado de nota de rodapé, procedimento que será tratado adiante.

Outra situação de ausência de equivalência relevante é a de cargos e funções civis e militares. Por incongruência com os cargos e funções existentes em nossa cultura, cria-se um impasse: dificilmente se conseguirá através da tradução propriamente dita transpor o significado exato do termo. Por outro lado, a substituição também não será bem sucedida. Utilizando-se nomenclaturas do serviço público brasileiro, estaria induzindo o leitor a decodificar uma figura não correspondente com a do original. Nesse ponto, é necessária a consciência de que haverá conteúdo comunicado com traços não preservados em alguns casos, e o inverso em outras situações. A solução adotada foi manter nomenclaturas que gerassem algum estranhamento, indicando a não correspondência com seu similar brasileiro, mas que permitissem uma leitura fluida, sendo facilmente identificável o campo semântico a que pertencem. Dessa forma, *guardia de asalto* se tornou guarda de assalto, e *guardia civil* foi traduzido por guarda civil, ainda que se verifique que sua função não corresponde exatamente à das guardas civis brasileiras. Quanto ao extinto *Ministerio de la Governación* da Segunda República Espanhola, passou a ser designado na tradução como Ministério do Interior, nome que ostenta atualmente, e cuja função burocrática parece ser mais clara para o leitor da tradução sob essa nomenclatura.

Entretanto, há ocorrências em que a tradução ou substituição não traz resultados satisfatórios, pela natureza do conteúdo informacional que o vocábulo encerra. É o caso do *Gran Justicia de Aragón*, mencionado na crônica *El Escorial –II*. Trata-se de elemento altamente especifico, sem aproximação natural possível, tendo em vista ser exclusivo de uma única cultura e época. A solução adotada para a preservação dessa singularidade é a transcrição, acompanhada de nota de rodapé explicativa, procedimento

[39] La casa del Greco en Toledo.

que será abordado mais adiante. O mesmo procedimento foi adotado frente a especificidades que, à custa de algum conteúdo não preservado, poderiam ter sido substituídas por vocábulos do mesmo campo semântico em português. É o caso de *El Gordo*[40], a famosa loteria natalina espanhola, que é mantida no original visando à manutenção da "cor local", elemento fundamental da literatura de viagens e que procura atuar como um fio condutor ao longo da tradução.

Quanto ao ponto, é necessário distinguir aqueles elementos que se prestam a essa função e aqueles cuja manutenção caracterizaria mero afastamento da língua de chegada – ou um "carregamento" excessivo e artificial da tal cor local buscada. Nesse sentido, logo se apresentou a necessidade de padronização para elementos como os nomes das ruas de Madri, por exemplo.

Como aponta Levý (2012:69), o trabalho de tradução deve apresentar uma uniformidade em função da qual operam soluções individuais ou caso a caso. Um dos casos em que as dificuldades impõem soluções caso a caso, como indica o mesmo teórico, são os topônimos. Desse modo, na tradução realizada estabeleceu-se a regra geral de tradução simples dos topônimos quando cabíveis: Rua do Peixe por *Calle del Pez*, Praça Maior por *Plaza Mayor*, por exemplo. Entretanto, soluções pontuais foram adotadas em casos em que a regra geral não traria resultados satisfatórios, como em relação à avenida conhecida como Gran Vía, com a opção pela transcrição. Tendo em vista o caráter de literatura de viagem presente nos textos, tal conjunto de soluções – a tradução como regra e a transcrição como exceção pontual – operam de forma satisfatória por permitirem a manutenção da cor local sem incorrer num artificialismo ou dificuldade desnecessária para o leitor. Observo, ainda, que o procedimento de simples transcrição aqui descrito é possibilitado pelo caráter original e icônico do logradouro, fato que dificultaria a compreensão em caso de tentativa de tradução.

Ainda quanto ao ponto, dois vocábulos mereceram atenção especial para seu processo de decisão tradutória, por possuírem destaque por todo o texto, a começar por seu título: o vocábulo "madrilenho", apesar de seu uso estendido e corrente em português, não consta de distintos dicionários consultados, como o Michaelis[41], o Priberam[42] e o Porto[43], que preconizam o uso de "madrileno", "matritense" ou "madrilês" para designar o nativo ou relativo à capital espanhola. O Vocabulário

---

[40] *In* El Colorido de Madrid. Primera parte.
[41] http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/
[42] https://www.priberam.pt/dlpo/madrilenho
[43] https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/madrilenho

Ortográfico da Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras[44], no entanto, adota a palavra como aqui utilizada. Em consulta a dois *corpora* de nossa língua, a Linguateca[45] e o Corpus do Português[46], observou-se, em primeiro lugar, que o termo é de uso mais frequente na variante europeia da língua. Considerando-se o conjunto dos *corpora*, a ocorrência de madrileno é maior que a de madrilenho. No entanto, considerando-se as ocorrências apenas do português brasileiro, a última é mais adotada. Com base nas informações coletadas, optei por adotar a variante madrilenho, por ser de uso mais estendido na língua-alvo, evitando estranhamento desnecessário, e por ter a vantagem de possuir fonética idêntica a do vocábulo espanhol, em sintonia com a estratégia de aportar "cor local" à tradução, além de ser abalizada pelo VOLP.

O nome da capital espanhola também foi analisado para fixação da forma adotada na tradução apresentada. Com base nos mesmos *corpora* já mencionados, notou-se predileção pelo uso da forma *Madrid*, em detrimento da forma *Madri*. Essa forma não está discriminada no VOLP. No entanto, o Acordo ortográfico vigente, em seu artigo quinto[47], prescreve nominalmente a forma Madrid.

Como se observa, há certa variação de forma em relação à grafia do vocábulo em português. Para esta tradução, em harmonia com o objetivo de manter ecos da língua de partida e pelos motivos expostos ao tratar da forma "madrilenho", optei por adotar a forma *Madrid*.

Sob o ponto de vista da tradução como tomada de decisão, como proposto por Levý (2012:80), podemos entender tais escolhas como motivadas e necessárias, quando considerarmos que certo exotismo e cor local se pretendem um fio condutor da tradução, cujo processo de escolha se deu baseado nesse contexto, e fundado em uma ordem de preferência estabelecida baseada em instrução seletiva (semântica e estilística, no caso).

### *4.2.2 ESCREVER "MAL": TRADUZIR "MAL"?*

Anteriormente comentamos que o distanciamento dos textos arltianos daquilo que era considerado "escrever bem" à época constitui um dos traços distintivos de sua obra, ainda que nos textos aqui trabalhados essa característica não seja tão marcante

---

[44] http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario

[45] https://www.linguateca.pt/
[46] http://www.corpusdoportugues.org/
[47] http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/decreto/d6583.htm

quanto nos textos de sua primeira fase. Ali apontamos, ainda, que o desafio proposto – traduzir "mal" – está relacionado à transposição daquelas marcas identificadas como recursos estilísticos do autor. A esse respeito, Levý aponta a necessidade de preservação do sentido e valor estético da obra, por entender que a tradução, ainda que seja reprodução, também deve ser obra de valor na cultura receptora (2011:61). Dessa forma, é necessário hierarquizar soluções para manter o tênue equilíbrio entre o sentido geral e as singularidades de estilo que compõem o todo. Berman, por seu turno, aponta em sentido semelhante, a partir de raciocínio distinto: ao entender que a obra literária não pode ser vista como mero processo de comunicação, o teórico francês rejeita a aplicação do esquema clássico de difusão de informação, em que, ao se colocar o receptor como centro, o tradutor arrisca-se pender para o etnocentrismo e trair o original. Desse modo, emendar os "desvios" de uma obra seria desfigurá-la, e, em última instância, trair tanto o original quanto o leitor, que tem a ilusão de ter acesso ao texto original. Desse modo, Berman defende uma "educação à estranheza" (2012:93), que permite a introdução na cultura de chegada elementos "estranhos", que podem enriquecê-la. Tal ponto é destacado no pensamento bermaniano, visto que o autor estabelece como "principal problema da tradução da prosa" o respeito à "polilogia informe" dos textos (2011:67), e, por extinção de um "escrever mal" que seria inerente às grandes obras (2011:65). Nas crônicas traduzidas, os esforços de transposição do escrever "mal" de Arlt podem ser identificados, por exemplo, na procura pela manutenção da estrutura frasal e pontuação originais, valendo-se da relativa equivalência das línguas de trabalho nesse ponto. Vocábulos criados pelo autor, paralelismos sintáticos e repetições também foram preservados tanto quanto possível. No plano lexical, a utilização de vozes populares, ainda que não seja elemento de destaque nas *Aguafuertes* trabalhadas, também mereceu atenção. Passagem representativa é a de "*guëvo fresco a real*[48]", na qual se buscou manter a coloquialidade e baixo extrato do falante, realizando um processo de compensação, traduzindo-se (ou substituindo-se, para utilizar a nomenclatura proposta por Levý) por "olha o ovo fresquim".

### *4.2.3 NOTAS DE TRADUÇÃO*

As notas, embora constituam paratexto de utilização frequente na prática tradutória, são relativamente pouco abordados de forma sólida e sistemática pelos

[48] Na crônica *El Barrio de los Génios*.

teóricos dos Estudos da Tradução, como aponta Pablo Cardellino (2017:33). De fato, na bibliografia utilizada, verifica-se que Levý abordou a questão de forma incidental. O autor aponta a utilização de notas como um "mal maior" (2011:95) e preconiza, nos casos cabíveis, a inclusão de palavra explicativa no texto traduzido, evitando-se a anotação em rodapé. Tal procedimento pode ser aproximado da "clarificação" e, por conseguinte, do "alongamento" apontados como tendências por Berman, ainda que seu emprego – ou a utilização de notas –não seja preconizado pelo autor.

Por outro lado, Levý aponta que a distância temporal e espacial entre a produção do texto original e a leitura da tradução podem impor barreiras ao entendimento do texto, devendo a tradução fornecer "pistas ou sugestões" em para a facilitação da leitura nesses pontos (2001:91). Como se vê, ainda que mais adiante o autor demonstre que as notas de tradução não seriam sua opção tradutória, reconhece a necessidade, por vezes, imperativa, desse procedimento.

Berman, por seu turno, também não apresenta grandes sistematizações sobre as notas nos textos aqui adotados. Ao tratar de tradução de textos clássicos, o autor aponta que as notas e comentários são adotados, numa perspectiva fundada na filologia, como uma forma de "controle" de acesso aos clássicos (2012:161), pretensamente superior às traduções chamadas "livres" por indicarem o "sentido" e "contexto" da obra: um ponto de vista desfavorável aos paratextos nesses casos, portanto.

Paulo Henriques Britto, em *A tradução literária*, apresenta de passagem a problemática das notas de tradução, ao associar seu uso à necessidade de esclarecer o leitor da tradução quanto a referência que seria clara para o leitor do original (2012:70), em consonância com as ideias de Levý mencionadas acima. Ademais, o autor aponta a utilização dos paratextos como possibilidade para a redução da chamada invisibilidade do tradutor (2012:38). Nesse ponto, Britto reforça seu objetivo de predicar uma tradução ilusionista, e aponta que esses recursos não devem intervir "ostensivamente" no texto, servindo as notas para "elucidar aspectos potencialmente obscuros".

Traduções pregressas de Arlt para o português brasileiro precisaram enfrentar a questão das notas. Ao realizar as traduções que compõem *Águas-fortes Portenhas seguidas de Águas-fortes Cariocas,* Maria Paula Gurgel Ribeiro, num primeiro momento, optou por não adotar notas, buscando fluidez na leitura (2011:9). Tal opção posteriormente foi revista pela autora, para clarificar, nas crônicas, a menção de diversas personalidades da época, desconhecidas do leitor brasileiro contemporâneo, além de

ajudar a contextualizar a época e explicar referências muito específicas[49].

Este trabalho, como mencionado anteriormente, se propõe a produzir uma tradução que pode ser classificada como ilusionista, nos termos propostos por Levý. Para tanto, e considerando as características intrínsecas ao texto e seu contexto de produção, a adoção de notas tornou-se incontornável e constituiu-se num poderoso artifício utilizado para familiarizar o leitor brasileiro do século XXI com personagens, localidades, fatos e referências, na maior parte das vezes, familiares para o leitor argentino dos anos 1930.

Além dessas referencias ligadas à época e cultura de partida, temos ainda aquelas relacionadas a termos técnicos empregados pelo autor e de elementos sem tradução proposta (transcritos, conforme Levý), como anteriormente comentado. Nesses casos, a opção pela nota de tradução, para além de eventualmente possilibitar acesso a informação cultural nova ao leitor da tradução, torna-se verdadeira chave de leitura, vez que nesses casos ou a palavra estrangeira está presente no texto em português, ou, mesmo que traduzida, representa elemento estranho à nossa cultura.

Tal emprego está em sintonia com o proposto por Levý, quando aponta que "sugestões" e "explicações" podem ser valiosas para o leitor para compreender alusões a fatos que seriam familiares na cultura de origem da obra, desde que não sejam arbitrárias e não avancem sobre questões que não se colocam claras também para o leitor do original (2012:94).

Por fim, tendo em vista o caráter prático deste trabalho, cabe apontar que, visando colocar o leitor da tradução em pé de igualdade com o leitor do original, e sobretudo em momentos em que Arlt percorre a cidade de Madri, nas águas-fortes iniciais, ou quando é autorreferente, tendo em vista o caráter de relato de viagem dos textos, optei por adotar notas explicativas mesmo em situações em que, em princípio, o texto traduzido não compromete a intelecção. O objetivo, assim como o das próprias águas-fortes, é aproximar o leitor da cidade percorrida e do percurso arltiano. Desse modo, não se adentra o campo da arbitrariedade advertido por Levý, mas sim se procura respeitar a vocação e objetivo último da tipologia textual trabalhada. Sobre o ponto, foi produtiva a análise das notas do editor em volume de *Rayuela*, de Julio Cortázar, editada por André Amorós[50]. Se nos textos arltianos trabalhados podemos apontar como

---

[49] CESCO, Andrea; ABES, Gilles. Entrevista com Maria Paula Gurgel Ribeiro. *Revista Nonada*, Porto Alegre, nº 16, p. 131-137, 2011.

[50] CORTÁZAR, Julio. Rayuela. Edição de Andrés Amorós. Madrid: Cátedra, 2011.

principais eixos temáticos a cidade de Madri e os fenômenos políticos pré-Guerra Civil, no romance de Cortázar são a capital francesa e uma profusão de personalidades, entre *jazzistas,* boxeadores e artistas diversos que permeiam o romance e merecem a atenção e um grande número de notas pormenorizadas do editor. No prólogo, Amorós reconhece que as notas são muito abundantes e que podem assustar o leitor (2011:90). Sua proposta para tais casos é ignorá-las e saltá-las, por entender que o essencial é o texto literário. Tais notas, segundo o editor, têm caráter complementar e sua razão de ser é oferecer informação útil aos leitores que assim as entenderem. Em paralelo com tal pensamento, podemos adicionar aos objetivos já declinados, norteadores da adoção das notas ao longo dos textos trabalhados, a realização de notas sucintas, em sintonia com a tipologia textual trabalhada, e de natureza complementar, exceto nos casos de transcrição mencionados, em que tais notas adquirem maior importância por conta da impossibilidade de transposição semântica à língua portuguesa.

## 5 *AGUAFUERTES MADRILEÑAS* / ÁGUAS FORTES MADRILENHAS

**Etapa apasionante de la política española (*El Mundo*, 24 de enero de 1936).**

Madrid, enero 16 (por avión). Reproducido por todos los periódicos de la península, apareció hoy jueves, el sensacional documento en que se da noticia oficial de haberse formado al BLOQUE POPULAR DE IZQUIERDAS, y cuya finalidad es concurrir en frente único a las elecciones para obtener una mayoría de votos sobre las DERECHAS, aún divididas.

En la imposibilidad, como periodista extranjero, de comentar la temperatura política española y menos el MANIFIESTO DE IZQUIERDAS, glosado en los términos más opuestos por los periódicos de la opinión, me limitaré a reflejar, objetivamente, como lo he hecho en las anteriores crónicas, los juicios que a los órganos de partido le merece esta alianza nunca vista de las masas izquierdistas españolas. Mediante esta táctica informativa, los españoles residentes en la Argentina podrán formarse una idea más o menos exacta de la formidable contienda que se aproxima, y cuyos probables resultados parecen inquietar al sector de las DERECHAS, mientras que las IZQUIERDAS se preparan activamente para el esfuerzo que van a desarrollar en la batalla electoral.

En dos comentarios de carácter político anterior, traté de esbozar la desazón que a las DERECHAS le causó la resolución del jefe de Gobierno, disolviendo las Cortes y decretando nuevas elecciones, así como la posibilidad de que se llevara a cabo el BLOQUE POPULAR DE IZQUIERDAS, impuesto por las masas.

El temor de las DERECHAS se ha confirmado. El frente único es un hecho. El manifiesto publicado hoy por las IZQUIERDAS lleva la firma de Amós y Carreras por la Izquierda Republicana, de Bernardo Giner de los Ríos por la Unión Republicana, de Juan Vidarte y Manuel Cordero por el Partido Socialista, de Largo Caballero por la Unión General de Trabajadores, de José Cazorla por Federación Nacional de Juventudes Socialistas, de Vicente Uribe por el Partido Comunista, de Angel Pestaña por el Partido Sindicalista y de Juan Andrade por el Partido de Unión Marxista.

El Índice del programa que involucra el manifiesto del BLOQUE POPULAR DE IZQUIERDAS y que suma aproximadamente seis millones de votos es:

**Etapa apaixonante da política espanhola (*El Mundo*, 24 de janeiro de 1936).**

Madrid, 16 de janeiro (por avião). Reproduzido por todos os jornais da península, apareceu nesta quinta-feira documento sensacional que dá a notícia oficial da formação do BLOCO POPULAR DE ESQUERDA[51], cuja finalidade é disputar as eleições de forma unificada para obter maioria de votos sobre a DIREITA.

Na impossibilidade, como jornalista estrangeiro, de comentar a temperatura política espanhola e menos ainda o MANIFESTO DA ESQUERDA, analisado nas formas mais opostas pelos jornais de opinião, me limitarei a refletir, objetivamente, sobre as opiniões que os órgãos de partido apresentam sobre esta aliança nunca antes vista das massas esquerdistas espanholas, como fiz nas crônicas anteriores, Mediante esta estratégia informativa, os espanhóis residentes na Argentina poderão formar uma ideia mais ou menos exata do formidável embate que se aproxima, cujos prováveis resultados parecem inquietar o setor de DIREITA, enquanto que a ESQUERDA se prepara ativamente para o esforço que será desenvolvido na batalha eleitoral.

Em dois comentários de caráter político anteriores[52], procurei esboçar o dissabor que causou à DIREITA a resolução do Chefe de Governo, dissolvendo as Cortes e decretando novas eleições, assim como a possibilidade que surgiu para que se criasse o BLOCO POPULAR DE ESQUERDA, imposto pelas massas.

O temor da DIREITA se confirmou. A frente unificada é realidade. O manifesto publicado hoje pelas ESQUERDA tem as assinaturas de Amós y Carreras pela Esquerda Republicana, de Bernardo Giner de los Ríos pela União Republicana, de Juan Vidarte e Manuel Cordero pelo Partido Socialista, de Largo Caballero pela União Geral dos Trabalhadores, de José Cazorla pela Federação Nacional de Juventudes Socialistas, de Vicente Uribe pelo Partido Comunista, de Angel Pestaña pelo Partido Sindicalista e de Juan Andrade pelo Partido de União Marxista.

O índice do programa que envolve o manifesto do BLOCO POPULAR DE ESQUERDA, e que tem aproximadamente seis milhões de votos é:

---

[51] Todas as palavras grafadas em caixa alta foram mantidas como na publicação em *El Mundo*. Curiosamente, o primeiro texto escrito em Madri é o único a adotar esse procedimento.

[52] Arlt vinha tratando de questões políticas esporadicamente, em suas notas de viagem. Aqui certamente se refere à nota do dia 14/01/1936, "El decreto de disolución de cortes y convocatoria de elecciones".

"Amnistía completa. Readmisión forzosa de los obreros despedidos por su participación en movimientos revolucionarios. Indemnización. Reparación económica a las víctimas de los movimientos obreros. Normalidad constitucional. Investigación de las responsabilidades contraídas por los agentes de las fuerzas públicas. Su procesamiento. Legislación agraria. Rebaja de impuestos y tributos. Represión especial de la usura. Protección de la pequeña industria. Política financiera. Restablecimiento de la legislación social. Contra los salarios de hambre. Enseñanza. Respeto a los principios autonómicos."

El diario *Ya*, órgano de las derechas, define la aparición del documento como "la imposición del marxismo revolucionario sobre la débil y claudicante voluntad de los partidos burgueses".

*El Debate*, órgano oficial de la CEDA, en su editorial de fecha 17, tilda de "monstruoso" el peticionario del manifiesto y de "asesinos, ladrones e incendiarios" a los revolucionarios encarcelados, que suman la cifra de 30.000 hombres.

A su vez *Mundo Obrero* califica el día 16 de enero "como una jornada histórica. El arma que necesitábamos para vencer a la reacción y al fascismo ya está formada".

*Política*, entre los diversos considerandos que le sugiere el análisis del manifiesto, y por el cual lucharan las masas obreras y campesinas, conceptúa la actual alianza de izquierdas "más extensa que la del año 1931. Las organizaciones proletarias que están a ellas adheridas han aceptado, sin ninguna reserva mental, el programa trazado".

*Ya*, en su editorial de fecha 16, declara: “En el manifiesto se obedece, con gran cuidado, a la consigna de la III Internacional. El manifiesto no acentúa el extremismo para no asustar demasiado a la pequeña burguesía. Pero aun así, sus capítulos son los jalones de una obra francamente revolucionaria”.

*ABC*, órgano de los monárquicos, en su editorial del día 11, cuando ya se daba por inevitable la formación del frente único, afirmaba que la consumación de esta alianza “es un delito de alta traición que se comete contra la patria”.

¿Se ha detenido aquí la lucha política? No. El Obispo de Barcelona, Doctor Iruita, en una circular dirigida a todos los fieles de la región, dice:

"Anistia completa. Readmissão obrigatória dos operários demitidos por participação em movimentos revolucionários. Indenização. Reparação econômica às

vítimas dos movimentos operários. Normalidade constitucional. Apuração das responsabilidades contraídas pelos agentes das forças públicas. Responsabilização destes. Legislação agrária. Diminuição de impostos e tributos. Repressão especial da usura. Proteção à pequena indústria. Política financeira. Reestabelecimento da legislação social. Contra os salários de fome. Ensino. Respeito aos princípios autonômicos."

O diário *Ya*, órgão da direita, define o lançamento do documento como "a imposição do marxismo revolucionário sobre a débil e claudicante vontade dos partidos burgueses".

*El Debate*, órgão oficial da CEDA[53], no seu editorial do dia 17, chama de "monstruosos" os pleitos do manifesto e de "assassinos, ladrões e incendiários" os revolucionários encarcerados, que somam a cifra de 30 mil homens.

Por sua vez, *Mundo Obrero* qualifica o dia 16 de janeiro "como uma data histórica. A arma de que necessitávamos para vencer a reação e o fascismo já existe agora".

*Política*, entre as várias considerações que faz na análise do manifesto, pelo qual lutaram as massas operárias e camponesas, conceitua a atual aliança de esquerda "mais abrangente que a de 1931. As organizações proletárias que aderiram aceitaram, sem reservas, o programa traçado".

*Ya*, no seu editorial do dia 16, declara: “No manifesto são obedecidas, com grande cuidado, as diretrizes da III Internacional. O manifesto não enfatiza o extremismo para não assustar muito a pequena burguesia. Mas ainda assim, seus capítulos são os fundamentos de uma obra francamente revolucionária”.

*ABC*, órgão dos monárquicos, no seu editorial do dia 11, quando a formação da frente única já era dada como inevitável, afirmava que a consumação dessa aliança “é um delito de alta traição que se comete contra a pátria”.

A luta política parou aqui? Não. O bispo de Barcelona, Dom Iruita, numa circular dirigida aos fieis da região, diz:

“La existencia de la España católica puede depender de las elecciones."

---

[53] *Confederación Española de Derechas Autónomas*, a coalizão partidária católica e direitista que controlava o governo republicano naquele momento.

Los periódicos de Izquierda, a su vez, se dirigen al electorado publicando fotografías y documentos relacionados con las represalias que el gobierno de Lerroux y Gil Robles tomaron contra los revolucionarios de Asturias. Son documentos que estremecen de horror, la policía ha secuestrado varios números de publicaciones como la de *Política*, *El Heraldo de Madrid* y *Mundo Obrero*. En menos de una semana han sido apuñalados en las calles de Madrid cinco vendedores de diarios izquierdistas, y uno ha fallecido. En la Facultad de Derecho, el 17 por la mañana, estudiantes derechistas colgaron de los balcones de la Universidad, letreros con injurias para el jefe de Estado y un profesor izquierdista desenfundó una pistola. La policía cachea diariamente a los vendedores de diarios, para evitar que estos puedan repeler las agresiones de que temen ser víctimas.

Tal es la presión, que lentamente va elevando sus atmósferas, a medida que transcurren los días.

“A existência da Espanha católica pode depender das eleições."

Os jornais de Esquerda, por sua vez, se dirigem ao eleitorado publicando fotografias e documentos relacionados com as represálias que o governo de Lerroux e Gil Robles[54] tomou contra os revolucionários de Astúrias[55]. São documentos que estremecem de horror, a polícia impediu de circularem vários números de publicações como as de *POLÍTICA*, *EL HERALDO DE MADRID* y *MUNDO OBRERO*. Em menos de uma semana cinco vendedores de jornais esquerdistas foram apunhalados nas ruas de Madrid, e um faleceu. Na Faculdade de Direito, no dia 17 pela manhã, estudantes direitistas penduraram nas sacadas da Universidade, faixas com injúrias contra o chefe de Estado e um professor esquerdista sacou uma pistola. A polícia revista diariamente os vendedores de jornais, para evitar que estes possam repelir as agressões de que temem serem vítimas.

Assim é a pressão, que lentamente vai crescendo, à medida que transcorrem os dias.

[54] Alejandro Lerroux (1864-1949) e José Maria Gil-Robles (1898-1980), lideranças da CEDA.

[55] Referência à chamada “Revolução de Astúrias”, em outubro de 1934, que teve um saldo de dois mil mortos, a maioria operários que se rebelavam contra o governo. À época, Lerroux ocupava a Presidência do Governo. Arlt comenta o acontecimento em suas *Aguafuertes asturianas*.

**La alegría de Madrid. Primera parte (*El Mundo*, 26 de enero de 1936).**

¿La alegría de Madrid es una apreciación subjetiva o existe sustancialmente, como la manifestación material de lo que se entiende por un pueblo feliz?

Sin atreverme a jurar que el pueblo de Madrid es feliz, aseguraré que su estado de ánimo le concede a la ciudad un aspecto eminentemente alegre. Prácticamente, su alegría está determinada por un hecho singular y evidente: siendo Madrid ocho veces más pequeño que Buenos Aires, o necesitándose ocho ciudades de la extensión de Madrid para compaginar una ciudad como Buenos Aires, Madrid parece más populosa que Buenos Aires. Consecuencia: la casa de planta baja, el barrio solitario se ignoran en absoluto en la capital de todas las Españas. En Madrid, cada calle, por sus cuatro costados, es un cubo de cuatro o seis pisos de altura, ocupado en su base por divertidísimos comercios cuya finalidad es abastecer las necesidades de la población del mismo barrio. De allí que en sus calles, aún las más sórdidas, se mueve un volumen de transeúntes diez veces más intenso que el que encontramos en las más congestionadas barriadas de Buenos Aires. Sí a estos factores agregamos el haber en Madrid 30.000 mujeres más que hombres, no resulta dificultoso comprender en qué consiste la intensidad, la vitalidad, la alegría de Madrid.

Aparte de que Madrid se adorna de diferenciadas alegrías. Madrid es como la bonita muchacha pobre, un traje nuevo le sienta a las mil maravillas aún cuando sus pies continúen calzados en alpargatas. Todo se confabula para crear alegría en Madrid. En la Gran Vía tropezamos con letreros de gas fosforescente; en la Puerta del Sol con proyectores luminosos, en la calle de la Esgrima con faroles de gas. Y estamos girando un en círculo de cien varas de diámetro. Y esta diversidad de iluminaciones, de arquitecturas, de simetrías, de urbanizaciones, compone las máscaras sui generis del Madrid inquietante, su personalidad fantástica, inexplicable, provinciana, grotesca, deliciosa, apasionante.

Son las doce de la noche. En compañía de dos camaradas periodistas madrileños, camino a lo largo de la calle Carretas. De pronto avanza a nuestro encuentro un caballero alto, calvo, sin sombrero (por eso sabemos que es calvo), y embozado en una inmensa capa achocolatada.

**A Alegria de Madrid (*El Mundo*, 26 de janeiro de 1936)**

A alegria de Madrid é uma avaliação subjetiva ou existe substancialmente, como manifestação material do que se entende por um povo feliz?

Sem me atrever a jurar que o povo de Madrid é feliz, vou assegurar que seu estado de ânimo dá à cidade um aspecto eminentemente alegre. De forma prática, sua alegria é determinada por um fato singular e evidente: sendo Madrid oito vezes menor que Buenos Aires, ou necessitando-se de oito cidades da extensão de Madrid para formar uma cidade como Buenos Aires, Madrid parece mais populosa que Buenos Aires. Consequência: a casa de planta baixa, o bairro deserto, são absolutamente ignorados na capital de todas as Espanhas. Em Madrid, cada rua, nos seus quatro costados, é um cubo de quatro ou seis andares de altura, ocupado em sua base por divertidíssimos comércios, cuja finalidade é abastecer as necessidades da população daquele bairro. Daí que nas suas ruas, mesmo nas mais sórdidas, passa um volume de transeuntes dez vezes maior que aquele que encontramos nas vilas mais apinhadas de Buenos Aires. Se juntamos a esses fatores o fato de que Madrid tem trinta mil mulheres a mais que homens, não fica difícil entender em que consiste a intensidade, a vitalidade, a alegria de Madrid.

Além disso, Madrid se enfeita de alegrias diferenciadas. Madrid é como a bonita moça pobre, uma roupa nova cai como uma maravilha mesmo que os pés continuem calçando alpargatas. Tudo conspira para criar alegria em Madrid. Na Gran Vía tropeçamos em letreiros de gás neon, na Porta do Sol em projetores luminosos, na rua da Esgrima em lampiões de gás. E estamos rodando em um círculo de cem varas de diâmetro[56]. Esta diversidade de iluminações, de arquiteturas, de simetrias, de urbanizações, compõe a máscara *sui generis* da Madrid inquietante, sua personalidade fantástica, inexplicável, provinciana, grotesca, deliciosa, apaixonante.

É meia-noite. Junto com dois camaradas jornalistas madrilenhos, caminho pela rua Carretas. De repente, avança ao nosso encontro um cavalheiro alto, calvo, sem chapéu (por isso sabemos que é calvo), e enrolado numa imensa capa cor de chocolate.

---

[56] Vara: antiga unidade de medida de distância, equivalente 8,68 metros.

Es el novelista Eduardo Zamacois. Ochenta años y coqueteando a lo mozuelo en una ruda medianoche invernal. Parece que va a la caza de una bronconeumonía. Tengo deseos de hacerle la caridad de advertirle que se está jugando la piel por seguir la moda. Unos pasos más allá me señalan a un caballero de zapatos más deformes que los del judío errante, un gabanzuelo indecente y un monóculo incrustado en un ojo. Es el escritor José Moraita, que viene del Periódico de escribir su editorial.

Este es Madrid. Más allá de una estatua, una plaza raída con grandes charcos de agua. Estamos a pocos pasos de la Gran Vía, en la plaza de Calderón de la Barca. Un hombre con farol encendido sobre el estómago y una lanza corta en la mano derecha, bizquea a una pelandusca. El hombre de la lanza es el sereno, y éste es Madrid.

El viajero que ha vivido durante meses en el interior de España, al llegar a Madrid respira afanosamente. Por fin le cobija una ciudad cuyas fachadas modernas tornan más próximas la civilización. Pero no raspemos excesivamente la superficie de Madrid, porque inmediatamente descubriremos lo antiguo, no lo antiguo, lo castizo. Lo antiguo está tan sobrecargado y poblado de racimos humanos, que no tiene posibilidad de melancolizar nuestros pensamientos. Lo antiguo se convierte con tanta justeza a lo moderno que el arco de la Plaza Mayor y los hierros del Púlpito, y la bola dorada que marca las doce en La Torrecilla de la Puerta del Sol, no tiene oportunidad de desentonar violentamente con lo actual. Colabora. Zamacois con su calva, su capa achocolatada y su gallarda estampa de ancianos que no se resigna por ningún tesoro del mundo a envejecer, es uno de los siete mil deliciosos aspectos de Madrid. El café sibarítico con sillas que menean al modo de mecedoras, y sus viejas doradas que llevan perros pardos a bostezar frente a los peces que saltan tras las vitrinas incrustadas en los muros del suntuoso bar El Acuarium, constituyen otro de los siete mil aspectos de Madrid el jovial.

Y es que Madrid es eminentemente teatral. Se extraña la ausencia de don Alfonso XIII. Simultáneamente se explican los sentimientos monárquicos en numerosos madrileños. Don Alfonso adornaba castizamente la ciudad.

É o romancista Eduardo Zamacois[57]. Oitenta anos e perambulando como um rapazinho numa pesada meia-noite de inverno. Parece que vai à caça de uma broncopneumonia. Minha vontade é de lhe fazer a caridade de dizer que está arriscando a pele só para seguir a moda. Uns passos mais adiante me apontam um senhor de sapatos mais tortos que os do judeu errante, um sobretudo indecente e um monóculo incrustado em um olho. É o escritor José Moraita, que vem do jornal depois de escrever seu editorial.

Esta é Madrid. Depois de uma estátua, uma praça surrada com grandes poças d'água. Estamos a poucos passos da Gran Vía, na praça de Calderón de la Barca. Um homem com um farol aceso sobre a barriga e uma pequena lança na mão direita sussurra algo para uma puta. O homem da lança é o vigia, e esta é Madrid.

O viajante que viveu durante meses no interior da Espanha, ao chegar a Madrid respira com gosto. Finalmente se abriga em uma cidade cujas fachadas modernas tornam a civilização mais próxima. Mas não raspemos muito a superfície de Madrid, porque imediatamente vamos descobrir o antigo, não bem o antigo, o mais típico. O antigo está tão sobrecarregado e povoado de pencas de gente, que não tem chance de melancolizar nossos pensamentos. O antigo passa tão naturalmente ao moderno que o arco da Praça Maior e os ferros do Púlpito, e a bola dourada que marca as doze horas na torrezinha da Porta do Sol, não tem chance de desentoar muito do atual. Colabora. Zamacois com sua careca, sua capa achocolatada e sua elegante pinta de ancião que não se resigna a envelhecer por tesouro nenhum do mundo, é um dos sete mil aspectos deliciosos de Madrid. O café sibarítico com cadeiras que se movem como se fossem de balanço, e suas velhas douradas que levam cachorros pardos para bocejar olhando os peixes que saltam atrás dos vidros incrustrados nas paredes do suntuoso bar El Acuarium, constituem outro dos sete mil aspectos de Madrid, a Jovial.

E Madrid é extremamente teatral. Sente-se a falta de Dom Alfonso XIII[58]. Ao mesmo tempo, se explicam os sentimentos monárquicos de numerosos madrilenhos. Dom Alfonso adornava genuinamente a cidade.

---

[57] Eduardo Zamacois (1873-1971), romancista espanhol.
[58] Alfonso XIII (1886-1941), Rei da Espanha até a proclamação da Segunda República, em 1931.

La complementaba como su Plaza de Oriente, adornada de reyes visigodos, con pantorrillas como toneles y caras de vírgenes lamartinianas, reyes que se llamaban Ataulfos, Atanagildos y toda la bárbara cáfila de apodos con que se adornaban los salvajes blancos de la prehistórica Madrid. Cómo no extasiarse en Madrid. En Madrid desde las dos la tarde a las cinco, el sesenta por ciento de los porteros lean o no entregas de Luis de Val (se lee furiosamente a Luis de Val) fijan en los ascensores de sus cavernas este dantesco letrero: "el ascensor no funciona". En Madrid se vive en el misterio y el desorden. Os doy una dirección, 59 de la calle Alcalá. Estáis en el número 15. Para alcanzar el número 59 hay que caminar media legua. En Madrid se cultiva el enigma. En esta ciudad no existe un nombre que pueda aseguraros que el primer piso de una casa es técnicamente su primer piso. Hay subsuelo, entresuelo principal, primero principal, primero, casi siempre el primer piso es el quinto piso; los ascensores suben a la gente, pero está prohibido descender en ellos, so pena de reñir con el portero y su cónyuge. Es desagradable esto. No. Es divertido. Matiza los días. Cada madrileño puede escribir la historia y milagros de los ministerios de los últimos diez años, así como cada madrileña, por lo pimpantemente bonita, parece que acaba de salir del ensayo de un teatro. Ellos peritos, ellas guapas... "tabaco y cerilla", éste es Madrid...

Complementava Madrid como sua Praça do Oriente, adornada de reis visigodos, com panturrilhas parecendo barris e caras de virgens lamartinianas, reis que se chamavam Ataulfos, Atanagildos e toda a lista bárbara de apelidos com que se adornavam os selvagens brancos da Madrid pré-histórica. Como não se extasiar em Madri! Em Madrid das duas às cinco da tarde, sessenta por cento dos porteiros, leiam ou não lançamentos de Luis de Val[59] (se lê furiosamente Luis de Val) colocam nos elevadores de suas cavernas esse letreiro dantesco: “o elevador não funciona". Em Madrid se vive em mistério e desordem. Dou para vocês um endereço, número 59 da rua Alcalá. Estamos no número 15. Para alcançar o número 59 é preciso caminhar uma légua. Em Madrid se cultiva o enigma. Nesta cidade não existe um homem que possa assegurar que o primeiro andar de uma casa é tecnicamente seu primeiro andar. Existe subsolo, entressolo principal, primeiro principal, primeiro, quase sempre o primeiro andar é o quinto andar; os elevadores levam as pessoas para cima, mas é proibido descer neles, sob pena de briga com o porteiro e sua esposa. É desagradável isso. Não. É divertido. Dá cor aos dias. Cada madrilenho pode escrever a história e os milagres dos ministérios dos últimos dez anos, assim como cada madrilenha, radiantemente bonita, parece que acaba de sair do ensaio de algum teatro. Eles expertos, elas lindas..., "cigarro e fósforos", esta é Madrid...

[59] Luis de Val (1867-1930), jornalista e romancista popular espanhol.

**La alegría de Madrid. Segunda parte (*El Mundo*, 27 de enero de 1936).**

A las nueve de la mañana Madrid se lava la cara y comienza a largarse a la calle. Una neblina sonrosada envuelve los blancos rascacielos de la Gran Vía. Todos los comercios aún están cerrados. Son numerosos los establecimientos cuyos dependientes retiran las persianas de las vidrieras a las diez de la mañana. En cuanto uno se aparta, a la izquierda a la derecha de la calle Mayor o Alcalá, entra al Madrid castizo. Es el Madrid tortuoso, populoso, de callejuelas curvas, zigzagueantes, con faroles de gas aún encendidos, con cúpulas de árboles tras de plazuelas tapiadas, sucias estaciones de Metro, recovas, tabernas del siglo XVIII con muros cubiertos de portadas de madera y braseros encendidos junto al cordón de la acera.

Las basureras recolectan la basura. Al frente de carritos tirados por asnillos cenicientos, se mira con asombro guapas muchachas que cargan cajones de basura. En varias barriadas de Madrid, el servicio de limpieza está a cargo de mujeres. El forastero reciente se inclina a la extrañeza, pero cuando se radica cierto tiempo en España, la participación de la mujer en los trabajos forzosos no le causa asombro. Las reparticiones públicas tienen contratadas mujeres que limpian sus edificios, así como casi todos los cafés. En ciertas ciudades vascas se las ve acarrear los bultos de los viajeros. En el siglo pasado, en Bilbao encontrábase la cofradía de las cargueras, robustas mujeres qué hombreaban bultos tremendos.

El despertar de Madrid tintinea un bullicio jovial. Los tostadores de café instalan sus hornos a la orilla de la calzada, encienden los fuegos y se les ve sentados, dar al manubrio qué hace girar la esfera dónde se tuesta el café. La calle borrosa de humo cobra un aroma satisfactorio. En estas callejuelas, es un poco difícil diferenciar las mujeres honestas de las que no lo son, porque las honestas, al igual que las deshonestas, calzan pantuflas escarlatas y azules y acuden a la compra con el cabello suelto sobre la espalda. Las basureras charlan con las vecinas o las puesteras de la feria. Algunas ancianas se envuelven en sus ristras de cebollas y a la sombra de los altos muros parecen ídolos vegetales.

**A alegria de Madrid. Segunda parte (*El Mundo*, 27 de janeiro de 1936).**

Às nove da manhã Madrid passa água no rosto e começa a partir para a rua. Uma neblina rosada envolve os arranha-céus brancos da Gran Via. Todos os comércios ainda estão fechados. Em muitos estabelecimentos os funcionários tiram as persianas das vitrines às dez. É só se afastar, à esquerda ou à direita da rua Mayor ou Alcalá, para entrar na Madrid típica. É a Madrid tortuosa, populosa, de ruazinhas curvas, ziguezagueantes, com lampiões de gás ainda acesos, com copas de árvores por trás de pracinhas aterradas, estações de metrô sujas, avícolas, tabernas do século XVIII com paredes cobertas de portais de madeira e braseiros acesos junto ao meio-fio.

As varredoras recolhem o lixo. À frente de carrinhos puxados por burrinhos cinzentos, se observa com assombro bonitas moças que carregam caixas de lixo. Em vários bairros de Madrid, o serviço de limpeza está a cargo de mulheres. O forasteiro recém-chegado se inclina à estranheza, mas quando já se está há algum tempo na Espanha, a participação da mulher nos trabalhos pesados não causa mais assombro. As repartições públicas contratam mulheres que limpam seus edifícios, assim como quase todos os cafés. Em certas cidades bascas elas carregam a bagagem dos viajantes. No século passado, havia em Bilbau a confraria das carregadoras, mulheres robustas que levavam nos ombros cargas enormes.

O despertar de Madrid canta um burburinho jovial. Os torradores de café instalam seus fornos na beira da rua, acendem o fogo e se sentam, rodando a manivela que faz girar a esfera onde o café é torrado. A rua borrada de fumaça tem um aroma agradável. Nessas ruazinhas, é um pouco difícil diferenciar as mulheres decentes e as que não são, porque as decentes, como as indecentes, calçam chinelas escarlates e azuis e vão às compras com o cabelo solto nas costas. As varredoras batem papo com as moradoras ou com as feirantes. Algumas anciãs se enrolam em suas réstias de cebolas e à sombra dos muros altos parecem ídolos vegetais.

El tiempo ha espolvoreado la ciudad de pequeñas sorpresas. Las torres de las iglesias tienen los agujeros de sus campanarios enrejados por cestas de barrotes de hierro; estos calabozos aéreos sobresaliendo de las torres, les prestan un aspecto singularísimo.

Los edificios altos penetran con sus rústicas boardillas en el cielo; las calles mojadas por el rocío, parecen toscamente pavimentadas con piedra color cáscara de cebolla, y los faroles, cuyo brazo está pegado al muro, con su caja poligonal, aprisionando un mechero de gas, en el que arde una chispa verde, nos sitúa en el siglo pasado. Grifos de hierro fundido con melenudas cabezas de leones, o fuentes públicas con cisnes a cuyas bocas mujeres en chanclos arriman cafeteras o racimos de faroles de gas suspendidos como naranjas de un central tronco de hierro oblicuo, dibujan en la mañana vaporosa, un Madrid de novela pueril y conmovedora. Hombres embozados en capas negras con vueltas de terciopelo rojo o verde, coloren las calles de añejo romanticismo.

Insisto. El amanecer de Madrid es siempre nuevo. En torno de los faroles que han oxidado las décadas, arman sus mostradorcitos las turroneras, las vendedoras de castañas, los traficantes de marcos de cuadros, los vendedores de lotería... Como quien amanece en el desierto, los traficantes encienden, en el medio de la calzada, sus hornillos y fogaratas, junto a los que sus párvulos se calientan las manos enrojecidas, y las llamas escarlatas se reflejan en las cristalonas geométricas, amarillas, de los frascos de perfumes de una casa de modas frontera. En otra puerta se amontonan varias jaulas con botellas de leche, y un niño con capa parda le clava el diente a una torta. Y esto por Dios! es la alegría de Madrid. Sus hombres, cuyos sacos tienen cuellos de piel de gato; sus curas, que salen de una taberna; sus tascas seculares con vidrierines adornados con cromos toreros e interiores pavorosos de sombras con cortadas cabezas rizosas de toros heroicos, cuyo historial homicida está impreso en una chapa de bronce más abajo.

O tempo polvilhou a cidade de pequenas surpresas. As torres das igrejas têm os buracos dos campanários engradados por cestas de grossas barras de ferro; esses calabouços aéreos saindo das torres, dão a elas um aspecto singularíssimo.

Prédios altos penetram no céu com seus sótãos rústicos; as ruas molhadas de orvalho, parecem pavimentadas toscamente com pedra cor de casca de cebola, e os lampiões, com o braço preso ao muro, com sua caixa poligonal, contendo um bico de gás, com uma chama verde ardendo, nos situa no século passado. Torneiras de ferro fundido com cabeças de leões jubadas, ou fontes públicas com cisnes em cujas bocas mulheres de tamancos jogam o resto do café ou cachos de lampiões de gás suspensos como laranjas em um tronco de ferro oblíquo, desenham na manhã vaporosa, uma Madrid de romance inocente e comovedor. Homens, embrulhados em capas negras com punhos de veludo vermelho ou verde, colorem as ruas de romantismo envelhecido.

Insisto. O amanhecer de Madrid é sempre novo. Em torno dos lampiões, que as décadas oxidaram, armam seus cavaletes as vendedoras de torrones, as de castanhas, os negociantes de molduras de quadros, os vendedores de loteria... Como quem amanhece no deserto, os ambulantes acendem, no meio da rua, suas fogueiras e fogareiros, junto aos quais seus rebentos esquentam as mãos avermelhadas, e as chamas escarlates se refletem nas vitrines geométricas, amarelas, dos frascos de perfumes de uma casa de modas em frente. Em outra porta se amontoam vários engradados com garrafas de leite, e um menino de capa parda crava os dentes numa torta. E isso, meu Deus!, é a alegría de Madrid. Seus homens, cujos trajes têm colarinhos de pele de gato; seus padres, que saem de uma taberna; suas tascas seculares com vitrais adornados com imagens de touradas e interiores pavorosos de sombras com cabeças empalhadas de touros heroicos, que tem sua história homicida impressa numa chapa de bronze mais abaixo.

Y también son la alegría de Madrid estos teatros antiguos con murallas amarillas adornadas de medallones, cornudas cabezas de Apolos azafranados. Y también su alegría son las desembocaduras sorpresivas; por ejemplo, la que me acaeció en la Plazuela del Conde de Barajas, un rincón provinciano, con una plazuela de tierra color ceniza, árboles que dejan llover sus hojas secas, faroles oxidados, tejados con buhardillas enrejadas y viejas de medias arzobispales, con una jarra de leche para el desayuno y escoltadas por perras más minúsculas que ratones. Y la Plazuela del Conde de Barajas está a cien metros de la Puerta del Sol.

Y los melones del mercado, también se derraman por la calzada a cien metros de la Puerta del Sol.

Y a cien metros de la Puerta del Sol también se encuentra la torre donde estuvo prisionero el que llamaban el Rey Caballero, don Francisco I, y en torno de esta amorosa multitud de antiguallas adorables hallamos milenarias casas de inquilinato, con murallas panzudas, y ante sus ventanas hileras de ocho rejas que pudieran cerrar la cueva de un león, tan recias y disformes y bárbaras son ellas.

Y si se vuelve la cabeza, por encima de los techos, aspirando a tocar las estrellas, descubrimos la escalonada torre del Palacio de Correos que adorna babilónicamente la Gran Vía.

E também são a alegria de Madrid esses teatros antigos com muralhas amarelas adornadas de medalhões, cabeças chifrudas de Apolos cor-de-açafrão. E os achados inesperados também são sua alegria; por exemplo, o que tive na Praça do Conde de Barajas, um lugar provinciano, com uma pracinha de terra cinza, árvores que deixam chover suas folhas secas, lampiões oxidados, telhados com sótãos gradeados e velhas com meias de arcebispo, carregando uma jarra de leite para o café e escoltadas por cachorras menores que ratos. E a Praça do Conde de Barajas está a cem metros da Porta do Sol.

E os melões do mercado também se derramam pela rua a cem metros da Porta do Sol.

E a cem metros da Porta do Sol também se encontra a torre onde esteve preso aquele que chamavam o Rei Cavaleiro, Dom Francisco I[60], e em torno dessa multidão de adoráveis velharias achamos casas de inquilinato milenares, com muralhas pançudas, e na frente de suas janelas filas de oito grades que podiam prender um leão em sua cova, de tão grossas e disformes e bárbaras que são.

E se viramos a cabeça, por cima dos telhados, como quem quer tocar as estrelas, encontramos a torre escalonada do Palácio de Correios que adorna babilonicamente a Gran Vía.

[60] Francisco I da França (1494-1547) foi feito prisioneiro pelos espanhóis após ser derrotado na Batalha de Pavia.

**La alegría de Madrid. Tercera parte (*El Mundo*, 29 de enero de 1936).**

Madrid, lo dije en otra nota, es una ciudad sin fábricas y casi sin obreros. Su población está compuesta de una equívoca clase media, que vive gloriosamente de sus raídas pensiones y escasos sueldos y que detenta el crédito con éxito provinciano. Se calculan en 100 mil personas los funcionarios públicos, y en 30 mil los estudiantes. Estas cifras no involucran militares, eclesiásticos, periodistas, artistas, ni demimondaines. Prácticamente, ni el cinco por ciento de la población de Madrid produce lo que Carlos Marx denomina "plusvalía".

De allí que el chupatintas oficial, el burócrata al servicio de la República, es uno de los hombres, no más felices de España, sino del planeta. Comparado con su hermano el chupatintas porteño, el madrileño goza de los privilegios de un dios. Ignora el Terrible drama del funcionario argentino: la posibilidad de la cesantía.

Mientras que el burócrata porteño, el tinterillo de tercera categoría a cada cambio de "régimen" sufre las consecuencias de una expulsión violenta, el burócrata madrileño, nicotinizado, cafeinizado, pedante de políticas, glorioso de enjundias, ignora los riesgos de la cesantía y se permite no ya el lujo de hablar mal del gobierno, sino de conspirar. Y el gobierno no puede echarle a la calle.

Es evidente que nosotros los argentinos estamos, en cuanto a las instituciones civiles y sociales, a la misma altura que los africanos. Nuestro clásico político envilecido, matonesco, compadre, con polainas blancas y pantalón de fantasía, presionando sobre la inestabilidad del funcionario público se ha creado el correspondiente electorado mercenario, que es objeto de los más vivos comentarios en España. En la península no se concibe que un hombre milite en un partido traficando su voto por un empleo. La libertad del empleado público español es extraordinaria.

**A alegria de Madrid. Terceira parte (*El Mundo*, 29 de janeiro de 1936).**

Madrid, como eu disse em outra nota, é uma cidade sem fábricas e quase sem operários. Sua população é composta de uma enganosa classe média, que vive gloriosamente de suas aposentadorias corroídas e salários escassos e que detém crédito com êxito provinciano. Os funcionários públicos são estimados em cem mil pessoas, e os estudantes em trinta mil. Essas cifras não incluem militares, eclesiásticos, jornalistas, artistas, nem *demi-mondaines*[61]. Praticamente, nem cinco por cento da população de Madrid produz o que Karl Marx chama de "mais-valia".

Daí que o barnabé oficial, o burocrata a serviço da República, é um dos homens, não mais felizes da Espanha, mas do planeta. Comparado com seu irmão, o barnabé portenho, o madrilenho goza dos privilégios de um deus. Ignora o terrível drama do funcionário argentino: a possibilidade do desemprego.

Enquanto o burocrata portenho, o escrevente de terceira categoria, a cada mudança de "regime", sofre as consequências de uma expulsão violenta, o burocrata madrilenho, nicotinado, cafeinado, pedante de política, glorioso por essência, ignora os riscos do desemprego e se dá ao luxo não só de falar mal do governo, mas de conspirar. E o governo não pode mandá-lo para a rua.

É evidente que nós, argentinos, estamos, com relação às instituições civis e sociais, no mesmo ponto que os africanos. Nosso clássico político desprezível, truculento, paternalista, com polainas brancas e calça de fantasia pressiona sobre a instabilidade do funcionário público para criar seu correspondente eleitorado mercenário, que é objeto dos mais vivos comentários na Espanha. Na península, não se concebe que um homem apoie um partido trocando seu voto por um emprego. A liberdade do empregado público espanhol é extraordinária.

---

[61] *Demi-mondaine (fr.)*. Mulher que era sustentada por homens ricos.

Siendo Azaña funcionario del Ministerio de Justicia, firmó contra la dictadura de Primo de Rivera el famoso manifiesto revolucionario de diciembre de 1930. Como previamente había tomado la precaución de solicitar un mes de permiso, cuando fueran a detenerle a su casa no lo encontraron, y en la oficina no concurrió porque tenía permiso para faltar y debido a ello no pudieron exonerarlo de su cargo.

En España los cargos públicos se cubren por oposición. El candidato rinde examen ante mesas examinadoras compuestas de funcionarios públicos. Se controlan públicamente las clasificaciones. El candidato que obtiene la más alta puntuación ocupa la plaza. Una vez que ha ingresado en la repartición, es casi imposible expulsarle, salvo medien causas graves. Por supuesto no se entienden por causas graves las opiniones políticas y la semiconspiración.

El ascenso del empleado se hace siguiendo el más riguroso escalafón. Existe un tribunal de empleados destinado a interponer el recurso de apelación contra todo compañero cuyo ascenso se conceptúa injusto o consecuencia de favoritismo.

Semejantes leyes de defensa del funcionario público y que abarcan desde el ordenanza al jefe no negociado, crean una burocracia de aspecto próspero, feliz.

Consecuencias: desde el momento en que el aspirante a chupatintas ingresa en una repartición española, comienza a redondearse. Si era un hombre melancólico, deviene jovial; el irritable, se transforma en ecuánime.

El horario de las oficinas públicas de Madrid comprende un servicio continuado de las ocho de la mañana a las dos de la tarde, pero a las ocho de la mañana es imposible encontrar en una sola de las oficinas de España a un solo empleado. A las nueve, esquivos, se dejan ver los ordenanzas, a las diez aparecen los señores burócratas. De modo que prácticamente las oficinas públicas madrileñas funcionan de las diez de la mañana a las dos de la tarde. Funcionan con parsimonia, sin prisa, que la prisa es violencia y ningún madrileño tolerará que le hagan violencia en su propia oficina. Los mismos porteros atienden al público como dispensándole un favor. Gravemente. Con dignidad.

Quando Azaña[62] era funcionário do Ministério da Justiça, assinou o famoso manifesto revolucionário de dezembro de 1930 contra a ditadura de Primo de Rivera[63]. Como antes disso tomou a precaução de solicitar um mês de licença, quando foram prendê-lo em casa não o encontraram, e nem no escritório, porque tinha permissão para faltar e por isso não puderam exonerá-lo do seu cargo.

Na Espanha, os cargos públicos são preenchidos por concurso. O candidato faz provas corrigidas por bancas examinadoras compostas de funcionários públicos. As classificações são públicas. O candidato com a nota mais alta fica com a vaga. Depois que entra na repartição, é quase impossível ser expulso, a não ser por motivos graves. É claro que as opiniões políticas e a semiconspiração não são entendidas como motivos graves.

A progressão do empregado acontece de acordo com a mais rigorosa hierarquia. Existe uma junta de empregados para interpor recurso contra qualquer colega que progrida de forma injusta ou por favoritismo.

Esse tipo de leis de defesa do funcionário público, e que abarcam desde o rapaz de recados até o chefe concursado, criam uma burocracia de aspecto próspero, feliz.

Consequências: desde o momento em que o aspirante a barnabé entra numa repartição espanhola, começa a se arredondar. Se era um homem melancólico, fica jovial; o irritado se transforma em equilibrado.

O horário dos órgãos públicos de Madrid é contínuo, das oito da manhã até as duas da tarde, mas às oito é impossível encontrar um só empregado em uma só das repartições da Espanha. Às nove, esquivos, aparecem os rapazes de recado, às dez aparecem os senhores burocratas. De modo que praticamente as repartições públicas madrilenhas funcionam de dez da manhã às duas da tarde. Funcionam com parcimônia, sem pressa, pois a pressa é violência e nenhum madrilenho vai tolerar que lhe façam violência em sua própria repartição. Até os porteiros atendem ao público como se fizessem um favor. De forma séria. Com dignidade.

---

[62] Manuel Azaña Díaz (1880-1940), político espanhol. Colaborou para a instalação do regime republicano e, no mesmo ano em que Arlt escreve, 1936, se torna presidente.

[63] Miguel Primo de Rivera (1870-1930), a partir de um golpe de Estado, encabeçou uma ditadura (1923-1930) no governo espanhol durante o reinado de Alfonso XIII. Seu colapso colaborou para a instalação da II República, em 1931.

Un hombre que trabaja con menudísimo esfuerzo de las diez de la mañana a las dos de la tarde, lógicamente no puede ser enemigo del género humano. De allí la alegría de Madrid, la bulla de sus cafés, donde desde las cuatro de la tarde se instala el hombre que trabaja de las diez de la mañana a las dos de la tarde. Nuestro burócrata permanece en el café hasta las nueve de la noche. Seis horas de conversación de política, de faldas y en verano, de toros. De allí que casi todos los cafés vivan en Madrid de una clientela casi estable, y que el camarero conozca a todos sus parroquianos con nombre y apellido.

Se descuenta entonces que la existencia de la burocracia madrileña se deslice festivamente. El madrileño es hombre enemigo de aventuras físicas; prefiere las aventuras orales, y amando el café de su ciudad, no experimenta ninguna necesidad de ampliar el círculo de sus conocimientos geográficos, porque su vida está resuelta. Sabe que cada tantos años su sueldo será aumentado en determinada cantidad de pesetas, que se jubilará cuando tenga cincuenta o sesenta años, y que después que se jubile continuará concurriendo al mismo café.

Y esto en la ciudad con subterráneos, rascacielos, tranvías. Pero los rascacielos de la Gran Vía no han conseguido eliminar las capas con sus pintureras vueltas de terciopelo rojo o verde, ni el sombrero de ala plana. El madrileño, o mejor dicho, el español adorna su ciudad con rascacielos para que el extranjero no pueda reprocharle quietismo africano, pero en el fondo de su provinciana pereza ha descubierto que a la civilización se le pueden entresacar fórmulas para bien vivir. Y mientras el tal orden de cosas dure, Madrid será feliz.

Um homem que trabalha com pequeníssimo esforço das dez da manhã às duas da tarde, logicamente não pode ser inimigo do gênero humano. Daí a alegria de Madrid, a animação de seus cafés, onde o homem que trabalha das dez da manhã às duas da tarde se instala desde as quatro da tarde. Nosso burocrata permanece no café até as nove da noite. Seis horas de conversas sobre política, saias e, no verão, sobre touros. Daí que quase todos os cafés vivam de uma clientela quase estável em Madrid, e que o garçom conheça todos os fregueses pelo nome e sobrenome.

Então nem é preciso dizer que a existência da burocracia madrilenha se desliza festivamente. O madrilenho é inimigo de aventuras físicas; prefere as aventuras orais, e amando o café de sua cidade, não experimenta nenhuma necessidade de ampliar o círculo de seus conhecimentos geográficos, porque sua vida está resolvida. Sabe que a cada tantos anos seu salário vai aumentar determinada quantidade de pesetas, que vai se aposentar quando tiver cinquenta ou sessenta anos, e que depois que se aposente vai continuar indo ao mesmo café.

E isto numa cidade com metrô, arranha-céus, bondes. Mas os arranha-céus não conseguiram eliminar as capas com graciosos punhos de veludo vermelho ou verde, nem o chapéu de aba plana. O madrilenho, ou, melhor dizendo, o espanhol, enfeita sua cidade com arranha-céus para que o estrangeiro não possa acusá-lo da inércia africana, mas, no fundo de sua preguiça provinciana, ele descobriu que é possível pinçar da civilização fórmulas para viver bem. E enquanto essa ordem das coisas durar, Madrid será feliz.

**El color de Madrid. Primera parte (*El Mundo*, 30 de enero de 1936).**

En Madrid se experimenta la necesidad de revisar las causas que promueven en nosotros una inopinada alegría de vivir. ¿Son sus multitudes ruidosas, sus hermosas mujeres con la cabeza cubierta de un velo y contoneando las caderas, o sus castizos de rostro arrebozado en una capa parda, o sus vendedoras del gordo, injuriándose entre las muchedumbres que avanzan penosamente por las anchas aceras? No lo sé. Su alegría flota en el aire, hiere violentamente el olfato con ráfagas de pimienta, clavel y agua de olor, su color se mete por los ojos como si las manos de la multitud reventaran los pomos del pastel goyesco. Se sospecha que su alegría se desprende de las callejuelas torcidas, de los faroles sentimentalmente inclinados, de las hervorosas cuevas comerciales, tenebrosas en el pedestal de las casonas de fachadas de 6 pisos, con persianas de gruesas mirillas de madera que se carpinteaban en el siglo XVIII. Estos son comercios donde los patronos, para elegir la mercadería, en vez de exhibirla sobre el mostrador, os hace pasar tras de él, a empolvaros en las estanterías.

Que diré de las casas de fachadas de ladrillos rojos y artesonados aleros verdes. En los hierros de algunos balcones se resecan palmas, otras viviendas tienen las ventanas protegidas de extrañas rejas; rejas al nivel del muro hasta la mitad de su altura, desde allí, hacia arriba, desprenden un jaulón de barrotes de hierro, donde se espera ver arder la impaciente mirada de la Maja que aguarda la hora de la cita, para ir a posar desnuda ante su pintor. O son otras rejas con bisagras, que se abren a semejanza de puertas de presidio, y otras mudéjares, recargadas de florones y caracoles de forja. O arrebatan la mirada las altas portadas de tablas amarillas que forran los muros de los antiguos comercios, o son sus clínicas de pobres, con borrosísimos letreros donde se enumeran las consultas, con el muro alquitranado y las letras en blanco cinc, o son sus puestos de madera en los que empíricos farmacéuticos funden en calderos de cobre pastillas de malvavisco.

**O colorido de Madrid. Primeira parte (*El Mundo*, 30 de janeiro de 1936).**

Em Madrid se experimenta a necessidade de revisar as causas que promovem nas pessoas uma repentina alegria de viver. São suas multidões ruidosas, suas lindas mulheres com a cabeça coberta com um véu e balançando as cadeiras, ou seus homens típicos de rosto escondido em uma capa parda, ou suas vendedoras do Gordo[64], se xingando entre as multidões que avançam custosamente pelas largas calçadas? Não sei. Sua alegria flutua no ar, fere o olfato violentamente com rajadas de pimenta, cravo e água de cheiro, seu colorido se enfia por nossos olhos como se as mãos das multidões arrebentassem os estojos dos pastéis de Goya. Suspeita-se que sua alegria se desprende das ruazinhas retorcidas, dos lampiões inclinados sentimentalmente, dos fervorosos pontos comerciais, tenebrosos no pedestal dos edifícios de seis andares, com persianas de madeira com grossas vigias daquelas que se faziam no século XVIII. São comércios em que os donos, para apresentar a mercadoria, ao invés de mostrá-la no balcão, fazem os clientes passarem para dentro, e se encherem de pó nas estantes.

O que dizer das casas de fachadas de tijolos vermelhos e beirais verdes trabalhados. Palmas ressecam nos ferros de algumas sacadas, outras moradias têm as janelas protegidas por grades esquisitas; grades do nível do muro até a metade da sua altura, e a partir daí, até em cima, uma grande jaula de barras de ferro, onde se espera ver ardendo o olhar impaciente da Maja que espera a hora do encontro combinado, para posar nua para seu pintor[65]. Ou então outras grades com dobradiças, que se abrem parecendo portas de presídio, e outras em estilo mudéjar[66], carregada de florões e caracóis forjados. Ou arrebatam o olhar esses portais altos de tábuas amarelas que forram as paredes dos comércios antigos, ou suas clínicas para pobres, com letreiros borradíssimos onde se relacionam as consultas, com muro cor de alcatrão e letras cor de zinco, ou são as banquinhas de madeira em que farmacêuticos empíricos fundem pastilhas de malvavisco em caldeirões de cobre.

---

[64] Espécie de loteria nacional espanhola, cujos bilhetes vendidos nas ruas ou loterias participam de sorteios semanais. Há uma extração especial de alto valor em data próxima ao Natal, muito popular em todo o país.

[65] Referência a uma das mais célebres obras de Goya, "La maja desnuda" (cerca de 1790-1800). A tela, que forma par com "La maja vestida", encontra-se no Museu do Prado.

[66] Estilo artístico e arquitetônico de influência árabe, desenvolvido na península ibérica entre os séculos XII e XVI.

Dimana de este caos la alegría de Madrid. De sus letreros prodigiosos pintados en barnizadas planchas de madera, en los anuncios de sus tambos con vacas de cerámica en la portada, en la publicidad de sus hueverías con gallos de cristal negro y cola de cristal escarlata en la menguada vidrierita, o en la ocurrencia de sus empresas fúnebres económicas, con un atáud de niño suspendido por una soga sobre la puerta, o son sus adorables plazuelas muertas de frío, ovaladas como fuentes, recortadas por secantes de verjas verdes, redondas como platos, triangulares, paralelográmicas, con árboles de innumerables ramas obscuras, a través de cuyo tamiz penetran en el cielo las antiguas fachadas de siete pisos, enviseradas de ruidosas buhardillas?

Madrid es inagotable para los ojos de un pintor. En Madrid no se puede caminar de prisa. En Madrid es menester andar con paso de enfermo, con pensativo paso de hombre entusiasta, que aspira como un pulpo por sus ventosas la substancia preciosa de este ambiente teñido. Posiblemente el único que ha visto Madrid es Ramón Gómez de la Serna. Y es que la belleza de Madrid, la alegría de Madrid, consiste en el catálogo de sus matices. Suprimid los acordeones de sus ciegos, el ruido de sus bastones ferrados en las losas, la piedad de los transeúntes cogiéndoles de un brazo para hacerles cruzar a la otra vereda, y la ciudad desvanecerá entre los dedos del turista insensible o ciego.
Madrid castizo. Una vez son sus fuentes con mortecinas esculturas de piedra y blancas volutas de mármol. Madrid está recargado de motivos poéticos. Otras veces son rotondas de tristes faroles y acacias desnudadas de sus follajes por el invierno. Pero por donde se camina, la multitud como una inundación se derrama por las callejuelas, las travesías, los mercados. La mirada se pierde en los caserones de tejados anfructuosos, con buhardillas tuertas de un vidrio y una cortinilla verde arrollada en lo más alto de esta visera de tejas. También son conmovedores los segundos pisos pintados de chocolate, con publicidad del siglo pasado, picos de gas, ampollas, arañas.

Desse caos dimana suavemente a alegria de Madrid. Dos seus letreiros incríveis pintados em pranchas de madeira envernizadas, nos anúncios de armazéns com vacas de cerâmica na frente, na publicidade das suas lojas de ovos com galos negros de cristal e rabo de cristal vermelho na vitrinezinha mixuruca, ou nas suas funerárias baratas, com um caixão de criança suspenso por uma corda sobre a porta, ou são suas pracinhas adoráveis mortas de frio, ovaladas como fontes, recortadas por secantes de gradis verdes, redondas como pratos, triangulares, paralelogrâmicas, com árvores de ramas escuras inumeráveis, através de cuja malha penetram no céu as fachadas antigas de sete andares, enviseiradas com seus sótãos ruidosos?

Madrid é inesgotável para os olhos de um pintor. Em Madrid não se pode caminhar depressa. Em Madrid é necessário andar com passos de doente, com o passo pensativo de homem entusiasta, que aspira como um polvo por suas ventosas a substância preciosa do ambiente tingido. Possivelmente o único que enxerga Madrid é Ramón Gómez de la Serna[67]. E isso porque a beleza de Madrid, a alegria de Madrid, consiste no catálogo de seus tons. Suprimam os acordeões dos cegos, o ruído das suas bengalas nas lajotas, a piedade dos que passam tomando-lhes do braço para ajudar a atravessar a rua, e a cidade desvanecerá entre os dedos do turista insensível ou cego.

Madrid típica. Às vezes são as suas fontes com esculturas mortiças de pedra e volutas brancas de mármore. Madrid está carregada de motivos poéticos. Outras vezes são rotatórias de lampiões tristes e acácias despidas de suas folhagens pelo inverno. Mas por onde você anda, a multidão se derrama como uma inundação pelas ruazinhas, pelas travessas, pelos mercados. O olhar se perde entre os casarões de telhados sinuosos, com sótãos tortos de uma janela e uma cortina verde enrolada no lugar mais alto da viseira de telhas. Também são comovedores os segundos andares pintados de cor de chocolate, com propagandas do século passado, bicos de gás, luminárias, aranhas.

[67] Escritor e jornalista madrilenho (1888-1963), contemporâneo a Arlt. Nessa altura já havia produzido extensa obra de viés costumbrista.

De pronto bate una charanga, corren todos los rapaces, y se asiste al desfile de pistolos escarlatas con gorras de granaderos. Son los soldaditos que van a levantar la guardia al que fue el palacio del rey. Al frente de los pistolos un capitán jovial con la espada desnuda, observa de reojo el efecto que causa en el público.

Madrid puede enloquecer a un pintor. Hay en sus zaguanes, retablos de mosaicos amarillos con justas de caballeros azules ensartando lanzas; mientras se camina se descubre que la amplitud de ciertas calles varía de ancho en cada diez metros de extensión, se ensanchan, se estrechan, y el cruel pavimento de piedra se abomba, se hunde, y un cielo azul, con nubes de nieve, asoma encima de las abolladas canaletas de los desagües, y en el fondo de la calle se acumula la tristeza de un triple desplome de tres planos de tejado vinoso. Y por donde se pone el pie, mujeres y chicos y proletarios, una multitud que ríe, habla, chilla, pregona, discute, murmura, aborta canturreos, mientras que hieráticas, semejantes a ballenas verticales, empollando simétricamente entre sus cajones de cacahuetes, yacen ancianas monumentales con la cabeza empañolada, las espaldas acorazadas por un chal, y las piernas envueltas en colchas. Y si se sale de una calle siniestra se suele encontrar otra más tétrica aún, manzanas de casas de pobres, rejas, tiestos, ropas colgadas, baldes en los quicios de las ventanas, respiraderos alambrados en los sótanos, y en la extensión de estos cien metros de muralla aventanada, ni una sola puerta para entrar, y a la mitad de la cuadra, una taberna de altísima puerta, con vidrios empolvados tomados por juntas de bronce.

Juro que Madrid puede enloquecer a un pintor de talento.

De repente, se escuta uma charanga, os rapazes todos correm, e acontece o desfile de uniformes escarlates com gorros de granadeiros. São os soldadinhos que vão fazer a guarda do que era o palácio do rei. À frente dos milicos, um capitão jovial com a espada nua, observa de canto de olho o efeito que causa no público.

Madrid pode enlouquecer um pintor. Em seus saguões, há retábulos de mosaicos amarelos com justas de cavaleiros azuis enfiando suas lanças; enquanto se caminha é que se descobre que a largura de certas ruas varia a cada dez metros de extensão, se alargam, se estreitam, e o pavimento cruel de pedra fica cheio, afunda, e um céu azul, com nuvens de neve, assoma sobre as calhas amassadas, e no final da rua se acumula a tristeza de um desabamento triplo de três planos de telhado cor de vinho. E onde se põe o pé, mulheres e crianças e operários, uma multidão que ri, fala, berra, discute, murmura, engole canções, enquanto que sagradas, parecendo baleias verticais, empoleiradas simetricamente entre suas caixas de amendoins, jazem anciãs monumentais com a cabeça enrolada, as costas encouraçadas por um xale e as pernas envolvidas em cobertores. E se você sai de uma rua sinistra é normal encontrar outra mais tétrica ainda, quarteirões de casas de pobres, grades, vasos, roupas estendidas, baldes pendurados nas dobradiças das janelas, respiradouros alambrados nos porões, e na extensão desses cem metros de paredes ajaneladas nem uma só porta para entrar, e no meio da quadra, uma taberna de porta altíssima, com vidros empoeirados tomados por juntas de bronze.

Juro que Madrid pode enlouquecer um pintor de talento.

**El color de Madrid. Segunda parte (*El Mundo*, 31 de enero de 1936).**

¡Madrid a la luz del gas! ¡Oh! Emoción aterciopelada, nocturna estampa alambrada de verdosos fanales, románticas callejuelas del Madrid castizo, vestidas de teatral melancolía, con luz verdosa reflejada sobre las fachadas que parecen polvorientas bambalinas y la silueta negra de los brazos de los faroles, cuyos florones de hierro alargan en las lozas de las veredas las chinescas curvas de sus zigzags de hierro.

Luz del gas. En su mariposa fosforece un resplandor de zarzuela nocturna, cortejos de reyes de otros tiempos, Eduardo con su habano, Francisco José con sus patillas, la Gran Exposición de 1910, o también una luciérnaga de fiacre, que en el fondo de una calleja obscura luce su grabado en madera de novela de Javier de Montepín, el misterio de una comadrona que entra por una puerta falsa, el cromo de una zarzuela qué humedece los ojos en el Teatro Avenida de Buenos Aires, al madrileño hace veinte años ausente de España! ¡Oh, mi España, oh, mi Madrid!

O estos mecheros reflejándose en los vidrios de las ventanas por cónicos barrotes, o adentrando sus sábanas verdosas en los zaguanes anchurosos, iluminados por picos de gas, con artesonados cielorrasos de estucos, guarnecidos de franjas de amorcillos y burocraneos, y de cuyo centro se suspende una lámpara de vidrios esmerilados, cujas caras muestran guardas de transparentes florecillas. Allí arde el mechero. También allí se detiene largamente el forastero emocionado, embebiéndose de la anchura de estos portalones, claveteados con frutillas de bronce, y recios pasadores de hierro forjado y por llamadores cabezas de cisnes o lebreles de bronce.

He caminado largamente entre las sombras de estas calles del Madrid castizo que se llaman de Juanelo, Mesón de Paredes, calle de la Manzana, calle de la Esgrima, del Pez, de la Baraja. He caminado con pasos de voluptuosidad gozando pulgada por pulgada las fachadas de ladrillo, las rejas oxidadas a ras de suelo de la vereda, los lienzos de muro que dejan desprender un brazo transversal que con su mechero verdoso ilumina desde arriba un ventanillo con reja, a través de cuyos vidrios sin cortinas se ve un aparador con papeles floreados en los estantes.

**O colorido de Madrid. Segunda parte (*El Mundo*, 31 de janeiro de 1936).**

Madrid sob a luz do gás! Oh! Emoção aveludada, estampa noturna revestida de verdosos lampiões, românticas ruelas da típica Madrid, vestidas de teatral melancolia, com a luz verdosa refletida sobre as fachadas que parecem bastidores teatrais empoeirados e a silhueta negra dos braços dos lampiões, cujos florões de ferro alargam no piso das calçadas o teatro de sombras dos seus ziguezagues de ferro.

Luz do gás. Em sua lâmpada fosforesce um resplendor de zarzuela[68] noturna, cortejos de reis de outros tempos, Eduardo com seu havano, Francisco José com suas costeletas, a Grande Exposição de 1910, ou também um vagalume de carro de aluguel, que no final de uma ruela obscura reluz sua gravação em madeira de romance de Javier de Montepín[69], o mistério de uma parteira que entra por uma porta falsa, a imagem de uma zarzuela que, no Teatro Avenida de Buenos Aires, umedece os olhos do madrilenho há vinte anos ausente da Espanha! Ah, minha Espanha, ah, minha Madrid!

Ou então essas lanternas se refletindo nos vidros das janelas com grades cônicas ou adentrando seus lençóis verdosos nos espaçosos saguões, iluminados por bicos de gás, com forros de gesso artesanais, guarnecidos com bordas de cupidos e cabeças de boi, e de cujo centro pende uma lâmpada de vidros esmerilhados, cujas faces mostram guardas de florzinhas transparentes. Ali arde o mecheiro. Ali também se detém o forasteiro emocionado, se embebendo da amplidão desses portais, trabalhados com morangos de bronze, e robustos passadores de ferro fundido e cabeças de cisnes ou lebre de bronze como batedores.

Tenho caminhado muito entre as sombras dessas ruas da Madrid típica que se chamam de Juanelo, Mesón de Paredes, rua da Maçã, rua da Esgrima, do Peixe, do Baralho. Tenho caminhado com passos de volúpia gozando polegada por polegada as fachadas de tijolos, as grades oxidadas rente ao nível das calçadas, as paredes que deixam desprender um braço transversal, que, com sua lâmpada, ilumina de cima uma janelinha com grades, através de cujos vidros sem cortinas se vê um aparador com papeis floreados nas prateleiras.

---

[68] "Tipo de ópera-cômica de origem espanhola, que inclui passagens faladas, música e dança, com a apresentação de canções populares entre os atos."
[69] Xavier de Montepín (1823-1902), escritor popular francês.

¡Este Madrid antiguo, por la noche! Cada calleja se convierte en el pasaje de misterio. Las calzadas curvas, estrechas, encajonadas entre altas fachadas que de cincuenta en cincuenta metros plantan a diversa altura sobre la vereda, un poste de hierro oxidado con un farol de gas, son apasionantes. La luz triste proyecta en las piedras del pavimento la silueta de las armazones de hierro, las puertas siniestras, las casonas clausuradas, cuyas siluetas os entran en el alma como estas estampas del antiguo cine mudo, que cuando pequeños, adentraban en nuestros ojos, pavorosos tratantes de blancas castigando con látigo a una secuestrada, o fúnebres talleres de monederos falsos.

En estas horas de la noche, los grupos humanos que cruzan las bocacalles parecen amontonamientos de fantasmas; las fachadas son tan altas que sus puertas bajas resultan pavorosas, la luz del gas agrisa los muros, torna más nítidas de las fachadas de ladrillos los acanalamientos de las juntas. Embriagado por esta luz verdosa, el forastero acaba por perder la conciencia de su personalidad, se siente extraviado en un mundo semejante al del Greco (verde en gris), el alma se vacía de recuerdos. Por la hendidura de un postigo, sentado en el escritorio de un entenebrecido taller de ajuste, un viejo cobra la misma belleza que un cuadro del Ticiano, se ha convertido uno en el personaje teatral de una ciudad más teatral aun.

Esta transformación mágica de la ciudad nocturna, es obra de sus muertes y los faroles de gas, ahuecando en las profundidades largos paños de oscuridad verdosas, erizados de inciertos planos de caserones, en los que la mancha más inmediata del farol distante, difuma en el muro una claridad escénica. Tan extraordinariamente decorativo es el farol en el Madrid castizo.

Otras veces son racimos de faroles en el centro de una plazuela, en cuyos charcos de agua fontanera se alargan espectrales los mecheros del escaparate de la taberna frontera, de la cual entran y salen mujeres gordas con garrafas de vino. O con sus anchos portalones, donde uno adivina la Católica vida madrileña del siglo pasado, con los desbarajustes de Cuba y Filipinas, las abuelas hablando de novenas y los lacayos de calzón corto acompañando por el zaguán a las visitas con un candelabro en la mano.

Esta Madrid antiga, à noite! Cada beco se torna uma passagem de mistério. O calçamento curvo, estreito, encaixotado entre altas fachadas, no qual se planta de cinquenta em cinquenta metros, em diversas alturas sobre a calçada, um poste de ferro oxidado com um farol de gás, é apaixonante. A luz triste projeta nas pedras do pavimento a silhueta das armações de ferro, as portas sinistras, os casarões fechados, cujas silhuetas entram em suas almas como essas estampas do cinema mudo de antigamente, que adentravam em nossos olhos, quando éramos pequenos, pavorosos traficantes de pessoas castigando com chicote uma cativa, ou fúnebres oficinas de falsários.

A essas horas da noite, os grupos humanos que cruzam as esquinas parecem amontoados de fantasmas; as fachadas são tão altas que as suas portas baixas parecem pavorosas, a luz do gás acinzenta os muros, torna mais nítidas nas fachadas de tijolos as fissuras dos rejuntes. Embriagado por essa luz verdosa, o forasteiro acaba por perder a consciência de sua personalidade, se sente extraviado em um mundo semelhante ao de El Greco (verde no cinza), a alma se esvazia de lembranças. Pela abertura de uma portinhola, um velho adquire a mesma beleza que um quadro de Ticiano[70], se transforma em personagem teatral de uma cidade mais teatral ainda.

Esta transformação mágica da cidade noturna, é obra de suas mortes e dos lampiões de gás, escavando nas profundezas largos campos de escuridão verdosa, ouriçado de planos incertos de casarões, nos quais o foco mais imediato do farol distante, esfuma no muro uma claridade cênica. Tão extraordinariamente decorativo é o farol na Madrid mais típica.

Outras vezes são cachos de lampiões no centro de uma pracinha, em cujos charcos da água da fonte se alargam espectrais os mecheiros da vitrine da taberna em frente, da qual entram e saem mulheres gordas com garrafas de vinho. Ou com seus enormes portais de madeira de onde se adivinha a católica vida madrilenha do século passado, com as confusões de Cuba e Filipinas, as avós falando de novenas e os lacaios de calças curtas acompanhando pelo salão as visitas com um candelabro nas mãos.

[70] Ticiano (c.1480-1576), pintor expoente da escola veneziana do Renascimento.

¡Faroles de Madrid! Bajo los focos de gas, con las manos en los bolsillos de los tapados se pasean las pelanduscas en grupos de tres o cuatro, levantando la guardia de su oficio, el pelo suelto, ondulado sobre los hombros, las medias cortas y rojas. Charlas de vereda a vereda, sus siluetas se mueven en las altísimas puertas de los remendones, que muestran un zapato de gigante, colgado atrás de un vidrio polvoriento, otras se apoyan en los titánicos tableros, cierran los escaparates de tiendas, caminan, se restregan las manos y las calles empinadas, con las rejas protegidas de malla de alambre y los balcones de los cuartos pisos con tiestos e interiores pobremente iluminados y los hilos de agua que corren de las bocas de los grifos y las tiendas de vino con tinajones de tierra cocida de la altura de un nombre y decorados con árboles de tronco rojo y liebres verdes, y las callecitas con puertas tan bajas que levantando el brazo se toca el frontis y con comercios violentamente iluminados en sus interiores, y las esquinas decoradas de vendedoras de cacahuetes, plátanos y castaños, que tejen calceta... reconstruyen tan a la perfección el paisaje clásico del barrio bajo, que aun mirándolo con los ojos excesivamente abiertos, se cree que se sueña.

Camino lentamente a lo largo de veredas cuyas lozas estrechas y quebradas iluminan verdosos faroles de gas. Camino emocionado en la belleza de esta noche invernal, paladeando estrictamente cada sombra, gozando estrictamente cada ancho zaguán de puerta claveteada, con frutillas de bronce incrustadas en la madera y cabezas de cisnes o lebreles por llamadores, recios pasadores de hierro forjado y me creo el personaje teatral, de una ciudad más teatral aun.

Lampiões de Madrid! Sob os focos de gás, com as mãos nos bolsos dos abrigos passeiam as meretrizes em grupos de três ou quatro, honrando seu ofício, cabelo solto, ondulado sobre os ombros, as meias curtas e vermelhas. Conversas de uma calçada a outra, suas silhuetas se movem nas altíssimas portas dos remendeiros, que tem um sapato de gigante, pendurado atrás de um vidro empoeirado, outras se apoiam nos titânicos cartazes nas portas, fecham as vitrines de lojas, caminham, esfregam as mãos e as ruas empinadas, com as grades protegidas com arame, e as sacadas dos quartos andares com vasos e interiores pobremente iluminados e os fios d'água que correm da boca das torneiras e as lojas de vinho com potes de terra cozida da altura de um homem e decorados com árvores de tronco vermelho e lebres verdes, e as ruelas com portas tão baixas que levantando o braço se toca o frontão e com comércios violentamente iluminados nos seus interiores, e as esquinas decoradas de vendedoras de amendoins, bananas e castanhas, fazendo tricô... Reconstituem com tanta perfeição a paisagem clássica de um bairro baixo, que mesmo vendo com os olhos excessivamente abertos, parece que é um sonho.

Caminho lentamente ao largo de calçadas cujas lajotas estreitas e quebradas são iluminadas por lampiões de gás verdosos. Caminho emocionado na beleza dessa noite invernal, saboreando estritamente cada sombra, gozando estritamente cada largo saguão de porta trabalhada, com morangos de bronze incrustados na madeira e cabeças de cisnes ou lebres como batedores, robustos passadores de ferro forjado e me vejo como o personagem teatral, de uma cidade mais teatral ainda.

**El color de Madrid. Tercera parte (*El Mundo*, 1 de febrero de 1936).**

Madrid es apasionante. A medida que más uno se calienta la planta de los pies en sus callejuelas, mejor se le van echando encima de los ojos estos cromos barnizados por el tiempo. Y es que a medida que la mirada se torna más experta y amorosa, más y mejor cata las franjas de su viejo colorido, el pastel de sus estampas, la mohosa viruela de los cerrojos y aldabones, los agrietados cielorrasos de los zaguanes, la polvorienta jaula de las arañas de picos de gas, pero para ello es necesario caminar sus callejuelas, caminar las baldosas de sus aceras, detenerse extático a la sombra de sus fachadas de siete pisos. Y es necesario amar sus plazuelas, con altos árboles de ramazones peladas y faroles oxidados en un pañuelo de tierra entre portadas amarillas de antiguas imprentas y frentes de comercios del año 1830, enlucidos de quebrados azulejos dorados y celestes.

Madrid es una sinfonía de colores envejecidos. Ya es una callejuela cortando la calle Mayor o la castiza Fuencarral, una callejuela solitaria con un edificio colonial, ya es la fachada de una taberna, una portada de madera roja, con espejos laterales cuyo baño de mercurio se ha corrido, y soportando el frontis, dos prodigiosas sirenas de cola escamada, labradas en la madera pintada de sangre de toro. ¡Si uno se siente tentado a robarse la portada de la taberna!

O son las rejas de una peletería, rejas eficientes para clausurar un jaulón de fieras y abiertas de par en par.

Es menester caminarlo a Madrid. Caminarlo asiduamente, sin prisa, sin interés utilitario, con la parsimonia lenta de un enamorado voluptuoso que va examinando una por una las guedejas de la mujer querida. No se le conoce si no se le camina con sol y con lluvia, en la mañana sonrosada de velos de humedad, en la noche de terciopelo negro, palpitante de espectrales faroles verdes.

**O colorido de Madrid. Terceira Parte (*El Mundo*, 1º de fevereiro de 1936)[71].**

Madrid é apaixonante. Quanto mais você gasta a sola dos pés nas suas ruelas, mais vão se atirando na sua frente estas estampas envernizadas pelo tempo. É que à medida que o olhar fica mais experiente e amoroso, capta mais e melhor as franjas do seu velho colorido, o tom pastel das suas estampas, a varíola mofada dos ferrolhos e batedores de porta, os tetos cheios de rachaduras nos saguões, a jaula empoeirada das aranhas nos postes a gás, mas para isso é preciso caminhar nas suas ruelas, caminhar nas lajotas das suas calçadas, ficar parado à sombra de seus prédios de sete andares. E é preciso amar suas pracinhas, com árvores altas de galhos pelados e lampiões oxidados num pedacinho de terra entre fachadas amarelas de antigas tipografias e frentes de comércios de 1830, enfeitados de azulejos quebrados dourados e celestes.

Madrid é uma sinfonia de cores envelhecidas. Uma hora é uma ruazinha cortando a rua Mayor ou a típica Fuencarral, uma ruazinha solitária com um edifício colonial, outra hora é a fachada de uma taberna, um portal de madeira vermelha, com espelhos laterais já meio foscos, e segurando o frontão, duas prodigiosas sereias de rabo escamado, lavradas na madeira pintada de sangue de touro. Se você não fica tentado a roubar o portal da taberna!

Ou são as grades de uma loja de peles, grades suficientes para fechar uma jaulona de feras e abertas de duas em duas.

É necessário caminhar Madrid. Caminhá-la assiduamente, sem pressa, sem interesse utilitário, Com a parcimônia lenta de um apaixonado voluptuoso que vai examinando uma por uma as mechas despenteadas da mulher querida. Não se conhece Madrid sem caminhá-la com sol e com chuva, na manhã cor-de-rosa de véus de umidade, na noite de veludo negro, palpitante de lampiões verdes espectrais.

[71] Diferentemente das duas notas anteriores da série, *El Mundo* publicou esta crônica com o título "Del color de Madrid (3ª. Parte)". Buscando manter a caracterização do texto como pertencente a uma triologia, optamos por realizar a correção, do mesmo modo que Saítta em sua compilação (2000:44).

Así, hoy, bajo una llovizna de las tres de la tarde, me perdí allá por la calle del Pez, cuándo creía estar perfectamente orientado. Garuaba lentamente, y en la mojada tarde de este nublado sábado madrileño, los pórticos de las estrechas calles estaban clausurados, y las bocacalles también cerradas por inesperados muros abuhardillados con hileras de ventanas. ¡Estas ochavas inesperadas que siempre avanzan con sus tejados a decorar oblicuamente la calle! Y de pronto, en las tres de la tarde, a menos de mil metros de la Gran Vía, me encontré con una feria olvidada en el medio de la calle, olvidada con sus verduras y sus detritos, y sus balanzas, olvidada frente al mercado de San Antón, y la calleja era de Pelayo.

El antiguo mercado de San Antón mostraba por cornisa una hilera de arcos de ladrillo encalados y un farol de gas frente al pórtico. Sus entradas estaban cerradas por persianas de madera. En algunos puestos, sobre fardos de verdura, envueltos los pies en haces de virutas, dormían su siesta fatigadas verduleras.

Mas la callejuela, obstruida por las barricadas de sus solitarios puestos, hubiera carecido de color si aislados grupos de traficantes con blusones con cuello de conejo no le prestaran el imprescindible calor humano de la vigilancia discreta. Los rapaces, con sus guardapolvos de rayas verdes y negras, qué es el hábito de los menestrales, jugaban entre sí, mostrando pantalones con tremendos remiendos. Y yo murmuraba para mi interior:

"¿Dónde estás tú, Goya, maestro de la pintura fresca como una fuente de ensalada?"; yo me decía: "¿Qué aguardarán todos estos pintores de Madrid, que no perciben la tamaña hermosura de estas callejuelas, la maravillada luz de estos rincones y estas palanganas desfondadas, convertidas en braseros y estufas callejeras?"

Plazuela de San Antón, Mercado de San Antón. ¿Dónde se halla el poeta madrileño que cante con justa voz la belleza arcaica, rugosa, de esta ciudad caótica y antigua?

Assim, hoje, debaixo de um chuvisco das três da tarde, me perdi ali pela rua del Pez, quando achava que estava perfeitamente orientado. Garoava devagar, e na tarde molhada deste sábado madrilenho nublado, os pórticos das ruas estreitas estavam fechados, e as entradas das ruas também fechadas por inesperados muros em forma de mansarda[72] com janelas enfileiradas. Esses edifícios inesperados que sempre avançam com seus telhados enfeitando a rua em diagonal! Aí de repente, às três da tarde, a menos de mil metros da Gran Via, encontro uma feira esquecida no meio da rua, esquecida com suas verduras e seus detritos, e suas balanças, esquecida em frente ao mercado de San Antón[73], e a ruela era a de Pelayo.

O antigo mercado de San Antón tinha como cornija[74] uma fileira de arcos de tijolos pintados com cal e um farol de gás em frente à entrada. Suas entradas estavam fechadas por persianas de madeira. Em algumas barracas, sobre fardos de verdura, com os pés envolvidos em feixes de lascas de madeira, verdureiras fatigadas dormiam sua *siesta*.

Mas faltaria cor na ruela, fechada pelas barricadas das barracas solitárias, se grupos de vendedores isolados com blusões de gola de coelho não lhe emprestassem o imprescindível calor humano da vigilância discreta. Os rapazes, com seus sobretudos de listras verdes e negras, que é o traje dos operários, brincavam entre eles, mostrando as calças com remendos enormes um para o outro. E eu murmurava para mim mesmo:

"Cadê você, Goya, mestre da pintura fresca como uma tigela de salada?". Eu continuava: "o que todos esses pintores de Madrid estão esperando, que não percebem o tamanho da beleza dessas ruelas, a luz maravilhada desses recantos e essas bacias quebradas, transformadas em braseiros e estufas de rua?".

Pracinha de San Antón, Mercado de San Antón. Onde anda o poeta madrilenho que vai cantar com justiça a beleza arcaica, enrugada, dessa cidade caótica e antiga?

---

[72] Espécie de sótão formado por um desvão do telhado.
[73] O mercado mencionado por Arlt não é o mesmo da atualidade, pois o edifício original foi erguido em 1945. À época, tratava-se de um mercado a céu aberto, no mesmo local.
[74] Ornamento que arremata a parte superior de portas, fachadas ou paredes.

Y mientras caminaba llevaba cuenta de las balanzas y platillos de bronce abandonados en el cruel pavimento de la callejuela, a la sombra de fachadas de seis pisos y escuchaba los cacareos de las aves, quién sabe dónde enjauladas, y la calle de Pelayo, en las tres de la tarde, resultaba maravillosa con las vereduelas enporcadas de haces de pasto, cáscaras de naranjas, esfolladuras de berzas, tronchos de plátanos y completaban el cromo sus ancianas detenidas en los pórticos de madera de las buñolerías, o catando un jarro de leche caliente frente a sus puestos. Y también resultaba muy en su punto y delicioso por ingenua, una gran fogata de haces de paja ardiendo en la bocacalle, y las verduleras levantando las piernas para poner al alcance de las llamas sus alpargatas húmedas, y por momentos de la hoguera se escapaban tales torbellinos de humo, que las fachadas de las tiendas de comestibles desaparecían veladas por el humo azulado, y yo no creía estar en Madrid a menos de mil metros de la Puerta del Sol, sino en el Zoco Grande de Tánger, pero pronto me convencían que estaba en el Madrid castizo las fabriqueras qué pasaban soslayando los bultos de verduras, la cabellera ondulada y suelta sobre las espaldas, las caderas desgonzadas como si la chulería ancestral en un meneo de riñones les bajara a la grupa. Y yo, detenido, con mis paraguas colgando de un brazo bajo la garua, creía estar en la apasionada ciudad de un sueño, la ciudad que a pesar de contemplarla uno horas continuas le obliga a pensar:

"En cuanto deje de verla, creeré que he soñado."

E enquanto caminhava reparava nas balanças e pratos de bronze abandonados no pavimento cruel da ruela, à sombra de prédios de seis andares e escutava o cacarejo das aves, sabe-se lá de onde, e a rua de Pelayo, às três da tarde, era maravilhosa com as calçadas estreitas emporcalhadas de feixes de pasto, cascas de laranjas, couves despedaçadas, cachos de bananas e completavam a cena suas anciãs paradas nas portas de madeira das *buñolerías*[75], ou apanhando um jarro de leite quente em frente a suas barracas. Também parecia perfeita e ingenuamente deliciosa, uma grande fogueira de feixes de palha ardendo na entrada da rua, e as verdureiras levantando as pernas para colocar suas alpargatas úmidas ao alcance das chamas, e por momentos escapavam da fogueira uns redemoinhos de fumaça tão grandes, que as fachadas das lojas de comida desapareciam escondidas pela fumaça, e eu não acreditava que estava em Madrid a menos de mil metros da Porta do Sol, e sim no Zoco Grande de Tanger[76], mas logo era convencido de que estava na típica Madrid pelas operárias que passavam esguelhando os pacotes de verduras, a cabeleira ondulada e solta sobre as costas, as cadeiras desengonçadas como se a insolência ancestral de um balançado de quadris atacasse suas ancas. E eu, parado, com meu guarda-chuva pendurado num braço debaixo da garoa, pensava que estava na cidade apaixonada de um sonho, a cidade que mesmo que a gente passe horas a fio contemplando te obriga a pensar:

"Quando eu deixar de vê-la, vou achar que era um sonho."

[75] Padaria especializada em buñuelo, um pão doce semelhante ao sonho brasileiro.
[76] Mercado típico em Tanger, Marrocos, visitado por Arlt (*El Mundo*, 01/08/1935).

**El café, institución madrileña. Primera parte (*El Mundo*, 3 de febrero de 1936).**

Dificulto que en algún otro país del mundo haya alcanzado el café, la íntima suntuosidad que en Madrid asombra al viajero. En la capital de España, el café tiene las características de un adornado palco de ópera, destinado para el placer de escasos privilegiados. Sus asientos son divanes de peluche, sus muros están encristalados, o revestidos de repujados de cuero, o cubiertos de tapices, retablos, cristales. Sus parroquianos resultan sempiternos abonados a la misma mesa de la misma hora.

El café sudamericano carece de estilización. Cuando quieren hermosearle conceden la vastedad de un cuartel recargado de molduras doradas.

En cambio, en Madrid, el café ha sido instrumentado (permítaseme la frase) para halagar los sentidos de una burocracia erudita en el arte de permanecer inmóvil cuatro horas en el mismo paraje, y los ojos de mujeres que van a pasar íntegramente la tarde, en el rincón de estos saloncitos que cobran apariencias de bomboneras iluminadas de acuerdo a las más modernas técnicas de la fotometría actual.

Claro está que al escribir estas líneas no me refiero a los cafés-restaurantes de la Puerta del Sol, donde van paletos a merendar huevos fritos y en los que pulula un mundo trashumante de campesinos, viajantes catalanes y mocitas que se inician en la carrera que va de Pelayo a la Gran Vía.

No; el café al cual me refiero lo encontramos instalado en la calle Alcalá en la Gran Vía, y responde al nombre del Acuarium, Negresco, La Granja, Sahara, el Lido.

En algunos de ellos el refinamiento en lo que atañe a la selección de comodidades alcanza proporciones sibaríticas. En el Acuarium, por ejemplo, los asientos de la calle son mecedoras esterilladas. El feliz mortal que ocupa uno de estos sillones, en las noches de verano puede mecerse dulcemente, adormecerse. Todo el mundo respetará su sueño. Las mesas de la vereda están constantemente cubiertas de manteles. En el interior, las sillas, los paneles, han sido laqueados al rojo vivo. En los muros se han embutido vitrinas donde peces dorados viven una existencia funambulesca en torno de un surtidor de perlas verdes.

**O café, instituição madrilenha. Primeira parte (*El Mundo*, 3 de fevereiro de 1936).**

Acho difícil que em algum outro país do mundo o café tenha alcançado, a íntima suntuosidade que em Madrid que assombra o. Na capital da Espanha, o café tem as características de um adornado palco de ópera, destinado para o prazer de escassos privilegiados. Seus assentos são divãs de pelúcia, suas paredes estão cheias de cristais, ou revestida de couro trabalhado, ou cobertos de tapetes, retábulos, cristais. Seus frequentadores habituais são sempiternos abonados, na mesma mesa, à mesma hora.

O café sul-americano carece de estilização. Quando querem embelezá-lo enchem-no de molduras douradas em algum canto.

Ao contrário, em Madrid, o café foi instrumentado (permitam-me a frase) para afagar os sentidos de uma burocracia erudita na arte de permanecer parada quatro horas no mesmo lugar, e os olhos de mulheres que vão passar a tarde inteira num canto destes salõezinhos que tomam aparência de caixas de bombons iluminadas de acordo com as mais modernas técnicas da fotometria atual.

É claro que ao escrever estas linhas não me refiro aos cafés-restaurantes da Porta do Sol, onde caipiras comem ovos fritos e onde pulula um mundo nômade de camponeses, viajantes catalães e mocinhas que se iniciam na carreira que vai da rua de Pelayo até a Gran Via.

Não; o café a que me refiro está instalado na rua Alcalá, na Gran Via e responde pelo nome de Acuarium, Negresco, La Granja, Sahara, El Lido.

Em alguns deles o refinamento no que toca à seleção de comodidades alcança proporções sibaríticas. No Acuarium, por exemplo, os assentos da rua são cadeiras de balanço de vime. O feliz mortal que ocupa uma dessas cadeiras, nas noites de verão pode se balançar docemente, até dormir. Todo mundo vai respeitar seu sono. As mesas da calçada estão constantemente cobertas de mantas. No interior, as cadeiras, os painéis, foram laqueados em vermelho vivo. Nas paredes foram embutidas vitrines onde peixes dourados vivem uma existência funambulesca em torno de uma fonte de pérolas verdes.

El café El Cocodrilo ha sido decorado con frescos africanos por Bagaría. La Granja, revestida de losetas rojas con dibujos de negro de humo y quinqués de cobre, reproduce en su patio interior la fresca rusticidad del cortijo andaluz.

Dichos establecimientos son frecuentados por un público constante, dividido en constelaciones de amigos, conocidos o contertulios, que se reúnen cotidianamente en la misma mesa y a la misma hora. A ningún desconocido se le ocurre ocupar una de estas mesas, aun cuando esté vacía, pues sabe que pertenece a una tribu que no consentiría su expoliación. Fenómeno que explica los elevadísimos precios del café, que alcanzan a un peso argentino en el valor adquisitivo de nuestra moneda, y la actitud de un ciudadano que se estanca de tres a cuatro horas en una mesa.

El café pone de relieve además, una modalidad del madrileño. No sé quién ha dicho que no existe español que no guarde en sus alforjas una obra de teatro, escrita por él. Con el mismo criterio puede afirmarse que no existe madrileño que no se conceptúe un hablista o un charlista. Sistemáticamente en cada madrileño tenemos un señor que pontifica con el beneplácito de otros cuatro. El que pontifica cumple la noble misión de distraer a sus acompañantes y de gozar escuchándose a sí mismo. Por otra parte, entre los cuatro hay uno que aspira a reemplazar al charlista oficial siempre que este se ausente, ya que las jerarquías se respetan voluntariamente.

No hay personaje oficial que no concurra al café después que renunció a su cargo, a revelar intimidades de la vida gubernativa. Claro está que con esa preciosa discreción, que es la más indiscreta de las indiscreciones. En los cafés circulan las pruebas de los artículos que la censura no permite publicar; así he leído el de un político que ningún periódico publicó, después que el autor renunció al cargo de ministro. En los cafés se chismorrea constantemente de política.

El burócrata siempre inficionado de aspiraciones literarias y políticas no juzga completa su personalidad si carece de la dote del charlista, del hombre que cuenta cosas del otro tiempo, del tiempo de La Cierva, de Maura, de Romanones. En el fondo, el español es un romántico que se pirra por la teatralidad de los grandes gestos. La mesa del café le ofrece la posibilidad de un escenario adecuado. No se da el caso de un concurrente que

O café El Cocodrilo foi decorado com afrescos africanos por Bagaría[77]. La Granja, revestida de lajotas vermelhas com desenhos de fumaça negra e candeeiros de cobre, reproduz no seu pátio interior a rusticidade fresca das fazendas andaluzas.

Esses estabelecimentos são frequentados por um público constante, dividido em constelações de amigos, conhecidos ou companheiros de pilhéria, que se reúnem cotidianamente na mesma mesa e à mesma hora. Nenhum desconhecido nem pensa em ocupar uma dessas mesas, mesmo quando está vazia, pois sabe que pertence a uma tribo que não consentiria sua espoliação. Fenômeno que explica os elevadíssimos preços do café, que alcançam um peso argentino no valor aquisitivo da nossa moeda, e a atitude de um cidadão que se estanca de três a quatro horas numa mesa.

O café põe em destaque além do mais, uma modalidade do madrilenho. Não sei quem disse que não existe espanhol que não guarde em suas gavetas uma obra de teatro, escrita por si. Com o mesmo critério pode-se afirmar que não existe madrilenho que não se entenda como um orador ou um palestrante. Sistematicamente em cada madrilenho temos um senhor que pontifica com a anuência de outros quatro. O que pontifica cumpre a nobre missão de distrair seus acompanhantes e de se deleitar escutando a si mesmo. Por outro lado, entre os quatro haverá um que aspira a substituir o palestrante oficial assim que esse se ausente, já que as hierarquias são respeitadas voluntariamente.

Não há personagem oficial que não vá ao café depois de renunciar a seu cargo, para revelar intimidades da vida governativa. Claro que com essa preciosa discrição, que é a mais indiscreta das indiscrições. Nos cafés circulam os rascunhos dos artigos que a censura não deixa publicar; foi assim que li um político que nenhum jornal publicou, depois que o autor renunciou ao cargo de ministro. Nos cafés se fofoca constantemente de política.

O burocrata sempre infeccionado de aspirações literárias e políticas não considera que sua personalidade esteja completa se lhe falta o dote de palestrante, do homem que conta coisas de outro tempo, do tempo de La Cierva, de Maura, de Romanones[78]. No fundo, o espanhol é um romântico que é louco pela teatralidade dos grandes gestos. A mesa do café lhe oferece a possibilidade de um cenário adequado. Não acontece de

[77] Luis Bagaría (1882-1940), um dos principais ilustradores espanhóis da época.
[78] Tratam-se de políticos espanhóis da virada dos séculos XIX-XX.

cuando toma la palabra no sea pulido de expresión e ingenioso de juicio.

De la importancia del café en la formación cultural del país, da la medida estas palabras que le oí decir a un ex ministro de la primera república:

> En la España de antaño para ser un excelente diputado se necesitaba la dialéctica de un concurrente de casino. Todos los grandes ex ministros fueron ilustres conversadores de casino.

Café, casino, Parlamento, pocos matices diferencian estas instituciones queridas al hombre de café. Lo cierto es que en el casino y en el café, se observan más respetuosamente las reglas de convivencia social que en el Parlamento. Ningún extraño invade el rincón que habitualmente ocupan dos señoras y tres caballeros, o dos estudiantes y quince muchachos. Ningún concurrente se siente molesto porque un buen señor da voces en la cabecera de su mesa.

De hecho, el café ofrece más características de club que de establecimiento público. La concurrencia de mujeres jóvenes, honestas, semihonestas, que tejen, charlan, fuman y coquetean, transforman el café en un rincón de amorosa tibieza, donde no se puede menos de insertar esta reflexión: «Hombre, qué bien se está aquí».

Afuera en la calle sopla el viento, los proyectores de la Gran Vía iluminan los escalonados pisos de los rascacielos y en una callejuela iluminada por faroles de gas, entra un hombre embozado en su capa.

um frequentador quando toma a palavra não ser polido de expressão e engenhoso de juízo.

Estas palavras que escutei um ex-ministro da primeira República dizer, dão a medida da importância do café na formação cultural do país:

> Na Espanha de antigamente para ser um excelente deputado era necessário ter a dialética de um frequentador de cassino. Todos os grandes ex-ministros foram ilustres conversadores de cassino.

Café, cassino, Parlamento, poucos matizes diferenciam estas instituições queridas ao homem de café. O certo é que no casino e no café, se observam mais respeitosamente as regras de convivência social do que no Parlamento. Nenhum estranho invade o lugar que habitualmente ocupam duas senhoras e três cavalheiros, ou dois estudantes e quinze rapazes. Nenhum frequentador se sente mal porque um bom senhor berra na cabeceira de sua mesa.

De fato, o café possui mais características de clube que de estabelecimento público. A clientela de mulheres jovens, honestas, semi-honestas, que tecem, conversam, fumam e flertam, transformam o café num lugar de tepidez amorosa, onde no mínimo se pode refletir: “Homem, que bom estar aqui”.

Lá fora na rua o vento sopra, os projetores da Gran Via iluminam os apartamentos escalonados dos arranha-céus e numa ruazinha iluminada por lampiões de gás, entra um homem enrolado na sua capa.

**El café, institución madrileña. Segunda parte (*El Mundo*, 4 de febrero de 1936)**

Madrid es la ciudad de los extremos opuestos. A la vuelta de los rascacielos de la Gran Vía, encontramos callejuelas alumbradas a gas. Junto a los cafés de interiores que parecieran proyectados por un escenógrafo de Hollywood, con tubos de luz blanca en vastos lienzos de muro dulcemente gris y sillones de cuero con armaduras de acero cromado, hallamos el café antiguo, el café de la covachuelería y bohemia madrileña, porque en las capitales europeas el tercio de la bohemia cuenta aún con abundantes reclutas. En Madrid, la bohemia de garbanzuelos deshilachados, o sobretodo de sobrecuello de piel de conejo y el funcionario de bombín anacrónico y traje desmedrado, se refugian en el cafezuelo fementido, cueva oscura, enneblinada de humo de cigarros. Allí se malrespira un aire tan denso que se puede cortar con un cuchillo. Cuando se abren las puertas de estos antros, la atmósfera se aclara, luego el ambiente recobra la claridad agrisada por los vidrios esmerilados que velan el interior en las puertas de entrada.

Hallaréis estos cafés en la calle de la Angustia, en la calle de Carretas, en las glorietas de la Puerta del Sol, en las de Fuencarral, en los alrededores de la Moncloa, en la desolación proletaria de Cuatro Caminos, en las vecindades de la Plaza Mayor.

Estos antros se adornan algunas veces con dorados medallones de madera en las portadas pintadas de rojo; con cabezas de mujeres de cuyas orejas cuelgan cequíes con figuras de paganía, con nombres originarios de la geografía colonial. Entre los más famosos hállase el de Pombo, celebrado en nutridísimas páginas por Ramón Gómez de la Serna, el hombre que más meticulosamente en España ha mirado a Madrid. Un escritor, Pedro Répide, se titula a sí mismo cronista oficial de Madrid; pero a pesar de sus gruesos volúmenes, su significación es con respecto a Madrid tan inofensiva como la de nuestro Richard Lavalle lo fue a la historia argentina.

**O café, instituição madrilenha. Segunda parte (*El Mundo*, 4 de fevereiro de 1936)**

Madrid é a cidade dos opostos extremos. Em volta dos arranha-céus da Gran Via, encontramos ruelas iluminadas a gás. Junto aos cafés de interiores que parecem projetados por um cenógrafo de Hollywood, com luz branca fluorescente em largas paredes docemente cinzas e poltronas de couro com armaduras de aço cromado, achamos o café antigo, o café do baixo funcionalismo e boemia madrilenha, porque nas capitais europeias o terço da boemia ainda conta com abundantes recrutas. Em Madrid, a boemia de recursos mirrados, ou sobretudo de colarinho de pele de coelho e o funcionário de chapéu anacrônico e traje raquítico, se refugiam no cafezote fementido, buraco escuro, eneblinado de fumaça de cigarros. Ali se malrespira um ar tão denso que dá para cortar com uma faca. Quando se abrem as portas desses antros, a atmosfera se clareia, o ambiente logo recupera a claridade acinzentada através dos vidros esmerilhados que guardam o interior nas portas de entrada.

Vocês encontram esses cafés na rua da Angústia, na rua de Carretas, nos quiosques da Porta do Sol, nos da rua Fuencarral, nos arredores de Moncloa, na desolação proletária de Cuatro Caminos, nas vizinhanças da Plaza Mayor.

Esses antros às vezes se adornam com medalhões dourados de madeira nas portas pintadas de vermelho; com cabeças de mulheres de cujas orelhas jorram moedas de ouro com figuras pagãs, com nomes originários da geografia colonial. Entre os mais famosos está o Pombo, celebrado em nutridíssimas páginas por Ramón Gómez de la Serna, o homem na Espanha que mais meticulosamente tem observado Madrid . Um escritor, Pedro Répide, intitula a si mesmo como cronista oficial de Madrid; mas apesar de seus grossos volumes, sua importância para Madrid é tão inofensiva quanto a do nosso Richard Lavalle[79] para a história argentina.

[79] Provavelmente se trata de Enrique Richard Lavalle (1884-1934), cronista argentino que escreveu sobre temas históricos.

¡La cripta de Pombo! ¡O la caverna de Pombo! Imagínense ustedes un saloncito amarillo con plafón color de mostaza y panzudas columnas asirias, soportando los siete pisos de una casa de vecindad. Mirando al fondo, frente a cada una de las tres columnas, hay tres naves o tres cuevas, o tres criptas, con divanes de peluche gris floreado en negro. En la última cripta o nave de la izquierda, un horrendo óleo muestra a Ramón Gómez de la Serna disertando entre sus camaradas que se reúnen allí todos los sábados por la noche a despotricar sobre literatura. Mecheros de gas iluminan y se reflejan y multiplican en los espejos de marcos desdorados, y lo horroroso de estos muros es su leprosa hinchazón, el descascarillado de los bastoneaos dorados, que revelan el momificado fondo de yeso y masilla. En torno de los mármoles, viejas de pescuezos arrugados y mozas de cejas depiladas, frotan las mangas de sus tapados. Son vecinas del barrio, pensionistas, jubiladas, meretrices incipientes, que se pintan los labios o se peinan las crenchas o se cosen el forro del abrigo en un ambiente de desvencijada intimidad, con súbito crepitares de huevos que se fríen y vaharadas de chuletas al plato. Viejos funcionarios, calvos, pálidos como el sebo, casposos, treinta años de asiento en la butaca de la oficina y el café, codician sin asombro, mortecinamente, a sus jóvenes vecinas. También se encuentran jóvenes románticos, que van en busca del Amor (amor con A mayúscula) y se encuentran asimismo hombres que escriben interminables cuartillas en carpetas más negras y pringosas que los hules de los tricornios de la guardia civil.

En cambio, en la Puerta del Sol hallamos los cafés cuyas columnas doradas rematan en satánicas cabezas de luciferes de comedia, los paneles cargados de espejos, las gradas de las escaleras recargadas de espejos, y alternando con los espejos desazogados, estampas descomunales de Gracias clásicas, mujeronas de cabezas adornadas de laurel, la túnica arrollada hasta las rodillas. En la recargazón, el barroco desplazando los sarmientos de su vida hacia cada pulgada de espacio libre. Si se levanta la mirada al plafón, más espejos, más pasteles, más cornucopias derramando la botánica en redor. Los frisos no se han librado de este delirio decorativo. Por donde se fijan los ojos aparecen ánforas, trípodes humeantes, genios desnudos avanzando, tiesos, hacia patricios reclinados en triclinios, diosas más robustas que cargadoras desvanecidas ante cisnes descomunales; pavos reales entreabriendo el abanico de las colas, variolado de lentejas azules, oro y verde.

A cripta do Pombo! Ou a caverna do Pombo! Imaginem vocês um salãozinho amarelo com lustre cor de mostarda e pançudas colunas assírias, suportando os sete andares de um edifício. Olhando para dentro, em frente a cada uma das três colunas, há três naves ou três buracos, ou três criptas, com divãs de pelúcia cinza florida em preto. Na última cripta ou nave à esquerda, uma pintura a óleo horrível mostra Ramón Gómez de la Serna dissertando com seus camaradas que se reúnem ali todos os sábados à noite para bater boca sobre literatura. Bicos de gás iluminam e se refletem e multiplicam nos espelhos de partes desdouradas, e o horroroso dessas paredes é sua inchação leprosa, o descascado dos bastões dourados, que revelam o mumificado fundo de gesso e massa. Ao redor dos mármores, velhas de pescoços enrugados e moças de sobrancelhas depiladas, esfregam as mangas dos seus abrigos. São vizinhas do bairro, pensionistas, aposentadas, meretrizes incipientes, que pintam os lábios ou penteiam as cabeleiras ou costuram o forro de seus abrigos num ambiente de desconjuntada intimidade, com súbitos crepitares de ovos fritando e baforadas de chuletas assadas. Velhos funcionários, calvos, pálidos como sebo, caspentos, trinta anos de assento na cadeira da repartição e no café, cobiçam sem assombro, mortiçamente, suas jovens vizinhas. Também se encontram jovens românticos, que vão em busca do Amor (amor com A maiúsculo) e que apesar disso não passam de homens que escrevem intermináveis quartilhas em cadernos mais escuros e engordurados que a copa do chapéu de três pontas da guarda civil.

Por outro lado, na Porta do Sol encontramos os cafés cujas colunas douradas rematam em satânicas cabeças de lúciferes de comédia, as paredes carregadas de espelhos, as grades das escadas carregadas de espelhos, e alternando com os espelhos desavivados, estampas descomunais de Gracias clássicas, mulheronas de cabeças enfeitadas de louros, a túnica enrolada até os joelhos. Carregando mais, o barroco deslocando os ramos de videira de sua vida a cada polegada de espaço livre. Se levantamos o olhar para o lustre, mais espelhos, mais pastéis, mais cornucópias derramando botânica em volta. Os frisos não se livraram deste delírio decorativo. Onde se põem os olhos aparecem ânforas, trípodes fumegantes, gênios nus avançando, rijos, até os patrícios reclinados em triclínios, deusas mais robustas que estivadoras desvanecidas diante de cisnes descomunais; pavões reais entreabrindo o leque de suas caudas, variolado de lentilhas azuis, ouro e verde.

Acuden a estos cafés funcionarios de escasa remuneración, empleadas del Metro, viejas pensionistas del Ministerio de Correos, amojamadas viudas de oficiales de Filipinas y Cuba, usureras centenarias. Juegan a la baraja, al dominó. Los ladeos de terciopelo negro, atados al nervudo cuello recortan con su aro las herpes de polvo de arroz.

Es siempre la misma clientela, en los mismos rincones, a la misma hora. Cocotes de mirada dura y cruel, oxigenadas y hastiadas; republicanos que aspiran y dictan cátedra de estrategia revolucionaria; liberales que esquivan el juicio sobre la última crisis de gabinete; viejas que mueven las fichas de su dominó; ancianas que entreabren carteras gigantes, y como quien busca una aguja en un ropero, ellas buscan en el revoltijo sus cisnes o lápices. También son cónyuges tardíos, con una niña de siete años que apoya, pensativamente aburrida, el mentón en la manecita sonrosada y el codo en el mármol.

La presencia de un desconocido hace volver la cabeza a la gente de todas las tertulias; el camarero se os acerca con asombro y jovialidad; las mujeres os miran vivamente; las ancianas cuchichean o levantan sus catalejos. Habéis perturbado el ambiente encalmado, como una piedra la tersura de una melancólica charca.

Vão a esses cafés funcionários de remuneração escassa, empregadas do Metrô, velhas pensionistas do Ministério dos Correios, amoxamadas viúvas de oficiais das Guerras das Filipinas e Cuba, usureiras centenárias. Jogam baralho, dominó. Os lacinhos de veludo negro, atados ao pescoço nervudo escondem com seu aro as herpes de pó de arroz.

É sempre a mesma clientela, nos mesmos lugares, à mesma hora. Meretrizes de olhar duro e cruel, oxigenadas y entediadas; republicanos que aspiram e dão aula de estratégia revolucionária; liberais que se esquivam quanto à última crise do governo; velhas que mexem as pedras do dominó; anciãs que entreabrem carteiras gigantes, e como quem procura uma agulha num guarda-roupa, elas buscam na bagunça seus cisnes ou lápis. Também há cônjuges tardios, com uma menina de sete anos que apoia, pensativamente entediada, o queixo na mãozinha rosada e o cotovelo no mármore.

A presença de um desconhecido faz virar a cabeça das pessoas de todas as rodas; o garçom se aproxima de você com assombro e jovialidade; as mulheres o olham vivamente; as anciãs cochicham ou levantam seus óculos. Você perturbou o ambiente tranquilo, como uma pedra na placidez de um charco melancólico.

**Del puente de Segovia al Puente de Toledo (*El Mundo*, 5 de febrero de 1936).**

El Río Manzanares, no mucho más ancho que el antiguo arroyo Maldonado, traza en torno de Madrid, desde el puente de Segovia al puente de Toledo, un semicírculo de márgenes revestidas de cemento. En las orillas herbosas, las mujeres lavan ropas y los chicos juegan con balones.

Para ir hasta el puente de Segovia, se toma un camino selvático, llamados Cuesta de la Vega, que sigue a lo largo del Campo del Moro, enverjado de lanzas negras. El Campo del Moro es un bosque que pertenecía al parque del Palacio del Rey.

Un "pistolo" de pantalones escarlatas, levanta la guardia en el Campo del Moro, con el máuser cargado al hombro. Las sombras de los árboles se mueven en la verja, corre un viento que se ha enfriado en los nevados socavones del azulenco Guadarrama. Entre las redes de ramas secas se levanta la cremosa fachada del Palacio del Rey. El suelo que está sembrado de innumerables hojas secas, el silencio del bosque cruje en los oídos del paseante solitario, y sin embargo, estamos a doscientos metros de la calle Mayor.

En una esquina de la calle Del Moro se levanta la leñosa casa del guardabosque. Enfrente, calle de por medio, en una orilla diez metros bajo el nivel de la calzada, se levanta la iglesia de la Virgen del Puerto de Manzanares. El tiempo lo ha convertido la casa de oración en un inmenso inquilinato, de cuyas ventanas cuelgan numerosas piezas de ropas puestas a secar al sol. Estirando el brazo se podrían tocar los techines cónicos del templo, que parecen fabricados con tejas de madera carbonizada. Las campanas verdinosas, suspendidas de quebrados cruceros de madera, yacen en la última posición que las batió el último campanero.

Un lechero golpea en la puerta claveteada de la ex iglesia; dificultosamente se entorna una hoja y asoma una vieja con una garrafa. Este es el Madrid del extramuros. Muchos madrileños no lo conocen.

**Da ponte de Segóvia à Ponte de Toledo (*El Mundo*, 5 de fevereiro de 1936).**

O rio Manzanares, não muito mais largo que o antigo arroio Maldonado[80], traça em torno de Madrid, desde a ponte de Segóvia à ponte de Toledo, um semicírculo de margens revestidas de cimento. Nas margens cobertas de ervas, as mulheres lavam roupa e os meninos jogam bola.

Para ir até a ponte de Segóvia, se toma um caminho selvático, chamado Costa de la Veja, que segue ao largo do Campo del Moro, cercado de lanças negras.

Um "milico" de calças escarlates, levanta a guarda no Campo del Moro, com o máuser[81] carregado no ombro. As sombras das árvores se movem na grade, corre um vento que se esfriou nos nevados recôncavos da azulada Serra de Guadarrama. Entre as redes de galhos secos se levanta a cremosa fachada do Palácio Real. O chão está semeado de incontáveis folhas secas, o silêncio do bosque range nos ouvidos do passante solitário, e apesar disso tudo, estamos a duzentos metros da *calle* Mayor.

Numa esquina da rua del Moro se levanta a lenhosa casa do guarda-bosques. Em frente, passando a rua, numa margem dez metros abaixo do nível da pista, se levanta a igreja da Virgem do Porto de Manzanares. O tempo transformou a casa de oração em um imenso inquilinato, de cujas janelas se penduram numerosas peças de roupas a secar ao sol. Esticando o braço daria para tocar os coruchéus cônicos do templo, que parecem feitos com telhas de madeira carbonizada. Os sinos esverdeados, suspensos em cruzeiros quebrados de madeira, jazem na última posição em que o último sineiro os bateu.

Um leiteiro golpeia a porta trabalhada da ex-igreja; dificultosamente se empurra uma das portas e aparece uma velha com uma garrafa. Esta é a Madrid dos extramuros. Muitos madrilenhos não a conhecem.

---

[80] O arroio Maldonado cruza diversos bairros do oeste de Buenos Aires, e durante as décadas de 1920-30, passou por um processo de canalização, desaparecendo da paisagem.

[81] Refere-se à carabina utilizada pelos militares espanhóis na época e fabricada pela firma alemã de mesmo nome.

De pronto aparece el puente de Segovia con sus arcos romanos antiguos; los pretiles adornados de bolas de piedra, los contrafuertes enverdecidos de enredaderas. El Manzanares avanza entre dos pestañas de cemento, a lo largo de campos estrechos, con postes de soguerío de los que cuelga ropa recién lavada. Turbas de chiquillos juegan a la pelota. Entre ellos, sabiondas, se pasean chicas con libros entreabiertos. El sol sae dulcemente, más atrás del cementerio de San Isidro.

A quinientos metros del Puente de Segovia, a espaldas de la Estación del Norte, se levanta una hilera de cobertizos pertenecientes a menesterosos.

Lo más curioso es que de tanto en tanto se levanta, entre los árboles pelados, una acanalada columna griega con capitel jónico, cuyo aislamiento inexplicable en el ribazo que cerca el río, sorprende por su injustificación. Caserones de ladrillos, de uno solo piso y tejado, limitan separadamente el ribazo, y se cree caminar a lo largo de nuestro Riachuelo.

Sin embargo, el panorama se torna rápidamente español. Aparecen las primeras colinas verdes, con caminos achocolatados que serpentean entre las alturas; luego, en la cumbre de los altozanos, sombrías masas de muros de ladrillo: es el cementerio de San Isidro, con altos penachos de cipreses en el fondo azul de cielo invernal. Parecen hojas curvas de sables y puntas de lanzas. La distancia cóncava está erizada de cúpulas y torres que atrevidamente ascienden entre retículos de ramas, calzadas de caminos triunfales.

Al pie de los contrafuertes de tierra roja se dilatan caseríos sobre cuyos techos humean domésticas nubecillas azules.

El Manzanares se desliza rumoroso en su lecho de cemento y al final de la curva aparece el Puente de Toledo, arcos sobre masas de granito, y los dos extremos erizados de torrecillas. Se sube por la cuesta de San Isidro, taciturna, con sus faroles de vidrios rotos, sus curtiembres abandonadas, sus gatos rondando los tejados. Hay edificios reconstruidos o semiderruidos, con los tambores de maquinarias incompletas suspendidas en sus cojinetes entre dos murallas. El óxido cubre los hierros y se acuerda uno de las novelas de Baroja.

De repente, aparece a ponte de Segóvia com seus arcos romanos antigos; as muretas adornadas com bolas de pedra, os contrafortes enverdecidos com trepadeiras. O Manzanares avança entre duas pestanas de cimento, ao largo de campos estreitos, com varais de corda com roupa recém- lavada estendida. Bandos de moleques jogam bola. Entre eles, sabichonas, passeiam meninas com livros entreabertos. O sol sai docemente, mais atrás do cemitério de San Isidro.

A quinhentos metros da Ponte de Segóvia, às costas da Estação do Norte, se ergue uma fileira de barracas pertencentes a necessitados.

O mais curioso é que de quando em quando se levanta, entre as árvores peladas, uma acanalada coluna grega com capitel jónico, cujo isolamento inexplicável na parede de pedra que cerca o rio surpreende por sua injustificação. Casarões de tijolos, de um só andar e telhado, delimitam o barranco da ribeira, e dá para imaginar que caminho ao largo do nosso Riachuelo[82].

No entanto, o panorama se torna espanhol rapidamente. Aparecem as primeiras colinas verdes, com caminhos achocolatados que serpenteiam pelas alturas; logo, no topo dos morros, massas sombrias de muros de tijolos: é o cemitério de San Isidro, com altas cristas de ciprestes no fundo azul do céu invernal parecem folhas curvas de sabres e pontas de lanças. A distância côncava está ouriçada de cúpulas e torres que atrevidamente ascendem entre redes de ramos, pista de caminhos triunfais.

Ao pé dos contrafortes de terra roxa, dilatam-se casarios sobre cujos telhados fumegam nuvenzinhas domésticas azuis.

O Manzanares desliza rumoroso no seu leito de cimento e ao final da curva aparece a ponte de Toledo, arcos sobre massas de granito, e os dois extremos apinhados de torrezinhas. Subo pela costa de San Isidro, taciturna, com seus lampiões de vidros quebrados, seus curtumes abandonados, seus gatos rondando os telhados. Há edifícios reconstruídos ou semidestruídos, com seus tambores de maquinarias incompletas suspensas por seus rolamentos entre duas paredes. O óxido cobre os ferros e dá para lembrar dos romances de Baroja[83].

---

[82] Rio que delimita as regiões sul e sudeste da cidade de Buenos Aires.
[83] Pío Baroja (1872-1956), escritor espanhol.

El puente es estrecho. En redor los edificios se asemejan a los de nuestra época colonial. Dos torrecillas de piedra, rematadas por angelotes, adornan el puente. Se camina a lo largo de él y en la mitad del recorrido se vuelve a tropezar con dos hornacinas de piedra, escaroladas de relieves grises, escudos, cornucopias, florones, caracoles, un montículo simétrico en cuya curva central aparece una mujer blanca con un párvulo de la mano y enfrente un caballero de calzones cortos con una espada.

Al salir del puente, la calle se abre en un círculo bloqueado de estatuas de reyes antiguos. Las casas de muros desconchados y techos de tejas, con los árboles diezmados por el invierno, nos recuerdan los mapas del Buenos Aires del museo colonial. Al final de una calle ancha y recta, un arco de triunfo cierra las dos fachadas. Más allá se distingue la ciudad tumultuosa. Esta es la llamada Puerta de Toledo, qué media entre la entrada a Madrid y la carretera que conduce a la ciudad que le da nombre.

A ponte é estreita. Os edifícios ao redor parecem os de nossa época colonial. duas torrezinhas de pedra, rematadas por anjinhos, adornam a ponte. Caminhando-se por ela na metade do caminho se tropeça novamente em dois nichos de pedra, encaracolados de relevos cinza, escudos, cornucópias, florões, caracóis, um montinho simétrico em cuja curva central aparece uma mulher branca com menino pela mão e em frente um cavaleiro de calções curtos com uma espada.

Ao sair da ponte, a rua se abre num círculo bloqueado de estátuas de reis antigos. As casas de muros descascados e tetos de grades, com as arvores dizimadas pelo inverno, nos recordam os mapas  da Buenos Aires do museu colonial. Ao final de uma rua larga e reta, um arco do triunfo fecha as duas frentes. Mais adiante se distingue a cidade tumultuosa. Esta é a chamada Porta de Toledo, que medeia entre a entrada de Madrid e a estrada que conduz à cidade que lhe dá nome.

**El triunfo de las izquierdas (*El Mundo*, 26 de febrero de 1936).**

Cuándo estos artículos lleguen a Buenos Aires, con las diversas fotografías del acto electoral del domingo 16, en Madrid, las noticias del triunfo de las Izquierdas españolas serán meticulosamente conocidas en nuestra capital.

Y es que los resultados del escrutinio, el triunfo de las Izquierdas, constituye una sorpresa de la cual no aciertan a despegarse los actores de la misma. Se puede denominar a éste el éxito de lo invisible. ¡Qué sordamente ha llegado! Sin propaganda electoral casi, sin capitales, con la fuerza pública adversa. No terminan aún de comprenderlo ni los que han triunfado. La mitad de España permanece atónita a estas horas. Juzgábase inevitable el triunfo de la coalición de las Derechas. Apoyaban o constituían el bloque de las Derechas los partidos de la CEDA: Renovación, Tradicionalista, Agrarios, Independientes, Lliga, Radicales, Centro, Mauristas y Nacionalistas vascos.

Madrid, febrero 16 (Por avión). ¿Cómo ha podido imponerse la izquierda a estas poderosas fuerzas coaligadas? Es una pregunta a la cual no saben contestar ni los mismos dirigentes del bloque de Izquierdas. Con treinta mil dirigentes políticos encarcelados, la libertad de reunión coaccionada por la guardia civil en los pueblos, sin dinero para costear una propaganda que pudiera siquiera aproximarse a la de cualquier partido de Derechas, el fracaso de éstas ha caído como un rayo sobre la población madrileña. Provincias, regiones que auténticamente estaban con las Derechas, se les han escapado de entre las manos.

Prácticamente Madrid y el interior estaban empapelados por las Derechas. Gil Robles declaró que la CEDA había gastado 40 millones de pesetas en publicidad. Comparaba este esfuerzo al realizado por Hitler en Alemania. La organización de las Derechas, secundada por el clero, la mujer y el niño, desarrolló un esfuerzo sorprendente, a tal punto que llegaba a dudarse que existiera una organización de Izquierda que pudiera competir con esta organización aparentemente magnífica. Y digo aparentemente porque ahora se ha descubierto que los asistentes a los comedores populares, sostenidos por las Derechas, han votado en sus dos terceras partes a las Izquierdas.

**O triunfo da esquerda (*El Mundo*, 26 de fevereiro de 1936).**

Quando estes artigos chegarem a Buenos Aires, com as diversas fotografias do ato eleitoral do domingo 16, em Madrid, as notícias do triunfo da Esquerda espanhola serão conhecidas meticulosamente na nossa capital.

Isso porque o resultado da apuração, o triunfo da Esquerda, constitui uma surpresa da qual os seus próprios atores ainda não se recuperaram. Pode-se chamar ao que aconteceu de êxito do invisível. Chegou na surdina! Quase sem propaganda eleitoral, sem capital, com o poder público contrário. Nem os que triunfaram conseguem entender. Metade da Espanha permanece atônita a essa hora. Todos julgavam inevitável o triunfo da coalizão de Direita. Apoiavam ou constituíam o bloco de Direita os partidos da CEDA: Renovação, Tradicionalista, Agrários, Independentes, Lliga, Radicais, Centro, Mauristas e Nacionalistas vascos.

Madrid, 16 de fevereiro (Via aérea). Como a esquerda conseguiu se impor a estas poderosas forças coligadas? É uma pregunta que nem mesmo os dirigentes do bloco de Esquerda sabem responder. Com trinta mil dirigentes políticos encarcerados, a liberdade de reunião coagida pela guarda civil no interior, sem dinheiro para custear uma propaganda que ao menos se aproximasse da de qualquer partido de Direita, o fracasso destas últimas caiu como um raio sobre a população de Madrid. Províncias, regiões que estavam autenticamente com a Direita, lhe escaparam das mãos.

Praticamente Madrid e o interior estavam empapelados pela Direita. Gil Robles declarou que a CEDA havia gasto 40 milhões de pesetas em publicidade. Comparava este esforço ao realizado por Hitler na Alemanha. A organização de Direita, secundada pelo clero, mulheres e crianças, desenvolveu um esforço surpreendente, a tal ponto que se duvidava que existisse uma organização de Esquerda que pudesse competir com esta organização aparentemente magnífica. E digo aparentemente porque agora se descobriu que dos frequentadores dos restaurantes populares, sustentados pelas Direitas, dois terços votaram nas Esquerdas.

Los periodistas de izquierda abundaban en editoriales quejosos y pesimistas. ¿Ha sido táctica ésta? No lo sé, pero los mismos líderes transparentaban su pesimismo. En el mejor de los casos hubieran conceptuado como un amplio triunfo igualar en la Cámara a los diputados de las Derechas y Centro. El gobierno, creador del Partido del Centro, parecía que aseguraría en las Cortes un bloque neutro que le permitiría manejar a Izquierdas y Derechas.

Y súbitamente, cae el rayo. Triunfo de la Izquierdas. Mayoría de Izquierdas. La noticia fue tan sorprendente que ni los mismos de afiliados a los partidos de Izquierda las creían verosímiles en los primeros momentos.

Fueran los instantes de ansiedad más intensa que ha vivido el pueblo español. La primera noticia del triunfo de Izquierdas se tuvo en Madrid con respecto a Madrid. A las ocho de la noche, el secretario de la Gobernación, hablando por radio, declaro que las impresiones recibidas en conjunto desde las provincias permitían asegurar que las Derechas habían triunfado ampliamente. Fue un instante de parálisis en muchos corazones. A las diez de la noche el panorama político había cambiado totalmente. En Cataluña las fuerzas de Izquierda habían barrido literalmente a las Derechas, triunfando por 120.000 votos sobre éstas. Luego llegó la noticia del escrutinio realizado en Madrid: Izquierda había triunfado por 30.000 votos. Se organizaron manifestaciones que disolvían amablemente los guardias de asalto. Al Centro de la Izquierda Republicana era imposible llegar. A medida que se iban recibiendo los telegramas y telefonemas se sabía que, salvo en escasas provincias, el triunfo de la Izquierdas era arrollador. A la una y media de la madrugada, cruzando por la calle de Montera, frente al palacio de la Gobernación, pude ver las bocacalles tomadas por piquete de guardias de asalto con pistolas ametralladoras en la mano. Ignoraba que al día siguiente me encontraría en el tiroteo de la Moncloa.

Os jornalistas de esquerda produziam abundantes editoriais queixosos e pessimistas. Será que foi estratégia? Não sei, mas até os lideres transpareciam pessimismo. No melhor dos casos imaginavam como uma grande vitória igualar na Câmara o número de deputados de Direita e Centro. O governo, criador do Partido do Centro, parecia que asseguraria nas Cortes um bloco neutro que lhe permitiria conduzir a Esquerda e a Direita.

E de repente, cai o raio. Triunfo da Esquerda. Maioria da Esquerda. A notícia foi tão surpreendente que nem mesmo os filiados aos partidos de Esquerda achavam verossímil nos primeiros momentos.

Foram os instantes de ansiedade mais intensa que viveu o povo espanhol. A primeira noticia do triunfo da Esquerda foi em Madrid, dizendo respeito a Madrid. Às oito da noite, o secretario de Governo, falando por rádio, declarou que o conjunto das impressões recebidas das províncias permitia assegurar que a Direita havia triunfado amplamente. Foi um instante de paralisia em muitos corações. Às dez da noite o panorama político havia mudado totalmente. Na Catalunha as forças de Esquerda tinham varrido literalmente a Direita, triunfando por 120.000 votos sobre estas. Logo chegou a notícia da apuração realizada em Madrid: A Esquerda triunfou por 30.000 votos. Organizaram-se manifestações que os guardas de assalto[84] amavelmente dissolviam. Era impossível chegar ao Centro da Esquerda Republicana. À medida que se recebiam os telegramas e telefonemas se via que, salvo em algumas escassas províncias, a vitória da Esquerda era avassaladora. À uma e meia da madrugada, atravessando a rua de Montera, em frente ao palácio do Governo, pude ver as esquinas tomadas por guardas de assalto com metralhadoras em punho. Ignorava que no dia seguinte eu estaria no tiroteio de Moncloa.

[84] A chamada Guarda de Assalto foi um corpo policial espanhol criado em 1932, durante a Segunda República.

Quisiera poder explicar a mis lectores las razones de este triunfo. Ahora es tarde para hacerlo. Las Derechas lo atribuyen a las abstenciones; El Debate, al programa de amnistía; La Nación, diario de las Derechas, juzga severísimamente a Gil Robles, responsabilizándolo en pleno del fracaso. He aquí cómo califica al líder de la CEDA: "Después de oír al señor Gil Robles expusimos con toda claridad nuestro juicio: Si este muchacho engreído e inconsistente bisoño en la política consigue deslumbrar con su dinamismo juvenil a los elementos de las derechas, España irá al abismo... Las Derechas al señor Gil Robles todo lo que les pedía: la dirección, el mando, el dinero, las masas. Él ha preparado las elecciones como ha querido, ha formado candidaturas con inclusiones y exclusiones a su antojo, estableciendo combinaciones disparatadas todo a base de un impulso egolátrico, que culmina en su enorme cabeza que cubre la fachada de un edificio de la Puerta del Sol".

Queria poder explicar aos meus leitores as razões desse triunfo, mas agora é tarde. A Direita o atribuí às abstenções; El Debate, ao programa de anistia; La Nación, diário da Direita, julga severissimamente a Gil Robles, responsabilizando-o plenamente pelo fracasso. Eis aqui como qualifica o líder da CEDA: "Depois de ouvir o senhor Gil Robles expomos com toda claridade nosso juízo: Se este rapaz convencido e bisonho inconsciente em política consegue deslumbrar com seu dinamismo juvenil aos elementos de direita, a Espanha irá ao abismo... A Direita deu ao senhor Gil Robles tudo que ele pedia: a direção, o comando, o dinheiro, as massas. Ele preparou as eleições como quis, formou candidaturas com incluindo e excluindo como tinha vontade, estabelecendo combinações disparatadas tudo à base de um impulso egolátrico, que tem seu ponto alto em sua enorme cabeça que cobre a fachada de um edifício na Porta do Sol".

**En Madrid se vota bajo la lluvia (*El Mundo*, 27 de febrero de 1936).**

Madrid, febrero 17 (por avión). El día 15, sábado por la noche, el centro de Madrid, como después de las fiestas de carnaval, estaba literalmente alfombrado de boletos de propaganda electoral de Derechas. Jóvenes de la Falange Española, en la calle Alcalá, arrancado de los muros los carteles de las Izquierdas. El público miraba impasible; por momentos la gente se atorbellinaba, intervenía la guardia de Asalto y los espectadores continuaban caminando. En todas las aceras se tropezaba con comisiones de muchachas de Izquierda y Derecha que repartían volantes. En la Puerta del Sol, lucía un inmenso cartel, colocado por la CEDA dónde se veía la cabeza de Gil Robles y una mano señalando un ejército de bayonetas con esta leyenda: " estos son mis poderes".

Conversé con varios apoderados e interventores de colegios electorales. Me manifestaron que las versiones que se recibían de provincias eran desoladoras para los partidarios de las Izquierdas. En los cafés y casinos la gente conversaba animadamente, pero con ansiedad. De lo que no quedaba duda era que los más entendidos en cuestiones políticas no se aventuraban a exponer un juicio responsable.

— Estamos en presencia de un enigma— respondían.

A las tres de la madrugada, aún había gente conversando en grupos en la Puerta del Sol. La noche estaba estrellada y fría.

El domingo, día decisivo, amaneció lluvioso. A las nueve de la mañana salí a la calle y me sorprendió ver frente a los colegios electorales, no solo filas de hombres, signo de mujeres ancianas, con el paraguas abierto, esperando turno para ir a votar. En los alrededores de los colegios electorales, chicos bien vestidos se repartían boletas de Izquierda. Visite varios colegios de acompañado de un apoderado, y me sorprendió que las urnas donde se depositaban los votos fueran de cristal.

Más tarde, a las doce, concurrí a Izquierda Republicana. Me informaron que la elección marchaba normalmente en todo el país, y que no se habían producido sino escasos incidentes sin importancia.

**Em Madrid se vota na chuva (*El Mundo*, 27 de fevereiro de 1936).**

Madrid, 17 de fevereiro (via aérea). No dia 15, sábado à noite, o centro de Madrid, como acontece depois das festas de carnaval, estava literalmente forrado de propaganda eleitoral de Direita. Jovens da Falange Espanhola, na rua Alcalá, arrancavam dos muros os cartazes da Esquerda. O público olhava impassível; por momentos o povo se encrespava, a guarda de Assalto intervinha e os espectadores continuavam caminhando. Em todas as calçadas se tropeçava em comissões de moças de Esquerda e Direita que distribuíam panfletos. Na Porta do Sol, luzia um imenso cartaz, colocado pela CEDA onde se via a cabeça de Gil Robles e uma mão apontando um exército de baionetas com esta legenda: "Estes são meus poderes".

Conversei com vários representantes e interventores de colégios eleitorais. Me contaram que as versões que chegavam de províncias eram desoladoras para os partidários da Esquerda. Nos cafés e cassinos as pessoas conversavam animadamente, mas com ansiedade. O que não havia dúvidas é que nem os mais entendidos em questões politicas se aventuravam a expor uma opinião responsável.

— Estamos diante de enigma— respondiam.

À três da madrugada, ainda havia gente conversando em grupos na Porta do Sol. A noite estava estrelada e fria.

O domingo, dia decisivo, amanheceu chuvoso. Às nove da manhã saí para a rua e me surpreendi ao ver em frente aos colégios eleitorais, filas não só de homens, mas de mulheres anciãs, com o guarda-chuva aberto, esperando a vez de votar. Nos arredores dos colégios eleitorais, meninos bem-vestidos distribuíam panfletos da Esquerda. Visitei vários colégios, acompanhado de um representante de partido, e me surpreendi ao ver que as urnas onde se depositavam os votos eram de vidro.

Mais tarde, às doze horas, fui ao comitê da Esquerda Republicana. Me informaram que a eleição caminhava normalmente em todo o país, e que haviam acontecido apenas escassos incidentes sem importância.

La particularidad que saltaba a la vista, era el inmenso entusiasmo cívico. En el Madrid castizo, se tropezaba con grupos de muchachas saludando con el puño en alto. En un colegio en la calle Hortaleza, vi sacar a una anciana paralítica que había ido a votar. En otro colegio, el de la circunscripción del Hospital, pude tomar fotografías de varias monjas, que en la fila esperaban su turno para depositar su boleta de Derechas. Por momentos llovía, pero la gente no abandonaba las filas.

A las cinco de la tarde se clausuró el acto. Una muchedumbre insólita merodeaba por las calles de Madrid. En las peñas de los cafés se notaba la ausencia de caras conocidas. Hubo gente, tanto de Derechas como de Izquierdas, que partieron de Madrid a Galicia o Málaga para depositar su voto: un voto que les costaba un fatigoso viaje de catorce horas en tren. Nunca imaginé que el entusiasmo político alcanzará tal intensidad.

Al anochecer los cafés estaban concurridos como de costumbre, pero se observaba una depresión y ansiedad extraordinarias. En torno de cada mesa, había una rueda de hombres y mujeres silenciosos. Cada amigo que se acercaba a un grupo, hacía volver la cabeza a los otros que pedían noticias. En realidad, lo único que circulaban eran rumores sin fundamento: la gente permanecía en sus sillas, en la fatigada actitud de los que están velando un cadáver.

Alguien trajo la noticia exacta de que la CEDA tenía preparada una manifestación nocturna de antorchas, en caso que triunfara. A las ocho de la noche, el secretario de la Gobernación habló por radio, manifestando que las impresiones recibidas aseguraban el triunfo de las Derechas. No cabía sino esperar. Súbitamente se supo el triunfo de las Izquierdas en Cataluña, un poco más tarde, en Madrid; luego ya no hubo más informes. Fui a un cine para gastar tiempo; estaba repleto de gente que, como yo, trataba de distraerse para superar las angustias de la expectativa. A la una y cuarto, en las calles laterales a la Puerta del Sol, vi a una muchedumbre que corría a los costados de los faroles de gas. Guardias de asalto, a caballo, empujaban a la gente hacia las callejuelas laterales; muchos se abrazaban en medio de la calzada; Me detuve frente a un grupo de obreros y pregunté:

— ¿Qué hay?

—Pues qué va a haber —me contestaron bruscamente—: ¡Han triunfado las Izquierdas!

Seguí caminando por la calle de Alcalá; de pronto lo ví al terreno de la calle donde vivo y le dije:

O que saltava à vista mesmo, era o imenso entusiasmo cívico. Na Madrid tradicional, se tropeçava em grupos de moças fazendo saudação com o punho erguido. Num colégio na rua Hortaleza, vi quando carregavam uma anciã paralítica que havia ido votar. Em outro colégio, na circunscrição do Hospital, pude fotografar várias monjas, que esperavam na fila sua vez de depositar seu voto na Direita. Às vezes chovia, mas as pessoas não abandonavam as filas.

Às cinco da tarde se encerrou a votação. Uma multidão insólita vagava pelas ruas de Madrid. Nas rodas de amigos nos cafés se notava a ausência de caras conhecidas. Teve gente, tanto de Direita como de Esquerda, que viajou de Madrid para a Galícia ou Málaga para depositar seu voto: um voto que lhes custava uma fatigante viagem de catorze horas de trem. Nunca imaginei que o entusiasmo político pudesse alcançar tal intensidade.

Ao anoitecer os cafés estavam concorridos como de costume, mas se observava uma depressão e ansiedade extraordinárias. Em torno de cada mesa, havia una roda de homens e mulheres silenciosos. Cada amigo que se acercava a um grupo, fazia virar a cabeças dos outros a quem pedia noticias. Na verdade, só circulavam rumores sem fundamento: as pessoas permaneciam nas suas cadeiras, na fatigada atitude dos que estão velando um cadáver.

Alguém trouxe a notícia exata de que a CEDA tinha preparada uma manifestação noturna com tochas, caso vencesse. Às oito da noite, o secretário de Governo falou por rádio, manifestando que as impressões recebidas asseguravam o triunfo da Direita. Só se podia esperar. Subitamente se soube do triunfo da Esquerda na Catalunha, um pouco mais tarde, em Madrid; depois acabaram os informes. Fui ao cinema para gastar tempo; estava cheio de gente que, como eu, tentava se distrair para superar as angústias da expectativa. À uma e quinze, nas ruas laterais da Porta do Sol, vi uma multidão correndo ao lado dos postes de gás. Guardas de assalto, a cavalo, empurravam o povo para as ruelas laterais; muitos se abraçavam no meio da rua; parei em frente a um grupo de operários e perguntei:

– O que aconteceu?

– Pois o que aconteceu! – me responderam bruscamente: – A Esquerda ganhou!

Segui caminhando pela rua de Alcalá; logo vi o vigia da rua onde moro e falei:

— ¿Es cierto lo del triunfo de las Izquierdas?

El hombre levantó su lanza corta, y señalando el letrero a oscuras con la pintada y gigantesca cabeza de Gil Robles, me contestó:

— Sí las Derechas hubieran triunfado, a estas horas el letrero estaría iluminado y habría una procesión de antorchas en las calles.

Me fui a dormir.

– É verdade que a Esquerda ganhou?

O homem levantou sua lança curta, e apontando o letreiro apagado com a cabeça pintada e gigantesca de Gil Robles, me respondeu:

– Se a Direita tivesse ganhado, a esta hora o letreiro estaria iluminado e haveria uma procissão de tochas pelas ruas.

Fui dormir.

**Censura y estado de prevención (El Mundo, 28 de febrero de 1936).**

El lunes por la mañana Madrid parecía estar en estado de sitio. Se movilizaron 7.400 guardias de seguridad y 1.000 agentes de vigilancia. Frente al cuartel de guardias de asalto no se veían sino camiones repletos de tropa armada, que partían a ocupar distintos distritos de la ciudad. Desde algunos camiones los guardias de asalto saludaban al pueblo con el puño, al modo comunista. Se supone que por táctica y por apaciguar al pueblo.

Comisiones Obreras recorrían las fábricas y talleres, incitando a los trabajadores a lanzarse a la calle. Posteriormente me han informado que esas comisiones estaban organizadas por agentes provocadores, pues el Partido Socialista, por radio, pidió a las masas trabajadoras que se abstuvieran de participar en todo acto no organizado por el partido.

Frente a la Casa de la Gobernación, en la Puerta del Sol, la multitud formaba un torbellino constantemente disuelto por piquetes de la Guardia de Asalto Montada. En la Gran Vía me encontré con una compatriota, la señorita Lina Carandini, quién me dijo que se había organizado una manifestación pacífica para ir a saludar a los presos políticos encarcelados en la prisión de la Moncloa, y previniendo que ocurriera algo interesante, nos dirigimos hacia allá.

A medida que nos acercábamos a la Moncloa, se veía afluir multitudes por las calles laterales. Frente a la iglesia del Buen Suceso, en la calle de la Princesa, una muchedumbre se agolpaba ante la puerta cerrada; un guardia de asalto pálido como un muerto, pero sonriente, apartaba a la gente de la reja clausurada. Sorprendía la presencia de ánimo de aquel hombre, y allí no ocurrió nada.

Poco antes de llegar a la glorieta de la Moncloa el ómnibus tuvo que detenerse. Una larga fila de tranvías permanecía inmóvil. La multitud, en manifestación pacífica, afluía por los costados. Bajamos del ómnibus resueltos a mezclarnos con la multitud. Por el único lado que se podía andar era en el espacio comprendido entre las dos líneas de tranvía detenidos.

**Censura e estado de prevenção (*El Mundo*, 28 de fevereiro de 1936).**

Na segunda-feira de manhã Madrid parecia estar em estado de sitio. Foram mobilizados 7.400 policiais y 1.000 agentes de vigilância. Em frente ao quartel de Guardas de Assalto só se viam caminhões repletos de tropas armadas, que partiam para ocupar diversos distritos da cidade. De alguns caminhões os guardas saudavam o povo com o punho, à moda comunista. É de se supor que seja por tática, para apaziguar o povo.

Comissões operárias percorriam as fábricas e oficinas, incitado os trabalhadores a irem às ruas. Me informaram depois que essas comissões eram organizadas por agentes provocadores, pois o Partido Socialista, por rádio, pediu às massa trabalhadoras para não se envolverem em nenhum ato não organizado pelo partido.

Em frente ao Ministério do Interior, na Porta do Sol, a multidão formava um turbilhão constantemente desfeito por piquetes da Guarda de Assalto Montada. Na Gran Via encontrei uma compatriota, a senhorita Lina Carandini, que me disse que havia sido organizada uma manifestação pacífica para saudar os presos políticos detidos na prisão de Moncloa, e imaginando que aconteceria algo interessante, fomos até lá.

à medida que nos aproximávamos de Moncloa, se via afluírem multidões pelas ruas laterais. Em frente à igreja do Bom Sucesso, na Rua da Princesa, uma multidão se amontoava diante da porta fechada; um guarda de assalto pálido como um morto, mas sorridente, afastava o povo da grade fechada. A presença de ânimo daquele homem surpreendia, e ali não aconteceu nada.

Pouco antes de chegar à praça de Moncloa o ônibus teve que parar. Uma grande fila de bondes permanecia imóvel. A multidão, em manifestação pacífica, afluía pelas laterais das ruas. Descemos do ônibus decididos a nos misturar com a multidão. O único lugar onde se podia andar era o espaço entre as duas linhas de bondes parados.

Súbitamente la muchedumbre se arremolinó; vi producirse un claro en el cual se distinguía a la Guardia Civil amontonada, encañonando a la gente con sus carabinas. Mi acompañante y yo comprendimos que nos habíamos metido en un sitio peligroso. Retrocedimos y de pronto sonaran algunos chasquidos de pistola automática; se escucharon gritos terribles; echamos a correr; precipitando los al suelo delante de la plataforma de un tranvía, de modo que no pudieran herirnos las balas. Durante algunos segundos se escucharon descargas de fusilería; luego cerraron. Salimos de debajo del tranvía y nos dirigimos hacia los claros de la multitud. La guardia civil, a culatazos, introducía a la gente en el patio de una fábrica llamada Laurel de Baco. Era peligroso avanzar, y subimos a un tranvía. Desde la plataforma del motorman se podía distinguir lo ocurrido. En el suelo, un grupo de obreros rodeaba a un compañero caído; en otro automóvil; al punto cargaban a un nombre con el vientre desnudo y el costado ensangrentado; otros obreros llevaban en alto a un manifestante cuya garganta estaba cubierta de sangre. Más tarde supimos que todos los heridos lo habían sido por los disparos de la pistola de un teniente de guardias de asalto. Los guardias, en cambio, dispararon al aire, y la guardia civil, más dueña de sí misma, no efectuó disparos. De haber disparado los guardias de asalto a la masa la mortandad, hubiera sido mayor.

En el tranvía, una obra que llevaba una criatura en brazos sufrió un ataque de nervios; mi compañera, argentina, se encargó de atenderla.

En la glorieta de la calle Moncloa se veía junto a la calzada un bulto de pañoletas, zapatos y alpargatas abandonadas por la gente en el momento de la fuga.

Luego la manifestación se repuso; intentó avanzar, pero los cordones de guardias de asalto impidieron que la manifestación se reorganizara. Creo que pocos pueblos del mundo pueden alardear de un coraje semejante.

Se atribuyó a los manifestantes la intención de asaltar la cárcel de La Moncloa para poner en libertad a los presos políticos, pero no hubo tal intención. Frente a la puerta de la cárcel, aparte del destacamento de guardias de asalto, había dos tanques blindados con ametralladoras listas para funcionar. En fin, el balance de la trágica precipitación de un hombre ha sido dos muertos y dos heridos.

Por la tarde apareció el decreto del Consejo de Ministros, declarando el estado de prevención para la península y el de censura para los periódicos.

De repente a multidão se encrespou; vi se formar uma clareira onde se distinguia a Guarda Civil aglomerada, apontando para o povo com suas carabinas. Minha acompanhante e eu percebemos que tínhamos nos metido num lugar perigoso. Voltamos e logo soaram alguns estalos de pistola automática; dava para ouvir gritos terríveis; começamos a correr; nos atiramos no chão diante da plataforma de um bonde, para que as balas não pudessem nos atingir. Durante alguns segundos se ouviam descargas de fuzilaria; logo pararam. Saímos debaixo do bonde e fomos em direção aos vazios na multidão. A Guarda Civil, a coronhadas, introduzia as pessoas no pátio de uma fábrica chamada Laurel de Baco. Era perigoso avançar, e subimos num bonde. Da plataforma do condutor pudemos distinguir o que tinha acontecido. No chão, um grupo de operários rodeava um companheiro caído; em outro carro, carregavam para ali um homem sem camisa e com as costas ensanguentadas; outros operários amparavam um manifestante cuja garganta estava coberta de sangue. Mais tarde soubemos que todos foram feridos pelos disparos da pistola de um tenente da Guarda de Assalto. Os guardas, ao contrário, dispararam para cima, e a Guarda Civil, mais dona de si mesma, não efetuou disparos. Se os Guardas de Assalto tivessem disparado em direção à massa, a matança teria sido maior.

No bonde, uma operária que carregava uma criança nos braços sofreu um ataque de nervos; minha companheira, argentina, se encarregou de atendê-la.

Na rotatória da rua Moncloa se via um grande volume de xales, sapatos e sandálias abandonados pelo povo no momento da fuga.

A manifestação logo se recompôs; tentou avançar, mas os cordões dos Guardas de Assalto a impediram. Creio que poucos povos no mundo podem alardear semelhante coragem.

Atribuiu-se aos manifestantes a intenção de invadir a prisão de Moncloa para libertar os presos políticos, mas não houve essa intenção. Em frente à porta da prisão, além do destacamento de Guardas de Assalto, havia dois tanques blindados com metralhadoras prontas para funcionar. Ao final, o balanço da trágica precipitação de um homem foi de dois mortos e dois feridos.

À tarde surgiu o decreto do Conselho de Ministros, declarando o estado de prevenção na península y o de censura para os jornais.

**Los barrios solitarios y el miedo (El Mundo, 29 de febrero de 1936).**

La campaña electoral de las Derechas extremó en sus avisos murales y en los sueltos de sus periódicos, a tal grado, el terror de las Derechas a un posible gobierno de Izquierdas que el triunfo del Bloque Popular ha sumido en el pánico a los sectores más incultos de la pequeña burguesía. Muchos han comenzado a fugar de España. ABC, periódico monárquico, en un recuadro de día 16 escribe: " los que huyen de España en estos momentos son unos cobardes y unos traidores que no merecen llevar el nombre de españoles. Ahora más que nunca, con serenidad y entereza ante el dolor de España que es el dolor de sus hijos, hay que levantar el ánimo y poner por encima de todos estos afanes de la hora crítica, el amor a la Patria, a la Patria que no es un episodio de una eventualidad, ni un azar, sino toda la tradición y la esperanza".

Antes de las elecciones en casi todos los muros de Madrid se veía un letrero de Derechas que representaba una madre aterrorizada, con un párvulo en los brazos sustrayéndolo al posible ataque del Herodes de la Izquierda. Abajo una leyenda: " Madres, por vuestros hijos, votad a las Derechas".

De manera que son numerosos los burgueses que por culpa de sus propios periódicos, temen que las Izquierdas se coman crudos los frutos de sus entrañas.

En la pensión dónde vivo, y este espectáculo se da en todas las casas de la pequeña burguesía madrileña, pueden anotarse las más diferentes expresiones de la desesperación. Se discute hasta altas horas de la noche; los que tienen ahorros, acciones, valores, con los ojos desencajados gritan su terror a otros que les escuchan entenebrecidos; muchos aseguran que ahora se inicia la sovietización de España. Sobre Gil Robles, hasta ayer y dolor de las muchedumbres de Derecha, ruedan las más injustas inculpaciones. Las criadas de la pensión saludan a los dos o tres pensionistas de izquierda con el puño en alto; el dueño de la pensión exclama a cada instante a quien quiere oírle:

— ¡Que no haya un general que dé un golpe de Estado! ¿Qué hacen los militares?

**Os bairros solitários e o medo (*El Mundo*, 29 de fevereiro de 1936).**

A campanha eleitoral da Direita extremou nos seus cartazes e propagandas nos jornais, a tal ponto, o terror da Direita de haver um possível governo de Esquerda que o triunfo do Bloco Popular sumiu no meio do pânico nos setores mais incultos da pequena burguesia. Muitos começaram a fugir da Espanha. O *ABC*, jornal a favor da monarquia, escreveu num quadro no dia 16: "os que fogem da Espanha nestes momentos são uns covardes e traidores que não merecem levar o nome de espanhóis. Agora mais que nunca, com serenidade e integridade frente à dor da Espanha que é a dor dos seus filhos, é necessário levantar o ânimo e colocar acima de todas as preocupações da hora crítica, o amor à Pátria, à Pátria que não é um episódio de uma eventualidade, nem um acaso, mas sim toda a tradição e a esperança".

Antes das eleições em quase todos os muros de Madrid havia um cartaz da Direita que representava uma mãe aterrorizada, com um bebê nos braços protegendo-o de um possível ataque do Herodes da Esquerda. Abaixo uma legenda: “Mães, por seus filhos, votem na Direita".

De modo que são numerosos os burgueses que por culpa de seus próprios jornais, temem que a Esquerda coma crus os frutos de suas entranhas.

Na pensão onde moro, e esse espetáculo acontece em todas as casas da pequena burguesia madrilenha, podem se observar as mais diferentes expressões de desespero. Discutem até altas horas da noite; os que têm economias, ações, valores, como os olhos fora das órbitas gritam seu terror aos outros que lhes escutam entenebrecidos; muitos asseguram que agora se inicia a sovietização da Espanha. Sobre Gil Robles, até ontem ídolo das multidões de Direita, rondam as mais injustas acusações. As empregadas da pensão saúdam aos dois ou três pensionistas de esquerda com o punho em alto; o dono da pensão exclama a cada instante a quem quiser escutar:

– Como não aparece um general que dê um golpe de Estado! Cadê os militares?

Algunos, por efecto del triunfo de Izquierda, permanecen como idiotizados; el futuro de sus valores les aterroriza. Otros tratan de explicar la derrota sufrida por la alianza de los monárquicos con la CEDA. Surge en estos momentos las explicaciones más inverosímiles. A las dos de la madrugada, en el recibimiento de las pensiones hay luz encendida y gente que discute en voz alta, entre círculo de ancianas que suspiran y caballeros aplazados en sus poltronas. Uno no sabe si reírse o compadecer a esta gente, por las enormidades que dicen. El mismo espectáculo se puede apreciar en los clubs y casinos de Madrid. Tras de las vidrieras de la calle Alcalá, entorno de oscuras mesas se ven círculos de señores que hablan con expresiones que se adivinan terribles o que callan con las calvas congestionadas.

Los periódicos de Derechas han sembrado tal tempestad de terror hacia la Izquierda, que ahora se recogen las consecuencias. Sin exagerar, hay mucha gente que se extraña de que no hayan ido a buscarles para cortarles la cabeza. Tal ha sido la campaña de mentiras con que se ha envenenado al electorado.

He recorrido los barrios aristocráticos de Madrid, la calle Goya, Velázquez; a las nueve de la noche se tiene la sensación de recorrer una ciudad desierta. Los balcones están con las persianas cerradas, escasos grupos de criados conversan en voz baja frente a las casas de sus amos; ante el edificio de Acción Popular, donde ayer hacían largas colas los que llevaban su donativo a la Derechas, hoy únicamente se detienen curioso que van a espiar el aspecto que ofrece el caserón, el cual con algunas ventanas iluminadas y tres focos mortecinos en la fachada, ofrece el aspecto de un ataúd. Guardias de asalto lo custodian.

De tanto en tanto, en algún hotel aristocrático se ven criados que salen y cargan maletas en los automóviles; las plateas de los cines y de los teatros están semivacías; El Triunfo del bloque de Izquierdas ha sido un golpe tan terrible que en Madrid, donde antes del 17 a cada paso que se daba se encontraban sacerdotes, ya no se ve ni uno, sino de tarde en tarde. A este propósito me han informado que las comunidades de los conventos han abandonado los edificios para alojarse en casas particulares, para evitar represalias en masa en caso que se produjeran.

He visitado también la barriada proletaria de Cuatro Caminos. Se tropieza con grupos de obreras, que con botones rojos al pecho, saludan con el puño en alto.

Alguns, por conta da vitória da Esquerda, permanecem como idiotizados; o futuro de seus bens os aterroriza. Outros tratam de explicar a derrota sofrida por causa da aliança dos monárquicos com a CEDA. Nesses momentos surgem as explicações mais inverossímeis. Às duas da madrugada, na sala de estar das pensões há luz acesa e gente discutindo em voz alta, num círculo de anciãs que suspiram e cavalheiros socados em suas poltronas. Você não sabe se ri ou se compadece desta gente, pelas coisas que dizem. Pode-se apreciar o mesmo espetáculo nos clubes e cassinos de Madrid. Atrás das vitrines da rua Alcalá, em torno de mesas escuras se veem círculos de senhores que falam com expressões que parecem terríveis ou que se calam com as carecas congestionadas.

Os diários de Direita semearam tal tempestade de terror contra a Esquerda, que agora se colhem as consequências. Sem exagerar, tem muita gente estranhando que ainda não tenham ido lhes buscar e cortar a cabeça. Tal foi a campanha de mentiras com que se envenenou o eleitorado.

Percorri os bairros aristocráticos de Madrid, a rua Goya, Velázquez; às nove da noite a sensação é a de percorrer uma cidade deserta. As sacadas estão com as persianas fechadas, escassos grupos de criados conversam em voz baixa em frente às casas de seus patrões; diante do edifício da Ação Popular, onde ontem havia grandes filas de pessoas levando seus donativos para a Direita, hoje só se detém curiosos que vão espiar como está o casarão, que com algumas janelas iluminadas e três luzinhas fracas na fachada, mostra o aspecto de um ataúde. Guardas de assalto fazem a custódia do edifício.

De vez em quando, em algum hotel aristocrático vemos criados que saem carregando maletas até os automóveis; as plateias dos cinemas e dos teatros estão semivazias; a vitória do bloco de Esquerda foi um golpe tão terrível que em Madrid, onde antes do dia 17 a cada passo que se dava se encontravam sacerdotes, já não se vê nenhum, só de quando em quando. A este propósito me informaram que as comunidades dos conventos abandonaram seus edifícios para se alojar em casas particulares, para evitar represálias em massa caso acontecessem.

Visitei também o bairro operário de Cuatro Caminos. Lá se tropeça em grupos de obreiras, que com adesivos vermelhos no peito, saúdam com o punho em alto.

**Habla un político de la Izquierda (El Mundo, 1 de marzo de 1936).**

He conversado con un político de la Izquierda Republicana, quién me ha hecho estas breves declaraciones:

—Las primeras medidas de gobierno que tomaron las Izquierdas al asumir el poder fueran poner en vigor la Constitución cuyo espíritu había sido desvirtuado por el incumplimiento del bienio de Derechas; derogar las leyes francamente anticonstitucionales: por ejemplo, la reforma agraria, la ley de subsidios al clero, la supresión de las leyes de términos municipales que prohíben el trasiego de los trabajadores de una región a otra. Y finalmente el bloque procederá a aprobar aquellas leyes secundarias constitucionales que pongan en práctica el verdadero espíritu de la revolución, cuyo enunciado es el artículo primero de la Constitución: "España es una república de trabajadores".

"El bloque de derechas puede intentar obstruir nuestra labor, pero el de reglamento de la Cámara tienes disposiciones suficientemente claras para impedir una obstrucción sistemática, que se conoce en la práctica con el nombre de "guillotina". En cuanto a la obstrucción en la calle es imposible: el gobierno tiene una autoridad moral indiscutible.

— *¿Qué actitud observará la Derecha?*

— Va a buscar de procurar simpatías con la Izquierda, para que toda acción política se acondicione al carácter burgués (liberal demócrata).

— *-¿Cumplirán la Izquierdas el pacto o lo rebasarán?*

— Las Izquierdas miran más allá del pacto, pero sin salirse nunca del espíritu de la Constitución. A lo que tiende la Constitución es a darle al capital privado el carácter de dinero administrado en beneficio de la colectividad, esto es: darle un sentido de herramienta social.

—*¿Aspecto religioso?*

— Supresión de subsidios al clero, establecimiento de la enseñanza laica. El artículo 26 de la Constitución establece claramente que las órdenes religiosas no podrán tener más actividades que su ministerio, para lo cual en los términos más breves posibles el Estado fomentará el desarrollo de la instrucción pública obligatoria, creando al efecto las escuelas necesarias y suprimiendo la educación privada y confesional.

**Fala um político da Esquerda (*El Mundo*, 1 de março de 1936).**

Conversei com um político da Esquerda Republicana, que me fez estas breves declarações:

– As primeiras medidas de governo que a Esquerda tomou ao assumir o poder foram colocar em vigor a Constituição cujo espírito havia sido desvirtuado por pelo descumprimento do biênio da Direita; revogar as leis francamente anticonstitucionais: por exemplo, a reforma agrária, a lei de subsídios ao clero, a supressão das leis municipais que proíbem o êxodo dos trabalhadores de uma região a outra. E finalmente o bloco vai aprovar aquelas leis secundárias constitucionais que põem em prática o verdadeiro espírito da revolução, cujo enunciado é o artigo primeiro da Constituição: "A Espanha é uma república de trabalhadores".

– O bloco de Direita pode tentar obstruir nosso trabalho, demais o regulamento da Câmara tem disposições suficientemente claras para impedir uma obstrução sistemática, que se conhece na prática pelo nome "guilhotina". Já a obstrução nas ruas é impossível: o governo tem uma autoridade moral indiscutível.

– *¿Que atitude a Direita vai adotar?*

– Vai em busca de procurar simpatias com la Esquerda, para que toda a ação política se molde ao caráter burguês (liberal-democrata).

– *¿A Esquerda cumprirá o pacto ou vai além?*

– A Esquerda olha mais adiante do pacto, mas sem sair nunca do espírito da Constituição. O que a Constituição tende a fazer é dar ao capital privado o caráter de dinheiro administrado em benefício da coletividade, isso é: lhe dar um sentido de ferramenta social.

– *Aspecto religioso?*

– Supressão de subsídios ao clero, estabelecimento do ensino laico. O artigo 26 da Constituição estabelece claramente que as ordens religiosas não poderão ter mais atividades que as do seu ministério, e para isso no prazo mais breve possível o Estado fomentará o desenvolvimento da educação pública obrigatória, criando as escolas necessárias e suprimindo a educação privada e confessional.

— *¿Qué hay de nuevo en lo de la nacionalización de las empresas privadas?*

— Nada en absoluto. No está consignado en el programa mínimo de gobierno, firmado por la conjunción republicano socialista, como no sea continuar la intensificación del ensayo de ocupar la tierra y entregársela a los trabajadores, de acuerdo a las necesidades del pueblo.

— *¿Estado psicológico de las Derechas?*

— hay una especie de expectativa miedosa en las especulaciones bursátiles, pero es un síntoma de optimismo capitalista el hecho de que las asociaciones patronales hayan lanzado un manifiesto pidiendo acatamiento a la nueva situación y ofreciendo colaborar en todas las medidas de gobierno que no tengan un carácter eminentemente subversivo.

— *¿Qué hay de la posible renuncia de Alcalá Zamora?*

—A las Izquierdas no les interesa ese problema. El gobierno socialista hará saber al señor Alcalá Zamora que él no es nada menos ni nada más que un presidente de República.

— *¿Las Derechas cuentan con una posible escisión de bloque de Izquierdas?*

— no habrá escisión del bloque. Un ejemplo. Por primera vez, la CNT, que tenía un carácter anarcosindicalista, va aceptando, al menos circunstancialmente, la táctica e inspiración marxistas. El PSUC no acordó votar en las elecciones oficialmente, pero permitió y excitó a que se votara, con la particularidad que esta reserva se mantuvo en Zaragoza hasta las 12 del domingo; mas al ver que el bloque de izquierdas podría perder las elecciones los jefes obreros ordenaron que fueran a votar y de las 12 a las 4 de la tarde se ganó la elección. Inmediatamente después de la elección, sindicalistas y socialistas juntos declararon la huelga general, obligando a que el gobernador militar declarara el estado de guerra y que pusiera en libertad a todos los presos políticos que no estaban sujetos a fallo condenatorio toro de los tribunales.

— *¿Qué tiempos esperan?*

—De paz intensa. Hay una experiencia anterior por parte de los que van a gobernar, un nuevo sentido de responsabilidad republicana a un miedo mutuo a que ambos enemigos estén dispuestos a dar una batalla fuera del régimen; es decir, a inclinarse decisivamente hacia el fascismo o al comunismo. El hecho de que España vaya al Ministerio de guerra significa que está decidido a completar su primer propósito de gobernante, que fue el que le dio más crédito como estadista enérgico, lo cual significa someter en España a la fuerza armada a la obediencia del poder civil.

*– Alguma novidade sobre a nacionalização de empresas privadas?*

– Absolutamente nada. Não está consignado no programa de governo, firmado pela coligação republicana socialista, além continuar a intensificação dos preparativos para ocupar a terra e entregá-la aos trabalhadores, de acordo com as necessidades do povo.

*–Estado psicológico da Direita?*

– Existe uma espécie de expectativa medrosa nas especulações da Bolsa, mas é um sintoma de otimismo capitalista o fato de que as associações patronais tenham lançado um manifesto pedindo que se acate a nova situação e se oferecendo para colaborar em todas as medidas de governo que não tenham caráter eminentemente subversivo.

*– E a possível renúncia de Alcalá Zamora?*

–Esse problema não interessa à Esquerda. O governo socialista fará saber ao senhor Alcalá Zamora que ele não é nem mais nem menos que um presidente de República.

*– A Direita conta com um possível desmanche do bloco de Esquerdas?*

– Não vai haver desmanche do bloco. Um exemplo. Pela primeira vez, a CNT[85], que tinha um caráter anarco-sindicalista, está aceitando, pelo menos circunstancialmente, a tática e inspiração marxistas. O PSUC[86] não concordou oficialmente em votar nas eleições, mas permitiu e incentivou que se votasse, com a particularidade que esta reserva se manteve em Zaragoza até o meio-dia do domingo; mas ao ver que o bloco de Esquerda podia perder as eleições os chefes operários ordenaram que fossem votar e do meio-dia às quatro da tarde a eleição foi ganha. Imediatamente depois da eleição, sindicalistas e socialistas declararam juntos greve geral, obrigando o governador militar a declarar estado de guerra e colocar em liberdade todos os presos políticos que não tinham condenação dos tribunais.

*– Que tempos esperam?*

–De paz intensa. Há uma experiência anterior por parte dos que vão governar, um novo sentido de responsabilidade republicana frente ao medo mútuo de que ambos os inimigos estejam dispostos a batalhar fora do regime; quer dizer, a se inclinar decisivamente para o fascismo ou para o comunismo. O fato de que Azaña vá ao Ministério da Guerra significa que está decidido a completar seu primeiro propósito de governante, que foi o que mais o creditou como estadista enérgico, isto é, submeter na Espanha a força armada à obediência do poder civil.

---

[85] *Confederación Nacional del Trabajo*, confederação sindicalista espanhola.

[86] Partido Socialista Unificado da Catalunha, extinto partido espanhol (1936-1987).

*—Se organizarán milicias obreras republicanas?*

— Solo el caso de un peligro máximo nos obligaría a crear milicias republicanas socialistas armadas, pero este caso es sumamente improbable, porque el gobierno nace con una autoridad moral que nadie se atrevería a desairar o irritar. ¿Algo más?

*— No, señor, gracias. Me quedan apenas dos horas para escribir nuestra conversación y enviarla por correo aéreo.*

*–Vão ser organizadas milícias operárias republicanas?*

– Só o caso de um perigo máximo nos obrigaria a criar milícias republicanas socialistas armadas, mas este caso é totalmente improvável, porque o governo nasce com uma autoridade moral que ninguém se atreveria a desafiar ou irritar. Algo mais?

*– Não, senhor, obrigado. Tenho só duas horas para escrever nossa conversa e enviá-la por correio aéreo.*

**Después de las elecciones (El Mundo, 2 de marzo de 1936).**

Frecuentes disturbios ocurren en estos momentos en España, de cuya sucesión se tiene conocimiento fragmentario.

La censura impuesta por el gabinete del señor Portela, continua con el Gobierno que preside el señor Azaña. Se intenta con ello evitar la propagación de noticias que pudieran impulsar al pueblo madrileño a imitar el ejemplo de provincias.

En Murcia, Alicante y Valencia se han incendiado conventos e iglesias, así como edificios de periódicos derechistas.

La noche del 20 se ha producido un choque de la fuerza pública con el pueblo en Barcelona. Parece que se registraron numerosas víctimas.

Ayer, 24 de febrero, a la noche, apareció el Decreto de Amnistía, prácticamente inútil, pues las cárceles estaban vacías de presos políticos. Al conocerse los resultados de las elecciones del domingo, los presos se amotinaron en las cárceles, los carceleros se sumarán al movimiento y los hechos, gracias a esta circunstancia, no allí quisieron proporciones más graves. De más está decir que los presos por delitos comunes aprovecharon esta liberación que les caía del cielo.

Madrid vive una paz octaviana. No se barrunta cuánto tiempo durará. Se sabe que en la Línea y Endara, así como en Portugal, han sido detenidas numerosas personas, que abandonaban el país con sus capitales de a cuestas. En Madrid, los días 18 y 19 se organizaron manifestaciones finalizadas pacíficamente.

En política, los partidos de derechas pasan por momentos de aguda desorientación. Gil Robles (informes oficiales) ha traspasado los poderes de la dirección de la CEDA al señor Jiménez Fernández, denominado por sus admiradores el "Lenin Blanco". El Lenin Blanco será, además, director de la minoría parlamentaria en las Cortes. Con este cambio, el nuevo director anuncia que la dirección de la CEDA se encaminará a intentar resolver los problemas del país con un criterio social-cristiano. No queda duda que España cruza una crisis que puede ser decisiva. A este propósito, un ex ministro monárquico, el señor Calvo Sotelo, ha hecho ayer declaraciones en el *ABC* qué conceptúo sumamente interesantes. Refiriéndose el señor Calvo Sotelo al porvenir del país, declara:

**Depois das eleições (*El Mundo*, 2 de março de 1936).**

Frequentes distúrbios ocorrem nesse momento na Espanha, cuja sequência não se conhece inteiramente.

A censura imposta pelo gabinete do senhor Portela, continua com o Governo que preside o senhor Azaña. É uma tentativa de evitar a propagação de notícias que pudessem incentivar o povo madrilenho a imitar o exemplo das províncias.

Em Múrcia, Alicante e Valência foram incendiados conventos e igrejas, bem como prédios de diários direitistas.

Na noite do dia 20 aconteceu um choque da força pública com o povo em Barcelona. Parece que houve numerosas vítimas.

Ontem, 24 de fevereiro, à noite, saiu o Decreto de Anistia, praticamente inútil, pois as cadeias estavam vazias de presos políticos. Assim que os resultados das eleições de domingo foram conhecidos, os presos se amotinaram nas cadeias, os carcereiros se juntaram ao movimento e os acontecimentos, graças a esta circunstância, não adquiriram proporções mais graves. Desnecessário dizer que os presos por delitos comuns aproveitaram esta liberação que lhes caia do céu.

Madrid vive uma paz geral e irrestrita. Ninguém sabe quanto tempo durará. Sabe-se que em Línea e Endara, assim como em Portugal, foram detidas numerosas pessoas, que abandonaram o país carregando seus capitais nas costas. Em Madrid, nos dias 18 e 19 se organizaram manifestações que terminaram pacificamente.

Na política, os partidos de direita passam por momentos de aguda desorientação. Gil Robles (informes oficiais) passou os poderes de direção da CEDA ao senhor Jiménez Fernández, chamado por seus admiradores de "Lenin Branco". O Lenin Branco será, além disso, líder da minoria parlamentar no Congresso. Com esta mudança, o novo diretor anuncia que a direção da CEDA se concentrará em tentar resolver os problemas do país com um critério social-cristão. Não resta dúvida de que a Espanha atravessa uma crise que pode ser decisiva. A este propósito, um ex-ministro da monarquia, o senhor Calvo Sotelo, fez declarações no diário *ABC* ontem que me soaram sumamente interessantes. Referindo-se o senhor Calvo Sotelo ao futuro do país, declara:

“España cuenta en su censo, con un 60 por ciento de proletarios. Y esos proletarios quieren su revolución específica, qué es la revolución social, no la revolución política que es la revolución de la burguesía más o menos desmoralizada". Un discípulo de Carlos Marx no podría expresarse con más propiedad. A continuación el Sr Carlos Sotelo aconseja una "impetuosa" reacción a las Derechas.

*Pravda* de Moscú, comentando el triunfo del Bloque Popular de Izquierdas, reconoce que " ya ha comenzado una brusca polarización de las fuerzas de clase en el país".

El tono de los periódicos de Derechas cubre todos los matices de la astucia a la indignación. En *El Debate*, órgano de la CEDA, Oscar Pérez Solís dice:

" se han perdido las elecciones porque no se ha querido desarrollar sinceramente una política social, que por justiciera, generosa y cristiana, ganase las conciencias de esa gran masa de trabajadores, buena parte de la clase media y casi todo el proletariado que, como ahora se ha visto, vuelve las espaldas a la Derecha".

*ABC* en su editorial de ayer, se expresa en términos agresivos:

“España está ahora en las manos del Señor Azaña. España no son solamente los pobres alucinados por las predicaciones insensatas, ni los miserables que le han engañado nuevamente. Hay otra España que trabaja, grita y no delinque."

Como se puede apreciar, los seis millones de sufragantes españoles que han votado a las Izquierdas, son para ABC insensatos, miserables y delincuentes. De allí que en estos momentos de incertidumbre, el primer discurso que ha pronunciado el señor Azaña como jefe del gobierno, en la tarde del día 20, trasunte una fría energía y resolución:

“Nosotros no conocemos más enemigos que los enemigos de la República y de España. El que no esté en paz con la ley y las autoridades públicas, podrá temer en vigor del gobierno, que en ningún caso se apartará de lo que le mandan sus deberes y las leyes. El gobierno es el único ejecutor del programa político que ha servido de base a la coalición electoral. Nadie ignora que este programa comprende, en primer término, las decisiones necesarias para sanar las heridas causadas en el cuerpo nacional en los últimos tiempos y restaurar hasta los últimos defectos las desventuras ocurridas. A este propósito el gobierno, en su reunión de esta mañana, ha dado las disposiciones necesarias para que hoy mismo se reinstalen en los ayuntamientos populares, suspendidos gubernativamente."

“A Espanha conta, segundo seu censo, com sessenta por cento de proletários. E esses proletários querem sua revolução específica, que é a revolução social, não a revolução política que é a revolução da burguesia mais ou menos desmoralizada”. Um discípulo de Carl Marx não poderia se expressar com mais propriedade. Em seguida o senhor Carlos Sotelo aconselha uma "impetuosa" reação para a Direita.

O diário *Pravda* de Moscou, comentando a vitória do Bloco Popular de Esquerda, reconhece que "já começou uma brusca polarização das forças de classe no país".

O tom dos periódicos de direita cobre todos os matizes da astúcia à indignação. No *El Debate*, órgão da CEDA, Oscar Pérez Solís diz:

“As eleições foram perdidas porque ninguém quis desenvolver sinceramente uma política social, que sendo justa, generosa e cristã, ganhasse a consciência dessa grande massa de trabalhadores, boa parte da classe média e quase todo o proletariado que, como se vê agora, dá as costas para a Direita”.

O *ABC* no seu editorial de ontem, se expressa em termos agressivos:

“A Espanha está agora nas mãos do senhor Azaña. A Espanha não são apenas os pobres alucinados pelos discursos insensatos, nem os miseráveis que foram enganados novamente. Há outra Espanha que trabalha, grita e não é delinquente."

Como se pode apreciar, os seis milhões de eleitores espanhóis que votaram na Esquerda, são para o *ABC* insensatos, miseráveis e delinquentes. Daí que nestes momentos de incerteza, o primeiro discurso pronunciado pelo senhor Azaña como chefe de governo, na tarde do dia 20, transmite uma fria energia e resolução:

“Nós não conhecemos mais inimigos além dos inimigos da República e da Espanha. Aquele que não esteja em paz com a lei e as autoridades públicas, poderá temer o vigor do governo, que em nenhum caso vai se afastar do que mandam seus deveres e as leis. O governo é o único executor do programa político que serviu de base para a coalisão eleitoral. Ninguém ignora que este programa compreende, antes de mais nada, as decisões necessárias para curar as feridas causadas no corpo nacional nos últimos tempos e restaurar até o fim as desventuras ocorridas. A este propósito o governo, na reunião desta manhã, deu as diretrizes necessárias para que hoje mesmo se reinstalem as câmaras municipais populares, que estavam suspensas.”

Los efectos de este discurso han sido alentadores, pues variaron por completo el aspecto que la Bolsa de Barcelona y la de Madrid presentaban Asia 3 días, trocando el pesimismo de las operaciones en una franca tendencia alcista.

¿Cuánto tiempo durará este optimismo? No se puede ignorar que la realización del programa del Bloque Popular de Izquierdas inquieta profundamente a las clases adineradas. Este programa comprende obligar a todas las empresas particulares y dependencias del Estado a pagar los salarios perdidos a los represaliados por el movimiento de octubre, y el cumplimiento de los contratos de trabajo, así como el alza de los jornales a los braceros campesinos.

¿Podrá en las Cortes prescindir el Bloque de Izquierdas del control de la minoría de las Derechas? Las Izquierdas afirman que sí. A este propósito *El Debate*, en un artículo titulado "Obligación de gobernar", contemplando el problema desde el punto de vista de los intereses de la Derechas, arguyen:

"Las consecuencias serían de 2 suertes: se intentaría anular la mitad de España en nombre de la otra mitad, sobrevendría inmediatamente o a la larga, una caudalosa reacción que correspondería en intensidad y amplitud a la acción persecutoria."

Pero ¿cuál es el grado de pureza política del Bloque de Derechas? Según *Política* (editorial de ayer), este bloque "no representa sino una porción, y no la más numerosa de los ciudadanos que les han dado el voto. A muchos de ellos les fue arrancado por presiones diversas o por el soborno y a otros les fue suplantado por artimañas caciquiles. En comarcas enteras, los campesinos carecían de libertad para expresar su voluntad política. Espiritualmente estos españoles estaban el 16 de febrero con el Frente Popular. ¿Con qué derecho se atribuyen las Derechas la tutela de sus víctimas?

Duros momentos son los que tiene que afrontar el señor Azaña en el poder. Las masas obreras y campesinas, así como los sectores más empobrecidos de la pequeña burguesía, están con los ojos fijos en él. Estamos asistiendo a los movimientos de una revolución política que aspira, por presión del pueblo, a transformarse en una revolución social. Los ministros del señor Azaña temen en cierto modo esta fuerza de las bases populares que pueden obligarles a ir más allá del pacto.

Os efeitos desse discurso foram alentadores, pois mudaram por completo o aspecto que a Bolsa de Barcelona e a de Madrid demonstravam nos últimos três dias, trocando o pessimismo das operações por uma forte tendência de alta.

Quanto tempo vai durar esse otimismo? Não se pode ignorar que a realização do programa do Bloco Popular de Esquerda inquieta profundamente às classes endinheiradas. Este programa compreende obrigar a todas as empresas particulares e públicas a pagar os salários perdidos daqueles que sofreram represálias no movimento de outubro, e o cumprimento dos contratos de trabalho, bem como o aumento da diária dos trabalhadores braçais do campo.

O Bloco de Esquerda poderá prescindir no Congresso do controle da minoria da Direita? A Esquerda afirma que sim. A este propósito *El Debate*, num artigo intitulado "Obrigação de governar", contemplando o problema do ponto de vista dos interesses da Direita, argui:

"As consequências poderiam ser duas: tentar anular a metade da Espanha em nome da outra metade, viria imediatamente ou com o tempo, uma reação caudalosa que corresponderia em intensidade e amplitude a uma ação persecutória."

Mas qual é o grau de pureza política do Bloco de Direita? Segundo o periódico *Política* (editorial de ontem), este bloco "não representa mais que uma porção, e nem é a mais numerosa dos cidadãos lhe deram seus votos, arrancado de muitos deles por pressões diversas ou por suborno e os de outros foram suplantados por artimanhas de caciques políticos. Em comarcas inteiras, os campesinos careciam de liberdade para expressar sua vontade política. Espiritualmente estes espanhóis estavam com a Frente Popular no dia 16 de fevereiro. Com que direito a Direita assume assim a tutela das suas vítimas?

São duros os momentos que o senhor Azaña tem que enfrentar no poder. As massas operárias e campesinas, assim como os setores mais empobrecidos da pequena burguesia, estão com os olhos fixados nele. Estamos assistindo aos movimentos de uma revolução política que aspira, pela pressão do povo, a se transformar numa revolução social. Os ministros do senhor Azaña temem de certo modo esta força das bases populares que podem lhes obrigar a ir além do pacto.

De hecho, se ha producido una deserción invisible. Han desaparecido de las calles monjas y sacerdotes. Me han informado que los representantes del culto salen a la calle vestidos de paisanos, mientras que las comunidades femeninas se han distribuido en las casas de gente devota. Se esperan desórdenes y represalias. Se tiene la sensación del desbande; la calma de Madrid es una calma hosca. De tanto en tanto (lo he visto) un hombre se acerca a los grupos de Guardias de Asalto, instándolos a expulsar de su cuerpo a los oficiales fascistas. Los guardias sonríen y contestan que ya tienen confeccionada sus listas.

¿Encauzará Azaña, inteligentemente, los deseos de las masas hacia la prosperidad de la comunidad? Todos lo desean; unos por temor, otros esperanzados en que una prosperidad económica puede corromper a los hombres del Bloque al mismo tiempo qué adormecer la vigilancia sobre excitada de los partidos de Izquierda.

Realmente, houve uma deserção invisível. As freiras e padres desapareceram das ruas. Fui informado de que os sacerdotes saem para a rua vestidos à paisana, enquanto que as comunidades femininas se distribuíram nas casas de devotos. Esperam-se tumultos e represálias. Existe a sensação de debandada; a calma de Madrid é uma calma fosca. De vez em quando (eu vi) um homem se aproxima dos grupos de Guardas de Assalto, pedindo que expulsem da corporação os oficiais fascistas. Os guardas sorriem e respondem que já estão com a lista pronta.

Azaña vai canalizar, inteligentemente, os desejos das massas rumo à prosperidade da comunidade? Todos desejam isso; uns por temor, outros esperançados de que uma prosperidade econômica possa corromper os homens do Bloco e ao mesmo tempo adormecer a vigilância superexcitada dos partidos de Esquerda.

**El Palacio Real de Madrid (*El Mundo*, 7 de marzo de 1936).**

¿Quién de ustedes ha visitado alguna vez el palacio de un rey ¿El comedor donde almuerza y cena un rey? ¿El salón del trono de un rey? ¿La sala de damas de la madre del rey? ¿Quién de ustedes se ha imaginado a un rey en funciones?

Yo, hace varias horas que trato de explicarme la razón de ser de un rey. Y mis reflexiones naufragan en sombras.

No se me oculta que barajo cavilaciones ingenuas, y ello me ocurre porque he visitado el palacio de los reyes de España. Entre otros curiosos he cruzado por artificiales paisajes de ensueño por las habitaciones donde estudiaba reformas el discretísimo Carlos III, por los dormitorios donde arrastró una crapulosa ancianidad la amante del soldadote Godoy, la reina María Luisa, por los salones donde se casó el rey juerguista Alfonso XII, por los pasillos que cruzó Alfonso XIII.

Sé que un rey es el vértice de un triángulo humano, la culminación de una jerarquía cuyas bases se bambolean en todo el planeta... Pero en tanto... ¡Millones y millones de hombres, a través de los siglos apartaron lo más precioso que produjeran sus artistas más seleccionados para adornar la casa de un solo hombre: el rey. Su casa, la casa de este hombre es la mejor casa que puede tener hombre alguno entre millones y millones de seres vivientes. ¿Por qué razón? No lo sé. La loza en que le sirven la comida a este hombre es la más esmeradamente trabajada por los mejores artífices del mundo. Cuadros del Tintoreto, del Veronés, de Velázquez, de Goya, adornan su mansión. Los mecanismos de ingenio mecánico más refinados adornan sus salones. Las lámparas de cristales más puros, adornadas con oro y platino, iluminan su morada. Las mesas más enormes, en los salones más inmensos que puedan imaginarse, prestan opulencia a su morada. No una mesa, ni dos, sino docenas de mesas: mesas de cristal, mesas de mármoles veteados por la naturaleza, mesas de preciosas maderas, cuyas auténticas venas combinan paisajes submarinos; mesas con mecanismos que señalan la ruta de los mares, el camino de la alejada estrellas, el rumbo de los cometas; mesa labradas como encajes de Malinas, y sillerias, sillerias talladas, pulgada por pulgada, revestidas de las telas más preciosas, sedas, brocados, rasos, terciopelos. Pintadas, bordadas, repujadas. pájaros mecánicos, amarillos, posados en los tallos de platino de las lámparas, cantan la hora.

**O Palácio Real de Madrid (*El Mundo*, 7 de março de 1936).**

Quem de vocês visitou alguma vez o palácio de um rei? O lugar onde almoça e janta um rei? O salão do trono de um rei? A sala de jogos da mãe do rei? Quem de vocês já se imaginou como um rei em pleno poder?

Eu, faz várias horas que tento explicar para mim mesmo qual a razão de ser de um rei. E as minhas reflexões naufragam em sombras.

Não ignoro que estou embaralhando cismas ingênuas, e isso acontece porque visitei o palácio dos reis da Espanha. Entre outros curiosos atravessei paisagens artificiais de sonho pelos quartos onde o discretíssimo Carlos III estudava reformas, pelos dormitórios onde a amante do soldadinho Godoy, a rainha Maria Luísa arrastou uma crapulosa velhice, pelos salões onde se casou o rei bonachão Alfonso XII, pelos corredores que Alfonso XIII percorreu.

Sei que um rei é o vértice de um triângulo humano, ponto culminante de uma hierarquia cujas bases bamboleiam em todo o planeta... Mas mesmo assim... Milhões e milhões de homens, através dos séculos separaram as melhores produções de seus artistas mais selecionados para adornar a casa de um só homem: o rei. Sua casa, a casa deste homem é a melhor casa que um homem entre milhões e milhões de seres viventes pode ter. Por que razão? Não sei. A mesa em que servem a comida deste homem é a mais esmeradamente trabalhada pelos melhores artífices do mundo. Quadros do Tintoreto, do Veronês, de Velázquez, de Goya, adornam sua mansão. Os mecanismos de engenho mecânico mais refinados adornam seus salões. Os lustres de cristais mais puros, adornados com ouro e platina, iluminam sua morada. As mesas mais enormes, nos salões mais imensos que se possa imaginar, emprestam opulência a sua morada. Não uma mesa, nem duas, mas dezenas de mesas: mesas de cristal, mesas de mármores frisados pela natureza, mesas de lindas madeiras, cujos veios autênticos combinam paisagens submarinas; mesas com mecanismos que indicam a rota dos mares, o caminho das estrelas distantes, o rumo dos cometas; mesas trabalhadas rendas de bilro, e cadeiras, cadeiras talhadas, polegada por polegada, revestidas dos tecidos mais caros, sedas, brocados, cetins, veludos. Pintadas, bordadas, trabalhadas. Passarinhos mecânicos, amarelos, pousados nos galhos de platina dos lustres, cantam a hora.

Muebles costosos, titánicos, labrados, historiados, con incrustaciones de oro y de nácar, con paisajes de verdes metálicos, con rojos de cereza, gavetas panzudas, comodines afiligranados de oro y madreperla, espejos que ocupan todo lo extenso de altos muros, enmarcados por láminas de oro, exaltan la fastuosidad de la jerarquía.

¿He escrito algo?... Si; treinta líneas, que no trasuntan ni aproximadamente la suntuosidad de la casa del rey. Ni de las habitaciones de la madre del rey. Ni de la esposa del rey. Ni de los hijos del rey.

Cincuenta e nueve salones de palacio. Cincuenta e nueve salones en sucesivo desfile de encantamiento. Revestidos unos de porcelana celeste y espejo, otros estucados con paisajes de pájaros y paganías, otros revestidos de cueros repujados, otros forrados de seda amarilla y de mármoles de espuma, como el salón de Gasparini; otros recubiertos con tapices vastos, como campos de batalla verticales; otros, como la alcoba de María Luisa, plafonados de relieves chinescos, verdes y blancos, de tal manera, qué de las bóvedas se desprenden ramajes de estuco verde, piñas de escamas de oro, troncos que culebrean por los muros, y los techos están revestidos de maderas doradas, de mosaicos, de retablos, de escenas bíblicas, de dioses en relieve, y los altos zócalos desprenden rondas de mármol, frisos de amorcillos transparentes, y si se pasea la mirada al ras de los muros se encuentran vitrinas cargadas de joyas, estrellas, placas, ánforas, teteras y palanganas de oro, y si se examinan las porcelanas, se descubre que están pintadas, miniaturadas, doradas, teñidas de escarlata, y los mismos suelos están cubiertos de felpudos dibujos, de aterciopelados paisajes, y los comodines adornados de ánforas, de abanicos, de naves de cristal, y aquí, en esta habitación cubierta de finísimos estucos, flores, pájaros, se retiraba la familia real para hacer tertulia, en ésta de muros tapizados de damasco de seda blanca despachaba el rey con los ministros, en esta otra revestida de riquísima tela de raso amarillo con piñas de plata, recibía la reina a las personas a las que tenía concedida audiencia, en esta otra de muros encuadernados de cuero repujado con dragones de oro y asientos con respaldos de granate escarlata, celebraban consejo los ministros del rey, en esta otra con un plafón que figura un cielo de bóveda celeste con aves cuyos picos descorren cortinados de encaje blanco, dormía la reina, que los ministriles republicanos, ¡oh, pudor, pequeño burgués!, han desguarnecido, retirando la cama... Esa cama de la reina, por la cual todos los visitantes preguntan, acogiendo consternados la respuesta de que la cama no está.

Móveis caros, titânicos, trabalhados, historiados, com incrustações de ouro y de madrepérola, com paisagens de verdes metálicos, com vermelhos de cereja, gavetas parrudas, cômodas afiligranadas em ouro e madrepérola, espelhos que ocupam toda a extensão de altas paredes, emoldurados por lâminas de ouro, exaltam a faustuosidade da hierarquia.

Escrevi alguma coisa?... Sim; trinta linhas, que não traduzem nem de perto a suntuosidade da casa do rei. Nem dos aposentos da mãe do rei. Nem da esposa do rei. Nem dos filhos do rei.

Cinquenta e nove salões de palácio. Cinquenta e nove salões em sucessivo desfile de encantamento. Uns revestidos de porcelana celeste e espelho, outros estucados com paisagens de pássaros e paganismos, outros revestidos de couro trabalhados, outros forrados de seda amarela e de mármores de espuma, como o salão de Gasparini; outros recobertos com tapetes vastos, como campos de batalha verticais; outros, como a alcova de Maria Luísa, encimados de relevos achinesados, verdes e brancos, de tal modo , que das abóbadas se desprendem ramos de estuque verde, abacaxis de escamas de ouro, troncos que serpenteiam pelas paredes, e os tetos estão revestidos de madeiras douradas, de mosaicos, de retábulos, de cenas bíblicas, de deuses em relevo, e os altos embasamentos desprendem voltas de mármore, frisos de cupidos transparentes, e se corremos os olhos pelas paredes encontramos vitrines carregadas de joias, estrelas, placas, ânforas, bules e bacias de ouro, e se examinamos as porcelanas, descobrimos que estão pintadas, miniaturizadas, douradas, tingidas de escarlate, e até o piso está coberto de desenhos felpudos, paisagens aveludadas, e os aparadores adornados de ânforas, de leques, de barcos de cristal, e aqui, neste quarto coberto de finíssimos estuques, flores, pássaros, a família real se retirava para suas tertúlias, neste de paredes atapetadas de damasco de seda branca despachava o rei com os ministros, nesta outra revestida de belíssima fazenda de cetim amarelo com abacaxis de prata, a rainha recebia as pessoas a quem concedia audiência, neste outro de paredes encapadas com couro trabalhado com dragões de ouro e assentos com encosto de granate escarlate, os ministros do rei celebravam conselho, nesse outro com um lustre que imita um céu de abóbada celeste com aves cujos bicos desvelam cortinas de renda branca, dormia a rainha, que os menestréis republicanos, oh, pudor, pequeno-burguês!, descaracterizaram, retirando a cama... Essa cama da rainha, pela qual todos os visitantes perguntam, recebendo consternados a resposta de que a cama não está ali.

Son muchas las maravillas que adornan la casa del rey. El índice de ellas ocupa un catálogo de numerosas páginas. De cada salón, década porcelana, de cada mesa, de cada tapiz, de cada joya, de cada sillón,  podrían escribirse páginas nutridas.

São muitas as maravilhas que adornam a casa do rei. Sua relação ocupa um catálogo de numerosas páginas. De cada salão, de cada porcelana, de cada mesa, de cada tapete, de cada joia, de cada cadeira, poderiam ser escritas páginas nutridas.

**Los domingos de Madrid (El Mundo, 8 de marzo de 1936)**

Desdichado el forastero a quien el domingo sorprende en Madrid, sin tener amigos. No hallará mesa de café en que sentarse. Infortunado de él si por la mañana no tuvo la precaución de hacerse reservar una butaca en el teatro o en el cine. Únicamente conseguirá una platea en la primera fila de un cinematógrafo o un banco junto al cielorraso en un teatro. ¡Ah! y que no intente distraerse paseando por las calles de Madrid. Las multitudes en este día son tan compactas y le estrujarán con tal violencia, que maltrecho, irritado, solitario, tendrá que irse a refugiar sombríamente en su cuarto de pensión.

¿Multitudes madrileñas?

¿Existen estas multitudes o es que la angostura de las calles modela las masas de manera que la estrechez del encajonamiento invierte los términos?

Sin embargo, la Gran Vía es anchurosa. Y por la Gran Vía, si quiere uno adelantarse al ritmo lento de la multitud, es necesario caminar por los interespacios que dejan los automóviles en marcha. La calle Alcalá es ancha, y también lo es la Vía de San Jerónimo, pero por donde desemboca el caminante apresurado, siempre lo toma el océano de multitud, lo canaliza en su marcha sin prisa, y la mar de cabezas avanza tardía.

Multitudes estas más compactas que aquellas que pujan en nuestras calles en los días de fiestas sensacionales. Multitudes constantes. Filas largas ante las taquillas de los cines, desde por la mañana. Filas de trescientos metros de hombres, hoy, frente a las taquillas que expenden boletos para el match de fútbol entre Austria y España. Filas de trescientos metros de hombres y mujeres.

**Os domingos de Madrid (*El Mundo*, 8 de março de 1936)**

Pobre do forasteiro surpreendido pelo domingo em Madrid, se não tiver amigos. Não vai achar mesa de café onde se sentar. Infortunado dele se pela manhã não teve a precaução de reservar um lugar no teatro ou no cinema. Só vai conseguir lugar na primeira fila de um cinematógrafo ou um banco junto ao forro de um teatro. Ah! E nem tente se distrair passeando pelas ruas de Madrid. As multidões nesse dia são tão compactas e o espremerão com tal violência, que todo moído, irritado, solitário, terá que ir se refugiar sombriamente no seu quarto de pensão.

Multidões madrilenhas?

Essas multidões existem ou é a estreiteza das ruas que modela as massas de forma que a estreitura da espremeção inverte as coisas?

No entanto, a Gran Via é bem larga. E pela Gran Via, se alguém quer se adiantar ao ritmo lento da multidão, precisa caminhar pelos entre-espaços que deixam os automóveis em movimento. A rua Alcalá é larga, e a Via de San Jerónimo também, mas por onde desemboca o apressado, é engolido pelo o oceano de multidão, canalizado pela sua marcha sem pressa, e o mar de cabeças avança tardio.

Multidões mais compactas que aquelas que se acotovelam em nossas ruas nos dias de festas sensacionais. Multidões constantes. Filas grandes nas bilheterias dos cines, desde a manhã. Fila de trezentos metros de homens, hoje, em frente às bilheterias que vendem ingressos para o *match* futebolístico entre Áustria e Espanha. Filas de trezentos metros de homens e mulheres.

Pero no es tan sólo en el centro de Madrid. Vaya usted a Vallecas, a Cuatro Caminos, hacia la Puerta del Ángel. Por la vieja calle Toledo. Por Carretas, por Hortaleza, por Fuencarral. Siempre la multitud. Entre usted en los bares, en los bares de barrio. A las tres de la tarde. A las cuatro, a las seis, a las nueve. Multitudes de hombres, de mujeres, de niños abarrotan los salones; clanes, tribus, familias, con sus mujeres, sus hijos, sus chiquillos; los mayores jugando a la baraja con las mujeres, los párvulos trepando por los respaldares de las sillas, pegándose, llorando, gritando, sin que nadie proteste por esta algarabía infantil a la que ponen, por el momento, oportuno remedio un rarísimo par de livianas «bofetás».

Desdichado el extranjero en esta ciudad si no tiene amigos. No hallará mesa donde sentarse.

Cada ciudadano tiene en Madrid su peña de café, ya sea en los destartalados bares de Cuatro Caminos, ya en los suntuosos salones de Alcalá, y la Gran Vía. Peña que junto a una mesa dilata su círculo de sillas, a medida que van llegando. Cada bar tiene un «botones» que cuando le llaman a usted por teléfono cruza el salón, gritando a voz de cuello su nombre. Usted escucha, se levanta, le da una perra gorda al niño y va al teléfono. La costumbre es honorable y práctica.

Tampoco a nadie llama la atención que los domingos, acompañando a la familia y los críos, vayan las abuelas al café; las abuelas que junto a los muros, sobre los rojizos fondos de peluche de los sofás, forman hileras de gárgolas empolvadas, con moños de terciopelo negro al cuello, tiesas, reumáticas, catando gravemente su vaso de café con leche y las ultraclásicas arandelas de churros. Las abuelas conversan entre ellas, las señoras confidencian con las señoras, las niñas lanzan gorgoritos de risa mirando a los galanes y los párvulos escandalizan debajo de las mesas o entre los laberintos de sillas, mientras que las sesudas peñas de hombres solos, que disertan gravemente sobre el porvenir del país, avinagran el gesto cuando la amiga de algún amigo, so pretexto de buscarle a él, trata de infiltrar su presencia en la ascética rueda.

Mas isso não é só no centro de Madrid. Pode ir a Vallecas, a Cuatro Caminos, até a Puerta del Ángel. Pela velha rua de Toledo. Pela rua Carretas, pela Hortaleza, pela Fuencarral. Sempre a multidão. Entre nos bares, nos bares de bairro. Às três da tarde. Às quatro, às seis, às nove. Multidões de homens, de mulheres, de crianças abarrotam os salões; clãs, tribos, famílias, com suas mulheres, seus filhos, seus pirralhos; os mais velhos jogando baralho com as mulheres, bebês trepando nas costas das poltronas, brigando, chorando, gritando, sem que ninguém proteste por esta algazarra infantil que se resolve, pelo momento, com um raríssimo par de leves "tabefes".

Pobre do estrangeiro nesta cidade se não tem amigos. Não vai achar mesa onde se sentar.

Cada cidadão tem em Madrid sua roda de amigos de café, seja nos desengonçados bares de Cuatro Caminos, seja nos suntuosos salões de Alcalá, e da Gran Via. Roda de amigos que junto a uma mesa dilata su círculo de cadeiras, à medida que vão chegando. Cada bar tem um «garoto de recados» que quando te chamam por telefone atravessa o salão, gritando com todo o gogó seu nome. Você escuta, se levanta, dá uma prata para o moleque e vai atender ao telefone. O costume é digno e prático.

Também não chama a atenção de ninguém que aos domingos, acompanhando a família e as crianças, as avós vão ao café; as avós que junto às paredes, sobre os fundos de pelúcia avermelhados dos sofás, formam fileiras de gárgulas empoeiradas, com laçarotes de veludo negro no pescoço, tesas, reumáticas, catando gravemente seu copo de café com leite e as ultraclássicas porções de churros. As avós conversam entre elas, as senhoras confidenciam com as senhoras, as meninas soltam gorgoritos ao rir olhando para os galãs e os bebês escandalizam debaixo das mesas ou entre os labirintos de cadeiras, enquanto as sisudas rodas de homens sós, que conversam gravemente sobre o porvir do país, avinagram as feições quando a amiga de algum amigo, sob pretexto de lhe buscar, procura se infiltrar nessa roda ascética.

Describo con rigurosa autenticidad el provinciano Madrid dominical, a pesar de sus rascacielos. Cuando usted se larga a la calle, se le aproxima un hombre con un montón de papelitos misteriosos en la mano. Este papelito escrito a mano, es el diario de Madrid, el periódico dominical nocturno, que cuesta diez céntimos y contiene los resultados de los partidos de fútbol, pues Madrid, desde el domingo por la tarde, se queda sin diarios hasta el lunes a la noche.

Descrevo com rigorosa autenticidade a provinciana Madrid dominical, apesar de seus arranha-céus. Quando você se taca na rua, se aproxima um homem com um montão de papeizinhos misteriosos na mão. Este papelzinho escrito à mão, é o diário de Madrid, o jornal dominical noturno, que custa dez centavos e contém os resultados dos jogos de futebol, pois Madrid, desde o domingo à tarde, fica sem diários até a segunda-feira à noite.

**El Palacio Real de Madrid – Segunda parte (*El Mundo*, 9 de marzo de 1936).**

Son tan incontables las riquezas que se van superando dentro de los cincuenta y nueve salones que enriquecen el Palacio Real, que la sensibilidad no alcanza a captarlas. La fastuosidad colma la medida de entendimiento, la rebasa y termina por tenerse la sensación de la presencia de una soberbia indomable, siempre creciente y insatisfecha. Semejante a un dragón que devora la belleza de un estado.

Se ha perdido aquí la noción de la medida, de lo justo, de lo equitativo. Si a esta sala la alumbra una araña de cincuenta luces, la más próxima será por una de sesenta. Siempre más. Más. Si esta lámpara tiene la forma de un cesto de frutas, la otra estará labrada reproduciendo la carabela. Si este reloj canta las horas mediante un artificio mecánico, aquél desgranará una sinfonía, si este es de plata dorada, aquel otro será de oro, sí un salón sobrepuja lo soñado con sus relieves, el más cercano estará poblado de esculturas.

La fastuosidad de la Sala del Trono da la nota más elevada de esta fiesta de escarlatas crecientes y amarillos delirantes. El Trono Dosel ha sido revestido de terciopelo de seda color cereza, y cuatro leones de bronce, de tamaño natural, dorados a fuego custodian el trono y a los flancos diez estatuas de bronce también de tamaño natural complementan el alarde de opulencia de la Dinastía.

El Mercader más poderoso de la tierra no hubiera podido acumular las riquezas de arte, que los siglos, cómplices de los reyes, han derramado de su sangrienta cornucopia, en el palacio.

Ya son tapices bastos cómo batallas cubriendo los muros de interesantes titanomaquias, jardines y humanidades bordados en oro verde y azul cereza por geniales de artesanos de los siglos XIV, XV, XVI,XVII, multitudes de elefantes, de apóstoles, de guerreros, de gigantes cargando esferas celestes, de burgueses intimando el jarro, son muchos nombres de hombres desnudos envueltos en pieles, recuas de mulos, de mujeres desnudas, cordilleras escaladas por dioses de las mitologías más variadas, profetas sumergidos en sueños de ceniza dorada, tentados por monstruos; son jardines con ninfas de senos de manzana surgiendo de fuentes, tendiéndose ante bestias, y no le está permitido a la vista reposar un solo instante, porque cuando no son los tapices son los cuadros, pinturas de Velázquez, frescos de Juan de Ribera, tablas de Teniers, retratos de Goya, lienzos de la escuela italiana, bordados flamencos, o sino son estatuas, esculturas,

**O Palácio Real de Madrid – Segunda parte (*El Mundo*, 9 de março de 1936).**

São tão incontáveis as riquezas que vemos dentro dos cinquenta e nove salões que enriquecem o Palácio Real, que a sensibilidade não é suficiente para captá-las. A suntuosidade excede a medida de entendimento, a rebaixa e acaba ficando a sensação da presença de uma soberba indomável, sempre crescente e insatisfeita. Semelhante a um dragão que devora a beleza de um estado.

Aqui se perdeu qualquer noção de medidas, do suficiente, do equitativo. Se esta sala é iluminada por um candelabro de cinquenta luzes, a mais próxima será por um de sessenta. Sempre mais. Mais. Se esta luminária tem a forma de um cesto de frutas, a outra vai estar trabalhada reproduzindo uma caravela. Se este relógio canta as horas através de um artificio mecânico, aquele vai tocar uma sinfonia, se este é de prata dourada, aquele outro será de ouro, se um salão sobrepuja um sonho com seus relevos, o mais próximo estará povoado de esculturas.

A suntuosidade da Sala do Trono dá o tom mais elevado desta festa de escarlates crescentes e amarelos delirantes. O Trono Dossel era revestido de veludo de seda cor de cereja, e quatro leões de bronze, de tamanho natural, dourados a fogo custodiam o trono e nas laterais dez estátuas de bronze também de tamanho natural complementam o alarde de opulência da Dinastia.

O Mercador mais poderoso da terra nunca poderia acumular as riquezas de arte, que os séculos, cúmplices dos reis, derramaram de sua cornucópia sangrenta, no palácio.

E tem tapetes vastos como batalhas cobrindo as paredes com interessantes titanomaquias, jardins e humanidades bordados em ouro verde e azul cereja por geniais artesãos dos séculos XIV, XV, XVI,XVII, multidões de elefantes, de apóstolos, de guerreiros, de gigantes carregando esferas celestes, de burgueses entornando canecos, são multidões de homens nus envoltos em peles, manadas de mulas, de mulheres nuas, cordilheiras escaladas por deuses das mitologias mais variadas, profetas submergidos em sonhos de cinzas douradas, tentados por monstros; tem jardins com ninfas de seios de maçã surgindo de fontes, estendendo-se diante de bestas, e a vista não consegue descansar um só instante, porque quando não são os tapetes são os quadros, pinturas de Velázquez, afrescos de Juan de Ribera, tábuas de Teniers, retratos de Goya, telas da

y sino son porcelanas, y sino…

Donde se posa la mirada. Ni aún fijándose en el suelo le es dado hallar reposo, que el suelo está alfombrado de velludos dibujos, de quiméricas anilinas.

El visitante se pasea atónito. Todo esto les pertenecía al Rey, a la esposa del Rey, de los hijos del Rey. Esta innumerable riqueza estaba destinada a embellecer la vida de los amigos del Rey, de los parientes del Rey. En este salón leía el Rey. En aquel tomaba café. En este otro dormía. En el siguiente recibía a un solo ministro. En el otro se reunía no con un ministro sino con varios ministros. En éste almorzaba con su familia. En el de más allá con sus amigos. En aqueste únicamente los días de grandes ceremonias. Aquí aguardaban las damas de la reina madre. Aquí recibía en audiencia la reina madre. Allí conversaba con sus amistades íntimas la reina madre. Más allá, en el otro salón, recibía la reina madre los homenajes oficiales.

Cincuenta y nueve salones tiene el palacio, cincuenta y nueve salones que son cincuenta y nueve sueños.

Aquí rutilan innumerables pedrerías, las porcelanas, las consolas, las vitrinas cargadas de joyas, un avaro enloquecería de codicia, un coleccionista se sentiría ladrón frente a estos templetes de oro y malaquita, a estos candelabros de plata y oro, a estos tibores japoneses. Harún al Raschid, palidecería paseándose por estas habitaciones revestidas de sedas celestes y amarillas, con estos salones forrados en cuero, con tablas de porcelana. Piercont Morgan perdería el sentido en la habitación de María Luisa. Relieves de porcelana blanca y verde, medallones derramándose en jardines, palmeras que trepan hasta el cielo cóncavo como el de una tetera japonesa. Y si no, son los jarrones de Lyon sobre consolas, las porcelanas más ricas de Sèvres y Sajonia, o los maravillosos relojes de Jawet Dros, o va son los pavimentos y los colores y dibujos están armonizados con los diseños de los muros.

escola italiana, bordados flamengos, ou então são estatuas, esculturas, ou então são porcelanas, ou então…

Onde colocamos os olhos. Nem mesmo se olhamos para o chão eles conseguem achar repouso, que o chão está forrado de felpudos desenhos, de quiméricas anilinas.

O visitante passeia atônito. Tudo isto pertencia ao Rei, à esposa do Rei, dos filhos do Rei. Esta inumerável riqueza era destinada a embelezar a vida dos amigos do Rei, dos parentes do Rei. Neste salão o Rei lia. Naquele tomava café. Neste outro dormia. No seguinte recebia um ministro apenas. No outro se reunia não com um ministro mas com vários ministros. Neste almoçava com sua família. Naquele mais ali com seus amigos. Neste aqui apenas nos dias de grandes cerimonias. Aqui as damas da rainha mãe aguardavam. Aqui a rainha mãe recebia em audiência. Ali a rainha mãe conversava com suas amizades íntimas. Mais adiante, no outro salão, a rainha mãe recebia as homenagens oficiais.

Cinquenta e nove salões tem o palácio, cinquenta e nove salões que são cinquenta e nove sonhos.

Aqui rutilam inumeráveis pedrarias, as porcelanas, os aparadores, as vitrines carregadas de joias, um avaro enlouqueceria de cobiça, um colecionador se sentiria um ladrão diante destes pavilhões de ouro e malaquita, destes candelabros de prata e ouro, destes vasos japoneses de louça. Harun al-Raschid[87], empalideceria percorrendo estes cômodos revestidos de sedas celestes e amarelas, com estes salões forrados em couro, com pranchas de porcelana. Pierpont Morgan[88] perderia os sentidos no quarto de Maria Luísa. Relevos de porcelana branca e verde, medalhões se derramando em jardins, palmeiras que trepam até o céu côncavo como o de um bule japonês. E se não, são os jarros de Lion sobre aparadores, as porcelanas mais preciosas de Sèvres e da Saxônia, ou os maravilhosos relógios de Jaquet-Droz[89], ou então são os pavimentos cujas cores e desenhos estão harmonizados com os desenhos das paredes.

---

[87] Califa do século VI, mencionado em *As Mil e Uma Noites*.
[88] J.P. Morgan (1837-1913), banqueiro e colecionador de arte norte-americano.
[89] Relojoeiro suíço (1721-1790).

Y no está todo. No está todo. Se han suprimido los mobiliarios de los reyes, los baños, los retretes suntuosos, los jarrones cargados de preciosas flores, los armarios cargados de ropas, las chucherías íntimas, no está todo, falta casi más de la mitad, las joyas, los frascos de perfumes, los uniformes del rey, las armas del rey, los aderezos de la reina y los juguetes de los hijos del rey, y los caballos del rey, y no está todo, que faltan los lacayos de vistosísimas libreas, y los nobles en los salones, y los militares con sus uniformes de rojo, verde, azul, blanco y amarillo, y no está todo, que faltan las damas de honor, y los caballeros de honores, y los prelados y los diplomáticos…

El vacío y la curiosidad. Curiosidad de visitantes que desencajan los ojos. Vacío.

De las arcadas, en la sombra de los patios de piedra se escapa un hedor agrio. Los grandes patios, cuadrados, siniestros, enlozados de piedra, dejan ver los soportales desiertos, con un pistolo que se pasea con el mosquetón al hombro. El sol moja tristemente las fachadas, y yo me paseo aquí, pensando que no me parezco a Chateaubriand, que fue el inventor de la fórmula: “El rey ha muerto. Viva el rey”.

E isso não é tudo. Não é tudo. Retiraram o mobiliário dos reis, os banheiros, os retretes suntuosos, os vasos carregados de lindas flores, os armários carregados de roupas, as bugigangas íntimas, não é tudo, falta quase mais da metade, as joias, os frascos de perfumes, os uniformes do rei, as armas do rei, os adereços da rainha e os brinquedos dos filhos do rei, e os cavalos do rei, e não é tudo, que faltam os lacaios de vistosíssimas librés, e os nobres nos salões, e os militares com seus uniformes de vermelho, verde, azul, branco e amarelo, e não é tudo, que faltam as damas de honra, e os cavaleiros de honra, e os prelados e os diplomatas…

O vazio e a curiosidade. Curiosidade de visitantes cujos olhos saltam. Vazio.

Das arcadas, na sombra dos pátios de pedra escapa um fedor acre. Os grandes pátios, quadrados, sinistros, ladrilhados com pedra, deixam ver os pórticos desertos, com um milico que passeia com o mosquetão no ombro. O sol molha tristemente as fachadas, e eu passeio aqui, pensando que não pareço com Chateaubriand, que foi o inventor da fórmula: “O rei está morto. Viva o rei”.

**En la cocina del Rey (*El Mundo*, 14 de marzo de 1936).**

¿Qué ama de casa no experimenta la curiosidad de saber cómo es la cocina del rey, lo que almuerza el rey y lo que desayuna la reina?

Pueriles expectativas que todos desean satisfacer, aunque en su fuero íntimo no les concedan importancia. De modo que, consecuente con mi profesión, he bajado por las escaleras del palacio, a las cocinas.

Las cocinas del palacio real, ocupan el subsuelo. Se llega a ellas por estrechas escaleras de piedra. Oblicuos tragaluces permiten comprobar qué es el espesor de las murallas de piedra, alcanza a cuatro metros. Si no supiéramos que marchamos hacia una cocina, creeríamos dirigirnos al "in pace" de una cárcel. Media luz autumnal flota bajo las bóvedas encaladas, y al terminarse las escaleras se encuentra uno en un corredor ancho, como el de un convento, y como el de un convento, también, abovedado por titánicas cimbras.

Un guardián de librea azul, gorra plana, galones dorados, ex cocinero, nos dice la dirección de la cocina. Cuando llego a la puerta, veo, junto al muro encalado, sentado de cara a la pared, otro ex cocinero uniformado, que se calienta las manos en un encendido brasero de pobre. Sigo adelante.

He entrado al primer equipo de las cocinas. Estantes larguísimos, cargados de peroles de cobre, chocolateras, barreños, moldes para hacer helados. El triste anciano que me acompaña, me dice:

— Aquí se preparaba el desayuno de los Reyes. La reina desayunaba después de escuchar misa, a las nueve de la mañana, jamón, mantequilla con tostadas y café con leche muy liviano. El rey desayunaba a las diez, café con leche y unos bizcochos. A las once y media, después de terminar la audiencia, se le volvía a servir un vaso de vino añejo y algunas galletas.

Junto a este equipo, destinado exclusivamente a los desayunos, se encuentra la despensa. Grandes tableros de mármol ofrecen la extensión de sus mesas. Docenas y más docenas de bandejas de cobre, unas estañadas y otras no. Morteros monumentales. Una inmensa heladera eléctrica aparece adosada al muro. El ex cocinero, me dice:

—Después que colocaron la heladera, el rey bajó para verla. La reina nunca bajaba a la cocina.

En otra pared observo un artefacto de porcelana.

**Na cozinha do Rei (*El Mundo*, 14 de março de 1936).**

Que dona de casa não tem a curiosidade de saber como é a cozinha do Rei, o que almoça o Rei e qual o café da manhã da rainha?

Expectativas pueris que todos desejam satisfazer, mesmo que em seu íntimo não lhes deem importância. De modo que, em consequência de minha profissão, desci as escadas do palácio, em direção às cozinhas.

As cozinhas do palácio real, ocupam o subsolo. Chega-se a elas passando por estreitas escadas de pedra. Oblíquas claraboias permitem verificar a qual é a espessura das muralhas de pedra, chega a quatro metros. Se não soubéssemos que estamos indo em direção a uma cozinha, acharíamos que estamos indo à solitária de uma prisão. Meia luz outonal flutua sob as abóbadas caiadas, e ao final das escadas chegamos a um corredor largo, como o de um convento, e como o de um convento, também, abobadado por titânicas vergas.

Um guardião de libré azul, gorro achatado, galões dourados, ex-cozinheiro, nos indica a direção da cozinha. Quando chego à porta, vejo, junto ao muro caiado, sentado de cara para a parede, outro ex-cozinheiro uniformizado, que esquenta as mãos num aceso braseiro de pobre. Sigo adiante.

Cheguei à primeira equipe das cozinhas. Estantes larguíssimas, carregadas de tachos de cobre, chocolateiras, bacias, moldes para fazer picolés. o triste ancião que me acompanha, me diz:

— Aqui era preparado o café da manhã dos Reis. A rainha o tomava depois da missa, às nove da manhã, presunto, torradas com manteiga e café com leite bem fraco. O Rei tomava o café às dez, café com leite e uns bolinhos. Às onze e meia, depois de terminar a audiência, era servido um copo de vinho envelhecido e alguns biscoitos.

Junto a esta equipe, destinada exclusivamente aos dejejuns, se encontra a despensa. Grandes prateleiras de mármore oferecem sua extensão. Dúzias e mais dúzias de bandejas de cobre, umas estanhadas e outras não. Morteiros monumentais. Uma imensa geladeira elétrica aparece embutida na parede. O ex-cozinheiro, me diz:

– Depois que colocaram a geladeira, o rei desceu para ver. A rainha nunca descia na cozinha.

Em outra parede observo um artefato de porcelana.

— ¿Y esto?

— Es la legumbrera. Aquí se ponen las patatas, allí las coles, para lavarlas.

En un estante relucen, enfilados, ataúdes de cobre. Son salmoneras. Al fondo de la reposería, con elevados arcos encalados, donde la media luz evoca la soledad conventual, hay una garita encristalada, semejante a la timonera de un dreadgnouth. Desde aquí vigilaba el cocinero mayor, aquí llevaba la contabilidad del menú, desde el casamiento de Alfonso XIII. El menú se escribía en francés. He aquí una lista de almuerzo, correspondiente al 24 de diciembre del año 1930:

Creme d'orge.

Bottelettes russes et blanchaille.

Woisettes de boeuf au Maciere.

Oinde trufé.

Atichants a la italianne.

Plum pudding.

Mandarines glacees.[90]

De la despensa se pasa a la cocina. Dos fogones monumentales, de siete pies de largo por tres de ancho cada uno, con numerosas hornallas, dan la idea de la fabulosa cantidad de vituallas que ingerían los señores nobles los días de fiestas y banquetes oficiales. Ollas estañadas, grandes como toneles, muestran sus panzas de asteroides. Incrustado en un muro, un horno monumental. Sus asadores son altos como lanzas. Allí se puede dorar un buey sin descuartizarlo. Pantagruel se refocilaría en este subsuelo pavimentado de anchas lozas de piedra; se enternecería contemplando las ristras de coladores, de marmitas, de están descargando de casquetes de aluminio. Dichos casquetes cubrían los platos servidos que el montacargas elevaba al antecomedor. En otro estante veo aros de aluminio redondos y ovales. Se aplican a los bordes de los platos y fuentes, para que los dedos de los cocineros no maculen la loza real, ni la salsa llegue a salpicar las orillas. Se sale de este cocinón monstruo y entramos a otra cocina más pequeña: es la pastelería. Un horno enlozado muestra su puerta de hierro, el muro tiene estanterías con hileras de moldes para pastas, redondos, concavos, poligonales, con cantos en estrellas, unos son de cobre rojo, otros estañados. Aquí se prepararon los dulces para los reyes.

— ¿Trabajaban muchos nombres en las cocinas?

—Veintisiete, en tiempo normal. Cuando había fiestas se elevaban hasta sesenta.

---

[90] Assim grafado no original.

– E isto?

– É a legumeira. Aqui se colocam as batatas, ali as couves, para lavar.

Numa estante reluzem, enfileirados, ataúdes de cobre. São salmoneiras. Ao fundo do lugar, com elevados arcos caiados, onde a meia luz evoca a solidão conventual, há uma guarita envidraçada, semelhante à timoneira de um *dreagnouth*. Daqui o cozinheiro chefe vigiava, aqui fazia a contabilidade do menu, desde o casamento de Alfonso XIII. O menu era escrito em francês. Aqui está uma lista para o almoço, correspondente ao dia 24 de dezembro de 1930:

Crème d'orge.

Bottelettes russes et blanchaille.

Noisettes de boeuf au Maciere.

Oinde trufé.

Artichauts à l'italienne.

Plum pudding.

Mandarines glacées.

Da despensa passamos à cozinha. Dois fogões monumentais, de sete pés de comprimento por três de largura cada um, com numerosas fornalhas, dão a ideia da fabulosa quantidade de vitualhas que ingeriam os senhores nobres nos dias de festas e banquetes oficiais. Panelas estanhadas, grandes como toneis, mostram suas panças de asteroides. Incrustado numa parede, um forno monumental. Seus assadores são altos como lanças. Ali é possível dourar um boi sem esquartejá-lo. Pantagruel se esbaldaria neste subsolo pavimentado de largas lajotas de pedra; se enterneceria contemplando as réstias de peneiras, de marmitas, de estantes carregadas de calotas de alumínio. Essas calotas cobriam os pratos prontos para servir que o monta-cargas elevava até a copa. Em outra estante vejo aros de alumínio redondos e ovais. Servem para colocar nas bordas dos pratos e vasilhas, para que os dedos dos cozinheiros não maculem a louça real, nem a salsa chegue a salpicar as bordas. Saímos desse cozinhão monstro e entramos a outra cozinha menor: é a confeitaria. Um forno ladrilhado mostra sua porta de ferro, a parede tem estantes com filas de moldes para bolos, redondos, côncavos, poligonais, com cantos estrelados, uns são de cobre vermelho, outros estanhados. Aqui são preparados os doces para os Reis.

– Trabalhavam muitos homens nas cozinhas?

– Vinte e sete, em tempo normal. Quando havia festas aumentava até sessenta.

— ¿Qué jornales ganaban?

—No era mucho. Salvo los jefes, el resto del personal ganaba siete pesetas por día (3 pesos argentinos), y había algunos de tres pesetas diarias también. Como usted ve, el hecho de trabajar en la cocina del rey, no le enriquecía a uno.

— ¿Y la comida?

La comida era buena y abundante.

Me despido de mi informador, creyendo que eh satisfecho, en parte, la curiosidad de las buenas dueñas de casa argentinas.

– Quanto era a diária?

– Não era muito. Tirando os chefes, o resto do pessoal ganhava sete pesetas por dia (três pesos argentinos), e havia alguns de três pesetas diárias também. Como o senhor vê, o fato de trabalhar na cozinha do Rei, não enriquecia ninguém.

– E a comida?

– A comida era boa e abundante.

Despeço-me de meu informante, acreditando que satisfiz, em parte, a curiosidade das boas donas de casa argentinas.

**La armería del Palacio Real (*El Mundo*, 20 de marzo de 1936).**

Es el cuartel de los hombres y de las bestias de hierro.

Caballos con el cuello acorazado de lucientes flejes de acero, orejas embutidas en cornetes de acero, frontal y nariz tapados de acero, el pecho acorazado de acero. Debajo de los arneses se desprenden gualdrapas adoradas, recamadas de dragones, torres, escudos armeros. Cabalgan, estos cuadrúpedos hombres de hierro, arnés de justa y de guerra, chapados de pies a cabeza de acero, la cabeza, el rostro, la garganta, el pecho, el vientre, las piernas, el cuerpo entero revestido de acero.

Estos caballeros montados, con el brazo extendido, soportan desigualmente lanzas más largas que pararrayos, lanzas gruesas en la empuñadura, rematadas por triples dientes rompedores y desgarradores, o por cuchillas de hoja ancha, y uno inspecciona caviloso a estos hombres de estopa y acero que antaño lo fueran de carne y hueso, preguntándose cómo soportarían el peso de tales herramientas, de cuyo cuerpo sólo es visible la estopa de las entrepiernas, a través de la redecilla de acero que permite el juego de los quijotes.

Chapados de hierro, hasta las escarpas que defienden los pies.

Algunos llevan al cinto, espadas más anchas que la hoja de un matarife, otros soportan lanzas de singular inventiva, triplemente matadoras, con dos caños de arcabuz de chispa, incrustado en la periferia del asta, otros se engalanan como monstruos de coquetería, la armadura del rey Carlos V muestra un yelmo rematado en picuda cabeza de gerifalte, el rostro desaparecía bajo la careta de acero, taladrada lateralmente para permitir respirar, con agujeros de colador.

Todos ellos calzan las manos en guanteletes de acero, manoplas que parecen zarpas de fieras crueles, las dobles coyunturas de los dedos, erizadas de afiladísimas púas. Casi todos se pavonean en el caballo, sosteniendo entre los dedos riendas de terciopelo con greguerías de oro.

**O arsenal do Palácio Real (*El Mundo*, 20 de março de 1936).**

É o quartel dos homens e das bestas de ferro.

Cavalos com o pescoço encouraçado com luzentes tiras de aço, orelhas embutidas em cones de aço, fronte e nariz tapados com aço, o peito encouraçado de aço. Debaixo dos arneses se despregam gualdrapas adornadas, bordadas de dragões, torres, escudos de armas. Cavalgam estes quadrúpedes, homens de ferro, arnês de justa e de guerra, forrados dos pés à cabeça de aço, a cabeça, o rosto, a garganta, o peito, o ventre, as pernas, o corpo inteiro revestido de aço.

Estes cavaleiros montados, com o braço estendido, suportam desigualmente lanças mais compridas que para-raios, lanças grossas na empunhadura, rematadas por dentes triplos dentes e desgarradores, ou por facas de lâmina larga, e você inspeciona cismado estes homens de estopa e aço que outrora eram de carne e osso, se perguntando como suportavam o peso de tais ferramentas, de cujo corpo só se vê a estopa no vão entrepernas, através das redinhas de aço que permitem o jogo dos quixotes.

Chapados de ferro, até as escarpas que defendem os pés.

Alguns levam no cinto, espadas mais largas que lâmina de um açougueiro, outros suportam lanças de singular inventiva, triplamente matadoras, com dois canos de arcabuz de chispa, incrustado na periferia da haste, outros se enfeitam como monstros de afetação, a armadura do rei Carlos V mostra um elmo rematado numa bicuda cabeça de falcão-gerifalte, o rosto desaparecia sob a careta de aço, furada lateralmente para permitir respirar, com buraquinhos de peneira.

Todos eles vestem as mãos em luvas de aço, manoplas que parecem farpas de feras cruéis, as juntas duplas dos dedos, eriçadas com puas afiadíssimas. Quase todos se pavoneiam a cavalo, sustentando entre os dedos rédeas de veludo com adornos de ouro.

Hay allí armaduras más bellas que las que trabajó Vulcano para el colérico Aquiles, el arnés de guerra del archiduque Carlos de Austria muestra abombado peto recamado de flores pálidos, y su casco está rematado por una dorada corona, de la que escapan auténticos ramilletes de pluma de pavo real. El peto del caballo del rey Carlos I está tachonado de soles en relieve, el cuello de su potro parece el de un dragón, tan erizado se muestra de escamas de acero. Hay arneses embellecidos por recamaduras paganas, vuelos de amorcillos, diosas en triclinios, otros tienen el oro embutido, un oro envejecido por los siglos, amarillento entre avanzadas oxidaciones; la del duque de Urbino, Guibaldo II, es maravillosa como la Ilíada; Héctor hubiera abandonado a Helena para poseer semejante obra de arte; el peto reproduce en su abombadura de acero negro la musculatura toráxica de un atleta griego, las coyunturas de sus brazos están protegidas por codales qué son carátulas de demonios con amarillentos ojos de cristal.

¡Y la armadura del rey don Sebastián I de Portugal!

Es un deleite seguir a lo largo de su camisote, de las escarcelas, de los ristres, de las manoplas, de los quijotes, las paganías mitológicas bordadas con hilos de oro, diosas con un seno desnudo, adolescentes teniendo instrumentos de cuerda en la proa de trirremes, un juego tan fastuoso de figuras delicadas, que aún hoy sería hermoso poder vestir semejante traje de acerada estofa.

Hay coracinas milanesas, rematadas en cabezas de monstruos, enredadura de oro y acero negro, en otras el acero lívido está surcado de venas bronceadas, hay armaduras para niños de siete años, son numerosas; me detengo frente a la que usó Felipe II cuando era un párvulo. Su superficie es rugosa como la de una tortuga ancestral.

Supieron hermosearse la vida. Poner belleza hasta en las maquinas matadoras. Hay allí ballestas con guía de marfil e incrustaciones de nácar, y engranajes para distender el arco, hay ballestas de arcos de acero tan anchos, que algunos parecen la cornamenta de un buey. Y el disparo debía ser tan recio, La Saeta desfondaría la armadura. Y también hay espadas, espadas anchas como cuchillos de carniceros, algunas, como la que perteneció a Felipe IV, onduladas y finísimas como la vibración de un reptil de plata, hay pistolas que semejan pequeños cañones, y mazas de armas parecidas a bombas aéreas, con las doradas aletas de sus remates, y hay arcabuces cuyo cañón es tan alto como la fachada de una casa de un solo piso, y aquí está el nombre de Felipe II, y allí el de Farnesio, y más allá el de los Urbinos, el de los Medicis, el de los Lunas, el paseante entre esta muchedumbre de hombres revestidos de acero, en esta caserna medioeval, se

Há ali armaduras mais belas que as que Vulcano trabalhou para o colérico Aquiles, o arnês de guerra do arquiduque Carlos da Áustria apresenta peitilho abombado bordado de flores pálidas, e seu capacete é rematado por uma coroa dourada, da qual escapam autênticos ramalhetes de pluma de pavão real. O peitilho do cavalo do rei Carlos I é cravejado de sois em relevo, o pescoço do seu potro parece o de um dragão, tão eriçado que está de escamas de aço. Tem arneses embelezados por bordados pagãos, voos de cupidos, deusas em triclínios, outros tem ouro embutido, um ouro envelhecido pelos séculos, amarelado entre avançadas oxidações; a do duque de Urbino, Guibaldo II, é maravilhosa como a Ilíada; Héctor teria abandonado Helena para possuir semelhante obra de arte; o peito reproduz na sua curvatura de aço negro a musculatura torácica de um atleta grego, as juntas de sus braços estão protegidas por cotoveleiras que são máscaras de demônios com amarelados olhos de cristal.

E a armadura do rei Dom Sebastião de Portugal!

É um deleite seguir ao largo de sua malha, das escarcelas, dos ristes, das manoplas, dos coxais, as paganias mitológicas bordadas com fios de ouro, deusas com um seio nu, adolescentes tangendo instrumentos de corda na proa de trirremes, um jogo tão fastuoso de figuras delicadas, que ainda hoje seria lindo poder vestir semelhante traje de acerada estofa.

Há couraças milanesas, rematadas em cabeças de monstros, envolvidas de ouro e aço negro, em outras o aço lívido está sulcado de veias de bronze, há armaduras para crianças de sete anos, são numerosas; me detenho diante da que Felipe II usou quando era um garoto. Sua superfície é rugosa como a de uma tartaruga ancestral.

Souberam formosear a vida. Colocar beleza até nas máquinas matadoras. Há ali balestras com guia de marfim e incrustações de nácar, e engrenagens para distender o arco, há balestras de arcos de aço tão largos, que alguns parecem a galhada de um boi. E o disparo devia ser tão forte, A Flecha destruiria a armadura. E também há espadas, espadas largas como facas de açougueiros, algumas, como a que pertenceu a Felipe IV, onduladas e finíssimas como a vibração de um réptil de prata, há pistolas que parecem pequenos canhões, e maças de armas parecidas com bombas aéreas, com as abas douradas de suas extremidades, e há arcabuzes cujo cano é tão alto como a fachada de uma casa de um andar só, e aquí está o nome de Felipe II, e ali o de Farnesio, e mais adiante o dos Urbinos, o dos Medicis, o dos Lunas, quem passeia entre esta multidão de homens revestidos de aço, nesta caserna medieval,

empapa de Edad Media con una inquietud de regresión a la tiniebla, y es inútil que algunos arcabuces estén revestidos de coral, y que en algunos yelmos reprimen las piedras preciosas, y que algunas rodelas historien los impúdicos amores de una pareja desnuda. Una frialdad metálica, una media luz taciturna colma el recinto, bajo una tienda de armas (perteneció a Francisco I) roja y oro, parece que yaciera insepulto un capítulo de historia. Y uno se asoma y mira con la secreta de repulsión de tender que morir también.

se ensopa de Idade Média com uma inquietude de regressão às trevas, esse é inútil que alguns arcabuzes estejam revestidos de coral, e que em alguns elmos rebrilhem as pedras preciosas, e que alguns escudos mostrem histórias de impudicos amores de um casal nu. Uma frieza metálica, uma meia luz taciturna enche o recinto, sob uma barraca de armas (pertenceu a Francisco I) vermelha e ouro, parece que jazia insepulto um capítulo de historia. E você se aproxima e olha com a repulsa secreta a ter que morrer também.

**La barriada de Cuatro Caminos (*El Mundo*, 22 de marzo de 1936).**

Aquí patrullan constantemente Guardias de Asalto con el fusil en bandolera. Enormes cubos de doce pisos, flamantes. Esta es la avenida de Pablo Iglesias, en la barriada proletaria de Cuatro Caminos. A lo lejos, cipreses de cementerios abandonados, manchas tormentosas de bosquecillos en socavones de greda violácea, horizontes cruzados por metálicas torres de cables de alta tensión y enormes lienzos rojizos de muros de ladrillo. Entre los huecos que dejan los rascacielos poblados por muchedumbres trabajadoras, se recortan las pardas colinas de la llanura madrileña.

Vuelve uno sobre sus pasos y entra en la calle de Bravo Murillo; ancha como la avenida de Pablo Iglesias; pero más antigua que ésta. Las casas de tres pisos son escasas. Las manzanas están formadas por bloques de seis pisos en infatigable repetición.

Cuatro Caminos es sórdido.

De tanto en tanto aparece una taberna en el entresuelo de una ruinosa y antigua casa de tres pisos. Curiosas son estas fincas viejas, de plantas chatas, con los muros externos pintados de amorcillos que se engalanan con un lazo celeste sobre el ombligo y revolotean entre convencionales manojos de rosas.

Luego se recae nuevamente en la torva desolación de cemento, las monótonas hileras de ventanas ensabanadas, mostrando colgados de los hierros de los pasamanos, colchones, almohadas, camisas. En las calles laterales, estrechas, de cada balconcito asoma un asta, y de cada asta cuelga un tendal de ropa. Las ferias se extienden por las veredas, sin orden, sin uniformidad de armazones. Entre sus tenderetes de madera, de lona, de hojalata, hormiguea la multitud, la obsesionante multitud española; los hombres con traje azul de taller, y las mujeres, jóvenes o viejas, con alpargatas y con un pañolón a las espaldas.

Casi todas llevan un crío en los brazos. Tras de una tapia sin revocar, el viento zumba entre eucaliptos, y se ve el cielo por los huecos de ventanas quemadas que perforan la estructura de un muro, que aún por milagro mantiene sus ruinas en los aires. Tras de este muro se distinguen otros semiderribados, que pertenecen al que llamaban Colegio de las Maravillas, regenteado por religiosos y quemado durante la revolución que trajo la república.

**O subúrbio de Cuatro Caminos (*El Mundo*, 22 de março de 1936).**

Aqui a Guarda de Assalto patrulha constantemente com o fuzil em bandoleira. Enormes cubos de doze andares, flamantes. Esta é a avenida de Pablo Iglesias, no subúrbio proletário de Cuatro Caminos. Ao longe, ciprestes de cemitérios abandonados, manchas tormentosas de pequenos bosques em buracos de argila violácea, horizontes cruzados por metálicas torres de cabos de alta tensão e enormes fachadas avermelhadas de muros de tijolo. Por entre os vazios que deixam os arranha-céus povoados por multidões trabalhadoras, se recortam as pardas colinas da planície madrilenha.

Refazendo nossos passos, se entra na rua de Bravo Murillo; larga como a avenida de Pablo Iglesias; só que mais antiga. As casas de três andares são escassas. As quadras são formadas por blocos de seis andares em repetição infatigável.

Cuatro Caminos é sórdido.

De vez em quando aparece uma taberna na sobreloja de uma ruinosa e antiga casa de três andares. São curiosos estes prédios velhos, de plantas achatadas, com os muros externos pintados de cupidos que se enfeitam com um laço celeste sobre o umbigo e volteiam por entre convencionais maços de rosas.

Logo recaímos novamente na turva desolação de cimento, as monótonas fileiras de janelas encortinadas, mostrando pendurados nos ferros dos corrimãos, colchões, travesseiros, camisas. Nas ruas laterais, estreitas, de cada sacadinha assoma uma vara, em cada vara se pendura um varal de roupa. As feiras se estendem pelas calçadas, sem ordem, sem uniformidade nas barracas. Entre seus tabuleiros de madeira, de lona, de latão, formiga a multidão, a obsessionante multidão espanhola; os homens com roupa azul de oficina, e as mulheres, jovens ou velhas, com alpargatas e com um lenço largo nas costas.

Quase todas carregam uma criança nos braços. Atrás de um muro sem reboco, o vento zumbe entre eucaliptos, e dá para ver o céu pelos buracos de janelas queimadas que perfuram a estrutura de uma parede, que por milagre ainda mantém suas ruínas nos ares. Atrás deste muro se distinguem outros semiderrubados, que pertencem ao que chamavam Colégio de Las Maravillas, comandado por religiosos e queimado durante a revolução que trouxe a república.

La multitud proletaria — ¡qué sentido tiene esta frase aquí, en la avenida siniestra, cruzada de transversales estrechas, pavimentadas de piedra de río, aún en las veredas, con edificios de ladrillo, muchos frentes, por economía, no están revocados!...—, la multitud, espesa, hormiguea por todas las calles, el rededor de los comercios. Auténticas bandas de criaturas, de ambos sexos, se agolpan frente a las vidrieras, donde se exhiben juguetes para las fiestas de Navidad y de Reyes; pero con una densidad tal, toda esta humanidad, que uno trata inútilmente de imaginarse la impresionante grandeza de los movimientos revolucionarios de masas. En casi todos los muros se leen en letras rojas o negras consignas revolucionarias: "¡Abajo la guerra imperialista!", "¡Amnistía completa!", "¡No más fusilamientos!"

Cuatro Caminos. En los días de la contrarrevolución, las ametralladoras de los guardias civiles y de asalto tableteaban incesantemente aquí. Aún hoy, patrullan constantemente pequeños grupos de guardias de asalto con el fusil en bandolera.

De tanto en tanto, se encuentran puestos de libros viejos, de mecánicos ambulantes, de fontaneros. Un charlatán hipnotiza a una mujer sentada en un sillón de paja, en el centro de la calzada. La fulana, flaca de hambre, hace bailar un plato en la punta de un bastón, luego se queda tiesa en el centro de la calle anchurosa, cerrada por un fondo de nubes plateadas que recortan agudos campanarios. Una muchedumbre entre incrédula y curiosa rodea al magnetizador que ha vendado a su compinche.

Tomo por callejuelas de desolación, tahonas de patios sombríos, porterías polvorientas, jorobaditas que barren zaguanes, familias que caminan disputando por el centro de la calle, hombres con bufanda a lo malhechor de gravados de novela y, de pronto, inesperadamente, llego a un horizonte abierto, tumultuoso de arquitecturas de nubes, ensanchados sobre la vega madrileña. Son pardas playas de tierra con manchas verdinegras que arrepollan líneas sinuosas, lomas amarillentas como médanos, caseríos más dispersos que dados, valles alargados, embanderados por lienzos de humo, y este horizonte bravío y ríspido, es maravilloso. Junto a estos barrancos de la ciudad, poblados de siniestras encrucijadas de rojos edificios de seis pisos, que compaginan verticalmente callejuelas de tierra amarilla, en declive, inesperados baldíos cercados por tapias de tablas dentadas como hojas de serrucho, y un farol de gas al costado, se recuerdan los maravillosos cromos con qué se ha hecho la publicidad de El Malvado Carabel.

A multidão proletária — mas quanto sentido tem esta frase aqui, na avenida sinistra, cruzada por transversais estreitas, pavimentadas com pedra de rio, inclusive as calçadas, com edifícios de tijolo, muitas fachadas, por economia, não estão rebocados!...—, a multidão, espessa, formiga por todas as ruas, ao redor dos comércios. Autênticos bandos de crianças, de ambos os sexos, se amontoam em frente às vitrines, onde são exibidos brinquedos para as festas de Natal e do Dia de Reis; mas com uma densidade tal, toda esta humanidade, que a gente procura inutilmente imaginar a impressionante grandeza dos movimentos revolucionários de massas. Em quase todos os muros se leem em letras vermelhas ou negras palavras de ordem revolucionárias: "Abaixo a guerra imperialista!", "Anistia completa!", "Basta de fuzilamentos!".

Cuatro Caminos. Nos dias da contrarrevolução, as metralhadoras dos guardas civis e de assalto trovoavam incessantemente aqui. Ainda hoje, patrulham constantemente pequenos grupos de guardas de assalto com o fuzil em bandoleira.

De vez em quando, se encontram lojas de livros velhos, de mecânicos ambulantes, de encanadores. Um charlatão hipnotiza uma mulher sentada numa poltrona de palha, no meio da rua. A fulana, magra de fome, faz um prato dançar na ponta de um bastão, em seguida fica rígida no meio da rua larga, tapada por um fundo de nuvens prateadas que contornam agudos campanários. Uma multidão entre incrédula e curiosa rodeia o magnetizador que colocou a venda em seu cupincha.

Vou por ruelas de desolação, padarias de pátios sombrios, portarias empoeiradas, corcundinhas que varrem saguões, famílias que caminham disputando o centro da rua, homens de cachecol colocado como malfeitores, com gravuras de romance e, de repente, inesperadamente, chego a um horizonte aberto, tumultuoso de arquiteturas de nuvens, alargado sobre a várzea madrilenha. São praias pardas de terra com manchas verde-negras que arrepolham linhas sinuosas, colinas amareladas como dunas, casarios mais dispersos que dados, vales alargados, enfeitados por colunas de fumaça, e este horizonte bravio e ríspido, é maravilhoso. Junto a estes barrancos da cidade, povoados de sinistras encruzilhadas de edifícios vermelhos de seis andares, que compaginam verticalmente ruelas de terra amarela, em declive, inesperados terrenos baldios cercados por tapumes de tabuas denteadas como serrotes, e um farol de gás na lateral, lembram as maravilhosas imagens com as quais se fez a publicidade de El Malvado Carabel.

**Un dramaturgo al desnudo (*El Mundo*, 23 de marzo de 1936).**

En la casa de dramaturgo don Jacinto Grau. El mejor autor teatral de la península, según Pirandello. Ya hace algunos años, nuestro compatriota Max Rohde escribió sobre él, motejándole de "Divino". El "Divino", prácticamente, es un señor anciano, quién en los momentos en que le visito está terminando de acicalarse en el cuarto de baño. Su esposa, indignada, me dice: "Este hombre se pasa el día metido en el cuarto de baño. Es peor que una mujer para vestirse. Y tan meticuloso que se enfada si le tocan su toalla".

Luego se marcha la señora, don Jacinto, mientras con extremada coquetería se pasa crema por los labios, me dice, alardeando de jovenzuelo:

—Me siento semejante a un niño. Estoy seguro que si me pusiera a jugar a los bolos bien pronto me olvidaría de mi edad y disputaría con ellos por un tanto.

Ahora el autor de *Pigmalión* se empolva los brazos. Mirándose complaciente en el espejo, me dice:

—Soy uno de los hombres de España que tiene el cuerpo mejor formado.

A continuación una confidencia de carácter espiritual:

—Algunos experimentan debilidad por las taquimecas: a mí, Víctor Hugo, me encantan las criadas. Se ha fijado usted qué guapa moza es la nuestra. No le diga nada porque es capaz de quejarse a mi señora (suspirando). Mi mujer no me deja vivir los celos. Es tan regañona que ni en el cuarto de baño deja de importunarme. También yo...

El maestro cambia de conversación:

—Me interesa mucho su juicio sobre mis obras. Usted debe ser un periodista fenomenal (observando mi gesto defensivo). No crea que lo adulo, pero una empresa americana amas manda a un tonto a dar vueltas por el mundo. Usted me ha sido extraordinariamente simpático. Cuando *lea El conde Alarcos* y *El caballero de Varona* se dará cuenta de que de aquí a Calderón de la Barca, pocos dramaturgos hay que me alcancen. Este no es un pensamiento mío.

Toma un grueso volumen de un estante.

—Vea, es la *Historia de la lengua y literatura castellana*, de Julio Cejador y Frauca, Tomo XI.

Don Jacinto Grau, peinado con la raya al medio y en camiseta de mangas cortas, Lee después de calarse los lentes:

**Um dramaturgo desvelado (*El Mundo*, 23 de março de 1936).**

Na casa do dramaturgo Dom Jacinto Grau. O melhor autor teatral da península, segundo Pirandello. Alguns anos atrás, nosso compatriota Max Rohde escreveu sobre ele, lhe chamando de “Divino”. O “Divino”, praticamente, é um senhor ancião, que na hora em que chego para visita-lo está terminando de se enfeitar no banheiro. Sua esposa, indignada, me diz: "Este homem passa o dia enfiado no banheiro. É pior que uma mulher para se vestir. E é tão meticuloso que acha ruim se tocam sua toalha".

Logo a senhora sai, e Dom Jacinto, passando creme pelos lábios com extremada afetação, me diz, dando uma de rapazinho:

– Me sinto como uma criança. Tenho certeza que se fosse jogar boliche logo me esqueceria da minha idade e a disputa com eles seria dura.

Agora o autor de *Pigmalión* passa pó nos braços. Olhando-se complacente no espelho, me diz:

– Sou um dos homens da Espanha que tem o corpo mais bem feito.

Continua com uma confidência de caráter espiritual:

– Alguns têm um fraco pelas datilógrafas: já eu, como Víctor Hugo, prefiro as criadas. Você deve ter reparado que linda moça é a nossa. Mas não diga nada porque é capaz de mina mulher se queixar (suspirando). Minha mulher não me deixa viver de ciúmes. É tão rabugenta que nem no banheiro me deixa em paz. Também eu...

O mestre muda de conversa:

– Me interessa saber o que acha das minhas obras. O senhor deve ser um jornalista fenomenal (me observando na defensiva). Não pense que estou lhe bajulando, mas uma empresa americana não mandaria um tonto para rodar pelo mundo. O senhor me parece extraordinariamente simpático. Quando ler *El conde Alarcos* e *El caballero de Varona* vai se dar conta de que daqui até Calderón de la Barca, há poucos dramaturgos que me alcancem. Este não é um pensamento meu.

Pega um volume grosso numa estante.

– Veja, é a *História da Língua e Literatura Castelhana*, de Julio Cejador e Frauca, Tomo XI.

Dom Jacinto Grau, penteado com o cabelo partido ao meio e em mangas de camisa, lê depois de enfiar os óculos:

"En madurez de ingenio, hondura filosófica, análisis, psicología, relieve de caracteres, propiedad de lenguaje, acabado primor de fondo y forma, no llega acaso a Grau ningún autor español, desde que el gran Calderón arrimó el cetro a la escena."

Don Jacinto Grau deja el volumen sobre la mesa, hurga en las páginas de otro libro.

—Éste ha sido editado en Buenos Aires y está escrito por un señor Arturo Berenguer Carisomo.

El "divino" lee: "Fuera de algunas tentativas renovadas del siglo XX, un teatro orgánico de franca tendencia actual y definitivamente evadido de las amarras del naturalismo del romanticismo espectacular y epidérmico, es el de Jacinto Grau, una de las proyecciones más intensas y más extraordinarias del arte dramático del cuarto siglo que vamos viviendo".

El maestro me mira triunfalmente; ahora, mientras se coloca el cuello, me dice:

—Aquí en España se me odia y envidia. Mientras que mis obras se representan en el extranjero, traducidas, aquí, algunos malintencionados han inventado este verso abominable. Escúchelo usted para que se dé cuenta a qué extremos de malignidad se llega en este país: "Estrena Grau, teatro cerrau".

Salimos. Don Jacinto no gasta sombrero. Tomamos el Metro en la estación de Goya. A poco de ponerse en movimiento los coches el maestro me dice:

—Observe disimuladamente como me mira esa rubia.

Yo observo y no veo a ninguna mujer mirando a don Jacinto, y si a una robusta rubia en bebida en la contemplación de un alfeñique. Don Jacinto, sin apartar los ojos de la desconocida, continúa:

—Lo que me atrae en esa mujer es su distinción. Vuelva la cabeza, como quien no quiere, que ahora me sonríe.

Observo nuevamente. La mujer se ha enterado, por fin, que el dramaturgo la contempla y la mira vacuamente.

—Ella debe reconocerme. ¿Qué le parece que la sigamos?

—Es que yo, don Jacinto...

Don Jacinto, siempre complaciente:

—Como quiera, como quiera. Es mejor que la siga yo solo. En cuanto baje, me despediré de usted. No mire, que ella se va a enterar y podría no agradarle. Su mirada es ahora apasionada. Debe ser una mujer de temperamento ardiente.

"Na maturidade de engenho, profundidade filosófica, análise, psicologia, relevo de caráteres, propriedade de linguagem, acabado primor de fundo e forma, não alcança a Grau nenhum autor espanhol, desde que o grande Calderón saiu de cena."

Dom Jacinto Grau deixa o volume sobre a mesa, fuça as páginas de outro livro.
– Este foi editado em Buenos Aires, escrito por um senhor chamado Arturo Berenguer Carisomo.
O "divino" lê: "Fora algumas tentativas renovadas do século XX, um teatro orgânico de franca tendência atual e definitivamente livre das amarras do naturalismo e do romantismo espetacular e epidérmico, é o de Jacinto Grau, uma das projeções mais intensas e mais extraordinárias da arte dramática do quarto de século que vamos vivendo".
O mestre me olha triunfalmente; agora, enquanto coloca o colarinho, me diz:
– Aqui na Espanha me odeiam e invejam. Enquanto minhas obras se representam no estrangeiro, traduzidas, aqui, alguns mal-intencionados inventaram este verso abominável. Escute o senhor para que perceba a que extremos de malignidade se chega neste país: "Estreia Grau, teatro fechau".
Saímos. Dom Jacinto não gasta chapéu. Tomamos o Metrô na estação de Goya. Assim que o trem se põe em movimento o mestre me diz:
– Observe disfarçadamente como me olha essa loira.
Eu observo e não vejo nenhuma mulher olhando para Dom Jacinto, e sim uma loira robusta embebida na contemplação de um alfenim. Dom Jacinto, sem tirar os olhos da desconhecida, continua:
– O que me atrai nessa mulher é sua distinção. Vire a cabeça, como quem não quer nada, que agora está sorrindo para mim.
Observo novamente. A mulher percebeu, por fim, que o dramaturgo a contempla e a observa vaziamente.
– Ela deve ter me reconhecido. Que tal se a seguirmos?
– É que eu, dom Jacinto...
Dom Jacinto, sempre complacente:
– Como quiser, como quiser. É melhor que eu a siga sozinho. Quando descer, me despeço do senhor. Não olhe, que ela vai perceber e pode não gostar. Seu olhar agora é apaixonado. Deve ser uma mulher de temperamento ardente.

—Vea que a mí me parece más bien linfática...

—No diga esas cosas, Arlt. Esa mujer es un volcán.

—En fin, usted sabrá, maestro.

— ¿No le gusta a usted esa mujer, Arlt?

—Hombre... No me disgusta y me entusiasta... Pero en la intimidad debe ser muy fría; una de esas mujeres que siempre están preguntando qué horas son.

Por fin, la rubia madrileña desembarca en la estación Sevilla. Don Jacinto excesivamente me estrecha las manos, diciéndome:

—Venga por casa otro día, que charlaremos. Y que no se entere mi mujer.

– Olha, para mim parece mais fleumática...

– Não diga essas coisas, Arlt. Essa mulher é um vulcão.

– Enfim, o senhor é quem sabe, mestre.

– Não gostou dessa mulher, Arlt?

– Homem... Não gosto nem desgosto... Mas na intimidade deve ser muito fria; uma dessas mulheres que sempre estão perguntando que horas são.

Finalmente, a loira madrilenha desembarca na estação Sevilha. Dom Jacinto me aperta excessivamente as mãos, dizendo-me:

– Apareça lá em casa outro dia, para conversarmos. E melhor que minha mulher não saiba.

**La obra de un gran dramaturgo (*El Mundo*, 28 de marzo de 1936).**

He leído de un tirón *El conde Alarcos, Entre llamas, El señor Pigmalión, El caballero Varona y El hijo pródigo* de este gran poeta y dramaturgo que es don Jacinto Grau.

Cada título de una de sus aplaudidas obras en cumbre tal monumento de belleza, de cinismo, de desesperación y goces inefables, que cuando luego, nuevamente, tropieza uno con el autor, le mira y se pregunta:

— ¿Es posible que este hombre conciba, desenvuelva y lleve a feliz término empresas de arte semejantes?

En *El señor Pigmalión*, Grau alcanza la grandeza de Poe o de Hoffmann. Se explica la apasionada traducción de Francis Miomandre, el éxito de la obra en París. El drama es tan perfecto como una sinfonía de Debussy. Sangrienta la farsa de muñecos y de hombres, homunculos de sustancia más celosa, más cruel, más frívola y más estúpida que la dolorosa substancia humana.

Decía Pirandello que Grau era el mejor dramaturgo español, y es de creerle. La única desgracia de don Jacinto Grau es escribir en castellano: que si escribiera en otro idioma, le celebrarían cultas multitudes.

Antes me refería al poeta que existe en Grau. Frecuentemente, el estilo es el enemigo de la obra de teatro. Denuncia un esqueleto descalcificado, una acción de vacilantes líneas magnéticas, pero en Grau, el estilo a veces enjuto como el nervio de piedra de un cimborrio gótico, y recargado en otras como una fachada plateresca de la decadencia, el refleja el anima creativa de sus personajes terribles, todos amanojando haces de voluntad y pasión encendida. Por momentos, se vacila ante la obra de este dramaturgo, no se sabe qué admirar más: si la originalidad de sus asuntos o la magnificencia de sus formas. El caballero Varona le responde a una señora que le califica de rufián por haber intentado extorsionarla:

— Exacto, señora. Las cosas tienen su nombre y no otro. Soy un rufián de oficio. Y de serlo, vivo.

**A obra de um grande dramaturgo (*El Mundo*, 28 de março de 1936).**

Li de uma só vez *O conde Alarcos, Entre chamas, O senhor Pigmalión, O cavaleiro Varona* e *O filho pródigo* deste grande poeta e dramaturgo que é Dom Jacinto Grau.

Cada título de uma de suas aplaudidas obras encobre tal monumento de beleza, de cinismo, de desespero e gozos inefáveis, que assim que, outra vez, você tropeça com o autor, olha para ele e se pergunta:

— É possível que este homem conceba, desenvolva e leve a bom termo semelhantes empresas de arte?

Em *O senhor Pigmalión*, Grau alcança a grandeza de Poe ou de Hoffmann. É explicável a apaixonada tradução de Francis Miomandre, o êxito da obra em Paris. O drama é tão perfeito como uma sinfonia de Debussy. Sangrenta a farsa de bonecos e de homens, homúnculos de substância mais ciumenta, mais cruel, mais frívola e mais estúpida que a dolorosa substancia humana.

Pirandello dizia que Grau era o melhor dramaturgo espanhol, e pode acreditar nisso. A única desgraça de Dom Jacinto Grau é escrever em castelhano: se escrevesse em outro idioma, seria celebrado por cultas multidões.

Anteriormente me referia ao poeta que existe em Grau. Frequentemente, o estilo é o inimigo da obra de teatro. Denuncia um esqueleto descalcificado, uma ação de vacilantes linhas magnéticas, mas em Grau, o estilo às vezes enxuto como o nervo de pedra de um zimbório gótico, e carregado em outras como uma fachada plateresca da decadência, reflete o *anima activa* de seus personagens terríveis, todos amontoando feixes de vontade e paixão acesa. Por momentos, se vacila diante da obra deste dramaturgo, não se sabe o que se admirar mais: se a originalidade de seus assuntos ou a magnificência de suas formas. O cavaleiro Varona responde a uma senhora que lhe chama de rufião por ter tentado extorqui-la:

— Exato, senhora. As coisas têm seu nome e pronto. Sou um rufião de ofício. E disso, vivo.

¡El caballero Varona! Os recuerda esos personajes de Andreiev. La misma grandeza despiadada con “algo de inefable que impone, desagrada y atrae al mismo tiempo". Exaltando la voluntad sobre todas las debilidades, aún las propias. Y después, *El señor de Pigmalión. El señor de Pigmalión* puede desenfadadamente ocupar el puesto que el tiempo concede, lentísimamente, en su estantería, a las obras maestras que adornan los siglos.

*El señor de Pigmalión* es un gozoso alarde de técnica teatral. Empresarios, espectadores y muñecos, entreverados en coloquios de asombro, pasión, celos y crimen. Muñecos tan perfectamente parecidos a los vivos, que únicamente los delata el musical crujido de las articulaciones, la torpeza del paso, la espectral incoherencia de sus actitudes. Cautivan con más curiosidad y violencia que sí por las venas les corrieron torrentes de sangre de superhombres. Muñecos en los que irónicamente el autor retrata arquetipos españoles. Don Lindo con el bisoñé perdedizo, El capitán Araña, desaforado y patriotero; Bernardo el de la espada; Ambrosio, el de la carabina; el Enano de la Venta, Pomponina. Pomponina, la muñeca, que por su frivolidad nos recuerda la colombina del Petrushka de Stravinsky; muñecos que en la soledad de un escenario desierto, iluminado por la violacea claridad voltaica, dibujantes dibujan en los lienzos desolados estructuras de arquetipos, más fantasmagoricas, más dolorosas qué muñecos matrices dónde los siglos han fundido estos tipos humanos que nunca somos ni yo ni tú, "mi hipócrita lector, mi prójimo, mi hermano".

Ricardo Baeza durante catorce años ha pregonado que la Obra maestra de Grau es *El conde Alarcos*. Grau, con esa característica miopía de los genios, ha terminado creyéndolo. Encarece esta tragedia, sobre todas sus creaciones. Indudablemente, en *El conde Alarcos* sopla un viento que no alcanza la intensidad esquiliana que el asunto merece. Por instantes, los deseos de sus monstruos culminan, más la psicología de ellos, sombras de cantiga, es dura, carece de flexibilidad, de modo que a pesar de que este grupo ha sido tallado en el más hermoso de los mármoles idiomáticos, permanece muerto en el mismo yermo de su pasado.

¿Importa esto? No. *El conde Alarcos* rebosa de poesía, es ardiente y desvanecido como un fantasma gótico.

O cavaleiro Varona! Faz lembrar esses personagens de Andreiev. A mesma grandeza despiedada com “algo de inefável que impõe, desagrada e atrai ao mesmo tempo". Exaltando a vontade sobre todas as debilidades, inclusive as próprias. E depois, *O senhor de Pigmalión. O senhor de Pigmalión* pode despreocupadamente ocupar o posto que o tempo concede, lentissimamente, em suas estantes, às obras-primas que adornam os séculos.

*O senhor de Pigmalión* é um gozoso alarde de técnica teatral. Empresários, espectadores e bonecos, misturados em colóquios de assombro, paixão, ciúme e crime. Bonecos tão perfeitamente parecidos aos vivos, que só o que os delata é o musical rangido das articulações, a torpeza do andar, a espectral incoerência de suas atitudes. Cativam com mais curiosidade e violência do que se corressem por suas veias torrentes de sangue de super-homens. Bonecos nos quais o autor ironicamente retrata arquétipos espanhóis. Juan o Tonto com seu delicioso “quê, quê”, Dom Lindo com a peruca perdidiça, O capitão Aranha, desaforado e patrioteiro; Bernardo o da espada; Ambrosio, o da carabina; o Anão de la Venta, Pomponina. Pomponina, a boneca, que por sua frivolidade nos lembra a colombina do Petrushka de Stravinsky; bonecos que na solidão de um cenario deserto, iluminado pela violácea claridade voltaica, desenham e desdesenham nas telas desoladas estruturas de arquétipos, mais fantasmagóricas, mais dolorosas que bonecos matrizes onde sigilosos séculos forjaram estes tipos humanos que nunca somos nem eu nem você, "meu leitor hipócrita, meu próximo, meu irmão".

Ricardo Baeza durante catorze anos apregoou que a Obra maestra de Grau é *O conde Alarcos*. Grau, com essa característica miopia dos gênios, acabou acreditando. Encarece esta tragédia, sobre todas as suas criações. Sem dúvida, em *O conde Alarcos* sopra um vento que não alcança a intensidade esquiliana que o assunto merece. Por instantes, os desejos de seus monstros culminam, mas a psicologia deles, sombras de cantiga, é dura, carece de flexibilidade, de modo que apesar de que este grupo tenha sido talhado no melhor dos mármores idiomáticos, permanece morto no mesmo ermo do seu passado.

Isso Importa? Não. *O conde Alarcos* transborda de poesia, é ardente e desvanecido como um fantasma gótico.

En cambio ¡qué hermoso *Don Juan de Carillana*! Un imperioso aroma de violetas impregna la comedia. La poesía del autor, del amor donjuanesco, se derrama allí tan limpia y pura, que un coloquio de don Juan con una criadilla alcanza la misma plenitud de luz ingenua quién descubre el diálogo de don Quijote con su escudero después que éste no vio a Dulcinea. Don Juan, esta vez ignorándolo, pena y padece por rendir la fortaleza de una mujer que ignora es su hija. No ocurre nada, pero queda temblando en el espacio una luz de poema tan pueril y tierno, que después de leérsele, el Idilio se rejuvenece en el alma como un sueño que únicamente podía tallar este imaginero qué se llama don Jacinto Grau, y que puerilmente cree ser el hombre de cuerpo mejor formado en España.

Por outro lado, como é belo *Don Juan de Carillana*! Um imperioso aroma de violetas impregna essa comédia. A poesia do autor, do amor à la Don Juan, se derrama ali tão limpa e pura, que uma conversa de don Juan com uma criadinha alcança a mesma plenitude de luz ingênua que descobre o diálogo de Dom Quixote com seu escudeiro depois que este não viu Dulcineia. Don Juan, desta vez sem saber, sofre e padece por cultuar a fortaleza de uma mulher que ignora que é sua filha. Não acontece nada, mas fica tremendo no espaço uma luz de poema tão pueril e terno, que depois que se lê, o Idilio rejuvenesce na alma como um sonho que só poderia ter sido talhado por este imaginador que se chama Dom Jacinto Grau, e que puerilmente acredita ser o homem de corpo mais bem feito da Espanha.

**El parque del Retiro (*El Mundo*, 29 de marzo de 1936)**

Inútil es que, poéticamente, me digan que entre sus árboles se paseó Larra y caviló Mesonero. Ni el fantasma de Larra ni el otro de Mesonero, tan amador de Madrid, le dan prestigio a su soledad invernal. Sin embargo, resulta extraordinario. Está a menos de mil quinientos metros de la Puerta del Sol, centro de toda referencia ciudadana. Parque del Retiro, en el corazón de Madrid tan pequeño, causa espanto con su dilatación asimétrica, con su gran lago de tres hectáreas y su arbolado de bosque. Antaño el Retiro era «el campo» donde se retiraban los reyes durante el verano. Se iba al Retiro como en Buenos Aires se va a Mar del Plata. Pero el Retiro está a menos de dos kilómetros del Palacio Real.

Una flotilla de botes pone en el estanque, antipoéticamente cuadrado, el chillido de sus numerosos chicos maniobrando las sesenta piraguas. Apoyado en una barandilla, hostil, un «guardabosque jurado» con ancha correa que le cruza el pecho y una corneta de bronce al costado (sí, señores, una corneta de bronce como la de los enanos de los castillos wagnerianos) escucha la algarabía acuática que riza el enorme lago con conatos de abordaje. Desde un alto pedestal de granito, a caballo, el rey juerguista, don Alfonso XII, dibuja un proyecto de héroe de maqueta.

Los árboles menudean tan espesos que, por momentos, el parque se transforma en bosque, como aquellos que nos maravillan a lo largo de los caminos de Asturias o Galicia. Una alfombra de hojas secas cubre el suelo de muelle tapiz; los bancos de mármol, oblicuos, semihundidos en el fango, están desiertos; un olor de quemazón puebla el aire helado; los troncos, como si tuvieran frío, se apretujan, exhiben torceduras como de tormento y muestran los blancos cortes de las recientes podas. A pesar del frío, el horizonte estaqueado por horquetas y ramas desnudas ofrece un aspecto de confín marroquí. Nubes azulencas se inmovilizan semejantes a zepelines.

El guardabosque jurado, con la corneta de bronce bajo el brazo, tiene una gótica apariencia de fantasmón.

**O parque do Retiro (*El Mundo*, 29 de março de 1936)**

É inútil que, poeticamente, me digam que entre suas árvores Larra[91] passeou e Mesonero[92] matutou. Nem o fantasma de Larra nem o outro de Mesonero, tão amador de Madrid, dão prestígio a sua solidão invernal. Ainda assim, é extraordinário. Fica a menos de mil e quinhentos metros da Porta do Sol, centro de toda referência da cidade. Parque do Retiro, no coração de Madrid tão pequeno, causa espanto com sua dilatação assimétrica, com seu grande lago de três hectares e seu bosque. Antigamente o Retiro era "o campo" onde os reis se retiravam durante o verão. Ia-se ao Retiro como em Buenos Aires se vai a Mar del Plata. Mas o Retiro está a menos de dois quilômetros do Palácio Real.

Uma esquadra de barquinhos coloca no tanque, antipoeticamente quadrado, o berreiro dos seus numerosos meninos manobrando as sessenta piráguas. Apoiado numa grade, hostil, um "guarda-florestal" com larga correia que cruza o peito e uma corneta de bronze nas costas (sim, senhores, uma corneta de bronze como a dos anões dos castelos wagnerianos) escuta a algazarra aquática que eriça o enorme lago com princípios de abordagem. De um alto pedestal de granito, a cavalo, o rei farrista, dom Afonso XII, desenha um projeto de herói de maquete.

As árvores se repetem tão espessas que, por momentos, o parque se transforma em bosque, como aqueles que nos maravilham ao longo dos caminhos de Astúrias ou da Galícia. Um pacote de folhas secas cobre o solo de delicado tapete; os bancos de mármore, oblíquos, semiafundado no lodo, estão desertos; um cheiro de queimado povoa o ar gelado; os troncos, como se tivessem frio, se apertam, exibem torceduras como de tormento mostram os cortes brancos das podas recentes. Apesar do frio, o horizonte estaqueado por forquilhas e galhos nus oferece um aspecto de confim marroquino. Nuvens azulosas se imobilizam semelhantes a zepelins.

O guarda-florestal, com a corneta de bronze debaixo do braço, tem uma gótica aparência de gabola.

---

[91] Mariano José de Larra (1809-1837), escritor e político espanhol.
[92] Ramón de Mesonero (1803-1882), escritor e jornalista espanhol.

Paseo. A pesar del ruido de los chicos en las piraguas, se escucha el silencio del bosque, que es una especie de voz vegetal.

Entre los árboles, en las encrucijadas, estatuas de reyes mutilados. Don Fruela II, más desgarrado que un inválido, huérfano de una mejilla, de medio brazo y media pierna; don Felipe III, barbilla desmochada, una mano volada... y ninguna pareja amorosa.

Entre los árboles, a la base de un declive, aparece un edificio de ladrillo, revestido de pájaros azules y amarillos, de mosaico. Es el antiguo edificio de la Exposición, levantado en el año 1884. Adornan los frisos, medallones de porcelana, amorcillos que tocan el violín o empastelan de colores una tela; los mosaicos llevan la firma de Daniel y Germán Zuloaga; las puertas y ventanas rematan en arcos en cuyas claves asoman cabezas de victorias o de tigres, perfiles de Velázquez o Juanelo el Divino. Y las guardas de mosaicos, con sus dragones enlazándose por la cola, son tan numerosas que uno no puede menos de decirse:

-¡Oh, este colorido español, este colorido amontonado y permanente, fijado en las maderas, en los ladrillos, en las piedras, en los suelos, en los artesones!

El pórtico principal parece la entrada de una Logia Masónica, con sus tres arcos al fondo de una gradinata de mármol defendida por leones alados, y una titánica puerta central pintada de verde puerro, y los paneles revestidos de mosaicos azafranados. ¡Oh, este color español, este color español!

Más allá, en una pequeña bahía que forma el lago, hay un pabellón morisco, y en las aguas se refleja la techumbre de vidrio de otro pabellón morisco y en las aguas se refleja la techumbre de vidrio de otro pabellón de la Exposición, con los muros compuestos de vidrios esmerilados. Nada más triste que estos mosaicos resquebrajados, que estos árboles mutilados y estos quioscos abandonados. Si se sigue caminando se tropieza con un hemiciclo de setenta y seis columnas de granito, tan circundado de leones gigantescos, guerreros, alegorías, relieves, frisos, grupos simbólicos, soldados y marinantes, que para dar cumplidamente cuenta de ellos, tres cantos de la *Iliada* serían insuficientes. El monumento está dedicado al rey juerguista, llamado El Pacificador.

Passeio. Apesar do barulho dos meninos nas canoas, se ouve o silêncio do bosque, que é uma espécie de voz vegetal.

Entre as árvores, nas encruzilhadas, estatuas de reis mutilados. Dom Fruela II, mais lascado que um inválido, órfão de uma bochecha, de meio braço e meia perna; Dom Felipe III, queixo quebrado, uma mão pendurada... e nenhuma parceira amorosa.

Entre as árvores, na base de um declive, aparece um edifício de tijolo, revestido de pássaros azuis e amarelos, de mosaico. É o antigo prédio da Exposição, levantado em 1884. Adornam os frisos, medalhões de porcelana, cupidos que tocam violinos ou enchem de cores uma tela; os mosaicos são assinados por Daniel e Germán Zuloaga[93]; as portas e janelas rematam em arcos nos quais assomam cabeças de vitórias ou de tigres, perfis de Velázquez ou Juanelo, o Divino. E as guardas de mosaicos, com seus dragões entrelaçando as caudas, são tantas que não dá para ao menos não dizer:

- Ah, este colorido espanhol, este colorido amontoado e permanente, fixado nas madeiras, nos tijolos, nas pedras, no chão, nos artesãos!

O pórtico principal parece a entrada de uma Loja Maçônica, com seus três arcos ao fundo de uma bancada de mármore defendida por leões alados, e uma titânica porta central pintada de verde-alho-porro, e os paneis revestidos de mosaicos açafranados. Ah, essa cor espanhola, essa cor espanhola!

Mais adiante, numa pequena baía que forma o lago, há um pavilhão mourisco, e nas águas se reflete a cobertura de vidro de outro pavilhão da Exposição, com as paredes compostas de vidros esmerilhados. Nada mais triste que esses mosaicos rachados, que essas árvores mutiladas e esses quiosques abandonados. Se seguimos caminhando, tropeçamos em um semicírculo de setenta e seis colunas de granito, tão circundado de leões gigantescos, guerreiros, alegorias, relevos, frisos, grupos simbólicos, soldados e marinheiros, que para dar conta de tudo, três cantos da *Ilíada* seriam insuficientes. O monumento é dedicado ao rei fanfarrão, chamado O Pacificador[94].

---

[93] Daniel (1852-1921) e Germán Zuloaga (1855-1886), irmãos ceramistas espanhois.
[94] Título atribuído ao rei espanhol Afonso XII (1857-1885).

Merodeo por senderos solitarios. De pronto, en un recodo, fijada en un pedestal, descubro una plancha de bronce con la cabeza de Irigoyen; me acerco sorprendido y leo:

> LA COLECTIVIDAD ESPAÑOLA DE LA REPÚBLICA ARGENTINA AL PRESIDENTE DOCTOR DON HIPÓLITO IRIGOYEN, CREADOR DEL DÍA DE LA RAZA EN AMÉRICA. BUENOS AIRES, 4 DE OCTUBRE DE 1917.

Mucha agua ha corrido bajo todos los puentes de la tierra de entonces a ahora. En verdad, que lo que menos esperaba era encontrármelo al «doctor» aquí, en un invernal parque español.

Los años pasan. Pasan para nosotros. Pero no pasan para los parques.

Percorro veredas solitárias. Logo, numa curva, fixada num pedestal, descubro uma placa de bronze com a cabeça de Irigoyen; me aproximo surpreendido e leio:

> A COLETIVIDADE ESPANHOLA DA REPÚBLICA ARGENTINA AO PRESIDENTE DOUTOR DOM HIPÓLITO IRIGOYEN, CRIADOR DO "DÍA DE LA RAZA"[95] NA AMÉRICA. BUENOS AIRES, 4 DE OUTUBRO DE 1917.

Muita água correu debaixo de todas as pontes do mundo desde então até agora. Na verdade, o que menos esperava era encontrar o "doutor" aqui, num invernal parque espanhol.

Os anos passam. Passam para a gente. Mas não passam para os parques.

[95] Nome inicial de data festiva criada em diversos países hispânicos em 12 de outubro, no início do século XX. Posteriormente passou a se chamar "Dia da Hispanidade", e atualmente tem distintas denominações nos diversos países em que se celebra.

**El Escorial** (*El Mundo*, 30 de marzo de 1936)

Harina de nieve y sol de oro en los bancos de piedra. Nieve en la cima de las montañas verdes. Festones de nieve en la pizarra negra de los tejados. Sol resplandeciente de las 11 de la mañana.

El viento silba siniestramente, ulula como en los paisajes de cine donde adviene una tragedia de misterio.

Se sube alegremente hacia El Escorial. La torre de su monasterio aparece fragmentada por las orquestas de los pinares; algunas viviendas de piedra tienen jardinillo al frente; la nieve cubre los bordes de las veredas, se derrite lentamente; el cielo es una resplandeciente concha de nácar azul. Si se vuelve la cabeza se descubre abajo la ríspida llanura castellana en hostil ondulación verderrojiza.

Primero se sube hasta llegar al pueblo, después una pendiente pavimentada entre dos murallas de piedra, el viento helado congela la punta de las orejas, endurece la harina de nieve en las orillas de los muros; diez pasos más y estamos frente al Escorial.

Un cuartel de piedra que ha nacido de la tierra.

Está allí brusco, extemporáneo, la fachada severa, cercada y alta, dando la cara a los pequeños montes, amontonando como escombros de ceniza congelada en la vertical comba de la concha de nácar azul. Está allí, en la inutilidad del paraje, como el capricho de un genio enloquecido que hiriendo la tierra con su vara mágica, lo hizo surgir para espanto de hombres futuros. Ese genio sombrío se llamó Felipe II.

La alegría que bailaba en el corazón se detiene atenta. Uno ignora el porqué de este "choc" sensorial. La alegría ha dejado de bailar. Repentinamente se pone serio. El paso rápido pierdes velocidad, las piernas se mueven con lentitud. El palacio tiene una explanada enlozada de piedra a su frente, rodeada de gruesos pilares con bolsas. Es la Lonja. El hombre contempla la gris fachada de piedra, con escasas puertas verdes, cuadradas, horadadas de clavos pontudos. Ya no baila la alegría en el forastero. El nombre vacila, finalmente, entra. Galerías abovedadas. Olor de agua. El Patio de los Reyes. Es de mañana. Hay sol y pajaritos que cantan en las enramadas, pero el Patio de los Reyes con las rinconeras en pulgadas de nieve, soslayado por el sol, con las estatuas de los reyes de Judá, David, Salomón, Exequías, Josías, Josafá y Manases, El Patio de los Reyes, semejante a una leonera, quita definitivamente la sonrisa del rostro del viajero.

**O Escorial** (*El Mundo*, 30 de março de 1936)

Farinha de neve e sol de ouro nos bancos de pedra. Neve no alto das montanhas verdes. Festões de neve na ardósia negra dos telhados. Sol resplandecente das onze da manhã.

O vento silva sinistramente, ulula como nas paisagens de cinema de onde advém uma tragédia de mistério.

Sobe-se alegremente até o Escorial. A torre de seu monastério aparece fragmentada pelas orquestras de pinheiros; algumas choupanas de pedra têm um jardinzinho na frente; a neve cobre a beira dos caminhos, derrete lentamente; o céu é uma resplandecente concha de nácar azul. Se viramos a cabeça descobrimos lá embaixo a ríspida planície castelhana em hostil ondulação verde-avermelhada.

Primeiro se sobe até chegar ao povoado, depois uma descida pavimentada entre duas muralhas de pedra, o vento gelado congela a ponta das orelhas, endurece a farinha de neve nas bordas dos muros; dez passos mais e estamos defronte ao Escorial.

Uma fortaleza de pedra que nasceu da terra.

Está ali brusco, extemporâneo, a fachada severa, cercada e alta, dando a cara aos pequenos montes, amontoando como escombros de cinzas congeladas no arqueamento vertical da concha de nácar azul. Está ali, na inutilidade da paragem, como capricho de um gênio enlouquecido que ferindo a terra com sua varinha mágica, o fez surgir para o espanto de homens futuros. Esse gênio sombrio se chamou Felipe II.

A alegria que dançava no coração se detém atenta. A gente ignora o porquê desse choque sensorial. A alegria parou de dançar. Repentinamente ficamos sérios. O passo rápido perde velocidade, as pernas se movem com lentidão. O palácio tem uma esplanada revestida de pedra na frente, rodeada por grossos pilares com bolsas. É a Lonja. O homem contempla a fachada cinza de pedra, com escassas portas verdes, quadradas, perfuradas de pregos pontudos. A alegria já não dança mais no forasteiro. O homem vacila, finalmente, entra. Galerias abobadadas. Cheiro de água. O Pátio dos Reis. É de manhã. Há sol e passarinhos que cantam nas amas, mas o Pátio dos Reis com os cantos com polegadas de neve, atravessado pelo sol, com as estátuas dos reis de Judá, Davi, Salomão, Exequias, Josias, Josafá e Manassés, O Pátio dos Reis, semelhante a uma cova, tira definitivamente o sorriso do rosto do viajante.

Estamos en El Escorial, brilla el sol afuera, pero en el Palacio de los Reyes llueve. Y no camina una sola nube triste en el lienzo azul que se ve levantando la cabeza. Es la nieve de los tejados que se derrite.

Usted no siente ya deseos de visitar El Escorial. No se atreve a decirlo, pero gustosamente se marcharía sin conocer esa creación de una voluntad omnipotente.

Hay que entrar. Sube escaleras de piedra entre carcelarios muros de granito. Muros de tres metros de espesor. Ventanas enrejadas. Usted debe verlo todo. Entra a la biblioteca del rey. El pavimento es de mármol blanco. Desde el remate de los estantes hasta la clave de las bóvedas no hay una pulgada de superficie que no esté decorada de frescos violentos, alegorías floridas; pero usted se detiene con desidia frente a los preciosos manuscritos miniaturados; usted trata de entusiasmarse ante estos maravillosos libros de pergaminos, dibujados con oro azul y verde; ante estos códices, cantigas, breviarios, biblias, coranes, crónicas, más su entendimiento permanece frío. Usted sabe que tiene que maravillarse pero su corazón no transmite ni un solo latido de emoción a los sensorios. Usted está enormemente triste y no sabe por qué. Baja las escaleras de piedra. Galerías con "frescos" inmensos, historiando episodios bíblicos. El sol que entra a través de las vidrieras ilumina pintadas multitudes judías. Usted camina y su admiración aumenta de volumen como un lento dolor de muelas. Usted jamás ha visto fresco semejantes; cada uno requiere su atención. Usted pasa y mira y cada segundo que transcurre estos panoramas le endurecen más y más el corazón. Una indiferencia sobrehumana (admiración al revés) le arruga el ceño. Usted entra a las Salas Capitulares. Cuadros. Vitrinas con objetos de arte. Casullas de terciopelo negro con calaveras y fémures de plata. Inútil es que se hayan acumulado preciosas lozas de las vitrinas y ropas de liturgia que son tapices de oro, y cuadros con las firmas de los maestros del mundo, y joyas como no las verás jamás. Su ceño permanece adusto.

De pronto, un estremecimiento. Es el escalofrío. Es el "Martirio de San Mauricio". El cuadro que no gusto a Felipe II. Hombres altos, de rostros femeninos que sombrean ligeras barbas, tan dolorosamente resignados a la muerte dentro de su seductora belleza que usted se detiene hipnotizado. Sobre sus cabezas hay un cielo lechoso con un arrinconado vuelo de ángeles y cuerpos degollados a sus pies. Todos los cuadros que rodean al cuadro del Greco se mueren; usted comprende que el Greco es el único pintor que ha tenido la humanidad de aquel siglo terrible.

Estamos no Escorial, brilha o sol lá fora, mas no Palácio dos Reis chove. E nem uma única nuvem triste caminha no lenço azul que vemos levantando a cabeça. É a neve dos telhados derretendo.

O senhor já não tem vontade de visitar o Escorial. Não se atreve a dizer isso, mas iria embora tranquilamente sem conhecer essa criação de uma vontade onipotente.

É necessário entrar. Sobe escadas de pedra entre carcerários muros de granito. Muros de três metros de espessura. Janelas com grades. O senhor deve ver tudo. Entra na biblioteca do rei. O piso é de mármore branco. Desde o acabamento das estantes até a pedra angular das abóbadas não há uma polegada de superfície que não esteja decorada de afrescos violentos, alegorias floridas; mas o senhor se detém com desídia frente aos preciosos manuscritos em miniatura; o senhor trata de se entusiasmar diante desses maravilhosos livros de pergaminhos, desenhados com ouro azul e verde; diante desses códices, cantigas, breviários, bíblias, corões, crônicas, mais seu entendimento permanece frio. O senhor sabe que tem que se maravilhar mas seu coração não transmite nem uma única batida de emoção aos sensórios. O senhor está enormemente triste e não sabe por que. Desce as escadas de pedra. Galerias com afrescos imensos, historiando episódios bíblicos. O sol que entra através dos vitrais ilumina multidões judias pintadas. O senhor caminha e sua admiração aumenta de volume como uma lenta dor de dente. O senhor jamais viu afrescos semelhantes; cada um requer sua atenção. O senhor passa e observa e a cada segundo que passa esses panoramas lhe endurecem mais e mais o coração. Uma indiferença sobre-humana (admiração ao contrário) lhe enruga a face. O senhor entra nas Salas Capitulares. Quadros. Vitrines com objetos de arte. Casulas de veludo negro com caveiras e fêmures de prata. É Inútil que se tenham acumulado preciosas louças das vitrines e roupas de liturgia que são tapetes de ouro, e quadros firmados pelo mestres do mundo, e joias como não vai ver jamais. Sua face permanece adusta.

De repente, um estremecimento. É o calafrio. É o "Martírio de San Mauricio". O quadro de que Felipe II não gostou. Homens altos, de rostos femininos sombreados por babas ligeiras, tão dolorosamente resignados à morte dentro de sua beleza sedutora que o senhor se detém hipnotizado. Sobre suas cabeças há um céu leitoso com um voo de anjos recantoado e corpos degolados a seus pés. Todos os quadros que rodeiam o quadro de El Greco morrem; o senhor compreende que El Greco é o único pintor que teve a humanidade daquele século terrível.

Se aparta, sube otras escaleras, en un frontis una pintura espantosa, un hombre amarrado a un árbol y un sayón arrancándole, con unas tenazas, la piel delos brazos; el torturado tiene una expresión tan horrorosa que usted vuelve la cabeza para no mirar. Continúa caminando en la penumbra de las conventuales bóvedas. Usted está agobiado. Experimenta una repulsión inexplicable hacia esta grandeza sombría y sangrienta; entra a la Sacristía, es inútil que hayan enlucido de estuco sus muros de piedra y pintado sus arcos de arábigos polígonos verdes y rojos y que un plato inmenso de sal gema centellee los chisporroteos de sus brillantes. La luz entra por las vidrieras, pero la luz no se atreve a ser luz dentro de este sepulcro tremendo; la luz se apaga, deviene penumbra, los cristales tampoco se atreven a ser transparentes, parecen cubiertos de lágrimas, y de pronto usted se restrega el rostro como si estuviera perdido entre la gris multitud de una pesadilla, lo único que desea es marcharse de aquí, muy lejos, para siempre.

Sale. Entra a otro patio. El cielo tristemente azul arriba. Sobre nuestras espaldas goterones de lluvia. En la piedra negra chasquido de gotas, las lozas están cubiertas de charcos de agua, no hay una sola nube en el cielo, es la nieve que se derrite en los tejados. Este pozal cuadrado, patio de armas, es oscuro y verdoso, aquí en otros siglos, vestido de negro, impasible como un dios, r vista va a sus hombres de guerra, un rey a quien algunos llamaron el Tigre del Mediodía y otros El Prudente. Se llamaba Felipe II y ésta es su obra.

Se afasta, sobe outras escadas, num frontão uma pintura espantosa, um homem amarrado numa árvore e um carrasco arrancando, com umas tesouras, a pele de seus braços; o torturado tem uma expressão tão horrorosa que o senhor vira a cabeça para não olhar. Continua caminhando na penumbra das abóbadas conventuais. O senhor está agoniado. Experimenta uma repulsão inexplicável frente a esta grandeza sombria e sangrenta; entra na Sacristia, é inútil que rebocado com gesso seus muros de pedra pintado seus arcos de arábicos polígonos verdes e vermelhos e que um prato imenso de sal gema centelhe as crepitações de seus brilhantes. A luz entra pelos vitrais, mas a luz não se atreve a ser luz dentro deste sepulcro tremendo; a luz se apaga, se torna penumbra, os cristais tampouco se atrevem a ser transparentes, parecem cobertos de lágrimas, e logo o senhor esfrega o rosto como se estivesse perdido entre a multidão cinza de um pesadelo, a única coisa que deseja é ir embora daqui, para bem longe, para sempre.

Sai. Entra em outro pátio. O céu tristemente azul acima. Goteirões de chuva sobre nossas costas. Na pedra negra estalo de gotas, as ardósias estão cobertas de charcos d'água, não há uma única nuvem no céu, é a neve que derrete nos telhados. Esse balde quadrado, pátio de armas, é escuro e verdoso, aqui em outros séculos, vestido de negro, impassível como um deus, passava em revista seus homens de guerra, um rei a quem alguns chamaram o Tigre do Meio-dia e outros O Prudente. Se chamava Felipe II e esta é sua obra.

**El Escorial – II** (*El Mundo*, 31 de marzo de 1936)

En este monasterio de piedra, espléndidos de negruras mortales, de grises de ceniza, habita preferentemente en un pequeño departamento pavimentado de ladrillo y casi tan austero como la celda de un monje, el rey al que llaman el Tigre del Mediodía, Felipe II.

Siguiendo por oscuros corredores funerarios, atravesando arcadas de pasadizos siempre en sombra, se mueve el rey que ama los lutos. Aquí, en este sepulcro de piedra han muerto sus cuatro esposas, porque a las cuatro la entierra este hombre sombrío. Aquí mata a su hijo, el Infante Carlos. Aquí mueren sus otros hijos. Aquí firmas sentencias, desde aquí siembra por intermedio del Duque de Alba el terror en los Países Bajos, aquí prepara la habilísima anexión de Portugal, desde aquí ordena separarse la cabeza del cuerpo al Gran Justicia Mayor de Aragón. Trabaja infatigablemente. Cuando sus ojos se fijan en alguien, en ese alguien nace un espanto que no se apaga por vida.

Su despacho es una habitación siniestra con el dosel qué despreciaría un pelele: ventanales de cristales tan turbios que el cielo se ve irisado de lívidas lágrimas. Si se bajan unas escaleras en las tinieblas (sensación de bajada a un calabozo), se encuentra un dormitorio de cinco pasos de largo, con una cama empavesada de brocados carmesíes y amarillos. Único lujo de la habitación real. Esta cámara tiene una puerta que se abre sobre el altar mayor de la iglesia del monasterio. Felipe II, enfermo, desde la cama, ve por la puerta abierta los sacerdotes diciendo misa en el altar mayor. La cabecera de su cama Mira hacia el altar, el piso que sostiene su cama es el techo de su sepulcro.

Así, de modo lúgubre, vive uno de los reyes más poderosos y crueles de la tierra. Cuando abre los ojos distingue el altar mayor alumbrando de cirios. Cuando se duerme, reposa sobre su sepulcro.

Felipe II se siente morir. Está en Madrid. Es inútil que médicos de físicos le digan que el clima del Escorial acelerará más pronto su fin. El anciano implacable, vestido de negro, con el sonrosado mentón rayado de cerdas blancas hilos vidriosos ojos de reptil, masculla la orden. Él quiere morir en el monasterio, "el cual fundamos en devoción y en nombre del bienaventurado Sancto Lorenzo, por la particular devoción que, como dicho es, tenemos a este glorioso Sancto, en memoria de la merced y victorias que en el día de su festividad de Dios comenzamos a recibir".

**O Escorial – II (*El Mundo*, 31 de marzo de 1936)**

Neste monastério de pedra, esplêndido de negruras mortais, de cinzas de pó, habita preferencialmente um pequeno apartamento pavimentado de tijolo e quase tão austero como a cela de um monge, o rei a quem chamam o Tigre do Meio-dia, Felipe II.

Seguindo por escuros corredores funerários, atravessando arcadas de corredores sempre à sombra, se move o rei que ama os lutos. Aqui, neste sepulcro de pedra morreram suas quatro esposas, pelo que este homem sombrio enterra as quatro. Aqui mata seu filho, o Infante Carlos. Aqui morrem seus outros filhos. Aqui firma sentenças, daqui semeia o terror nos Países Baixos por intermédio do Duque de Alba, aqui prepara a habilíssima anexação de Portugal, daqui ordena que se separe a cabeça do corpo do *Gran Justicia Mayor*[96] de Aragão. Trabalha infatigavelmente. Quando seus olhos se fixam em alguém, nesse alguém nasce um espanto que não se apaga mais.

Seu escritório é um quarto sinistro cujo dossel até um espantalho desprezaria: janelas de vidros tão turvos que o céu se vê irisado de lívidas lágrimas por eles. Se descemos umas escadarias na escuridão (sensação de ir rumo a um calabouço), encontramos um dormitório de cinco passos de largura, com uma cama recoberta de brocados carmesins e amarelos. Único luxo do quarto real. Esta câmara tem uma porta que se abre sobre o altar principal da igreja do monastério. Felipe II, doente, da cama, vê pela porta aberta os sacerdotes dizendo a missa no altar principal. A cabeceira de sua cama olha para o altar, o piso que sustenta sua cama é o teto de seu sepulcro.

Assim, de modo lúgubre, vive um dos reis mais poderosos e crueis da terra. Quando abre os olhos divisa o altar principal iluminado de círios. Quando dorme, repousa sobre seu sepulcro.

Felipe II sente que está morrendo. Está em Madrid. É inútil que médicos e físicos lhe digam que o clima do Escorial acelerará mais ainda o seu fim. O ancião implacável, vestido de negro, com a bochecha rosada riscada de cerdas brancas e olhos vidrados de réptil, expele a ordem. Quer morrer no monastério, "o qual fundamos em devoção e em nome do bem aventurado São Lorenzo, pela particular devoção que, como se disse, temos por este glorioso Santo, em memoria do favor e vitórias que no dia de sua festividade de Deus começamos a receber".

---

[96] Trata-se de cargo do Reino de Aragão que catalisava atribuições de administração, justiça e defensoria pública. Nesta passagem, refere-se a Juan de Lanuza y Urrea, ocupante do cargo que foi decapitado por ordem de Felipe II, em 1591.

Le conducen de Madrid al Escorial. Son cincuenta kilómetros. Siete días demora la fúnebre comitiva en hacer el camino. El Rey va sentado en una silla de mano, retorcido por los dolores que le producen los abscesos. Siete días a través de la llanura castellana, varguitas por los vientos, requemada por el sol. El 6 de junio de 1598, llega al Escorial. Felipe II sabe qué va a morir; ordena que le paseen entorno del edificio por última vez, y luego qué le desnuden y le metan en la cama que está sobre el techo de su sepulcro, en la cama cuya cabecera permite ver el altar mayor.

Comienza su agonía. Agoniza en tormentos que no pudo ni imaginar para sus más odiados enemigos. Se pudre vivo. Tal es su fin.

Cuenta Galipe, historiador de esta muerte espantosa:

“El rey más temido de la tierra muere devorado por los vermes. La mano derecha y el pie derecho revientan en abscesos. Una rodilla se hincha monstruosamente y se raja como una naranja podrida. El enfermo queda cincuenta y tres días en la misma cama moverse; no le mudan la ropa ni le lavan; la sabana se impregnan de evacuaciones, sudores y supuraciones. Los parásitos invaden este pobre cuerpo, la raíz de cada pelo está roída; al curarle, le sacan de la cadera dos tazones de pus; la carne se desprende en pedazos en los riñones y en los hombros. La piel está devorada por los parásitos, las heridas por la gangrena. El rey siente una repugnancia tan grande por sí mismo qué haciéndose mostrar su ataúd forrado de blanco, recomienda que coloquen antes el cuerpo en una caja de plomo, para no manchar la seda."

Durante la agonía, Felipe II se acuerda, con lágrimas en los ojos, del Gran Justicia de Aragón, a quién hizo cortar la cabeza.

Así muere el tigre del mediodía. La mirada fija en el altar mayor de la iglesia. Maravillas se guardan en El Escorial páginas y más páginas. Se han escrito volúmenes sobre él. No hay pulgadas de este sepulcro en forma de la parrilla en que fue asado vivo San Lorenzo, que no esté meticulosamente estudiado.

Nosotros, hombres que amamos la vida, no comprenderíamos esa erudición. Un edificio antiguo es una sensación transmisible incomunicable. Nada más. En El Escorial, se comprende que se puede morir en vida. Se ha edificado El Escorial para morir sin morir. Para despreciar la luz del sol, la plata de la luna, el pintado plumaje de los pájaros.

Conduzem-no de Madrid ao Escorial. São cinquenta quilômetros. A comitiva fúnebre demora sete dias fazendo o caminho. O Rei vai sentado numa cadeira de mão, retorcido pelas dores que os abscessos lhe produzem. Sete dias através da planície castelhana, varrida pelos ventos, tostada pelo sol. Em 6 de junho de 1598, chega ao Escorial. Felipe II sabe que vai morrer; ordena que passeiem com ele em torno do edifício pela última vez, e em seguida que lhe desnudem e lhe ponham na cama que está sobre o teto de seu sepulcro, na cama cuja cabeceira permite ver o altar principal.

Começa sua agonia. Agoniza em tormentos que não pode nem imaginar para seus mais odiados inimigos. Apodrece vivo. Esse é seu fim.

Galipe, historiador dessa morte espantosa, conta:

“o rei mais temido da terra morre devorado pelos vermes. A mão direita e o pé direito arrebentam em abscessos. Um joelho incha monstruosamente e racha como uma laranja podre. o passa cinquenta e três dias na mesma cama sem se mexer; não lhe trocam a roupa nem dão banho; o lençol se impregna de evacuações, suores e supurações. Os parasitas invadem esse pobre corpo, a raiz de cada cabelo está roída; ao tratar-lhe, arrancam de suas cadeiras dois punhados de pus; a carne se desprende em pedaços na lombar e nos ombros. A pele está devorada pelos parasitas, as feridas pela gangrena. O rei sente uma repugnância tão grande por si mesmo que vendo seu ataúde forrado de branco, recomenda que coloquem o corpo primeiro em uma caixa de chumbo, para não sujar a seda".

Durante a agonia, Felipe II se lembra, com lágrimas nos olhos, do *Gran Justicia* de Aragão, a quem mandou cortar a cabeça.

Assim more o tigre do meio-dia. O olhar fixo no altar principal da igreja. No Escorial se guardam maravilhas que podem encher páginas e mais páginas. Escreveram-se volumes sobre ele. Não há polegada desse sepulcro em forma de grelha em que São Lorenzo foi assado vivo, que não esteja meticulosamente estudado.

Nós, homens que amamos a vida, não compreenderíamos essa erudição. Um edifício antigo é uma sensação transmissível incomunicável. Nada mais. No Escorial, se entende que é possível morrer em vida. O Escorial foi construído para que se possa morrer sem morrer. Para desprezar a luz do sol, a prata da lua, a plumagem pintada dos pássaros.

Inútil es acudir al Escorial en primavera. Dentro de él, siempre es invierno. Cuando el viajero se aleja de este abominable cuartel de la muerte, no vuelve la cabeza para mirarle en la postrera desaparición. Se aleja agobiado, los ojos atemorizados de sueño, el alma desfallecida y repugnada. Con pensamientos desleídos, se piensa que probablemente se ha pasado por una antesala del Infierno y se trata de olvidar prontamente cuanto se ha mirado; los cuadros de los maestros, los frescos de cincuenta metros de largo, las casullas mordidas de oros purísimos, las estatuas, los cimborios. Se cierran los ojos como queriendo que los párpados borren de las pupilas la funesta simetría de la mole de piedra, respaldada por pequeños montes con sudarios de nieve.

É inútil acudir ao Escorial na primavera. Dentro dele, sempre é inverno. Quando o viajante se afasta desse abominável quartel da morte, não vira a cabeça para olhá-lo pela vez derradeira. Se afasta agoniado, os olhos atemorizados, a alma desfalecida e repugnada. Com pensamentos desvanecestes, que provavelmente acabou de cruzar uma antessala do inferno e trata-se de esquecer imediatamente tudo quanto haja visto; os quadros dos mestres, os afrescos de cinquenta metros de largura, as casulas mordidas de ouros puríssimos, as estátuas, os cibórios. Os olhos se fecham como querendo que as pálpebras apaguem das pupilas a funesta simetria do colosso de pedra, respaldado por pequenos montes com sudários de neve.

**El barrio de los genios** (*El Mundo*, 1 de abril de 1936)

Edificios de siete pisos, establecimientos de compra y venta de valores bancarios, mármoles negros con doradas inscripciones de compañías de seguros, representantes de radio, en frente el peristilo de seis columnas de la Cámara de Diputados y entre esta avenida que se desloma cuesta abajo hacia los Jardines del Prado, a los pies de los altos edificios muestran paneles con florones lilas en fondo de oro verde, una plazuela miserable, enverjada desde muy antiguo. Los cedros extienden sus ramas perpetuamente oxidadas de verde, dos palmeritas se retuercen bajo el frío a la vera de un pobre farol de gas mohoso, la estatuilla de don Miguel de Cervantes Saavedra.

Aquí vivió el autor del Quijote. Entonces este barrio era los extramuros de Madrid. Huertas y quintas se extendían en redor. Don Miguel de Cervantes moraba en la calle de Francos, a cincuenta metros de la casa de Lope de Vega. A cien metros de estas dos casas se hospedaba Quevedo. Góngora también tiene habitación aquí en el barrio. Los cuatro grandes son vecinos por temporadas, se conocen y se repugnan. Pero los dos vecinos más estables, son Lope y Cervantes. López vive en la casa número II; Cervantes en la veinticuatro. La casa de Lope de Vega ha sido escrupulosamente reedificada. El que ha estudiado la ignominiosa existencia de este dramaturgo no se recata de escribirle a un hombre: "Ya sabe vuestra merced que yo he dormido a vuestros pies como un perro" (carta exhumada por Américo Castro en el centenario de Lope de Vega), experimenta una aversión profunda a interesarse por el marco en que ensamblaba su ignominia. De modo que he visitado la casa de Lope, con desgano, más por deber de periodista que por curiosidad de turista. Es una vivienda como otras tantas de la época, cuadros religiosos en los muros (¿cúal será la religión de este poeta que provee de mujeres el duque de Sessa?), varias alcobas, librerías cargadas de libracos amarillos.

A cincuenta pasos de la casa de Lope, en la vereda de enfrente, se domicilia Cervantes. la casa ha desaparecido. En su lugar se levanta un caserón de inquilinato de tres pisos, en cuya puerta un campesino de los alrededores grita:

—Güevo, güevo fresco a real.

Una loza de mármol reza:

"Aquí vivió y murió Miguel Cervantes Saavedra, cuyo ingenio admira el mundo."

**O bairro dos gênios (*El Mundo*, 1º de abril de 1936).**

Edifícios de sete andares, estabelecimentos de compra e venda de valores bancários, mármores negros com douradas inscrições de companhias de seguros, representantes de rádio, em frente ao peristilo de seis colunas da Câmara dos Deputados e entre esta avenida que se desenrola ladeira abaixo até os Jardins do Prado, aos pés dos altos edifícios tem painéis com florões lilases em fundo ouro verde, uma pracinha miserável, gradeada desde muito antigamente. Os cedros estendem seus galhos perpetuamente oxidados de verde, duas palmeirinhas se retorcem sob o frio e à beira de um pobre farol de gás mofado, a estatuazinha de Dom Miguel de Cervantes Saavedra.

Aqui morou o autor de Dom Quixote. Nesse tempo, este bairro ficava fora dos muros de Madrid. Hortas e chácaras se estendiam nos arredores. Dom Miguel de Cervantes morava na rua de Francos, a cinquenta metros da casa de Lope de Vega. A cem metros destas duas casas se hospedava Quevedo. Gôngora também tem casa aqui no bairro. Os Quatro Grandes são vizinhos por temporadas, se conhecem e se detestam. mas os dois moradores mais estáveis, são Lope de Vega e Cervantes. Lope mora na casa número dois; Cervantes na vinte e quatro. A casa de Lope de Vega foi escrupulosamente reedificada. Quem já estudou a infame existência deste dramaturgo que não se resguarda de escrever para um nobre: "Já sabe Vossa Senhoria que eu dormi a seus pés como um cachorro" (carta exumada por Américo Castro no centenário de Lope de Vega), tem uma profunda aversão a se interessar pelo marco onde se mostra sua desonra. Assim visitei a casa de Lope, com desinteresse, mais por dever de jornalista que por curiosidade de turista. É uma moradia como outras tantas da época, quadros religiosos nas paredes (Qual será a religião desse poeta que provê de mulheres o Duque de Sessa?), várias alcovas, estantes carregadas de livrecos amarelos.

A cinquenta passos da casa de Lope, na outra calçada, se domicilia Cervantes. A casa sumiu. Em seu lugar se levanta um casarão de inquilinato de três andares, em cuja porta um camponês dos arredores grita:

—Ovo, olha o ovo fresquim.

Uma placa de mármore reza:

"Aqui viveu e morreu Miguel Cervantes Saavedra, cujo talento o mundo admira."

Cervantes vive de la caridad del duque de Béjar; recibe de este, todos los días por intermedio de un lacayo, una moneda de a real, para atender a su subsistencia.

En una nota que escribí en Sevilla, sugería que la vida del autor del Quijote debió ser turbia y espantosa. Veo que no me he equivocado en mis deducciones. Un erudito del Centro de Estudios Históricos me informa que en la Biblioteca Nacional se conservan los papeles de un farmacéutico y archivero, llamado don Cayetano de la Barrera. En estos manuscritos formando dos volúmenes se encuentran los procesos incoados a Cervantes, cuando ejercía el oficio de valentón en una casa pública que regenteaba su hermana en Valladolid.

Cervantes espía, envidioso, la regalada existencia de Lope de Vega. Él carece de capacidad para introducirse como lacayo entre la nobleza. Lope de Vega, que ha sabido rodearse de bienestar, expresa su burguesa tendencia al bienestar en un verso, que uno no sabe si admirar por su cinismo o candidez respecto al juicio del futuro:

*Mas tengo un bien tantos desfavores*
*que no es posible que la envidia mire*
*dos libros, tres pinturas, cuatro flores.*

Cervantes, tras de los postigos de su casa, casi frontera a la de Lope, observa entrar allí las actrices que el dramaturgo convence para que acepten los favores del duque de Sessa. El Manco aborrece a su vecino, lo cree el autor del *Quijote* apócrifo, le lanza indirectas en un prólogo del *Quijote*, y Lope desprecia a este soldadote grosero, cuyo trato rehúye numerosa gente, pues se le conoce oficio de rufián.

Despectivo y malévolo, se pasea entre ambos el cojo Quevedo. Quevedo habita en una callejuela que nace entre la casa de Lope y Cervantes, como arranca el mango de hierro de un martillo. Quevedo se burla despectivamente de esta gentuza; él es un señor, Señor de la Torre de Juan Abad, y el Cojo pavonea su sangre azul entre estos miserables literatos que se disputan los mendrugos de la nobleza. Quevedo y Lope no se estiman mas se tratan, y he aquí por qué. Ha perpetuado este recuerdo, un verso humorístico de un anónimo de la época:

Cervantes vive da caridade do Duque de Béjar; recebe deste, todos os dias por intermédio de um lacaio, uma moeda de real, para atender a sua subsistência.

Numa nota que escrevi em Sevilha, sugeria que a vida do autor do Quixote devia ser turva e espantosa. Vejo que não me equivoquei nas minhas deduções. Um erudito do Centro de Estudos Históricos me informa que na Biblioteca Nacional se conservam os papeis de um farmacêutico e arquivista, chamado Dom Cayetano de la Barrera. Nesses manuscritos formando dois volumes se encontram os processos iniciados contra Cervantes, quando exercia o ofício de valentão numa casa de tolerância que sua irmã administrava em Valladolid.

Cervantes espia, invejoso, a existência regalada de Lope de Vega. Carece de capacidade para se introduzir como lacaio no meio da nobreza. Lope de Vega, que soube se rodear de bem-estar, expressa sua tendência burguesa ao bem-estar em um verso, que a gente não sabe se admira por seu cinismo ou pela candidez a respeito de sua ideia de futuro:

*Mas tenho um bem em tantos desfavores*
*que não é possível que a inveja mire*
*dois livros, três pinturas, quatro flores.*[97]

Cervantes, atrás dos portais da sua casa, quase de frente da de Lope, observa entrar alí as atrizes que o dramaturgo convence para que a aceitar os favores do duque de Sessa. O Manco[98] aborrece o seu vizinho, vê nele o autor do *Quixote* apócrifo, lhe manda indiretas num prólogo do *Quixote*, e Lope despreza esse soldadinho grosseiro, de quem muita gente foge, pois conhecem seu ofício de cafetão.

Depreciativo e malévolo, passeia entre os dois o coxo Quevedo. Quevedo mora numa ruela que nasce entre a casa de Lope e Cervantes, como arranca a alça de ferro de um martelo. Quevedo zomba depreciativamente dessa gentalha; ele é um senhor, Senhor de Torre de Juan Abad[99], e O Coxo pavoneia seu sangue azul entre esses literatos miseráveis que disputam entre si as migalhas da nobreza. Quevedo e Lope não se estimam mas se falam, e vejo aqui o porquê. Perpetuou-se essa lembrança, um verso humorístico de um anônimo da época:

---

[97] Versos finais do soneto *Discúlpase el Poeta del estilo humilde*.
[98] Alcunha de Cervantes, por haver perdido o braço esquerdo lutando na Batalha de Lepanto, em 1571.
[99] Vilarejo espanhol onde Quevedo possuía domínios.

*Hoy hacen amistad nueva*
*más por Baco que por Febo*
*don Francisco de que bebo*
*y Félix Lope de beba.*

A cien metros de allí, se encuentra el convento de la orden Trinitaria, donde suele ir a rezar Góngora. Góngora, por su categoría de eclesiástico, goza de un mediocre pasar y desprecia profundamente a estos truhanes que emborronan resmas y más resmas de papel. Lope corresponde al esquivo eclesiástico, escribiendo un verso en el cual le trata indirectamente de judío:

*Yo te untaré mis versos con tocino*
*por que no me los roas, Gongorilla.*

Tal es la hermosa vida que cumplen los genios del siglo de oro español.

*Hoje fazem amizade nova*
*mais por Baco que por Febo*
*Dom Francisco de Que Bebo*
*e Félix Lope de Beba.*

A cem metros dali, se encontra o convento da ordem Trinitária, onde Gôngora costuma ir rezar. Gôngora, por sua categoria de eclesiástico, goza de um passar medíocre e despreza profundamente a esses saltimbancos que borram resmas e mais resmas de papel. Lope se corresponde com o esquivo eclesiástico, escrevendo um verso no qual o trata indiretamente de judio:

*Eu untarei meus versos com toicinho*
*Para que não os roa, Gongorinha.*

Essa é a linda vida que levam os gênios do Século de Ouro espanhol.

**El paisaje de Toledo** (*El Mundo*, 6 de abril de 1936)

No entra en mis designios pintar una España negra. Bien consta por mis a veces hasta excesivamente minuciosas descripciones, cuan objetivamente quiero reflejar la tumultuosa estructura de este país, cada día más enigmático y fieramente hermoso en mi entendimiento. Llega a quererse a España como no se cree que se puede amar a un país con el cual no se guarda ningún nexo espiritual ni racial. Y es que a España, cuando se la quiere, es del mismo modo que a una mujer que nos esclaviza, disculpándole los defectos, interpretándolos amorosamente en nuestro favor.

Y Toledo...

Cuando se regresa de Toledo se permanece durante algunas horas adormecido por un aturdimiento postrador. Extraño estado, semejante al que sigue a una pesadilla, cuya insistencia nos ha dejado estampada en la materia gris, la estructura de un paisaje diabólico edificado sobre las ruinas de una convulsión cósmica.

Toledo…

Imagínense una roca cortada a pico sobre un río taciturno que traza en torno de ella un círculo de agua hervorosa. Esta roca, allá arriba, se muestra empenachada de murallas de bloques cenicientos, de torreones finos, de almenas, de puentes, de arcos, cada vez más elevados y más, y las torres, las cúpulas, los cimborios, las agujas se eslabonan, ascienden... se mueven… suben…

Una fortaleza medioeval entre cielo y tierra

En torno al eje calado, el paisaje volcánico, castigado por vientos humeantes. Ni llanura ni montaña; colinas, colinas rojizas, altozanos amarillos, ondulando tristemente hasta un próximo confin en el cual la tierra y el cielo se confunden en un desolado paño violeta.

Cuando las nubes pasan sobre la llanura montuosa, sus bordes blancos se recortan en sombras de tinta china en las tierras amarillas, y entonces se vuelve la cabeza para no mirar.

Al pie de la roca, titánlea el Tajo. Los declives bruscos le convierten en río salvaje, agrio, que rebota sus rodillos de cristal, quebrándolos en la base de la ciudadela medioeval. A gran altura, los arcos de los puentes góticos, finas pinceladas de ceniza, penetrando en las torres de almenas pulidas.

**A paisagem de Toledo** (*El Mundo*, 6 de abril de 1936)

Não entra nos meus desígnios pintar uma Espanha negra. Isso é claro por minhas às vezes excessivamente minuciosas descrições, quão objetivamente quero refletir a estrutura tumultuosa deste país, cada dia mais enigmático e ferozmente lindo no meu entendimento. Chega-se a querer bem à Espanha como não se acredita que alguém possa amar a um país com o qual não guarda nenhum nexo espiritual nem racial. E é que a Espanha, quando você a quer bem, é da mesma forma que a uma mulher que nos escraviza, perdoando-lhe os defeitos, interpretando-os amorosamente a nosso favor.

E Toledo...

Quando se regressa de Toledo se permanece durante algumas horas adormecido por um aturdimento prostrador. Estado estranho, semelhante ao que se segue a um pesadelo, cuja insistência nos deixa estampada na massa cinzenta, a estrutura de uma paisagem diabólica edificada sobre as ruínas de uma convulsão cósmica.

Toledo…

Imaginem uma rocha cortada verticalmente sobre um rio taciturno que traça em torno dela um círculo de água fervente. Esta rocha, lá em cima, se mostra enfeitada de muralhas de blocos cinzentos, de torreões finos, de ameias, de pontes, de arcos, cada vez mais elevados e mais, e as torres, as cúpulas, os cibórios, as agulhas se encadeiam, ascendem... se movem… sobem…

Uma fortaleza medieval entre céu e terra.

Em torno ao eixo calado, a paisagem vulcânica, castigado por ventos fumegantes. Nem planície nem montanha; colinas, colinas avermelhadas, morros amarelos, ondulando tristemente até um próximo confim onde a terra e o céu se confundem em uma desolada tela violeta.

Quando as nuvens passam sobre a planície montanhosa, suas bordas brancas se recortam em sombras de nanquim nas terras amarelas, e então viramos a cabeça para não olhar.

Ao pé da rocha, tilinta o rio Tejo. Os declives bruscos lhe transformam em rio selvagem, acre, que ricocheteia seus rolos de cristal, quebrando-os na base da cidadela medieval. A grande altura, os arcos das pontes góticas, finas pinceladas de cinza, penetrando nas torres de ameias polidas.

Tal es el paisaje. Semejante a un desierto espiritual. Sería en balde fatigar la mirada buscando un rincón de esparcimiento. Esta roca está cargada por los monumentos de la devoción judía, musulmana y católica. Las cúpulas y torres de sus templos ascienden en ardiente y dolida pretensión de horadar el cielo.

Si se sube por los caminos que conducen a la ciudadela, entre vientos que ululan silbos como jamás hemos soñado, se distingue la llanura manchada de verdes sembradios, pero éstos son verdes de terciopelo, espesos, semejantes a los que se nutren en los campos de batalla. Las rojizas desgarraduras de la tierra, tornan más triste la rala vegetación.

El Tajo desborda sus aguas en ciertos parajes de la llanura. El agua centellea como una balsa de alquitrán, entre las colinas bruscas, de filo cortado a pico, y que le conceden a la llanura una apariencia de paisaje lunar, ensombrecido por un sol de sangre. Raro es el espectador que no termina preguntando, despavorido, a su acompañante: "Cómo puede vivir la gente aquí?"

Es el yermo de los ascetas. Encinas retorcidas funambulescamente, aisladas en la cresta de un monte amarillo, barrancos de escarlatas muertos, la misma gama de los colores que tiñen los ropajes de los profetas místicos, apóstoles y Cristos del Greco, rojos de greda, platas de ceniza, amarillos salitrosos. Arriba, un cielo convulso por angélicas trasparencias de acuario, tiende su cristal azul sobre la ciudad, la guarece de herejías, y las nubes enlazan la ciudad y el cielo con la misma técnica que en los cuadros de El Greco, porque el Greco es Toledo, Toledo visto a través de la más extraordinaria sensibilidad de artista, que haya fijado en el planeta sus atentísimos ojos.

Abajo el río y la llanura del carbón y el aquelarre; arriba el altar de piedra de todas las oraciones. Asentada como diamante en preciosa montura, escribe Barrès; semejante a ladronera miserable, dice Galdós. Ladronera y diamante, simultáneamente. Torva y divina criatura de piedra, vestida de ceniza y estofas doradas. Tan antiquísima, que ignora la fecha de su fundación. Nido de aguilas para las águilas romanas; nido de buitres góticos, las razas y las herejías pasan sobre ella en catastrófico aluvión. Por sus lonjas se pasean musulmanes pálidos y degolladores; judíos que amasan oro y meditan en la Thora; caballeros cristianos que degüellan y queman judíos y arden en piedad celestial; aquí la Sinagoga se eleva junto a la Mezquita, la Mezquita junto a la Catedral, hasta que el Santo Oficio amasa esta carne ardiente en sus potros y flagelos, y la funde

Essa é a paisagem. Semelhante a um deserto espiritual. Seria em vão cansar a vista em busca de um espaço de espairecimento. Esta rocha está carregada por monumentos da devoção judaica, muçulmana e católica. As cúpulas e torres de seus templos ascendem em ardente e doída pretensão de perfurar o céu.

Subimos pelos caminhos que conduzem à cidadela, entre ventos que ululam silvos como jamais sonhamos, se distingue a planície manchada de verdes semeados, mas estes são verdes de veludo, espessos, semelhantes aos que se nutrem nos campos de batalha. Os desprendimentos avermelhados da terra, tornam mais triste a rala vegetação.

O Tejo transborda suas águas em certas partes da planície. A água centelha como uma balsa de alcatrão, entre as colinas bruscas, de cortadas de cima a baixo, e que concedem à planície uma aparência de paisagem lunar, ensombrecida por um sol de sangue. É Raro o espectador que não acaba perguntando, espavorido, a seu acompanhante: "Como pode alguém viver aqui?"

É o deserto dos ascetas. Azinheiras retorcidas funambulescamente, isoladas no alto de um monte amarelo, barrancos de escarlatas mortos, a mesma gama de cores que tingem as vestes dos profetas místicos, apóstolos e Cristos de El Greco, vermelhos de greda, pratas de cinza, amarelos salitrosos. Acima, um céu convulsionado por transparências angelicais de aquário, estende seu cristal azul sobre a cidade, a guarnece de heresias, e as nuvens enlaçam a cidade e o céu com a mesma técnica que nos quadros de El Greco, porque El Greco é Toledo, Toledo vista através da mais extraordinária sensibilidade de artista, que tenha fixado no planeta seus olhos atentíssimos.

Abaixo o rio e a planície do carvão e o sabá; acima o altar de pedra de todas as orações. Assentada como diamante em preciosa montaria, escreve Barrès[100]; semelhante a antro miserável, diz Galdós[101]. Antro e diamante, simultaneamente. Turva e divina criatura de pedra, vestida de cinza e estofos dourados. Tão antiquíssima, que se ignora a data de sua fundação. Ninho de águias para as águias romanas; ninho de abutres góticos, as raças e as heresias passam sobre ela em um aluvião catastrófico. Por seus mercados passeiam muçulmanos pálidos e degoladores; judeus que amassam ouro e meditam sobre a Torá; cavaleiros cristãos que degolam e queimam judeus e ardem em piedade celestial; aqui a Sinagoga se eleva junto à Mesquita, a Mesquita junto à Catedral, até que o Santo Ofício amassa essa carne ardente em seus arreios e flagelos, e lhe funde definitivamente,

---

[100] Maurice Barrès (1862-1923), escritor e político francês.
[101] Benito Galdós (1843 - 1920), escritor espanhol.

definitivamente, reciamente, en una raza aceitunada de pálida, de ojos con pupilas de ceniza, eternamente vestida de luto, que eleva incansablemente al cielo sus oraciones. Desde la mañana a la noche. El Greco ha pintado tan apasionadamente, que se lamenta en Toledo la ausencia de un heraldo que desde sus murallas, con una gran trompeta de plata, adornada de paños negros, vocee:

— El Greco es Toledo; Toledo es El Greco.

intensamente, numa raça azeitonada de pálida, de olhos com pupilas de cinzas, eternamente vestida de luto, que eleva incansavelmente ao céu suas orações. Desde a manhã até a noite. El Greco pintou tão apaixonadamente, que em Toledo se lamenta a ausência de um arauto que de cima de suas muralhas, com uma grande trombeta de prata, adornada de panos negros, alardeie:

— El Greco é Toledo; Toledo é El Greco.

**Toledo la imperial** (*El Mundo*, 7 de abril de 1936)

Aquí ya calamos el tuétano de la España negra.

¡Oh!.. Ingenuo de mí cuando escribí que en Santiago de Compostela se enloquecía de angustia. Alegre es Santiago como el tintineo de una campana de plata y de oro, comparado con el sol bronco de esta alma de hierro fino que enfosca a Toledo.

Cielo bárbaro, río bárbaro, la ciudad imperial circundada de murallas, es estrecha como una morería, como una judería. Toledo es zoco y ghetto a la vez, luego la hoguera y las degollinas reconcilian a los sobrevivientes con Dios, y cuando se entra a ella, la ciudad avanza hacia el visitante su plazuela triangular, el Zocodover. Por un instante, en este auténtico zoco morisco, la civilización pone la desordenada ilusión de sus letreros comerciales, de los soportales soleados. Hombres de gorra de pana toman el barato calor de los cielos, los perros, en augusta libertad, roen trozos de pan seco, algunos pasos más y os encontráis frente al portal del "Mesón de la Sangre". Allí escribió Cervantes, en sus andanzas, un cuento inmortal; camináis algunos otros pasos y el sol desaparece, rechazado por las alturas de fachadas de piedra; entráis en una gradual oscuridad que, a medida que la vista se acostumbra, se convierte en una claridad helada. Una luz de transmundo flota en este vertical desierto de piedra. Las veredas desigualmente anchas, de lozas quebradas, serpentean a lo largo del muro de un convento, o ruedan hacia la crestada muralla de una iglesia muerta.

Zaguanes anchos, con artesonados bárbaros. Los oros seculares que teñían la madera se despitan, en muchos zaguanes hay en los muros

cuadro de la Virgen, de colores azul ladrillo, rojo ladrillo, ante los cuales arde un farolillo. Estamos en Toledo la imperial, famosa por su Concilios, quemadora implacable de moros, judíos y herejes, donde no habita un solo ser humano que no esté entroncado con un judío o un moro converso, que, judíos y moros, olvidados del Antiguo Testamento y del Corán, son sus actuales pobladores.

**A Toledo imperial** (*El Mundo*, 7 de abril de 1936)

Aqui chegamos ao âmago da Espanha negra.

Ah!.. Que ingenuidade quando escrevi que em Santiago de Compostela se enlouquecia de angústia. Santiago é alegre como o tilintar de um sino de prata e de ouro, comparado com o sol bronco desta alma de ferro fino que reboca Toledo.

Céu bárbaro, rio bárbaro, a cidade imperial circundada de muralhas, é estreita como uma mouraria, como uma judiaria. Toledo é soco[102] e gueto ao mesmo tempo, a fogueira e as degolações reconciliam os sobreviventes com Deus, e quando se entra nela, a cidade avança em direção ao visitante sua pracinha triangular, o Zocodover. Por um instante, nesse autêntico *soco* mourisco, a civilização põe a desordenada ilusão de seus letreiros comerciais, dos pórticos ensolarados. Homens de gorro de veludo tomam o calor barato dos céus, os cachorros, em augusta liberdade, roem pedaços de pão seco, alguns passos mais e vocês os encontrarão em frente ao portal do *Mesón de la Sangre*[103]. Ali Cervantes escreveu, em suas andanças, um conto imortal; andem mais alguns outros passos e o sol desaparece, rechaçado pelas alturas de fachadas de pedra; entrem numa escuridão gradual que, à medida que a vista se acostuma, se torna uma claridade gelada. Uma luz do outro mundo flutua nesse deserto de pedra vertical. As calçadas desigualmente largas, de lajotas quebradas, serpenteiam ao longo do muro de um convento, ou giram até a muralha cristada de uma igreja morta.

Saguões largos, com artesanatos bárbaros. Os ouros seculares que tingiam a madeira se despintam, muitos saguões tem em suas paredes algum quadro da Virgem, de cores azul ladrilho, vermelho ladrilho, ante os quais um farolzinho de celofane arde. Estamos na Toledo imperial, famosa pelos seus Concílios, queimadora implacável de mouros, judeus e hereges, onde não habita único ser humano que não descenda de um judeu ou um mouro convertido, já que, judeus e mouros, esquecidos do Antigo Testamento e do Corão, são seus habitantes atuais.

---

[102] Mercado ao ar livre tradicional no norte da África

[103] Também dita *Posada de la sangre*, foi uma pousada toledana em que Cervantes ambientou sua novela *La ilustre Fregona*.

El viento silba horrores en estos lívidos callejones de piedra. Los zaguanes están desiertos; no he visto en mi vida perspectivas más largas entre murallas de piedra de conventos o iglesias que las de estas calles, De tanto en tanto, ventanillos enrejados en alto, luego, la perspectiva desierta, cerrada por el fondo de ceniza de otra muralla. Y puertas, puertas de quince centímetros de espesor, erizadas de manzanas de hierro, bloqueadas por ventanales que son pavorosos jaulones de hierro, y luego más puertas agresivas de alcachofas de hierro, pintadas de verde, con llamadores góticos que rematan en dolorosas cabezas de ajusticiados, y más allá, perspectivas de arcos amarillentos.
Y esquinas en ángulo recto, con hornacinas excavadas en el espesor del muro, y apóstoles de mármol, sacerdotes de mármol, monjes de mármol, o también, murallones con un tejadillo y una Virgen a la intemperie, pintada en un lienzo, frente a la cual el viento balancea un farolito.

Este pórtico, entre árboles verdes, conduce a la Sinagoga del Tránsito. Salón sombrío, arcos árabes, sillerías que no le pertenecen, en el centro del suelo sepulturas de tres caballeros de Calatrava, el techo muestra rastros de plateaduras y oros muertos, más allá, por calles barridas por el viento, el gótico San Juan de los Reyes, rojiza fachada de ladrillo, y dos reyes de baraja, en porcelana, con petos de porcelana verde, con tunicelas de porcelana azul estrellada de oro y cetros que son rompecabezas de porcelana roja. Entráis. Una bóveda de hueco, y en el hueco, un intencionado cadáver de mármol semipodrido, cuya calavera os acoge con triunfal sonrisa de leproso.
La muerte y la penitencia donde se fija la mirada. La muerte. La agonía. El esqueleto. Otro templo. Otras murallas titánicas. Y de las murallas cuelgan grilletes de hierro, cadenas de hierro, argollas de hierro. Cadenas de cautivos cristianos en Granada.

Callejuelas negras y desiertas, monjas cuyas tocas deforma el viento, sacerdotes: estamos en Toledo la negra, la imperial. Entre cielo y tierra. Un arco, y más allá, abajo, próxima al confín una colina de greda amarilla. Después una plazuela. Después una cruz. Un aldabón y en su hierro, forjada, una cara de dolor.

O vento silva horrores nestas ruelas lívidas de pedra. Os saguões estão desertos; nunca vi na minha vida perspectivas mais abertas entre muralhas de pedra de conventos ou igrejas que as destas ruas. De vez em quando, janelinhas com grades no alto, e daí, a perspectiva deserta, fechada pelo fundo cor cinza de outra muralha. E portas, portas de quinze centímetros de espessura, apinhadas de maçãs de ferro, bloqueadas por vitrôs que são jaulonas pavorosas de ferro, em seguida portas agressivas de alcachofras de ferro, pintadas de verde, com batedores góticos que rematam em cabeças dolorosas de supliciados, e mais adiante, perspectivas de arcos amarelados.

E esquinas em angulo reto, com nichos escavados na espessura da parede, e apóstolos de mármore, sacerdotes de mármore, monges de mármore, ou ainda, paredões com um toldo e uma Virgem na intempérie, pintada num lenço, com o vento balançando um farolzinho a sua frente.

Esse pórtico, entre árvores verdes, conduz à Sinagoga do Trânsito. Salão sombrio, arcos árabes, cadeiras que não lhe pertencem, no centro do solo sepulturas de três cavaleiros de Calatrava, o teto mostra rastros de prateaduras y ouros mortos, mais adiante, por ruas varridas pelo vento, o Monastério gótico de San Juan de los Reyes, fachada avermelhada de tijolos, e dois reis de baralho, em porcelana, com peitorais de porcelana verde, com túnicas de porcelana azul estrelada de ouro e cetros que são quebra-cabeças de porcelana vermelha. Vocês entram. Uma abóbada oca, e no oco, um intencionado cadáver de mármore semipodre, cujo esqueleto os recebe com triunfal sorriso de leproso.

A morte e a penitência onde se põem os olhos. A morte. A agonia. O esqueleto. Outro templo. Outras muralhas titânicas. E das muralhas pendem grilhões de ferro, correntes de ferro, argolas de ferro. Correntes de cativos cristãos em Granada.

Ruelas negras e desertas, monjas a quem o vento deforma as toucas, sacerdotes: estamos na Toledo negra, imperial. Entre céu e terra. Um arco, e mais adiante, abaixo, próxima ao confim uma colina de barro amarelo. Depois uma pracinha. Depois uma cruz. Um batedor e no seu ferro, forjada, uma cara de dor.

Un zaguán, y su muro, una Virgen, cuyo corazón vierte sangre. Estamos en Toledo la imperial, la magnífica, la católica, que se perfuma con oraciones; estamos en Toledo la bárbara, cuyas calles pétreas suben y bajan con caserones panzudos, devastados por los siglos, con casas moras que muestran arcos angrelados y mirillas como las casas de los mercaderes del Zoco de Tetuán.

Se deambula aquí tan taciturnamente como bajo el peso de una maldición. En el hotel conozco parejas de recién casados, desesperadas de haber venido a pasar la luna de miel en Toledo. ¡Luna de miel en Toledo! Luna de hiel y de vinagre. Tétrico señorío es el de Toledo. Tétrico y tan torvo que todos le huyen. Piedra de ceniza, rostros de mármol, pasteles de angustia y un sol de sangre, que arroja su fría claridad bajo el arco de la "Puerta de la Sangre". Me pierdo por una callejuela. ¡Oh!... No, no está la palabra. Aún no está inventada la expresión que yo necesito. El término compacto que permita reflejar estas mortecinas y presentes perspectivas, compuestas de verticales grises, de balconcillos de madera torneada, agusanada, de puertas erizadas de florones de hierro; aún el idioma no ha quintaesenciado en una palabra esta angustia del viento encajonado en la piedra, esta severa distinción de las persianas cerradas de las casas moriscas bautizadas, de sus sinagogas derruidas, de sus templos de atrios enverjados. Ni Barrès ni Galdós ni Cossío, aún han dado la visión de Toledo. Semejante a una hecatombe cósmica que se mantiene en equilibrio congelado, tal es la ciudadela que huele a magia negra, a pesar que sus terribles sacerdotes visten en los cuadros dalmáticas catolicísimas, y a la vez tan repulsiva y atrayente, que cuando se escribe sobre ella, no se resuelve a poner punto final al tema.

Um saguão e sua parede, uma Virgem, cujo coração verte sangue. Estamos na Toledo imperial, a magnífica, a católica, que se perfuma com orações; estamos na Toledo bárbara, cujas ruas pétreas sobem e descem com casarões pançudos, devastados pelos séculos, com casas mouras que mostram arcos dentados e postigos como as casas dos mercadores do Soco de Tetuão.

Aqui se deambula tão taciturnamente como sob o peso de uma maldição. Conheço no hotel alguns recém-casados, desesperados por ter vindo passar a lua de mel em Toledo. Lua de mel em Toledo! Lua de mel e de vinagre. Tétrico o senhorio de Toledo. Tétrico e tão turvo que todos fogem. Pedra cinzenta, rostos de mármore, tortas de angústia e um sol de sangue, que projeta sua fria claridade sob o arco da *Puerta de la Sangre*[104]. Me perco por uma ruazinha. Ah!... Não, não é essa a palavra. A expressão de que necessito ainda não foi inventada. O termo compacto que permita refletir estas perspectivas mortiças e presentes, compostas de cinzas verticais, de balcõezinhos de madeira torneada, bichada, de portas forradas de florões de ferro; o idioma ainda não quinta-essenciou em uma palavra essa angústia do vento encaixotado na pedra, essa distinção severa das persianas fechadas das casas mouriscas batizadas, de suas sinagogas em ruínas, de seus templos de átrios engradados. Nem Barrès nem Galdós nem Cossío[105], conseguiram dar uma visão de Toledo. Semelhante a uma hecatombe cósmica que se mantém em equilíbrio congelado, assim é a cidadezinha que cheira a magia negra, apesar de seus terríveis sacerdotes vestirem nos quadros dalmáticas catoliquíssimas, ao mesmo tempo tão repulsiva e atraente, que quando se escreve sobre ela, não dá para colocar ponto final no tema.

---

[104] Arco monumental localizado junto à praça de Zocodover, em Toledo.

[105] Manuel Bartolomé Cossío (1857-1935), historiador espanhol. Escreveu livros de História da Arte sobre El Greco e Toledo, aos quais possivelmente Arlt teve acesso.

**La catedral de Toledo** (*El Mundo*, 10 de abril de 1936)

He hablado de Toledo, ciudad amurallada en lo alto de una roca, de cuya base arranca una tumultuosa llanura de gredas amarillas y violáceas. Amarillo de bayetas, violáceas de tósigo, y tonos mayores de grises, grises de ceniza y de plata de luna cuando las nubes adoselan esta muchedumbre empinada de arquitecturas góticas, árabes, judías, y verdosa de matices cadavéricos cuando en la noche arden los farolillos en sus tortuosas callejas.

Tétrica, abigarrada y solitaria es Toledo. Tétrica como el tétrico enlutado. "Para cada hombre de Toledo hay siete sacerdotes que oran" escribe Ramón de la Serna, y es verdad que Toledo, ciudadela, es el pretexto de la Toledo monumental, de la Toledo cuya catedral es el más suntuoso florón de piedra de la cristiandad medioeval española.

Ciudad de oración, de inquisidores, de aprendices de mágicos, de muecines, de rabinos. Id a Toledo. Os perderéis entre las murallas de sus conventos, de las sinagogas, de las iglesias, de las mezquitas. Ciudad ladronera, ciudad estoque. Fina como la distinción de los caballeros del Greco. Femenina y nerviosa. Impasible. De ojos vidriosos como los de un aristocrático cadáver vertical.

Inútil ha sido que el Gran Inquisidor haya raído la pestilencia hereje de las murallas, y que judíos, moriscos y herejes, hayan ardido en el Zocodover. En la Catedral, sueño gótico y nocturno, bosque de arcadas, infierno de vitrales rojos y verdes, quimérica balumba de fantasmas de mármol, hay abierta una capilla de rito mozárabe, donde aún hoy se oficia misa al estilo toledano, como la celebraban los sacerdotes infectados de judaísmo y arabismo.

**A catedral de Toledo** (*El Mundo*, 10 de abril de 1936)

Já falei de Toledo, cidade amuralhada no alto de um penhasco, de cuja base arranca uma tumultuosa planície de gredas amarelas e violáceas. Amarelo de flanelas, violáceas de peçonha, e tons maiores de cinza, cinzas de cinza e de prata de lua quando as nuvens forram essa multidão empilhada de arquiteturas góticas, árabes, judias, e verdosa de matizes cadavéricos quando ardemos faroizinhos à noite en suas ruelas tortuosas.

Tétrica, misturada e solitária é Toledo. Tétrica como o tétrico enlutado. "Para cada homem de Toledo há sete sacerdotes orando" escreve Ramón de la Serna[106], e é verdade que Toledo, cidadela, é o pretexto da Toledo monumental, da Toledo cuja catedral é o mais suntuoso florão de pedra da cristandade medieval espanhola.

Cidade de oração, de inquisidores, de aprendizes de mágicos, de muezins, de rabinos. Vão a Toledo. Vocês se perderão entre as muralhas de seus conventos, das sinagogas, das igrejas, das mesquitas. Cidade antro, cidade estoque. Fina como a distinção dos cavaleiros de El Greco. Feminina e nervosa. Impassível. De olhos vidrados como os de um aristocrático cadáver vertical.

Foi inútil que o Grande Inquisidor tenha raspado a pestilência herege das muralhas, e que judeus, mouriscos e hereges, tenham ardido no Zocodover. Na Catedral, sonho gótico e noturno, bosque de arcadas, inferno de vitrais vermelhos e verdes, quimérico amontoado de fantasmas de mármore, há uma capela de rito moçárabe, onde ainda hoje se oficia missa no estilo toledano, como a celebravam os sacerdotes infectados de judaísmo e arabismo.

[106] Ramón Gómez de la Serna (1888 – 1963), escritor e jornalista espanhol.

¿Cómo enumerar la fabulosa riqueza de sus veintinueve capillas? Todas las palabras están gastadas para reflejar la grandeza de esta selva de piedra, donde el hombre se siente perdido entre las titánicas puntillas de sus molduras. Bordados de piedra, cresterías, plintos, estatuas, machones, ojivas, doseles, agujas, nimbos, sarcófagos, ángeles, escudos, urnas cinerarias, pinturas, retablos, verjas, púlpitos, custodias, rejas doradas, bóvedas altas, como próximas curvas de planetas, setecientos cincuenta ventanales la alumbran espectralmente. Camino atónito entre gráciles fusteos de paneas de piedra, y pienso que escribo audazmente sobre una maravilla frente a la cual debía callar, que es excesiva mi pretensión en bosquejar los tumultos de una maravilla en unas líneas de palabras opacas. ¡Si trabajaron siglos en ella los más perfectos artífices de la tierra! Escribo desalentado, consciente de que no acierto a reflejar el encanto sombrío de una sola de sus baldosas, de una sola de las setenta sillas de su alta sillería de madera de alerce, setenta sillas bajo la misma cifra de arcos, en cuyos tímpanos se destacan espectros avellanados, en tan diversísimas actitudes que más pronto se fatiga la vista en enumerar que aquella genial mano de Berruguete en tallarlos. Sé que es inútil intentar describir la esplendidez de una sola de sus veintinueve capillas, de una sola de sus ocho puertas, de la Puerta del Perdón, de la del Escribano, de la de la Torre de la Llana, de la de la Presentación, de la de Santa Catalina, de la del Reloj y la de los Leones.

Bordados, encajes, tallas, relieves, frisos, cubren hasta la última pulgada de su inmortal materia. De la obscuridad se pasa a un agujero terrible, que se abre en la bóveda: es el prodigio del "Transparente'; entra por allí el sol entre una atrevidísima fuga de ángeles hacia lo azul del cielo real; estatuas tan perfectas y coloreadas, y tan arrebatadora la luz de nácar que las baña, que esta maravillosísima obra de Narciso Tomé, atorbellinada entre columnas sobrepuestas, con legiones de ángeles, cuyas alas rompen cornisas y frontones en su fuga hacia el cielo, nos hace inclinar la frente hacia el suelo.

Como enumerar a fabulosa riqueza de suas vinte e nove capelas? Todas as palavras são gastadas para refletir a grandeza desta selva de pedra, onde o homem se sente perdido entre as titânicas rendas de suas molduras. Bordados de pedra, ornamentos, plintos, estátuas, pilares, ogivas, dosséis, agulhas, nimbos, sarcófagos, anjos, escudos, urnas cinerárias, pinturas, retábulos, grades, púlpitos, custódias, grades douradas, abóbadas altas, como próximas curvas de planetas, setecentos e cinquenta vitrais a iluminam espectralmente. Caminho atônito entre finos fustes de pedra, e penso que escrevo audazmente sobre uma maravilha frente à qual deveria calar, que é excessiva minha pretensão de bosquejar os tumultos de uma maravilha numas linhas de palavras opacas. Se os mais perfeitos artífices da terra trabalharam séculos nela! Escrevo desalentado, consciente de que não acerto em refletir o encanto sombrio de uma só de suas lajotas, de uma só das setenta cadeiras de seu alto conjunto de madeira de lariço, setenta cadeiras sob a mesma cifra de arcos, em cujos tímpanos se destacam espectros avelanados, em tão diversíssimas atitudes que a vista se cansa de enumerá-los mais rápido que aquela mão genial de Berruguete[107] de talhá-las. Sei que é inútil tentar descrever a esplendidez de uma só de suas vinte e nove capelas, de uma só de suas oito portas, da Porta do Perdão, da do Escrivão, da Torre da Plaina, da Apresentação, da de Santa Catarina, da do Relógio e da dos Leões.

Bordados, encaixes, entalhes, relevos, frisos, cobrem até a última polegada de sua matéria imortal. Da escuridão passamos a um buraco terrível, que se abre na abóbada: é o prodígio do "Transparente'; entra por ali o sol entre uma atrevidíssima fuga de anjos rumo ao azul do céu real; estátuas tão perfeitas e coloridas, e tão arrebatadora a luz de nácar que as banha, que esta maravilhosíssima obra de Narciso Tomé, num turbilhão entre colunas sobrepostas, com legiões de anjos, cujas asas rompem cornijas e frontões em sua fuga rumo ao céu, nos faz inclinar o rosto até o chão.

[107] Alonso Berruguete (1490-1561), escultor renascentista espanhol.

Y no describo (que son indescriptibles) sus verjas de plata, ni sus cuadros, ni sus cálices, ni sus piedras preciosas, ni sus tapices, ni sus mecanismos de bronce; no he podido tan siquiera contar las figuras de un friso, que fuera tarea de enceguecer, ni tampoco he enumerado los medallones ni retablos, y ahora mismo, me digo que si un hombre contara las figuras pintadas, labradas en madera o en piedra, o fundidas en preciosos metales, o aquellas que tiñen los vitriales, ese hombre espantaría a la humanidad con la cifra fabulosa que alberga en su selva la Catedral de Toledo.

En su interior, el visitante arrastra los pies por las losas, anonadado de estupor. Se ha derrochado aquí tanta belleza y tanta fe, que si alguien se atreviera a describir la Catedral de Toledo, sin nombrarla, dirían sus prójimos que nuevamente había nacido Alighieri.

Cada siglo aporta a ella la más escogida muestra de las artes suntuarias,y toda ella es una cristalización de espuma gris y de nervios blancos, tan duros y alados a la par, que estos nuestros ojos, nuestros pobres ojos que pueden enfermarse, habiendo gozado la majestuosidad de los océanos y la grandeza de la montaña, acaban por entrecerrarse, fatigados de tales avalanchas de belleza. Finalmente el entendimiento exclama egoístamente:

— Por fortuna esta belleza es un secreto que no se puede revelar a nadie. Inútil es que entre a la Catedral el más vigoroso escritor de la tierra. Terminaría por comprender que sus artificios palabreros son estériles, que sus imágenes están muertas antes de nacer, que uno solo de los vitrales de esta catedral terrible, es tan difícil de describir como la arquitectura de una nube, tras la cual se mueve la Luna.

Grandes sombras balancean su marea entre los gráciles fustes de la Catedral. Camino bajo góticas nervaduras, entre resplandores solares, chispas de piedras preciosas, pies de crucificados sangrientos, dalmáticas de mármol azul estrelladas de oro, ángeles de plata, arzobispos pintados en actitud de bendecir, biombos de bronce, vírgenes de madera, crucifijos tremendos, abultadas ascensiones entre rejas ojivales, estatuas yacentes…

E não descrevo (porque são indescritíveis) suas grades de prata, nem seus quadros, nem seus cálices, nem suas pedras preciosas, nem seus tapetes, nem seus mecanismos de bronze; não pude sequer contar as figuras de um friso, que era tarefa de enceguecer, nem tampouco contei os medalhões nem retábulos, e agora mesmo, me digo que se um homem contasse as figuras pintadas, lavradas em madeira ou em pedra, ou fundidas em metais preciosos, ou aquelas que tingem os vitrais, esse homem espantará a humanidade com a cifra fabulosa que alberga em sua selva a Catedral de Toledo.

Em seu interior, o visitante arrasta os pés pelo piso, aparvalhado de estupor. Aqui se esbanjou tanta beleza e tanta fé, que se alguém se atrevesse a descrever a Catedral de Toledo, sem nomeá-la, seus conhecidos diriam que Dante Alighieri havia nascido de novo.

Cada século aporta a ela a mais escolhida mostra de artes suntuárias, e toda ela é uma cristalização de espuma cinza e de nervos brancos, tão duros y alados ao mesmo tempo, que estes nossos olhos, nossos pobres olhos que podem adoecer, tendo gozado da majestosidade dos oceanos e a grandeza da montanha, acabam por se entrefechar, fatigados de tais avalanches de beleza. Finalmente o entendimento exclama egoistamente:

— Por sorte esta beleza é um segredo que não pode ser revelado a ninguém. É inútil que entre na Catedral o mais vigoroso escritor da terra. Terminaria por compreender que seus artifícios palavrórios são estéreis, que suas imagens estão mortas antes de nascer, que um só dos vitrais desta catedral terrível, é tão difícil de descrever como a arquitetura de uma nuvem, atrás da qual se move a Lua.

Grandes sombras balançam sua maré entre os finos fustes da Catedral. Caminho sob nervuras góticas, entre resplendores solares, chispas de pedras preciosas, pés de crucificados sangrentos, dalmáticas de mármore azul estreladas de ouro, anjos de prata, arcebispos pintados em gesto de benção, biombos de bronze, virgens de madeira, crucifixos tremendos, avultadas ascensões entre grades ogivais, estatuas jacentes…

**El Greco en Toledo** (*El Mundo*, 11 de abril de 1936)

¡El secreto del Greco! Hay que atreverse a iniciar un análisis. ¿En qué consiste? Es evidente que la presencia de sus pinturas nos causa un sobresalto. Un observador me indica muy atinadamente que los espectadores más sensibles a la pintura del Greco son los hombres de América, vírgenes por la educación religiosa en emociones de carácter místico. Los europeos en cambio, con una reticulada educación religiosa, permanecen casi siempre impasibles frente a las creaciones del maestro.

Existe un elemento inmaterial en los cuadros del Greco, que causa escalofríos. El espectador se siente encadenado a sus pinturas por un sobresalto indefinible en carácter. Por fin aquí en Toledo, estudiando sus cuadros, sobre todo aquel que se titula: "El entierro del conde de Orgaz" me creo capacitado para escribir sobre el artista. El tema del cuadro, sucintamente, es el siguiente:

“Varios caballeros, parientes y amigos del conde de Orgaz, asisten a su sepelio, y lo contemplan revestido de su armadura, colgado de los brazos de San Esteban y San Agustín, que lo van a depositar en su sepulcro. En la parte superior del cuadro, el conde de Orgaz aparece desnudo y de rodillas ante la Divinidad y la Virgen".

Tal es el asunto del que se conceptúa la obra maestra del Greco, y para mí, la más bella obra que se ha pintado sobre el planeta. No describiré la atmósfera celestial del cuadro, sino me referiré a los rostros de los amigos del conde de Orgaz, a los de los prelados que le rodean.

Son semblantes de hombres mayores de treinta años, las mejillas ligeramente sombreadas por la barba, pero de melancólica expresión femenina. La expresión femenina es siempre repulsiva en el hombre, pero en estos rostros gravemente dolidos hay tal contención tan severa que aunque la partícula femenina transciende, es de todo punto imposible localizarla. Está allí, se la ve aflorar a los severos semblantes de los acompañantes del sepelio, pero no se la puede demarcar. Uno comprende que la partícula femenina está tan reciamente atornillada en los espectros de carne, que ellos se recortan sobre el sepulcro como terribles e inefables símbolos de castidad. No es posible imaginarles un sólo extravío.

**El Greco em Toledo** (*El Mundo*, 11 de abril de 1936)

O segredo de El Greco! Preciso me atrever a iniciar uma análise. No que consiste? É evidente que a presença de suas pinturas nos causa um sobressalto. Um observador me indica muito atinadamente que os espectadores mais sensíveis à pintura de El Greco são os homens da América, virgens em emoções de caráter místico, pela educação religiosa. Os europeus ao contrário, com uma reticulada educação religiosa, permanecem quase sempre impassíveis frente à criações do mestre.

Existe um elemento imaterial nos quadros de El Greco, que causa escalafrios. O espectador se sente ligado a suas pinturas por um sobressalto indefinível. Enfim aqui em Toledo, estudando seus quadros, sobretudo aquele que se titula: "O enterro do conde de Orgaz" acho que estou capacitado para escrever sobre o artista. O tema do quadro, sucintamente, é o seguinte:

“Vários cavalheiros, parentes e amigos do conde de Orgaz, assistem ao seu funeral, e o contemplam revestido em sua armadura, sustentado pelos braços de Santo Estevão e Santo Agostinho, que vão depositá-lo em seu sepulcro. Na parte superior do quadro, o conde de Orgaz aparece nu e de joelhos diante da Divinidade e da Virgem".

Esse é o assunto de que se conceitua a obra-prima de El Greco, e para mim, a mais bela obra que já se pintou no planeta. Não vou descrever a atmosfera celestial do quadro, mas me referir aos rostos dos amigos do conde de Orgaz, aos dos prelados que o rodeiam.

São semblantes de homens de mais de trinta anos, as bochechas ligeiramente sombreadas pela barba, mas de melancólica expressão feminina. A expressão feminina é sempre repulsiva no homem, mas nesses rostos gravemente condoídos há essa contenção tão severa que mesmo que a partícula feminina transcenda, é de todo modo impossível de localizar. Está ali, podemos vê-la aflorar nos severos semblantes dos participantes do funeral, mas não se consegue demarca-la. Você compreende que a partícula feminina está tão fortemente parafusada nos espectros de carne, que eles se destacam sobre o sepulcro como terríveis e inefáveis símbolos de castidade. Não é possível imaginar uma única falta deles.

Los rostros expresan dolor resignado, ansias quemadas con ejercicios espirituales; la carne aparece consumida, domada, reducida a un revestimiento corpóreo casi transparente. De tal modo que ha adquirido una consunción femenina, pero el nervio de la religión ha desplegado bajo esta carne una mascarilla de dignidad y distinción tal, que los verticales cadáveres vivientes resultan arquetipos de una humanidad místicamente superior.

En el "Suplicio de San Mauricio", cuadro encargado por Felipe II al pintor, éste no gustó nada al Tigre del Mediodía.

Aquellos legionarios romanos del cuadro, conspirando para morir juntos para la religión, son tremendos hombrones de formas tan deliciosamente fe meninas, que el precavido escepticismo de Felipe II debió sobresaltarse esquivo. Los rudos mártires históricos ya no son legionarios, sino ángeles masculinos de mórbidas formas, más atrayentes que los íncubos que en el desierto iban a despavorir la castidad de los ermitaños.

Dicho androginismo, por momentos quintaesenciado, pulido, severo, tostado por las gredas ocres, amarillas y bermejas del paisaje toledano, emana un encantamiento taciturno y una claridad espectralmente angélica. Es evidente que los seres humanos retratados por el Greco tienden en el cuadro a darle a la vida el sentido místico que su siglo encareció sobre todas las cosas, pero tampoco es menos cierto que una vez que se descubre este secreto afeminamiento de su pintura, se llega a la conclusión que hay otro secreto por indagar, y este es ya la investigación de una conjetura:

¿Se dedicó o no el Greco al estudio de las ciencias ocultas? No hay que olvidar que Felipe II mantuvo trato s con alquimistas para ver si podía fabricar oro. Ahora bien, ciertos detalles de los cuadros del Greco hacen sospechar que éste estudió cuando menos la simbología de las ciencias ocultas. Y las ciencias de la Edad Media exaltaron siempre al "divino andrógino", un ser humano cuya contextura espiritual superior involucra los dos sexos. Cabe preguntarse: ¿les dio el Greco a estos protagonistas de sus cuadros la apariencia que la doctrina secreta encarece como arquetipo de perfeccionamiento?

Os rostos expressam dor resignada, ânsias queimadas com exercícios espirituais; a carne aparece consumida, domada, reduzida a um revestimento corpóreo quase transparente. De tal modo que adquiriu uma consunção feminina, mas o nervo da religião se mostrou sob essa carne uma máscara de dignidade e distinção tal, que os cadáveres verticais viventes se tornam arquétipos de uma humanidade misticamente superior.
No "Suplicio de San Mauricio", quadro encomendado por Felipe II ao pintor, já não agradou nada ao Tigre do Meio-dia.

Aqueles legionários romanos do quadro, conspirando para morrerem juntos para a religião, são tremendos homenzarrões de formas tão deliciosamente femininas, que o ceticismo precavido de Felipe II deve ter se sobressaltado esquivo. Os rudes mártires históricos não são mais legionários, mas sim anjos masculinos de formas mórbidas, mais atraentes que os íncubos que iam ao deserto apavorar a castidade dos ermitões.
Esse androginismo, por momentos quinta-essenciado, polido, severo, tostado pelas gredas ocres, amarelas e vermelhas da paisagem toledana, emana um encantamento taciturno e uma claridade espectralmente angélica. É evidente que os seres humanos retratados por El Greco no quadro tendem a dar à vida no sentido místico que seu século encareceu sobre todas as coisas, tampouco é menos certo que uma vez que se descobre este secreto afeminamento em sua pintura, se chega à conclusão de que há outro segredo por indagar, e esta já é a investigação de uma conjectura:
El Greco se dedicou ou não ao estudo das ciências ocultas? Não se pode esquecer que Felipe II manteve conversações com alquimistas para ver se conseguia fabricar ouro. Agora, certos detalhes dos quadros de El Greco levantam suspeitas de que o pintor estudou ao menos a simbologia das ciências ocultas. E as ciências da Idade Media exaltaram sempre o "divino andrógino", um ser humano cuja contextura espiritual superior engloba os dois sexos. Cabe a pergunta: El Greco deu a esses protagonistas de seus quadros a aparência que a doutrina secreta encarece como arquétipo de aperfeiçoamento?

En la realización artística del Greco no es posible suponer un solo acierto inconsciente. Es el pintor perfecto, cuidadosísimo de los más mínimos detalles, tan estudioso de cada una de las partículas que forman el conjunto de sus cuadros que acusado por la inquisición de violar ciertas reglas en la representación de los Ángeles, en el juicio que le siguió en Santo Oficio, sale victorioso y con derecho a pintar los ángeles tal cual él los ve. Nadie antes ni después, sabe darle a la luz de los cielos ese tinte de inframundo o hectoplasma, que lividece fosforescentemente.

Lo sabe todo. Frente a los colores fríos de sus cuadros: carmín, violáceo, gris de plata; nos preguntamos de qué juicio final extrajo tales tintas mortales, hasta que llegando a Toledo y contemplando el paisaje de esta llanura montuosa, de gredas amarillas y rojizas cuando brilla el sol, y plateadas y violáceas cuando la sombrean nubes, aprendemos que el Greco ha teñido las ropas de sus personajes del siniestro color de la tierra en que agonizan; nos preguntamos por qué los personajes del Greco parecen siempre rozar con la cabeza la cúpula del cielo, y cuando contemplamos esta ciudadela que es Toledo, amontonada como después de una catástrofe cósmica, sobre una roca titánica, comprendemos que este griego enigmático, españolizado hasta el tuétano, supo percibir el clima toledano con tal justeza mística que todos sus cuadros son una exaltación sombría de ese paisaje de juicio final que es Toledo con sus hombres.

Na realização artística de El Greco não é possível supor um único acerto inconsciente. É o pintor perfeito, cuidadosíssimo dos mais mínimos detalhes, tão estudioso de cada uma das partículas que formam o conjunto de seus quadros que acusado pela Inquisição de violar certas regras na representação dos Anjos, no julgamento que teve no Santo Oficio, saiu vitorioso e com o direito de pintar os anjos tal qual os vê. Ninguém antes nem depois, sabe dar à luz dos céus essas tintas de inframundo ou ectoplasma, que empalidece fosforescentemente.

Sabe de tudo. Frente às cores frios de seus quadros: carmim, violáceo, cinza de prata; nos perguntamos de que juízo final extraiu tais tintas mortais, até que chegando a Toledo e contemplando a paisagem dessa planície montuosa, de gredas amarelas e avermelhadas quando brilha o sol, e prateadas e violáceas quando as nuvens a sombreiam, aprendemos que El Greco tingiu as roupas de seus personagens com a sinistra cor da terra em que agonizam; nos perguntamos por que os personagens de El Greco parecem sempre roçar com a cabeça a cúpula do céu, e quando contemplamos esta cidadela que Toledo é, amontoada como depois de uma catástrofe cósmica, sobre uma rocha titânica, compreendemos que esse grego enigmático, espanholizado até os ossos, soube perceber o clima toledano com tal justeza mística que todos os seus quadros são uma exaltação sombria dessa paisagem de juízo final que é Toledo com seus homens.

**La casa del Greco en Toledo** (*El Mundo*, 13 de abril de 1936)

En la vida de los genios descubrimos antecedentes cuya singularidad asombra. Asi, Manuel Falla, que ha nacido en Cádiz, habita en Granada en un Carmen cuyas tierras pertenecieron al convento donde Juan de la Cruz escribió su famoso *Cántico espiritual*, tan seco y ardoroso como el mismo "Amor Brujo". En el Greco, constatamos una análoga coincidencia.

Del Greco se sabe que era un griego emigrado a España, de vida tan misteriosa que de sus días terrestres restan pocos rastros privados. Lo que más se tiene averiguado de él, son noticias de eruditos y conjeturas de estudiosos. ¡Ah, y la fecha de su muerte y la prueba de que pleiteó con eclesiásticos, con la Inquisición y con alcabaleros, ganando siempre sus pleitos! Tales son las referencias con respecto al único pintor que en el mundo introduce en la pintura una extemporánea dimensión.

Sospechan los estudiosos actuales que el Greco ha sido clandestino, estudioso de ciencias ocultas; yo expuse esta idea en un primer artículo que escribí sobre él cuando visité el Prado. En Toledo, el cónsul de Cuba, hace varios años consagrado exclusivamente a investigaciones sobre la pintura y la vida del Greco, me confirmó la hipótesis, lo cual me enorgullece. Me decía el señor cónsul que en ciertas casullas pintadas por el Greco había encontrado hábilmente disimulados signos cabalísticos, y que las aureolas que rodean la cabeza del Cristo son triángulos esotéricos.

Volvamos al tema de la coincidencia con que iniciaba mi artículo. El Greco vivió en Toledo en el palacio perteneciente al famoso marqués de Villena. Villena murió quemado vivo, bajo la acusación de dedicarse a estudios de nigromancia. Trágica es la historia de la casa donde cavila y depura su arte el maestro pintor.

El primer hombre que costeó la fundación del pequeño palacio, situado en la Judería Mayor de Toledo, se llamaba Samuel Leví. Samuel Leví era tesorero de don Pedro el Cruel. Samuel Leví murió asesinado por éste, después de sufrir inauditas torturas. En su palacio (hoy casa del Greco, en perfecto estado de conservación aun) se puede ver el pozo cuadrado, que con escaleras en zigzag conduce a un subterráneo que, serpenteando entre las profundidades de la tierra, conduce a la orilla del río Tajo.

**A casa de El Greco em Toledo** (*El Mundo*, 13 de abril de 1936)

Na vida dos gênios descobrimos antecedentes cuja singularidade assombra. Assim, Manuel de Falla, que nasceu em Cádiz, vive em Granada em uma casa ajardinada cujas terras pertenceram ao convento onde Juan de la Cruz escreveu seu famoso *Cántico Espiritual*, tão seco e ardoroso como o próprio *Amor brujo*[108]. Com El Greco, constatamos uma coincidência análoga.

De El Greco se sabe que era um grego que emigrou para a Espanha, de vida tão misteriosa que de seus dias terrestres restam poucos rastros privados. O que mais se tem averiguado sobre ele, são notícias de eruditos e conjecturas de estudiosos. Ah, e a data de sua morte e a prova de que litigou com eclesiásticos, com a Inquisição e com cobradores de impostos, ganhando sempre seus pleitos! Essas são as referências com respeito ao único pintor no mundo que introduz na pintura uma dimensão extemporânea.

Suspeitam os estudiosos atuais que El Greco foi clandestino, estudioso de ciências ocultas; expus essa ideia num primeiro artigo que escrevi sobre ele quando visitei o Museu do Prado. Em Toledo, o cônsul de Cuba, consagrado há vários anos exclusivamente a pesquisar sobre a pintura e a vida de El Greco, me confirmou a hipótese, o que me orgulha. Me dizia o senhor cônsul que em certas casulas pintadas por El Greco ele havia encontrado habilmente dissimulados signos cabalísticos, e que as aureolas que rodeiam a cabeça do Cristo são triângulos esotéricos.

Voltemos ao tema da coincidência com que iniciei meu artigo. El Greco viveu em Toledo no palácio pertencente ao famoso marquês de Vilhena. Vilhena morreu queimado vivo, sob a acusação de se dedicar a estudos de nigromancia. Trágica é a história da casa onde o mestre pintor cisma e depura sua arte.

O primeiro homem que custeou a fundação do pequeno palácio, situado na Alfama Maior de Toledo, se chamava Samuel Levi. Samuel Levi era tesoureiro de Dom Pedro, o Cruel[109]. Samuel Levi morreu assassinado por ele, depois de sofrer torturas inauditas. Em seu palácio (hoje casa de El Greco, ainda em perfeito estado de conservação) pode-se ver o poço quadrado, que com escadas em ziguezague conduz a um subterrâneo que, serpenteando entre as profundidades da terra, conduz à beira do rio Tejo.

---

[108] Balé composto pelo compositor Manuel de Falla (1876-1946) e considerado sua principal obra.
[109] Pedro I (1334-1369), rei de Castela.

Pero no le valió al poderoso Samuel Leví el subterráneo de emergencia para poder huir en caso de peligro, que murió de mala muerte, y en las cuevas ocultas en el pozo se encontraron montones de oro tan elevados que un hombre podía ocultarse tras de ellos.
Años después adquiere el palacio que perteneció al fundador de la Sinagoga del Tránsito, el famoso marqués de Villena, que como sabemos, finó sus días en el poste del quemadero, y dos siglos después, en el año 1586, la finca es adquirida por el Greco.
Ramón Gómez de la Serna insinúa la posibilidad de que el Greco haya sido un judío cretense, pero alguien puede jactarse en Toledo de no haber sangre morisca o judía circulando en las venas?
El palacio del pintor está a pocos pasos del terraplén que se precipita sobre el río Tajo. Se entra por una puerta ferrada de clavones, se cruzan algunas habitaciones encaladas y reconstruidas sobre base de hipótesis (del mismo modo que la casa de Lope de Vega) se llega a un patio recuadrado por soportales, se atraviesa la cocina con libros de repostería y bajo un techín artesonado se divisa el jardín, amplísimo con estatuas de mármol que el sol madura.
En la planta alta del palacio se encuentran los dormitorios (aun no reconstruidos) y el que realmente debía ser el estudio del pintor, una habitación larga, sumamente iluminada, por la cual se distingue la amontonada arquitectura de Toledo. Aquí vivía el Greco, aquí vivió el nigromante marqués de Villena, aquí vivió el piadoso Samuel Leví. Ninguno de los tres hombres ha dejado retrato. En el Greco fue esto deliberado. Es posible. Pacheco, que le conoció y no le quería, declara que sus ideas revelaban un singular pensador. Barres, conjeturando, escribe: "Debió ser uno de esos hombres todo finura y nerviosidad, de cabeza ligeramente inclinada a la izquierda, tipo de ardilla, pero ennoblecido por el sueño religioso, una cara silenciosa y atenta (y acaso neurasténico)
Al mismo tiempo, este hombre misterioso, vive fastuosamente. Otro que le conoció, escribe: "Ganó muchos ducados, mas los gastaba en demasiada ostentación de su casa, hasta tener músicos asalariados para cuando comía gozar de toda delicia".

Mas o subterrâneo de emergência não valeu ao poderoso Samuel Levi para poder fugir em caso de perigo, que morreu de má morte, e nas covas ocultas no poço se encontraram montes de ouro tão elevados que um homem poderia se esconder atrás deles.

Anos despois adquire o palácio que pertenceu a fundador da Sinagoga do Trânsito, o famoso marquês de Vilhena, que como sabemos, findou seus dias no poste do queimadeiro, e dois séculos depois, em 1586, a propriedade é adquirida por El Greco.

Ramón Gómez de la Serna insinua a possibilidade de que El Greco tenha sido um judeu cretense, mas alguém pode se gabar em Toledo de não ter sangue mourisco ou judeu circulando nas veias?

O palácio do pintor está a poucos passos da terraplanagem que se precipita sobre o rio Tejo. Entra-se por uma porta ferrada de pregões, cruzam-se alguns quartos caiados e reconstruídos a base de hipóteses (do mesmo modo que a casa de Lope de Vega) chega-se a um pátio emoldurado por pórticos, atravessa-se a cozinha com livros de confeitaria e sob um toldo artesanal se divisa o jardim, amplíssimo com estátuas de mármore que o sol amadurece.

No piso superior do palácio se encontram os dormitórios (ainda não reconstruídos) e o que realmente devia ser o estúdio do pintor, um quarto comprido, sumamente iluminado, pelo qual se distingue a amontoada arquitetura de Toledo. Aqui vivia El Greco, aqui viveu o nigromante marquês de Vilhena, aqui viveu o piedoso Samuel Levi. Nenhum dos três homens deixou retrato. No caso de El Greco isso foi deliberado. É possível. Pacheco[110], que o conheceu e não gostava dele, declara que suas ideias revelavam um pensador singular. Barrès[111], conjecturando, escreve: "Deve ter sido um desses homens todo finura e nervos, de cabeça ligeiramente inclinada à esquerda, como um esquilo, mas enobrecido pelo sonho religioso, uma cara silenciosa e atenta (e quem sabe neurastênico).

Ao mesmo tempo, esse homem misterioso, vive faustuosamente. Outro que o conheceu, escreve: “Ganhou muitos ducados, mas os gastava com muita ostentação em sua casa, a ponto de ter músicos assalariados para desfrutar quando comia”.

---

[110] Francisco Pacheco (1564-1644), pintor maneirista espanhol.
[111] Maurice Barrés (1862-1923), escritor e político francês

No queda ninguna duda acerca de sus aficiones. Su palacio da testimonio de ello. Habitaciones holgadas, largas, vastos patios interiores, extenso jardín.

Barrès, que ha seguido apasionadamente los escasísimos pasos conocidos de este hombre misterioso, le imagina en los cigarrales de Toledo, en teológicos coloquios con los intelectuales más brillantes de la época y así es, pue el Greco es solicitado por sus contemporáneos más distinguidos: el cardenal arzobispo, Sandoval y Rojas, le encarga de decorar su cigarral de Buena Vista; allí en la mansión del purpurado trató con Tirso de Molina, Lope de Vega, el padre Rivadeneira, con Ercilla, con Baltazar Gracián, y con ese eclesiástico de poemas retorcidos, el padre Góngora, a quien Lope de Vega, venenosamente incrimina de judío. El Greco es el retratista preferido de esa sociedad ardiente y enjuta, cuyos hombres están atosigados de religión.

Mientras escribo pienso que el Greco jamás retrató mujeres, como no ser la Virgen y Magdalena; cierto es que estaba casado y que de este matrimonio hubo un hijo, Jorge Manuel, la criatura que vemos oficiar el pago en el cuadro titulado "El entierro del Conde de Orgaz". El rostro del niño, de nueve años, con gorguera abullonada en torno de su carita pálida, es tan melancólicamente expresivo, que su presencia no resulta extemporánea entre estos caballeros enlutados que forman un angélico flanco en torno de las doradas dalmáticas de San Buenaventura y San Agustín, inclinados sobre el cadáver del conde de Orgaz, revestido de su armadura.

Trabajó mucho el Greco. Trabajó tanto como nadie puede imaginarse que trabaje un genio. De sus cuadros hacía modelos en pequeño, de Toledo fabricaba maquetas que luego copiaba, asentándolas al pie de sus cuadros para dar mayor sensación de realidad, era arquitecto y escultor, filosofaba a ocultas, es el artista perfecto, la existencia magistral "que goza de toda delicia" incluso de la póstuma voluptuosidad de rodear su pasaje terrestre de la misma atmósfera de misterio que alumbra espectralmente a todos los personajes de sus inquietantes pinturas.

Não resta nenhuma dúvida sobre seus gostos. Seu palácio é testemunha. Cômodos, compridos, grandes pátios interiores, extenso jardim.

Barrès, que seguiu apaixonadamente os escassíssimos passos conhecidos desse homem misterioso, imagina em sítios nos arredores de Toledo, em teológicos colóquios com os intelectuais mais brilhantes da época, pois El Greco é solicitado por seus contemporâneos mais distintos: o cardeal arcebispo, Sandoval y Rojas, lhe encarrega de decorar sua casa de campo de Buena Vista; ali na mansão do purpurado tratou com Tirso de Molina, Lope de Vega, o padre Rivadeneira, com Ercilla, com Baltazar Gracián, e com esse eclesiástico de poemas retorcidos, o padre Gôngora, a quem Lope de Vega, venenosamente incrimina de judeu. El Greco é o retratista preferido dessa sociedade ardente e enxuta, cujos homens estão exaustos de religião.

Enquanto escrevo penso que El Greco jamais retratou mulheres, a não ser a Virgem e Maria Madalena; o que se sabe é que era casado e que desse matrimônio houve um filho, Jorge Manuel, a criança que vemos apontando no quadro intitulado *O enterro do Conde de Orgaz*. O rosto do menino, de nove anos, com gorjeira plissada em torno de sua carinha pálida, é tão melancolicamente expressivo, que sua presença não parece extemporânea entre esses cavaleiros enlutados que formam um angélico flanco em torno das dalmáticas douradas de São Boaventura[112] e Santo Agostinho, inclinados sobre o cadáver do conde de Orgaz, revestido de sua armadura.

El Greco trabalhou muito. Trabalhou tanto como ninguém pode imaginar que um gênio trabalhe. De seus quadros fazia modelos em miniatura, de Toledo fabricava maquetes que logo copiava, assentando ao pé de seus quadros para dar maior sensação de realidade, era arquiteto e escultor, filosofava escondido, é o artista perfeito, a existência magistral "que goza de toda delícia" inclusive da voluptuosidade póstuma de rodear sua passagem terrestre da mesma atmosfera de mistério que ilumina espectralmente a todos os personagens de suas inquietantes pinturas.

---

[112] Apesar da indicação, o santo retratado é Santo Estevão, como Arlt menciona corretamente em “El Greco em Toledo”.

**La destitución de Alcalá Zamora. Un momento dramático de la política española** (*El Mundo*, 15 de abril de 1936)

Los alrededores de las Cortes. Once de la noche. Tétrica luz verdosa de los faroles de gas, y en las inmediaciones del edificio de piedra la sombría silueta de los mocetones de asalto y los roces brillantes de los guardiaciviles, con el fusil asido por el cañón. Está prohibido detenerse en las inmediaciones y formar grupos. Hay que caminar.

Hace siete horas que deliberan las Cortes uno de los más apasionantes problemas de este momento histórico español: ¿Se destituye o no al presidente?

En el interior de la Cámara, las tribunas y los palcos están repletos de damas y caballeros. En sus bancos, los diputados comunistas, de rústico traje, detonan entre la silueta pulcra de los representantes de Derechas. Hablan Prieto, Gil Robles, Portela Valladares, Ventosa… Palabras... palabras... y tras de las palabras los hechos graves.

El agrio viento de Guadarrama sopla en las callejuelas alumbradas de luz verdosa.

La gente camina, merodea, comenta, se avecina al edificio de las Cortes, y luego, pulsada por la policía, se retira lentamente, hilvanando comentarios de ideología:

— ¿Se atreverán las cámaras o no a destituir al señor Alcalá Zamora?

Por la tarde, los ministros se han reunido con los representantes de los bloques. Estamos en presencia de una incógnita. La situación es grave. El primer presidente de la República española no ha llegado a cumplir seis años de mandato. El bloque Popular acusa al señor Zamora de haber intentado a toda costa organizar unas Cortes para que derribaran la Constitución por la cual él había sido elegido, de ser provocador y responsable de las masacres de octubre, de haber hecho penetrar "a los enemigos de la República en la misma fortaleza".

SIGNIFICADO DEL TRIUNFO DE LAS IZQUIERDAS

Me alejo de los comentaristas de orilla de farol. Es evidente que la atmósfera española está cargada de grandes masas de electricidad. Los hechos se suceden rápidamente. Situándoles en la línea sinuosa que traza el avance y retroceso de los partidos, comunican al espectador el voltaje extraordinario que en estos momentos encrespa el organismo político español.

**A destituição de Alcalá Zamora. Um momento dramático da política espanhola** (*El Mundo*, 15 de abril de 1936)

Arredores da Câmara. Onze da noite. Tétrica luz verdosa dos lampiões de gás, e nas imediações do edifício de pedra a silhueta sombria dos rapagões de assalto e os atritos brilhantes dos guardas-civis, segurando o fuzil pelo cano. É proibido ficar parado nas imediações e formar grupos. Todos devem circular.

Faz sete horas que os deputados deliberam sobre um dos mais apaixonantes problemas deste momento histórico espanhol: Destituir ou não o presidente?

No interior da Câmara, as tribunas e galerias estão repletos de damas e cavalheiros. Em seus bancos, os deputados comunistas, de traje rústico, explodem por entre as silhuetas esmeradas dos representantes da Direita. Falam Prieto, Gil Robles, Portela Valladares, Ventosa[113]… Palavras... palavras... e por trás das palavras os acontecimentos graves.

O vento acre de Guadarrama sopra nas ruelas iluminadas de luz verdosa.

As pessoas caminham, vagam, comentam, se aproximam do edifício da Câmara, e rapidamente, apertada pela polícia, se retira lentamente, tecendo comentários de ideologia:

— Será que a Câmara vai se atrever ou não a destituir o senhor Alcalá Zamora?

À tarde, os ministros se reuniram com os representantes dos blocos. Estamos diante de uma incógnita. A situação é grave. O primeiro presidente da República espanhola ainda não chegou a cumprir seis anos de mandato. O bloco Popular acusa o senhor Zamora de haver tentado a todo custo organizar uma constituinte para que derrubassem a Constituição pela qual ele havia sido eleito, de ser provocador e responsável pelos massacres de outubro, de ter feito penetrar "aos inimigos da República na própria fortaleza".

SIGNIFICADO DO TRIUNFO DA ESQUERDA

Me afasto dos comentaristas de meio-fio. É evidente que a atmosfera espanhola está carregada de grandes massas de eletricidade. Os fatos se sucedem rapidamente. Situando-os na linha sinuosa que marca o avanço e retrocesso dos partidos, comunicam ao espectador a extraordinária voltagem que nestes momentos encrespa o organismo político espanhol.

---

[113] Todos lideranças políticas espanholas, já mencionados anteriormente. Naquele momento, ocupavam cargos de deputado.

Se engañaron aquellos que creyeron que el triunfo de las Izquierdas en las elecciones de marzo satisfaría a las masas. La censura impuesta por el gobierno que preside el señor Azaña, impide conocer el alcance real de las manifestaciones populares de izquierda que han afectado de diverso modo los intereses e instituciones de los cuerpos clásicamente incondicionales de las Derechas.

A las fugaces expansiones de las masas han seguido las candentes deliberaciones del parlamento español. Este, antes de constituirse en una especie de juicio político, ha eliminado de su seno a numerosos representantes de las minorías de Derechas, cuyos diplomas, de acuerdo con las pruebas presentadas no ofrecían garantía de limpieza, que el cuerpo exige, según el mayor o menor grado de ética política que en él acciona.

Por este procedimiento, la minoría parlamentaria derechista ha quedado sumamente debilitada en la Cámara, a tal punto que el día 31 de marzo, al irse a discutir las actas de Granada, las Derechas se retiraron casi íntegras del parlamento, entre el abucheo de las Izquierda.

EL ARTÍCULO 81 DE LA CONSTITUCIÓN

A este suceso grave antecede el decreto de elecciones municipales, aparecido el 17 de marzo, y acogido con recias protestas por los partidos de Derechas y sus correspondientes órganos periodísticos.

El decreto, prácticamente, produjo terror entre los terratenientes y la pequeña burguesía. Se anticipaba que la bandera roja flamearía en el frente de casi todos los ayuntamientos de España, lo cual no deja de ser verosímil, pues las fuerzas de la extrema izquierda han demostrado que, en condiciones de legalidad normal, podían prescindir holgadamente de las Izquierdas republicanas para conquistar una mayoría abrumadora en numerosos municipios.

Pero el día 3 de abril se "sabe" que el Consejo de Ministros anulará la convocatoria para elecciones municipales, pues antes que llevar a cabo este acto de consulta popular, el gobierno quiere dejar constituida la Cámara de Diputados y tratar el muy grave artículo 81, artículo que reza asi: "El voto desfavorable de la mayoría absoluta de las Cortes llevará aneja la destitución del presidente”. Asunto que se trata a estas horas mientras escribo las líneas que siguen. Se trata de destituir al presidente de la República, don Aniceto Alcalá Zamora.

Enganaram-se aqueles que acharam que o triunfo da esquerda nas eleições de março satisfaria às massas. A censura imposta pelo governo que o senhor Azaña preside, impede de conhecer o alcance real das manifestações populares de esquerda que afetaram de diversas formas os interesses e instituições dos corpos classicamente incondicionais da direita.

Às fugazes expansões das massas se seguiram as candentes deliberações do parlamento espanhol. Este, antes de se tornar uma espécie de julgamento político, eliminou de seu seio numerosos representantes das minorias de direita, cujos diplomas, de acordo com as provas apresentadas não ofereciam garantia de limpeza, que o corpo exige, conforme o maior ou menor grau de ética política com que ele opera.

Por esse procedimento, a minoria parlamentar direitista ficou sumamente debilitada na Câmara, a tal ponto que no dia 31 de março, ao se discutirem as atas de Granada, a direita se retirou quese inteira do parlamento, entre apupos da esquerda.

O ARTIGO 81 DA CONSTITUIÇÃO

Esse acontecimento grave tem como antecedente o decreto de eleições municipais, surgido no dia 17 de março, e recebido com fortes protestos pelos partidos de direita e seus correspondentes órgãos jornalísticos.

O decreto, praticamente, produziu terror entre os terra-tenentes e a pequena burguesia. Antecipava-se que a bandeira vermelha tremularia na frente de quase todas as prefeituras da Espanha, o que não deixa de ser verosímil, pois as forças da extrema esquerda vem demonstrando que, em condições de legalidade normal, podem prescindir folgadamente da esquerda republicana para conquistar uma maioria esmagadora em numerosos municípios.

Mas no dia 3 de abril se “soube” que o Conselho de Ministros anularia a convocação para as eleições municipais, pois antes de levar a cabo esse ato de consulta popular, o governo quer deixar constituída a Câmara dos Deputados e tratar do grave artículo 81, artículo que reza assim: “O voto desfavorável da maioria absoluta das casas legislativas trará anexa a destituição do presidente”. Assunto que se trata nestas horas em que escrevo as linhas que seguem. Trata-se de destituir o presidente da República, Dom Aniceto Alcalá Zamora.

El día viernes 3 queda constituida la Cámara de Diputados, y el señor Azaña pronuncia un discurso que la crítica política del día sábado conceptúa elogiosamente.

EL DISCURSO DE AZAÑA

Nos ocuparemos del discurso del señor Azaña, pronunciado en el Congreso, y a continuación comentaremos el dirigido por el señor Largo Caballero a las juventudes socialistas, el día domingo 5 en la Plaza de Toros de Madrid.

Estos dos discursos son inseparables por su significado ideológico y táctico dentro del momento político español.

Resultan llamativas las particularidades que ofrecen las críticas tejidas en torno del discurso del señor Azaña. Casi todas recalcan la pulcritud de forma del orador, asegurando jubilosamente que estamos en presencia de una de las más acabadas piezas oratorias del último decenio.

No cabe discutir este concepto. El discurso del señor Azaña es elegante pero la adiposidad del estilo disimula el sistema nervioso y muscular que habitual exigir y esperar en las manifestaciones de un político de talla. Parece que el señor Azaña previó esta objeción del que escribe el artículo, porque en su discurso solicita la benevolencia de sus oyentes, afirmando "que esta vez comparece ante vosotros simplemente el bulto todavía parlante de un hombre excesivamente fatigado”.

Indudablemente, el estilo del jefe de gobierno os recuerda aquel que utilizaba el señor Kerensky en las primeras etapas de su agitado y último gobierno. El señor Azaňa no pierde la oportunidad de querer aparecer frívolo, diciendo:

"Cuando yo me voy del gobierno, y ya he sabido irme elegantemente dos veces, etc.”

Pero no todo es frivolidad en su discurso. Por momentos, escasos, el tono del señor Azaña es enérgico, pero en general, el tenor del discurso es mesurado, prudente, resbaladizo entre los extremos que soslaya, abundante de metáforas exquisitas, condenando de acuerdo a su ideología demócrata liberal, por igual la presunción de una dictadura izquierdista como derechista.

Na sexta-feira, 3, compõe-se a Câmara dos Deputados, e o senhor Azaña pronuncia um discurso que a crítica política do sábado recebe elogiosamente.

O DISCURSO DE AZAÑA

Iremos nos ocupar do discurso do senhor Azaña, pronunciado no Congresso, e em seguida comentaremos o que foi dirigido pelo senhor Largo Caballero às juventudes socialistas, no domingo, 5, na Praça de Touros de Madrid.

Esses dois discursos são inseparáveis por seu significado ideológico e tático dentro do momento político espanhol.

São chamativas as particularidades que as críticas tecidas em torno do discurso do senhor Azaña oferecem. Quase todas ressaltam a beleza de forma do orador, assegurando jubilosamente que estamos na presença de uma das mais bem acabadas peças oratórias do último decênio.

Não cabe discutir esse conceito. O discurso do senhor Azaña é elegante mas a adiposidade do estilo dissimula o sistema nervoso e muscular que é habitual exigir e esperar nas manifestações de um político de envergadura. Parece que o senhor Azaña previu essa objeção de quem escreve o artigo, porque no seu discurso solicita a benevolência de seus ouvintes, afirmando "que desta vez comparece ante vocês simplesmente o vulto ainda falante de um homem excessivamente fatigado".

Indubitavelmente, o estilo do chefe de governo lhes recorda aquele que utilizava o senhor Kerensky[114] nas primeiras etapas de seu agitado e último governo. O senhor Azaña não perde a oportunidade de querer parecer frívolo, dizendo:

"Quando eu sair do governo, e já soube sair elegantemente duas vezes, etc."

Mas nem tudo é frivolidade em seu discurso. Por momentos, escassos, o tom do senhor Azaña é enérgico, mas em geral, o teor do discurso é medido, prudente, resvaladiço entre os extremos que atravessa, abundante de metáforas gostosas, condenando por igual de acordo com sua ideologia democrata liberal, a presunção de uma ditadura esquerdista como uma direitista.

[114] Alexander Kerensky (1881-1970), primeiro-ministro do governo provisório russo deposto pela Revolução Bolchevique em 1917.

La clase media se ha extasiado de buena fe ante este hombre de partido, que se expresó como un académico, hermanando la literatura con algunos bosquejos de línea de conducta política. Más de un malintencionado ha querido suponer que el señor Azaňa había pensado al pronunciar su discurso, más en el juicio que su forma de expresarse le merecería a los doctos en el arte de la oratoria, que en los problemas que en el país urge resolver, mientras que otros, han supuesto que el tono mesuradísimo del discurso obedecía al propósito de tranquilizar la nerviosidad de la clase media, soliviantada por el tono profético y terrorífico de los periódicos de Derechas, que auguran toda suerte de calamidades en un futuro muy próximo.

En síntesis, el discurso del señor Azaña, es lo que técnicamente se califica de pieza oratoria de un hombre bien intencionado, que aspira a merecer el título de constructor de tranquilidades.

¿Alcanzará a ver el señor Azaña realizado su sueño?

Su proyecto es crear dentro de la península un sinnúmero de concéntricos círculos de pequeños propietarios. El señor Martínez Barrios, en un interviú concedido al corresponsal del *Nieunwe Roterdanche Courant*[115], manifiesta:

"En el campo se procura crear una legión de pequeños propietarios y en los núcleos urbanos se busca de favorecer el desenvolvimiento del comercio y de la industria suprimiendo las trabas fiscales".

Esta tesis del partido republicano, es decir del señor Azaña, es el arma con que se piensa neutralizar los avances del marxismo y del fascismo en España.

Como en política únicamente se puede juzgar la eficacia de un proyecto por su velocidad de realización, muchos admiradores del señor Azaña se encuentran desconcertados, pues éste en anteriores declaraciones efectuadas a un periodista, manifiesta que en el presente año 1936 quedarían convertidos en pequeños propietarios 50.000 campesinos. Como en la península hay cerca de dos millones de campesinos sin tierras, el espectador imparcial ateniéndose a las cifras proporcionadas por el señor Azaña, queda abocado a este problema: Para aplicar la reforma Agraria en su totalidad, en el mejor de los casos, el señor Azaña demorará diez años.

¿Querrá esperar el impaciente campesino español diez años?

---

[115] Assim grafado no original.

A classe média se extasiou de boa-fé diante desse homem de partido, que se expressou como um acadêmico, irmanando a literatura com alguns bosquejos de linha de conduta política. Mais de um mal-intencionado quis supor que o senhor Azaňa havia pensado ao pronunciar seu discurso, mais na avaliação que sua forma de se expressar mereceria dos doutos na arte da oratória, que nos problemas que se urge resolver no país, enquanto que outros, entenderam que o tom calculado do discurso obedecia ao propósito de tranquilizar os nervos da classe média, sublevada pelo tom profético e terrífico dos jornais da direita, que auguram toda sorte de calamidades em um futuro bem próximo.

Em síntese, o discurso do senhor Azaña, é o que tecnicamente se qualifica de peça oratória de um homem bem-intencionado, que aspira a merecer o título de construtor de tranquilidades.

Conseguirá o senhor Azaña ver realizado seu sonho?

Seu projeto é criar dentro da península um sem-número de círculos concêntricos de pequenos proprietários. O senhor Martínez Barrios[116], em uma *interview* concedida ao correspondente do *Nieuwe Rotterdamsche Courant*[117], manifesta:

"No campo se procura criar uma legião de pequenos proprietários e nos núcleos urbanos se busca favorecer o desenvolvimento do comercio e da indústria suprimindo as travas fiscais".

Essa tese do partido republicano, isto é, do senhor Azaña, é a arma com que se pensa neutralizar os avanços do marxismo e do fascismo na Espanha.

Como em política se pode julgar a eficácia de um projeto unicamente por sua velocidade de realização, muitos admiradores do senhor Azaña se acham desconcertados, pois este em declarações anteriores feitas a um jornalista, manifesta que no presente ano de 1936 cinquenta mil camponeses se tornariam pequenos proprietários. Como na península há cerca de dois milhões de camponeses sem terras, o espectador imparcial que se fixe nas cifras proporcionadas pelo senhor Azaña, é tragado por esse problema: Para aplicar a reforma agrária em sua totalidade, no melhor dos casos, o senhor Azaña levará dez anos.

O impaciente camponês espanhol irá querer esperar dez anos?

---

[116] Diego Martí (1883-1962), político espanhol que, naquele momento, ocupava a presidência do Congresso.

[117] Extinto jornal holandês de tendência liberal, publicado entre 1844 e 1970.

HABLA LARGO CABALLERO

Nos referiremos ahora al discurso del señor Largo Caballero, pronunciado el 5 de abril en la Plaza de Toros de Madrid, con motivo del acto de unificación de las Juventudes Socialistas y Marxistas. Asistieron al acto en el interior y exterior de la plaza, más de 40.000 personas.

El discurso del secretario general de la UGT[118] fue breve y seco. Se afirma sin reticencia que sus palabras fueron una respuesta al discurso del señor Azaña. Helas aquí, en su escueta y amenazadora proyección:

"Yo vengo aquí como notario a tomar fe de vuestro propósito, a ver el deseo de la juventud española de unirse, de prepararse para el momento definitivo, que yo sospecho no tardará mucho en llegar".

Más adelante agregó:

"Quienes hoy ocupan el gobierno son circunstancialmente aliados del proletariado, y no resolverán el problema de la tierra".

El cronista de estos comentarios se ha permitido subrayar algunas palabras del señor Largo Caballero, porque asistiendo al mitin en calidad de periodista, vio pasar ante los manifestantes, jóvenes de ambos sexos uniformados con el traje de las milicias rojas, recolectando dinero con estas palabras, que pronunciaban en voz alta en presencia de los agentes de la autoridad: "Para bombas y pistolas. Para bombas y pistolas".

GEOMETRÍA DEL MOMENTO POLÍTICO

Las Derechas, y esto lo manifiestan por intermedio de sus órganos de publicidad, están francamente en pugna, no sólo con los propósitos de las lzquierdas rojas, sino también con los de las Izquierdas demócratas. Las Derechas constituyen una minoría, fuerte de recursos económicos, con violentas simpatías entre la oficialidad joven del ejército, totalmente fascista.

Las Izquierdas republicanas, y esta es la tesis sostenida por el señor Largo Caballero, constituyen otra minoría, débil para hacer frente a las Derechas. El señor Caballero afirma (esto deriva de sus diversas manifestaciones) que la minoría de izquierda republicana, en las elecciones de los ayuntamientos, sería suplantada en casi todos ellos por las Izquierdas socialistas y comunistas.

[118] Siglas de Unión General de Trabajadores (organización sindical del movimiento socialista).

FALA LARGO CABALLERO

Vamos nos referir agora ao discurso do senhor Largo Caballero, pronunciado em 5 de abril na Praça de Touros de Madrid, por ocasião do ato de unificação das Juventudes Socialistas e Marxistas. Assistiram ao ato de dentro e de fora do local, mais de 40.000 pessoas.

O discurso do secretário-geral da UGT[119] foi breve e seco. Afirma-se, sem reticências, que suas palavras foram uma resposta ao discurso do senhor Azaña. Ei-las aqui, em sua sucinta e ameaçadora projeção:

“Eu venho aqui como notário para dar fé do propósito de vocês, para ver o desejo da juventude espanhola de se unir, de se preparar para o momento definitivo, que eu suspeito que não tardará muito a chegar”.

Mais adiante acrescentou:

“Aqueles que hoje ocupam o governo são circunstancialmente aliados do proletariado, e não resolverão o problema da terra".

O cronista destes comentários se permitiu sublinhar algumas palavras do senhor Largo Caballero, porque assistindo ao *meeting* na qualidade de jornalista, viu passar diante dos manifestantes, jovens de ambos os sexos uniformizados com os trajes das milícias vermelhas, arrecadando dinheiro com essas palavras, que pronunciavam em voz alta na presença dos agentes da autoridade: "Para bombas e pistolas. Para bombas e pistolas”.

GEOMETRIA DO MOMENTO POLÍTICO

A direita, e ela manifesta isso por intermédio de seus órgãos de publicidade, está francamente em pugna, não só contra os propósitos da esquerda vermelha, mas também contra os da esquerda democrática. A direita constitui uma minoria, forte de recursos econômicos, com violentas simpatias entre o jovem oficialato do exército, totalmente fascista.

A esquerda republicana, e essa é a tese sustentada pelo senhor Largo Caballero, constitui outra minoria, débil para fazer frente à direita. O senhor Caballero afirma (isso deriva de suas diversas manifestações) que a minoria da esquerda republicana, nas eleições dos municípios, seria suplantada em quase todos eles pelas esquerdas socialista e comunista.

---

[119] União Geral dos Trabalhadores, organização sindical do movimento socialista.

Que debe tener sus visos de verosimilitud la presunción del jefe socialista, se descubre en el temor que las Izquierdas republicanas tienen de concurrir a las elecciones comunales desligadas de sus aliados proletarios.

Por otra parte, los informes confidenciales de los delegados de izquierda republicana comprueban que las masas campesinas están mucho más a la izquierda de lo que suponían las directivas del partido. De modo que el decreto del jefe de gobierno, declarando el día 4 de abril suspendidas las elecciones municipales, no sólo ha producido una sensación de alivio a las Derechas sino también a las Izquierdas medias.

Llegamos entonces a la conclusión, por cierto poco original, de que las Izquierdas rojas constituyen la fuerza organizada más considerable de la península.

¿Quién copará el triunfo en este juego de fuerzas?

Las Izquierdas rojas no descansan en España. Se efectúan mítines en todos los pueblos y para enterarse de ello, no hay nada más que ojear los periódicos. Han aparecido numerosos diarios de tipo marxista. En los tranvías que marchan hacia los arrabales, en las horas de máxima afluencia de público, se ve en casi todas las manos publicaciones de izquierda. El nerviosismo de las masas salta a la vista. Según el señor Azaña, este nerviosismo ha sido provocado “por dos corrientes de pánico, las dos peligrosas: una más intensa que la otra, pero con diferentes clases de peligro". Es decir, el temor a la formación de una dictadura proletaria o el de un golpe de estado militar.

El cronista está a medias con el señor Azaña. Cree en la existencia de una sola corriente de pánico y en la existencia de una corriente de impaciencia extrema. A tal punto creo que mi definición es exacta, pues el señor Largo Caballero, en su discurso del día 5, afirmó:

“No queremos perturbar la paz pública, porque ahora no nos conviene”.

Esta declaración, sumada a otras, involucra la innegable certidumbre que abrigan las directivas de las Izquierdas rojas: Esperar a que el gobierno del Frente Popular se desgaste ante las masas, por la imposibilidad timorata de resolver gravísimos problemas económicos, que lesionando gravemente los intereses de las Derechas, obligarían a éstas a intentar provocar un pronunciamiento militar. Desprestigiadas las fuerzas medias, entrarían en acción las masas rojas.

Que a presunção do chefe socialista deve ter seus visos de verossimilhança, se descobre no temor que a esquerda republicana tem de concorrer nas eleições municipais desligadas de seus aliados proletários.

Por outro lado, os informes confidenciais dos delegados da esquerda republicana comprovam que as massas camponesas estão muito mais à esquerda do que supunham as diretivas do partido. De modo que o decreto do chefe de governo, declarando no dia 4 de abril a suspensão das eleições municipais, não só produziu uma sensação de alivio para a direita mas também para a esquerda média.

Chegamos então à conclusão, certamente pouco original, de que a esquerda vermelha constitui a força organizada mais considerável da península.

Quem abarcará a vitória nesse jogo de forças?

A esquerda vermelha não descansa na Espanha. Ocorrem *meetings* em todos os povoados e para se inteirar disso, basta folhear os jornais. Apareceram numerosos diários de tipo marxista. Nos bondes que vão para os bairros distantes, nas horas de máxima afluência de público, se veem publicações de esquerda em quase todas as mãos.

O nervosismo das massas salta à vista. Segundo o senhor Azaña, esse nervosismo foi provocado “por duas correntes de pânico, as duas perigosas: uma mais intensa que a outra, mas com diferentes tipos de perigo". Quer dizer, o temor à formação de uma ditadura proletária ou o de um golpe de estado militar.

O cronista concorda parcialmente com o senhor Azaña. Crê na existência de uma única corrente de pânico e na existência de uma corrente de impaciência extrema. A tal ponto creio que minha definição é exata, pois o senhor Largo Caballero, no seu discurso do dia 5, afirmou:

“Não queremos perturbar a paz pública, porque agora não nos convém”.

Essa declaração, somada a outras, envolve a inegável certeza que as diretivas da esquerda vermelha abrigam: Esperar que o governo da Frente Popular se desgaste perante as massas, pela impossibilidade timorata de resolver gravíssimos problemas econômicos, que lesionando gravemente os interesses da direita, obrigariam essas a tentar provocar um pronunciamento militar. Desprestigiadas as forças moderadas, entrariam em ação as massas vermelhas.

Complicada geometría es la del momento político actual en España. Complicada, porque tanto las extremas Derechas como las extremas Izquierdas tienen la intima certidumbre de que los propósitos del señor Azaña no podrán prosperar. Y un gobierno o únicamente se puede sostener por la confianza que las masas depositan en él, y en estos momentos, el sector que deposita su confianza en el señor Azaña, aparte del Partido Republicano, son unas masas excesivamente impacientes, que sólo ansían arrojarse a la calle.

Durante un instante, las Derechas confiaron que en un momento crítico el señor Azaña podría apoyarse en ellas, pero en su famoso discurso el presidente del Partido Republicano parece que ha tenido el propósito de quebrantar esta esperanza, pronunciando la siguiente frase, que es muy significativa:

“Que no transparentan en nuestra conducta los agravios de que guardamos exquisita memoria”.

El porvenir español es una incógnita. Tal y seria. Pensándolo, salgo de mi cuarto y voy al café. Se habrán producido novedades. Al entrar a La Granja, encuentro un grupo de camaradas.

— ¿Qué hay?

— Pues, que se lo han "cargado".

— ¿Lo han destituido?

— Sí…

— ¿Por cuántos votos?

— Por 238 contra cinco, pues las minorías se han retirado.

— ¿Quién es presidente?

— Interinamente, Martínez Barrios.

Me marcho a dormir. En el hall de la casa de pensión hay una reunión comentando apasionadamente el suceso. De reproducir los cuchicheos sordos y rabiosos de estas tertulias domésticas, se podría escribir una novela monótona de emociones, pero rica de interés histórico en su carácter de documento consignador de las peripecias dramáticas de una clase que, en los actuales momentos, tiene la sensación de que el poder se le escapa de entre las manos.

Complicada geometria é a do momento político atual na Espanha. Complicada, porque tanto a extrema direita como a extrema esquerda têm a certeza íntima de que os propósitos do senhor Azaña não tem como prosperar. E um governo só pode se sustentar pela confiança que as massas depositam nele, e nesses momentos, o setor que deposita sua confiança no senhor Azaña, fora o Partido Republicano, são umas massas excessivamente impacientes, que só anseiam atirar-se à rua.

Durante um instante, a direita confiou que em um momento crítico o senhor Azaña poderia se apoiar nela, mas no seu famoso discurso o presidente do Partido Republicano parece que teve o propósito de aquebrantar essa esperança, pronunciando a seguinte frase, que é muito significativa:

"Pois não transparecem na nossa conduta os agravos de que guardamos saborosa memória".

O porvir espanhol é uma incógnita. Tal e séria. Pensando nisso, saio do meu quarto e vou ao café. Deve haver alguma novidade. Entrando no café La Granja, encontro um grupo de camaradas.

— E então?

— Pois, "tiraram" o homem.

— Foi destituído?

— Sim…

— Por quantos votos?

— Por duzentos e trinta e oito contra cinco, porque as minorias se retiraram.

— Quem é o presidente?

— Interinamente, Martínez Barrios.

Vou embora dormir. No hall da casa de pensão há uma reunião comentando apaixonadamente o acontecimento. Se fossem reproduzidos os cochichos surdos e raivosos dessas tertúlias domésticas, seria possível escrever um romance monótono de emoções, mas rico de interesse histórico em seu caráter de documento consignador das peripécias dramáticas de uma classe que, nos momentos atuais, tem a sensação de que o poder lhe escapa das mãos.

**Política española: la etapa de los atentados** (*El Mundo*, 20 de abril de 1936)

Madrid, abril de 1936 (por avión). En un artículo anterior me referí a la tensión política existente. Dije que los acontecimientos llevaban un ritmo, cuya velocidad creciente a medida que transcurrían los días, hacía presagiar a comisión de sucesos graves. Los hechos de los últimos días, de sintomático caracter terrorista – terror organizado – permiten afirmar que la situación social del país ha entrado en una etapa prerrevolucionaria blanca, y que sus características son la provocación y el atentado. No se trata aquí de un hecho aislado, sino de una sucesión de crímenes políticos, ejecutados y atribuidos a elementos de extrema derecha, contra la República y que culminan con el atentado cometido contra el ejército y el presidente de la República en el desfile militar con que se conmemora el 14 de abril, la instauración del régimen republicano.

LA CADENA DE LOS ATENTADOS

El primer atentado lo cometen varios jóvenes estudiantes armados de pistolas ametralladoras, contra el señor Jiménez de Asúa. Pierde la vida en este hecho el agente de vigilancia, señor Gilbert, que custodiaba al señor Asúa.

A este delito sucede el atentado contra la casa del señor Largo Caballero, tiroteada durante algunos minutos. Días después un mozalbete de catorce años lleva una bomba en una cesta de huevos a la vivienda del señor Eduardo Ortega y Gasset; la bomba estalla destrozando parte del piso y no produciendo afortunadamente desgracias personales. Los análisis de la bomba demuestran que ésta estaba confeccionada con tritilita, explosivo de uso reglamentario en el ejército español, y fuera de comercio por lo tanto, así como la mecha, que es de precisión como la requieren los usos de la técnica militar. ¿Ha sido hurtado el explosivo de algún depósito del ejército o ha sido deliberadamente facilitado por enemigos del régimen? Esto es lo que se investiga actualmente.

Se inicia el proceso contra los supuestos autores del atentado contra el señor Jiménez de Asúa: los magistrados que entienden el proceso reciben anónimos amenazantes, y el día 13 de abril, en el barrio de Chamberí, un magistrado que ha participado en el proceso, el señor Manuel Pedregal, es atacado por dos jóvenes armados de pistolas ametralladoras, y fallece algunas horas después a consecuencia de la gravedad de las heridas recibidas.

EL ATENTADO DEL 14 DE ABRIL

**Política espanhola: a etapa dos atentados** (*El Mundo*, 20 de abril de 1936)

Madrid, abril de 1936 (por avião). Em um artigo anterior me referi à tensão política existente. Disse que os acontecimentos iam num ritmo, cuja velocidade crescente conforme transcorriam os dias, fazia pressagiar acontecimentos graves. Os fatos dos últimos dias, de sintomático caráter terrorista – terror organizado – permitem afirmar que a situação social do país entrou em uma etapa pré-revolucionária branca, e que suas características são a provocação e o atentado. Não se trata aqui de um acontecimento isolado, mas de uma sucessão de crimes políticos, executados e atribuídos a elementos de extrema direita, contra a República e que culminam com o atentado cometido contra o exército e o presidente da República no desfile militar que comemora o 14 de abril, a instauração do regime republicano.

A CADEIA DOS ATENTADOS

O primeiro atentado foi cometido por vários jovens estudantes armados de pistolas automáticas, contra o senhor Jiménez de Asúa[120]. Perde a vida nessa ocorrência o agente de vigilância, senhor Gilbert, que escoltava o senhor Asúa.

Segue-se a este delito o atentado contra a casa do senhor Largo Caballero, metralhada durante alguns minutos. Dias depois um rapazote de quatorze anos leva uma bomba em uma cesta de ovos à casa do senhor Eduardo Ortega y Gasset; a bomba explode destroçando parte do apartamento, e afortunadamente não produzindo desgraças pessoais. A perícia na bomba demonstrou que esta foi confeccionada com trilita, explosivo de uso restrito ao exército espanhol, e fora de comércio portanto, assim como o detonador, que é de precisão como requerem os usos da técnica militar. O explosivo terá sido furtado de algum depósito do exército ou terá sido deliberadamente facilitado por inimigos do régime? Isso é o que se investiga atualmente.

Inicia-se o processo contra os supostos autores do atentado contra o senhor Jiménez de Asúa: os magistrados que trabalham no processo recebem ameaças anónimas, e no dia 13 de abril, no bairro de Chamberí, um magistrado que participou do processo, o senhor Manuel Pedregal, é atacado por dois jovens armados de pistolas automáticas, e falece algumas horas despois em consequência da gravidade dos ferimentos.

O ATENTADO DE 14 DE ABRIL

[120] Luis Jiménez de Asúa (1889-1970), à época vice-presidente da Câmara espanhola.

Las agencias telegráficas habrán ya comunicado noticias amplias, respecto a los graves sucesos ocurridos en la mañana del 14 de abril, durante el desfile de las tropas, con que se conmemora la instauración del régimen republicano

En circunstancias que en el Paseo de la Castellana se efectuaba el desfile militar, con asistencia del Presidente de la República, señor Martínez Barrio, y el jefe de gobierno, señor Azaña, estalla un triple petardo bajo del maderamen del palco presidencial. La detonación fue tan estrepitosa que los caballos de la escolta presidencial, situados a la izquierda del palco, se precipitaron espantados sobre el público, mientras que la división del l° de infantería, que comandaba el general Miajas, hizo alto y atemorizada encañonó a la multitud con sus fusiles. Los señores Martínez Barrio y Azaña, sin perder la presencia de espíritu, hicieron gestos para que la tropa continuara desfilando, pero no terminaba el público de reponerse del susto recibido, cuando un grupo de personas correctamente vestidas que se habían ubicado tras el palco presidencial, a los gritos de "Viva España! comenzaron a descargar sus pistolas.

Esta vez la alarma fue extraordinaria, pues nuevamente el cuerpo 1° de infantería volvió a encañonar con sus fusiles a la multitud y toda la gente que ocupaba el palco presidencial se echó por tierra, menos el Presidente de la República y el jefe de gobierno, que enérgicamente le hacían señales a la tropa para que continuara desfilando, mientras que la multitud trataba de huir en todas direcciones.

Cuando se restableció el orden y la Cruz Roja recogió a los heridos, se encontró a un alférez de la guardia civil, muerto, y moribundos un guardia y un paisano, aparte de otros nueve heridos de menor consideración. También los cascos del petardo que pocos momentos antes había estallado, desgarraron el vientre de un caballo, que cayó por tierra

Mas no fue el único incidente que ocurrió. Mientras el señor Azaña hacía gestos al ejército para que continuara desfilando, un capitán del cuerpo de Ingenieros, llamado Errais, armado de una pistola, se precipitó hacia el palco presidencial, mas no pudo llegar a él porque el conductor del coche oficial del señor Azaña, se precipitó sobre el oficial, desarmándole. Costó trabajo evitar que la multitud linchara a este hombre. Simultáneamente, con este hecho, en la calle de Villanueva, un grupo compuesto de fascistas rodeó a varios guardias civiles intentando desarmarles, pero a los gritos de éstos concurrió un piquete de guardias de asalto montados, que cargaron violentamente sobre los atacantes, deteniendo a treinta de éstos, en poder de algunos de los cuales se han hallado armas y documentos de importancia.

As agências telegráficas já devem ter comunicado notícias amplas, a respeito dos graves acontecimentos ocorridos na manhã de 14 de abril, durante o desfile das tropas, comemorativo da instauração do régime republicano.

No momento em que no Passeio da Castelhana ocorria o desfile militar, com a assistência do Presidente da República, senhor Martinez Barrio, e do chefe de governo, senhor Azaña, explode um petardo triplo sob o madeiramento do palco presidencial. A detonação foi tão estrepitosa que os cavalos da escolta presidencial, situados à esquerda do palco, se precipitaram espantados sobre o público, enquanto a divisão do l° batalhão de infantaria, comandado pelo general Miajas, fez alto e atemorizada apontou para a multidão com seus fuzis. Os senhores Martínez Barrio e Azaña, sem perder a presença de espírito, fizeram gestos para que a tropa continuasse desfilando, mas mal o público terminava de se recompor do susto, quando um grupo de personas bem vestidas que se posicionaram atrás do palco presidencial, aos gritos de "Viva Espanha!" começaram a descarregar suas pistolas.

Dessa vez o alarme foi extraordinário, pois novamente o primeiro corpo de infantaria voltou a apontar seus fuzis para a multidão e todos que ocupavam o palco presidencial o deixaram, menos o Presidente da República e o chefe de governo, que energicamente faziam sinais para a tropa para que continuassem desfilando, enquanto a multidão tratava de fugir em todas as direções.

Quando se reestabeleceu a ordem e a Cruz Vermelha recolheu os feridos, foi encontrado morto um alferes da guarda civil, e moribundos um guarda e um paisano, além de outros nove feridos com menor gravidade. Também os estilhaços do petardo que poucos momentos antes havia explodido, acertaram o ventre de um cavalo, que caiu por terra.

Mas não foi o único incidente que ocorreu. Enquanto o senhor Azaña fazia gestos para que o exército continuasse desfilando, um capitão do corpo de engenheiros, chamado Errais, armado de uma pistola, se precipitou em direção ao palco presidencial, mas não conseguiu chegar lá porque o condutor do carro oficial do senhor Azaña, se precipitou sobre o oficial, desarmando-o. Custou muito evitar que a multidão linchasse esse homem. Simultaneamente, com esse fato, na rua de Villanueva, um grupo composto de fascistas rodeou vários guardas civis tentando desarmá-los, mas, aos gritos destes, surgiu um pelotão de guardas de assalto montados, que se lançaram violentamente sobre os atacantes, detendo trinta deles, em cujo poder se encontraram armas e documentos de importância.

Terminado el desfile, algunos oficiales de filiación netamente republicana me han informado que las tropas concurrieron al desfile con la carga reglamentaria de municiones de guerra no sólo en las cartucheras sino también en la recámara de los fusiles. Este hecho insólito, pues en los desfiles no se llevan municiones, ha sido comentado en diversos tonos

Los periodistas de izquierda y centro afirman que la sucesión de hechos ocurridos durante el desfile, revelan que se trata de un complot técnicamente tramado y llevado a la práctica mediante la complicidad de personas de alta posición en el actual gobierno, y cuya responsabilidad se investiga en los actuales momentos.

Se hace observar, además, que el tiroteo partió detrás de la tribuna presidencial, de un grupo de personas que parecían militares vestidos de paisanos que gritaban "Viva España!" al tiempo que descargaban sus pistolas

FINALIDAD DEL ATENTADO

Hay dos interpretaciones respecto del atentado:

Según la primera, la explosión de la traca era la señal mediante la cual los conjurados debían entrar en acción, plan que no cuajó por razones desconocidas, pero que por errores de organización permitió que se manifestaran subversivamente escasos grupos de los participantes en la supuesta acción.

La segunda interpretación es de que la magnitud del atentado no corresponde a la estructura de un *putsch* sino que con la ejecución de él se ha tratado de sembrar desorden entre las masas, dando la sensación al país de que el gobierno no dominaba los diversos resortes del mecanismo estatal.

Si los participantes en estos actos de violencia han tenido el segundo propósito, salta a la vista que lo han conseguido ampliamente. Un gobierno que en cierto modo no apareciera cohibido por las adversas corrientes de la fuerza política hubiera frustrado en semilla la comisión de estos atentados, que se esperaban, pues la noche del sábado, en las tertulias de los cafés de la calle Alcalá se decía que "se esperaban acontecimientos en el desfile".

Terminado o desfile, alguns oficiais de filiação claramente republicana me informaram que as tropas participaram do desfile com a carga regulamentar de munições de guerra não só nas cartucheiras, mas também na câmara dos fuzis. Esse fato insólito, pois nos desfiles não se vai municiado, foi comentado em diversos tons.

Os jornalistas de esquerda e centro afirmam que a sucessão de fatos ocorridos durante o desfile, revelam que se trata de um complô tecnicamente tramado e levado a cabo mediante cumplicidade de pessoas de alta posição no atual governo, e cuja responsabilidade se investiga nos momentos atuais.

É de se observar, ademais, que o tiroteio partiu de trás da tribuna presidencial, de um grupo de pessoas que pareciam militares vestidos de paisanos que gritavam "Viva Espanha!" enquanto descarregavam suas pistolas.

FINALIDADE DO ATENTADO

Há duas interpretações a respeito do atentado:

Segundo a primeira, a explosão do traque era o sinal mediante o qual os conjurados deviam entrar em ação, plano que não deu certo por razões desconhecidas, mas que por erros de organização permitiu que se manifestassem subversivamente escassos grupos dos participantes na suposta ação.

A segunda interpretação é de que a magnitude do atentado não corresponde à estrutura de um *pustch* mas que com a execução dele se procurou semear a desordem entre as massas, dando ao país a sensação de que o governo não dominava os diversos recursos do mecanismo estatal.

Se os participantes desses atos de violência tiveram o segundo propósito, salta à vista que o lograram amplamente. Um governo que de certo modo não apareceria coibido pelas correntes adversas da força política frustraria na raiz o planejamento desses atentados, que eram esperados, pois na noite do sábado, nas tertúlias dos cafés da rua Alcalá se dizia que "se esperavam acontecimentos no desfile".

Dificultosa es la situación del gobierno surgido de la conjunción de las fuerzas de Izquierda. Pretendiendo desarrollar un doble frente de combate contra las extremas Izquierdas y las extremas Derechas, produce con su mesurada y lenta acción, la sensación de estar inhibido para actuar enérgicamente como lo reclaman las actuales circunstancias. La prueba es que existen asociaciones ilegales, armadas por los anteriores gobiernos, que además de estar armadas hacen uso de sus armas.

¿Pondrá remedio el actual gobierno a esta situación de suma intranquilidad, que por fuerza de su dialéctica hace sospechar que anticipan situaciones de mayor gravedad?

Nadie ya cree en España que estos hechos sean los eslabones terminales de la cadena de atentados. En el año 1931, en un sonado discurso, dijo el señor Azaña: "Si alguien tira la silla, yo tiraré la mesa".

Los adversarios políticos del señor Azaña y de las fuerzas republicanas han tirado no sólo la silla, sino también la mesa. La opinión pública permanece a la expectativa para ver lo que tirará ahora el señor Azaña.

Dificultosa é a situação do governo surgido da conjunção das forças de esquerda. Pretendendo desenvolver uma frente dupla de combate contra a extrema esquerda e a extrema direita, produz com sua ação lenta e calculada, a sensação de estar inibido para atuar energicamente como reclamam as circunstâncias atuais. Prova disso é que existem associações ilegais, armadas pelos governos anteriores, que além de estar armadas fazem uso de suas armas.

O atual governo dará remédio a essa situação de suma intranquilidade, que por força de sua dialética faz suspeitar que antecipa situações de maior gravidade?

Ninguém mais na Espanha acredita que esses acontecimentos sejam os elos finais da cadeia de atentados. Em 1931, em um famoso discurso, disse o senhor Azaña: "Se alguém jogar a cadeira, eu jogo a mesa".

Os adversários políticos do senhor Azaña e das forças republicanas jogaram não só a cadeira, mas também a mesa. A opinião pública permanece na expectativa de ver o que vai jogar agora o senhor Azaña.

**Política española: más sucesos graves** (*El Mundo*, 27 de abril de 1936)

Me resulta un poco enfático referirme a las anticipaciones efectuadas en artículos anteriores, en los cuales, sin ser ningún profeta ni pretendiendo serlo, sugería la ocurrencia de sucesos de carácter grave. Y es que la atmósfera de la política española actual, está tan cargada de amenazas que el hombre más corto de genio se queda más corto aún en predicciones auténticas.

Los crímenes políticos de calle, las pequeñas batallas (la del 14 de abril fue una inocente algarada, comparada con la ocurrida el 16 de la que me ocuparé más adelante), se suceden con brevísimos intervalos. En los momentos que escribo estas líneas, el gobierno que preside el señor Azaña ha dictado, en Consejo de Ministros, tres decretos de suma importancia y tendientes a tranquilizar al país cuya inquietud se ha traducido en una huelga general.

Estos decretos son:

1. Disolución de todas las ligas fascistas.
2. Decretar la destitución y cambios de mandos pertinentes.
3. Privar de sus derechos pasivos a los militares retirados por la ley del año 31 que se mezclen en política.

4 MUERTOS Y 20 HERIDOS GRAVES

El día 16, a las 3 de la tarde, la comitiva que acompañaba el cadáver del alférez de la guardia civil señor de Los Reyes, muerto en el tiroteo habido frente al palco presidencial el día 14, apartándose del itinerario que le había fijado el ministro de la Guerra, y de las calles que debía recorrer custodiadas por la policía, Ia comitiva, según informes que proceden de fuente gubernativa, estaba formada por núcleos fascistas y militares uniformados, adversos al régimen republicano, sufrió diversas agresiones que provocaron la muerte de cuatro personas, más veinte heridos graves. Según informes extraoficiales, los muertos no son cuatro sino veinte, y ocho los heridos graves. Se sabe además que los guardiaciviles y algunos militares saludaron al modo fascista, pues se ha ordenado el ingreso en prisiones militares del teniente coronel jefe del parque móvil de la guardia

**Política espanhola: mais acontecimentos graves** (*El Mundo*, 27 de abril de 1936)

Creio um pouco enfático me referir às antecipações efetuadas em artigos anteriores, nos quais, sem ser nenhum profeta nem querer ser, sugeria ocorrência de acontecimentos de caráter grave. E isso porque a atmosfera da política espanhola atual, está tão carregada de ameaças que o homem mais fraco de ideias fica mais fraco ainda de predições autênticas.

Os crimes políticos de rua, as pequenas batalhas (a de 14 de abril foi uma algazarra inocente, comparada com a do dia 16 da qual falarei mais adiante), se sucedem com brevíssimos intervalos. No momento em que escrevo essas linhas, o governo do senhor Azaña ditou, no Conselho de Ministros, três decretos de suma importância e tendentes a tranquilizar o país, cuja inquietude se traduziu em uma greve geral.

Esses decretos são:

1. Dissolução de todas as ligas fascistas.
2. Decretar a destituição e mudanças de cargos pertinentes.
3. Privar de seus direitos passivos os militares aposentados pela lei de 1931 que se misturem em política.

QUATRO MORTOS E VINTE FERIDOS GRAVES

No dia 16, às três da tarde, a comitiva que acompanhava o cadáver do alferes da guarda civil senhor De Los Reyes, morto no tiroteio ocorrido em frente ao palco presidencial no dia 14, se afastando do itinerário que o ministro da Guerra havia fixado, e das ruas que devia percorrer escoltadas pela polícia, a comitiva, segundo informes que procedem de fonte do governo, era formada por núcleos fascistas e militares uniformizados, adversos ao regime republicano, sofreu diversas agressões que provocaram a morte de quatro pessoas, mais vinte feridos graves. Segundo informes extraoficiais, os mortos não são quatro mas sim vinte, e oito feridos graves. Além disso se sabe que os guardas civis e alguns militares fizeram saudações à moda fascista, pois foi ordenado o ingresso em prisões militares do tenente-coronel chefe do parque móvel da guarda

civil y de siete jefes y oficiales más, respecto a los cuales el consejo de ministros ha declarado por sus participaciones en los sucesos a que me refiero, que “no tienen para con el régimen la adhesión leal y entusiasta que les debía imponer el uniforme”.

Afirman los periódicos de Derechas que la agresión partió de edificios en construcción ocupados por obreros, pero la verdad es que todas las investigaciones circulan en torno de una embajada, de cuyos jardines partieron disparos, lo cual ha obligado a detener al personal español que la ocupaba y que se ha comprobado pertenecían a los sindicatos libres, organizados en otra época por el general Anido.

Estos sucesos gravísimos, pues los tiroteos partían de la comitiva formada por guardias civiles que avanzaban tras el cortejo fúnebre con la pistola en la mano, obligaron al proletariado de Madrid, después de una deliberación que se prolongó en la Casa del Pueblo, de las 11 de la noche a las 4 de la madrugada, a declarar 24 horas de huelga general, en signo de protesta contra los elementos que organizaron tales atentados.

La impresión que recibió el gobierno después de dicha masacre, se tradujo en el nombramiento del señor Casares Quiroga como ministro de Gobernación, en sustitución del señor Amos, pues el señor Quiroga goza fama de republicano sumamente enérgico y expedito en sus procedimientos.

Pero el objeto del cronista no es enumerar simples accidentes de carácter policial sino engarzarlos con las corrientes políticas que actualmente en España, bajo el título de izquierda y derecha, se disputan agriamente el poder.

La casi batalla callejera que se ha librado en torno del féretro de un alférez de la guardia civil encuentra intima ligazón (más tarde nos referiremos a un discurso del señor Azaña) a las palabras pronunciadas por el señor Calvo Sotelo y Gil Robles, en sus discursos del día anterior al hecho, es decir, el día 15, cuando se velaba el cadáver del alférez.

Al finalizar su discurso del día 15, en la cámara, el señor Calvo Sotelo, que interpelaba al jefe de gobierno, dijo:

"España podrá salvarse con una fórmula de Estado de carácter corporativo y autoritario”.

Mas las palabras graves no son éstas, sino otras, las que pronunció el señor Gil Robles:

civil e de mais sete chefes e oficiais, a respeito dos quais o conselho de ministros declarou por suas participações nos acontecimentos a que me refiro, que "não tem para com o régime a adesão leal e entusiasta que o uniforme lhes deveria impor".

Os diários de direita afirmam que a agressão partiu de edifícios em construção ocupados por operários, mas a verdade é que todas as investigações circulam em torno de uma embaixada, de cujos jardins partiram disparos, o que obrigou a deter o pessoal espanhol que a ocupava e que se comprovou que pertenciam aos sindicatos livres, organizados em outra época pelo general Anido[121].

Esses acontecimentos gravíssimos, pois os tiroteios partiam da comitiva formada por guardas civis que avançavam atrás do cortejo fúnebre com a pistola em punhos, obrigaram ao proletariado de Madrid, depois de uma deliberação que se prolongou na Casa do Povo, das onze da noite às quatro da madrugada, a declarar 24 horas de greve geral, em sinal de protesto contra os elementos que organizarão tais atentados.

A impressão que o governo recebeu depois desse massacre, se traduziu na nomeação do senhor Casares Quiroga como ministro do Interior, em substituição ao senhor Amos, pois o senhor Quiroga goza fama de ser republicano sumamente enérgico e expedito em seus procedimentos.

Mas o objeto do cronista não é enumerar simples acidentes de caráter policial mas relacioná-los com as correntes políticas que atualmente na Espanha, sob o título de esquerda e direita, disputam acidamente o poder.

A quase batalha de rua em torno do féretro de um alferes da guarda civil encontra íntima ligação (mais tarde nos referiremos a um discurso do senhor Azaña) com as palavras pronunciadas pelo senhor Calvo Sotelo e Gil Robles, em seus discursos do dia anterior ao fato, isso é, o dia 15, quando se velava o cadáver do alferes.

Ao finalizar seu discurso no dia 15, na Câmara, o senhor Calvo Sotelo, que interpelava o chefe de governo, disse:

"A Espanha poderá se salvar com uma fórmula de Estado de caráter corporativo e autoritário".

Mas as palavras graves não são essas, e sim outras, as que pronunciou o senhor Gil Robles:

---

[121] Severiano Anido (1862-1938), militar e político espanhol. Ocupou cargos importantes durante a ditadura de Primo de Rivera (1923-1930) e foi ministro de Franco durante a Guerra Civil Espanhola.

Tendremos que volvernos a nuestras masas y decirles: dentro de la legalidad no tenéis protección, porque la ley no tiene el amparo del gobierno, que es la suprema ley de la ciudadanía; en nuestro partido no os podremos defender, TENDREMOS QUE DECIRLES CON ANGUSTIA QUE VAYAN A OTRAS ORGANIZACIONES, A OTROS GRUPOS POLITICOS, QUE LES OFRECEN, POR LO MENOS, EL ALICIENTE DE LA VENGANZA".

El día 16 (día de la masacre) a las cinco de la tarde, en la Cámara de Diputa dos, dos horas después de los terribles tiroteos, el señor Azaña, en su discurso pidiendo un voto de confianza al parlamento, se dirigió al señor Gil Robles, y comentando las palabras de este diputado, dijo:

"Esto es enorme, señor Gil Robles, mucho más en quien, como su señoría, defiende una política cristiana, porque su señoría habla de venganza. ¿Con qué autoridad podrá increpar a los que por venganza hicieron una revolución? Hace unos días caía asesinado un magistrado por haber cumplido con su deber. Fue asesinado por venganza. Señor Gil Robles qué le parece a su señoría la venganza?"

Gil Robles: "Me parece mal, francamente mal…"

Azaña (que ya ha recibido el informe de los tiroteos en la calle): "Pues el que mató a este magistrado lo hizo, seguramente, porque le aconsejaron que se vengara. Lo que sucede (tono irritado) es que hay todo un plan para perturbar la paz pública en perjuicio del régimen republicano. Y no se trata del ataque del pistolero suelto o del bandolero vulgar, todo hace creer que detrás hay alguna organización política, un organismo completo, una acometividad nada común, y con bastantes recursos".

La reproducción del discurso no puede dar la idea de cuán tumultuosas son las actuales sesiones de las cortes españolas. La violencia que las agita hace que se agoten todas las entradas a las tribunas. De hecho, para penetrar al parlamento, tanto hombres como mujeres, deben dejarse revisar por empleados de policía de ambos sexos. Las minorías de Derechas pueden expresar dificultosamente sus pareceres, pues los sectores socialistas y comunistas las interrumpen con los gritos de "¡Ladrones! ¡Asesinos!". En la reunión del parlamento del día 15, los periodistas y el público que ocupaba las tribunas, gritaba a coro: "Sirval, Sirval". (Sirval era un periodista asesinado en Asturias, por un comandante del Tercio, cuando estaba cumpliendo con sus obligaciones informativas).

“Teremos que nos dirigir a nossas massas e lhes dizer: dentro da legalidade vocês não tem proteção, porque a lei não tem o amparo do governo, que é a suprema lei da cidadania; no nosso partido não poderemos defender vocês, TEREMOS QUE LHES DIZER COM ANGÚSTIA QUE PROCUREM OUTRAS ORGANIZAÇÕES, OUTROS GRUPOS POLÍTICOS, QUE LHES OFERECEM, PELO MENOS, O ESTÍMULO DA VINGANÇA".

No dia 16 (dia do massacre) às cinco da tarde, na Câmara dos Deputados, duas horas depois dos terríveis tiroteios, o senhor Azaña, no seu discurso pedindo um voto de confiança ao parlamento, se dirigiu ao senhor Gil Robles, e comentando as palavras desse deputado, disse:

"Isso é demais, senhor Gil Robles, ainda mais de quem, como Vossa Excelência, defende uma política cristã, porque Vossa Excelência fala de vingança. Com que autoridade Vossa Excelência vai poder repreender aos que por vingança fizeram uma revolução? Faz alguns días que caiu assassinado um magistrado por ter cumprido com seu dever. Foi assassinado por vingança. Senhor Gil Robles, o que Vossa Excelência pensa da vingança?”

Gil Robles: "Penso que é má, francamente má…”

Azaña (que tinha recebido a informação dos tiroteios na rua): "Pois quem matou esse magistrado fez isso, seguramente, porque lhe aconselharam que se vingasse. O que acontece (tom irritado) é que há todo um plano para perturbar a paz pública em prejuízo do regime republicano. E não se trata do ataque do pistoleiro solto ou do bandoleiro vulgar, todo leva a crer que por trás disso existe alguma organização política, um organismo completo, uma acometividade nada comum, e com bastantes recursos”.

A reprodução do discurso não pode dar a ideia de quão tumultuosas são as atuais sessões do Congresso espanhol. A violência que o agita faz com que se esgotem todos os lugares nas tribunas. De fato, para entrar no parlamento, tanto homens como mulheres, devem passar por revista por funcionários policiais de ambos os sexos. A minoria de direita expressam dificultosamente seus pareceres, pois os setores socialistas e comunistas as interrompem com os gritos de "Ladrões! Assassinos!". Na reunião do parlamento do dia 15, os jornalistas e o público que ocupava as tribunas, gritava em coro: "Sirval, Sirval". (Sirval foi um jornalista assasinado em Astúrias, por um comandante do Regimento, quando cumpria com suas obrigações informativas).

¿Estamos al margen de la guerra civil?

La organización de la huelga general ha sido una sorpresa para Madrid. A las tres de la mañana se ignoraba en todos los cafés de la calle Alcalá que al día siguiente éstos permanecerían cerrados. El día 17, por la mañana, la población que salía a sus quehaceres, encontró que los tranvías no habían salido a las calles, que los automóviles estaban en sus garajes, que en las panaderías no se encontraba un solo amo que se atreviera a despachar pan, y en la Puerta del Sol, frente a la Gobernación, la multitud de huelguistas tomó los camiones que conducían las ediciones del periódico monárquico *ABC*, despedazándolos tan íntegramente que la calle de la Montera, desde la Puerta del Sol hasta la Gran Vía, en un trayecto de seiscientos metros, estaba totalmente cubierta de diarios hechos trizas, que la cubrían como espeso felpudo.

Por la noche, las calles con faroles, que carecen de encendedor automático, han permanecido totalmente oscuras. Yo me acerqué a la Casa del Pueblo, pero me fue imposible entrar a ella, porque la calle estaba ocupada por una multitud de delegados que esperaban órdenes. Y, cosa insólita, los estancos, o sea expendedurías de tabaco, que no cierran ni los días primero de mayo, hoy estaban escrupulosamente clausurados como los otros comercios, lo cual demuestra la eficiencia de los organismos obreros en la península.

¿Se encuentra dispuesto el proletariado a librar una batalla decisiva? De la muestra se deduce que sí. Ha ido a la huelga general, contra la opinión de la mayoría socialista, obedeciendo una sola indicación del señor Largo Caballero. Dificulto que el odio político pueda alcanzar rigidez más violenta que la actual. Odio con sed golosa de sangre fresca. Las Derechas se manifiestan sumamente inquietas. Una de las causas de su inquietud es la proximidad de las elecciones presidenciales, en las cuales las Izquierdas se garantizarán, o tratarán de garantizarse, con un candidato que responda integramente a los intereses del Bloque Popular. Se suma a esta inquietud, los tres decretos dictados por el Consejo de Ministros, a que me refería al comienzo de este articulo, y que han sorprendido lamentablemente a los directores de Derechas, sobre todo aquel decreto que se refiere a inutilizar en sus actividades antirrepublicanas a todos los militares retirados y en actividad.

Estamos à beira da guerra civil?

A organização da greve geral foi uma surpresa para Madrid. Às três da manhã se ignorava em todos os cafés da rua Alcalá que no dia seguinte eles permaneceriam fechados. No dia 17, pela manhã, a população que saía para seus afazeres, descobriu que os bondes não estavam nas ruas, que os automóveis estavam em suas garagens, que nas padarias não havia um único padeiro que se atrevesse a vender pão, e na Porta do Sol, em frente ao Ministério do Interior, a multidão de grevistas tomou de assalto os caminhões que conduziam as edições do diário monárquico *ABC*, despedaçando-os tão integramente que a rua da Montera, desde a Porta do Sol até a Gran Via, num trajeto de seiscentos metros, estava totalmente coberta de diários feitos em pedacinhos, que a cobriam como um espesso tapete felpudo.

À noite, as ruas com lampiões, que não possuem acendimento automático, permaneceram totalmente escuras. Fui até a Casa do Povo, mas foi impossível entrar, porque a rua estava ocupada por uma multidão de delegados que esperavam ordens. E, coisa insólita, os quiosques, ou seja locais de venda de tabaco, que não fecham nem em primeiro de maio, hoje estavam escrupulosamente encerrados como os outros comércios, o que demonstra a eficiência dos organismos operários na península.

O proletariado está disposto a lutar uma batalha decisiva? Dessa mostra se deduz que sim. Foi à greve geral, contra a opinião da maioria socialista, obedecendo uma única indicação do senhor Largo Caballero. Parece difícil que o ódio político possa alcançar rigidez mais violenta que a atual. Ódio com sede gulosa de sangue fresco. A direita se manifesta sumamente inquieta. Um dos motivos de sua inquietude é a proximidade das eleições presidenciais, nas quais a esquerda garantirá, ou tratará de garantir, um candidato que responda integramente aos interesses do Bloco Popular. Somam-se a esta inquietude, os três decretos ditados pelo Conselho de Ministros, a que me referi no começo deste artigo, e que surpreenderam lamentavelmente aos diretores de direita, sobretudo aquele decreto que se refere a inutilizar em suas atividades antirrepublicanas a todos os militares na reserva e na ativa.

Por otra parte, el señor Azaña es el enemigo más peligrosísimo que entre las filas de los republicanos identifican las Derechas

Al señor Azaña no hay que creerle sino escucharle. La impresión que dicho político causa en el espectador es considerable. Antiteatral por excelencia, sus discursos son obras de arte en el género de eludir definiciones. Pero sus discursos no dan la idea aproximada del hombre. Observando su figura de baja estatura, obesa, siguiendo su frío juego dialéctico, se comprende que el tono conciliador y evasivo de sus discursos va dirigido a un sector de la masa española que tiene la particularidad de extasiarse con las hermosas frases. Pero él, personalmente, no cree en las hermosas frases. El señor Calvo Sotelo, en su discurso del día 17, le reprochaba al señor Azaña "jugar frívolamente con la gravísima situación de España", pero escuchando al señor Azaña, recibimos la inevitable sensación de que estamos en presencia de un hombre que pronuncia palabras frívolas, porque asi le conviene a su política, inexorablemente encaminada a la anulación de las derechas españolas.

El señor Azaña manifiesta de continuo en sus discursos que no es socialista ni comunista, pero su actitud despectiva frente a las minorías de Derechas es casi insultante, de modo que el espectador imparcial llega a pensar que el jefe de gobierno, llegado el momento, no sería capaz de oponer un dique muy recio a las crecientes fuerzas de extrema izquierda, con las cuales afirma no comulgar ideológicamente, pero a las que su singularísima táctica concede tiempo, para que estas fuerzas rojas reajusten los resortes de sus mecanismos quebrantados por la acción policial de anteriores gobiernos.

Dicha afirmación no es atrevida ni antojadiza. El señor Azaña, en su calidad de jefe de gobierno, no puede pronunciar sino las palabras que elegantemente arroja en el Congreso. Pero ayer, en su discurso, recordó que las Derechas le habían tildado de "monstruo de la naturaleza, que tenía las manos teñidas de sangre", y este hombre, que según sus propias palabras “guarda exquisita memoria de los agravios recibidos", inquieta a sus adversarios políticos más que por lo que hace por lo que deja de hacer, que en última instancia también es una forma de táctica revolucionaria.

Por outro lado, o senhor Azaña é o inimigo mais perigosíssimo que a direita identifica nas fileiras dos republicanos.

Não é preciso acreditar no senhor Azaña mas sim escutá-lo. A impressão que esse político causa no espectador é considerável. Antiteatral por excelência, seus discursos são obras de arte no gênero de esquivar definições. Mas seus discursos não dão a ideia aproximada do homem. Observando sua figura de baixa estatura, obesa, seguindo seu frio jogo dialético, se compreende que o tom conciliador e evasivo de seus discursos é dirigido a um setor da massa espanhola que tem a particularidade de se extasiar com as belas frases. Mas ele, pessoalmente, não crê nas belas frases. O senhor Calvo Sotelo, no seu discurso do dia 17, censurava ao senhor Azaña por "brincar frivolamente com a gravíssima situação da Espanha", mas escutando o senhor Azaña, recebemos a inevitável sensação de que estamos na presença de um homem que pronuncia palavras frívolas, porque assim convém a sua política, inexoravelmente encaminhada para a anulação da direita espanhola.

O senhor Azaña manifesta continuamente em seus discursos que não é socialista nem comunista, mas sua atitude depreciativa frente às minoria de direita é quase insultante, de modo que o espectador imparcial chega a pensar que o chefe de governo, chegado o momento, não seria capaz de opor muitos obstáculos às crescentes forças de extrema esquerda, com as quais afirma não comungar ideologicamente, mas as que sua tática singularíssima concede tempo, para que essas forças vermelhas reajustem as engrenagens de seus mecanismos aquebrantados pela ação policial de governos anteriores.

Essa afirmação não é atrevida nem caprichosa. O senhor Azaña, em sua qualidade de chefe de governo, não pode pronunciar outras palavras que não aquelas que elegantemente arroja no Congresso. Mas ontem, em seu discurso, recordou que a direita o havia chamado de "monstro da natureza, que tinha as mãos manchadas de sangue", e esse homem, que segundo suas próprias palavras “guarda doce memória dos agravos recebidos", inquieta seus adversários políticos mais pelo que deixa de fazer do que pelo que faz, o que em última instância também é uma forma de tática revolucionária.

**Despedida de Madrid** (*El Mundo*, 26 de junio de 1936)

De regreso de España y después de un paréntesis de descanso, Roberto Arlt comienza la publicación de otras notas de viaje, en la que se advierte el mismo estilo vigoroso y la misma sensación de cosa vista y sentida que caracterizaron sus envios desde el otro lado del mar. Comprenden estas nuevas visiones de diversos países de España, entre ellos Cataluña. La primera está dedicada a su partida de Madrid, que fue el comienzo de otra andanza no menos emocional que las anteriores. Hela aquí.

¡Oh, qué bien se recortan estas palabras en el aire! Fue una tarde en un bar de Granada, frente al reloj del ayuntamiento, un bar cuyas mesas avanzaban hasta el centro de la calle obligando a desviarse a los asnos de los hombres serranos. Y era un sastrecillo el que las pronunciaba:

-Yo no sé lo que les pasa a ustedes los argentinos. En cuanto llegan a Madrid, no hay quien os mueva de allí.

Yo sonreí porque no conocía a Madrid y miraba los ojos de una muchacha que vendía flores y vivía en el Albaicín.

Y después de mucho tiempo llegué a Madrid, y yo me permito decirte ¡Oh incauto viajero de tierras españolas: si deseas conocer la península que la última ciudad que visites sea Madrid!

LAS TENTACIONES DE MADRID

¿En qué consiste el encanto brujo de Madrid? Qué sombra anaranjada se desprende de sus muros, que de pronto el alma se nos queda aterciopelada allí? No lo sé. Pero cuando el viajero quiere reaccionar, Madrid le ha encadenado, cada pulgada de su carne se ha saturado de un pereza tan deliciosa, que hasta los hombres que vienen de hermosas ciudades afirman que quisieran vivir y morir en Madrid. Es su plaza de la Cibeles, es la Puerta del Sol, es la calle de Alcalá…

Cómo reluce, cómo reluce
la gran calle de Alcalá
cuando la suben y bajan
los andaluces.

**Despedida de Madrid** (*El Mundo*, 26 de junio de 1936)

Regressando da Espanha e depois de um parêntese de descanso, Roberto Arlt começa a publicação de outras notas de viagem, nas quais se adverte o mesmo estilo vigoroso e a mesma sensação de coisa vista e sentida que caracterizaram seus envios vindos do outro lado do mar. Compreendem novas visões de diversas regiões da Espanha, entre elas a Catalunha. A primeira é dedicada a sua partida de Madrid, que foi o começo de outra andança não menos emocional que as anteriores. Ei-la aqui[122].

Ah, como se destacam essas palavras ao vento! Foi uma tarde num bar de Granada, em frente ao relógio da prefeitura, um bar cujas mesas avançavam até o meio da rua obrigando os asnos dos homens da serra a se desviarem. E era um alfaiatezinho quem as pronunciava:

-Eu não sei o que acontece com vocês argentinos. Assim que chegam a Madrid, não tem quem os tire dali.

Eu sorri porque não conhecia Madrid e olhava os olhos de uma moça que vendia flores e vivia no Albaicín[123].

E depois de muito tempo cheguei a Madrid, e eu me permito lhe dizer, oh, viajante incauto em terras espanholas: se você quer conhecer a península, que a última cidade que visite seja Madrid!

AS TENTAÇÕES DE MADRID

Em que consiste o encanto bruxo de Madrid? Que sombra alaranjada se desprende dos seus muros, que de repente a alma da gente fica aveludada ali? Não sei. Mas quando o viajante quer reagir, Madrid já lhe acorrentou, cada polegada de sua carne está saturada de uma preguiça tão deliciosa, que até os homens que vem de lindas cidades afirmam que queriam viver e morrer em Madrid. É sua praça de Cibeles, é a Porta do Sol, é a rua de Alcalá…

*Como reluz, como reluz*
*a grande rua de Alcalá*
*quando a sobe e desce*
*o andaluz*[124].

---

[122] Quando da publicação desta crônica, Arlt já havia voltado a Buenos Aires. Apesar do anúncio de novas notas de viagem, segundo Saítta (2008: 393) só foram publicadas duas crônicas sobre Barcelona e, no mês seguinte, quatro artigos jornalísticos de análise política, escritos após o regresso do escritor.

[123] Bairro da cidade de Granada.

[124] Letra de *Caracoles*, canção flamenca tradicional, atribuída a Antonio Chacón (1869-1929).

Es la Gran Vía, la Gran Vía como no hay otra en la América del Sur. Es la Plaza Mayor, con sus soportales acuarelados. Es la Castellana…

Cada muro, cada portada, cada piedra de Madrid, desprende una luz antigua, una fuerza de persuasión que se nos fija en el tuétano y nos ablanda la voluntad de partir. O es la luz de su cielo, englobando el horizonte montuoso de Madrid como una taza azul. O es la indolencia de sus pobladores. Se podría vivir toda una vida de cien años, aquí en Madrid, sin moverse a mayor distancia que a mil metros de la Puerta del Sol. Entre esta gente, que se pasa los días discutiendo sentada en los divanes de los cafés. Mirando pasar a las mujeres más hermosas de la tierra. Son acaso estos bares admirables los que le ligan a uno a la villa provinciana disfrazada de gran ciudad. Son las entretenidas que acuden con sus ancianos a beber un copetín al Acuarium o Negresco. ¡Dios lo sabe!

Una atmósfera sutil impregna la ciudad de las Cortes, la ciudad donde discurría torvamente Cervantes y medraba Lope de Vega. Una atmósfera sutil como un perfume oriental, adormecedora, tibia. Se duerme razonablemente hasta las once de la mañana; a las doce la gente se larga a tomar el sol a la calle; a las dos se piensa en almorzar, a las tres y media se sale para hacer la digestión; el día comienza a las cuatro, mis queridos amigos. De las cuatro a las diez conversa en el café. De política, de arte, de toros, de faldas. De todo esto se habla entre las mujeres más lindas de la tierra, las más femeninas, las más astutas, las más salerosas, las más violentas. ¿Qué armadura de voluntad se resiste a oxidarse en esta atmósfera que es la perdición de los hijos de familia? En Madrid el hombre más activo, el "self man" más furioso, el promotor de nervios motocicleta, acaba por atemperarse, dulcificarse y decir:

— ¡Que todo se vaya al cuerno!

Conozco tesis diversas:

Unos atribuyen el encanto de Madrid a la luz singular que irradia su cielo de taza azul. Otros al acrisolamiento de la raza. Otros al exceso de mujeres que se descubre, pues es una ciudad donde hay más mujeres que hombres. Pero ¿importa algo el análisis?

La realidad es que se encuentra uno brutalmente cómodo en Madrid. Y se está bien allí porque es el único paraje del mundo donde no se experimenta el más mínimo remordimiento de no hacer nada. En otras ciudades hay un estímulo a trabajar, pero si uno aquí trabaja demasiado corre el peligro de dar un mal ejemplo.

¿No quitan los niños las persianas de los comercios a las diez de la mañana? ¿No charlan los amos con sus clientes, acodados en el mostrador?

É a Gran Via, a Gran Via como não há outra na América do Sul. É a Praça Maior, com seus pórticos aquarelados. É a Castelhana…

Cada muro, cada porta, cada pedra de Madrid, desprende uma luz antiga, uma força de persuasão que se prende nos nossos ossos e nos amolece a vontade de partir. Ou é a luz do seu céu, englobando o horizonte montanhoso de Madrid como uma taça azul. Ou é a indolência de seus moradores. Daria para viver toda uma vida de cem anos, aqui em Madrid, sem se mover a uma distância maior que mil metros da Porta do Sol. Entre esta gente, que passa seus os dias discutindo sentada nos divãs dos cafés. Vendo passar as mulheres mais belas da terra. Talvez sejam estes bares admiráveis que ligam você à vila provinciana disfarçada de grande cidade. São as acompanhantes que vão com seus anciãos tomar um drinque no Acuarium ou Negresco. Deus sabe!

Uma atmosfera sutil impregna a cidade do Congresso, a cidade onde discorria turvamente Cervantes y medrava Lope de Vega. Uma atmosfera sutil como um perfume oriental, adormecedora, tíbia. Dorme-se razoavelmente até as onze da manhã; ao meio-dia as pessoas se atiram a tomar sol na rua; às duas se pensa em almoçar, às três e meia se sai para fazer a digestão; o dia começa às quatro, meus queridos amigos. Das quatro às dez conversa no café. De política, de arte, de touros, de saias. De tudo isso se fala entre as mulheres mais lindas da terra, as mais femininas, as mais astutas, as mais graciosas, as mais violentas. Que armadura de vontade resiste a se oxidar nesta atmosfera que é a perdição dos filhos de família? Em Madrid o homem mais ativo, o *self man* mais furioso, o promotor de nervos de motocicleta, acaba por se temperar, se dulcificar e dizer:

— Que vá tudo pro inferno!

Conheço teses diversas:

Uns atribuem o encanto de Madrid à luz singular que irradia seu céu de taça azul. Outros ao apuramento da raça. Outros ao excesso de mulheres que se descobre, pois é uma cidade onde há mais mulheres que homens. Mas importa algo essa análise?

A realidade é que você se encontra brutalmente cômodo em Madrid. E fica bem ali porque é o único lugar do mundo onde não se experimenta o menor remorso por não fazer nada. Em outras cidades existe um estímulo a trabalhar, mas aqui se você trabalha demais corre o risco de dar mal exemplo.

Os meninos não abrem as persianas dos comércios às dez da manhã? Os patrões não batem papo com seus clientes, acotovelados no balcão?

¿Para qué apresurarse?

En cambio, se conversa elegantemente; no hay personaje mínimo que no os sorprenda con una oratoria digna de una sesión de Cortes, y todo aquel que tenga algo que decir y sepa expresarlo con exquisitas palabras, triunfará en Madrid. Y triunfará sin hacer nada...

No acudas a la villa de Madrid, viajero inexperto. Madrid es la tentación. Te llamará con su manzanilla desde los colmados, donde estrepitosa alegría de hombres y mujeres te hará señales con las antenas de los crustáceos que adornan sus vidrieras; llenará de ensueños tus ojos con la verdosa luz de acuarela de sus faroles. Y terminarás enamorándote de Madrid como si fueras un crío, enamorándote de Madrid como se quiere furiosamente a la primera amante, que yo sé que por vivir en Madrid muchos hombres robaron y otros estafaron. No vayas a Madrid, que cuando tengas que marcharte los ojos se te llenarán de lágrimas…

Para que se apressar?

Por outro lado, se conversa elegantemente; não há personagem mínimo que não surpreenda vocês com uma oratória digna de uma sessão do Congresso, e todo aquele que tenha algo para dizer e saiba se expressar com palavras gostosas, triunfará em Madrid. E triunfará sem fazer nada...

Não vá à vila de Madrid, viajante inexperiente. Madrid é a tentação. Vai lhe chamar com sua camomila das mercearias, onde a estrepitosa alegria de homens e mulheres vai lhe fazer sinais com as antenas dos crustáceos que adornam suas vitrines; vai encher seus olhos de sonhos com a verdosa luz de aquarela de seus lampiões. E você vai terminar se apaixonando por Madrid como se fosse um menininho, se apaixonando por Madrid como se deseja furiosamente a primeira amante, que eu sei que para viver em Madrid muitos homens roubaram e outros enganaram. Não vá a Madrid, que quando tiver que ir embora seus olhos vão se encher de lágrimas…

# 6 CONCLUSÃO

O objetivo central deste trabalho foi produzir uma tradução comentada e anotada das chamadas *Aguafuertes madrileñas*, de Roberto Arlt.

Inicialmente, foram realizados estudos preliminares acerca do autor e da obra. Em seguida, procedeu-se à coleta e compilação do material que compõe o *corpus*. Após pesquisa em fontes primárias e secundárias dos textos trabalhados, fixou-se o corpus, que passou por processo de transcrição, revisão textual e tradução, seguida por comentários e notas.

Como suporte à atividade, foi realizado um estudo diacrônico das traduções já realizadas do autor, brasileiras e estrangeiras. Também nesse sentido, foi analisada mais detidamente a carreira do autor, sua relação com o gênero em questão e seu percurso durante a viagem à Espanha, bem como os reflexos daquela jornada em sua obra vindoura.

Textos teóricos acerca do gênero crônica foram de valia para aprofundamento no assunto e formação do comentário, bem como a bibliografia relativa aos Estudos da Tradução escolhida para guiar a formulação dos comentários, fundada no pensamento de Jiří Levý (2011; 2012; 2012b), confrontada ou complementada por textos dos teóricos Antoine Berman (2007), Paul Ricoeur (2011) e Paulo Henriques Britto (2012).

Finalizada a tradução, passou-se à elaboração dos comentários, em que se buscou explicitar aspectos práticos do trabalho tradutório, relacionando-os à bibliografia técnica escolhida para apoio. O comentário pretendeu expor as principais dificuldades apresentadas, bem como as soluções adotadas e suas respectivas justificativas, além de refletir acerca do papel desempenhado pelas *Aguafuertes madrileñas* no conjunto da obra arltiana e de que modo o caráter polifacético do autor e do gênero estudado se replica no *corpus*, bem como as consequências desse fato para o processo de tradução.

Dentre os elementos que cabe mencionar brevemente está o vocabulário do autor, indicativo de uma nova fase em sua carreira literária, que deixava para trás expressões coloquiais e o lunfardo característicos de sua primeira fase. No entanto, outros elementos característicos da prosa do autor, como a autorreferenciação, a repetição e o uso de vocabulário técnico estão presentes e apurados na prosa.

Uma das dificuldades da tradução deve-se à ausência de tradução pregressa,

tanto das *Aguafuertes madrileñas*, como de textos contemporâneos, pertencentes à segunda fase de Arlt. Nesse sentido, foram importantes pontos de apoio outros trabalhos acadêmicos que tratam do período, como os de Juárez (2008), Carvalho (2009) e Vale (2012), confirmando a importância da universidade no processo de recepção brasileira de Arlt apontado ao longo do percurso. O surgimento de tais escritos na última década, inclusive, aponta para a ocorrência contemporânea de resgate de textos como os que compõem o *corpus* deste trabalho, que tendem a gerar novos debates e perspectivas em relação à obra de Arlt, até o momento avaliada, em grande parte, através da visão crítica referente a sua primeira fase.

Dentre os aspectos mais destacados da tradução, cabe apontar a questão das notas de rodapé. Elemento geralmente à margem nos textos teóricos dos Estudos da Tradução, como aponta Pablo Cardellino (2017:33), sua utilização na tradução realizada demonstrou-se fortemente ligada a questões estilísticas do autor, como a abundância de termos técnicos, alguns sem equivalência no português, e especialmente à natureza dos textos: ao mesmo tempo, temos relatos de viagem, textos em que se busca *mostrar* o máximo possível o novo e exótico; e textos de fundo político que nos dias de hoje assumem caráter histórico, cabendo à nota a função de familiarizar o leitor com os personagens da ação que se desenrola.

Outras questões tradutórias relevantes, como a questão dos nomes próprios, ou do gentílico *madrilenho* se guiaram pela chave de leitura da literatura de viagem: apresentar o estrangeiro de forma "familiar" para o leitor, mas sem perder de vista a "cor local". Pode-se dizer que o texto de viagens é gênero em que se observa claramente a afirmação de que o leitor deseja tudo ao mesmo tempo, familiaridade e exotismo, como aponta Levý (2011:70). Cabe ao tradutor, a partir de sua interpretação da obra, entender em que medida o elemento exótico estará enfocado na reestilização. Nesse sentido, as diversas estratégias adotadas – transcrição, substituição, introdução de elemento explicativo, verificação de uso quantitativo de vocábulo – convergiram para o propósito de manutenção do elemento típico. Entretanto, de modo similar à escrita do relato de viagens, que deve evitar o exagero que leva ao estereótipo e caricaturização do exótico, a tradução de tais textos deve evitar excessos como a manutenção de palavras traduzíveis ou de construções frasais e expressões sem valor estilístico estranhas à nossa língua, com a única justificativa de defesa da "cor local". Esse pensamento traçou limites para evitar o pastiche em nome do exótico.

Ao fim deste percurso, apresentam-se à leitura as *Águas-fortes Madrilenhas*,

que, após percorrer os objetivos estabelecidos para este trabalho, se espera que contribuam, juntamente com os comentários integrantes, para o aprofundamento dos estudos literários e tradutórios que paulatinamente vêm se desenvolvendo sobre a obra do autor argentino.

# REFERÊNCIAS


ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: ABL. 2009. Disponível em http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario .

ARLT, Roberto. **Aguafuertes cariocas**. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2013.

_____. **Aguafuertes**. Madrid: Hermida, 2015.

_____. **Aguafuertes II**. Buenos Aires: Losada, 1998.

_____. **Aguafuertes de Viaje – España y África**. Buenos Aires: Hernández, 2017.

_____. **Aguafuertes madrileñas**. Buenos Aires: Losada, 2000.

_____. **Águas-fortes Portenhas seguidas de Águas-fortes Cariocas**. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: Iluminuras, 2013.

_____. **Aguafuertes porteñas**. Disponível em <http://biblio3.url.edu.gt/Libros/roberto/aguafuertes.pdf>. Acesso em 27/06/2016.

_____. **Aguafuertes uruguayas**. Montevideo: Banda Oriental, 1996.

_____. **A Vida Porca**. Tradução de *El juguete rabioso*, por Davidson Diniz. Belo Horizonte: Relicário, 2014.

_____. **El juguete rabioso**. Buenos Aires. Espasa Calpe, 1993.

_____. **I sette pazzi**. Milão: Bompiani, 1971.

ARRIGUCCI Jr., Davi. Fragmento sobre a crônica. In: **Enigma e comentário**. São Paulo: Companhia das letras, 1987, p. 51-66.

BARRETO, Eleonora Frenkel; COSTA, Walter Carlos. Roberto Arlt, do arrabal porteño à academia brasileira. **Fragmentos: Revista de Língua e Literatura Estrangeiras**, Florianópolis, v. 32, p. 33-38, jan. 2007.

_____. **Metáforas e Lunfardo nas traduções brasileiras de *Los siete locos*, de Roberto Arlt**. 2007. 100 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. 7Letras/PGET, 2012.

Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes. **Roberto Arlt**. Disponível em http://www.cervantesvirtual.com/portales/roberto_arlt/. Acesso em 25/02/2017.

BORRÉ, Omar. **Roberto Arlt - Su vida y obra**. Buenos Aires: Planeta, 2000.

BRASIL. **Decreto nº 6.583/2008**. Promulga o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Brasília, 2008.

BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução Literária**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012.

CANDIDO, Antonio. "A vida ao rés-do-chão". In: Vários autores. **Para gostar de ler.** Vol. 5. São Paulo: Ática, 1980.

CARDELLINO, Pablo. **Notas do tradutor em uma tradução comentada de anotada de *Casa Velha*, de Machado de Assis**. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução). 2017. 369 p. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. Disponível em < https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/178970>. Acesso em 22/05/2018.

CARVALHO, Rosimeire. **Roberto Arlt, Cronista e viageiro: Uma leitura das crônicas de viagem à Andaluzia e norte do Marrocos**. Dissertação (Mestrado em Letras) 2009. 288 p. Universidade de São Paulo. São Paulo. Disponível em < http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-08032010-114536/pt-br.php>. Acesso em 15/06/2016.

CESCO, Andréa; ABES, Gilles Jean. Entrevista com Maria Paula Gurgel Ribeiro. **Nonada Letras em Revista**. Porto Alegre, ano 14, n. 16, p. 131-137, 2011

CIMADEVILLA, Pilar. Roberto Arlt y la fotografía en las *Aguafuertes bascas*. In **Actas del II Congreso Internacional Cuestiones Críticas**. Rosário: Centro de Estudios de Literatura Argentina e Centro de Teoría y Crítica Literaria de la Facultad de Humanidades y Artes de Universidad Nacional de Rosario. 2009. Disponível em <http://www.celarg.org/int/arch_publi/cimadevilla.pdf>. Acesso em 23/07/2016.

_____. Imágenes encantadas: fotografía en las Aguafuertes Patagónicas de Roberto Arlt. **VII Jornadas de Sociología de la UNLP**, 5-7 de dez. de 2012. La Plata. Disponível em: <http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.1444/ev.1444.pdf>. Acesso em 24/07/2016.

_____. Entre el fotoperiodismo y la imagen aurática: Prensa y fotografía en las aguafuertes españolas de Roberto Arlt. In **VI Jornadas de Filología y Lingüística**, 7-9 de ago. de 2013, La Plata. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.3846/ev.3846.pdf. Acesso em 25/07/2016.

_____. Literatura, fotografía y política en las crónicas españolas de Roberto Arlt. *In* **XIV Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia**. Departamento de Historia de la Facultad de Filosofía y Letras. 2013b. Universidad Nacional de Cuyo, Mendoza. Disponível em http://cdsa.aacademica.org/000-010/989.pdf. Acesso em 20/01/2017.

CORTÁZAR, Julio. **Rayuela**. Edição e prefácio de Andrés Amorós. Madrid: Cátedra,

2011.

DICIONÁRIO brasileiro da língua portuguesa Michaelis. 2015. Disponível em http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/ .

JITRIK, Noé. (org.). **Historia crítica de la literatura argentina**. Buenos Aires: Emecé, 1999.

JUÁREZ, Laura. **Roberto Arlt en los años treinta**. 2008. 313 p. Tese (Doutorado em Letras). Universidad Nacional de La Plata. La Plata. 2015. Disponível em http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/tesis/te.261/te.261.pdf>.

_____. Más allá de las urbes "epilépticas", "civilizadas" y "nerviosas". Roberto Arlt en su recorrido por algunas ciudades de España. **I Congreso Internacional de Literatura y Cultura Españolas Contemporáneas**. 1º a 3 de outubro de 2008, La Plata. Disponível em: http://www.fuentesmemoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.402/ev.402.pdf. Acesso em 02/03/2017.

LEVÝ, Jiří. **The Art of translation**. Tradução de Patrick Corness. Benjamins: Amsterdã, 2011.

_____. A tradução como um processo de tomada de decisão. Tradução de Gustavo Althoff e Cristiane Vidal. **Scientia Traductionis**. Florianópolis, nº 11, p. 72-96, jul. 2012.

_____. Terá a teoria da tradução serventia aos tradutores? Tradução de Alice Leal. **Scientia Traductionis**. Florianópolis, 11, p. 61-71, jul. 2012b.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Corpus Diacrónico del español**. Banco de dados. Disponível em http://corpus.rae.es/cordenet.html.

_____. **Diccionario de la lengua española**, 23.ª edición. Madrid: Espasa, 2014. Disponañolap:/http://dle.rae.es/index.html .

_____. **Diccionario panhispánico de dudas**. Madrid: Espasa-Calpe, 2005. Disponível em http://www.rae.es/recursos/diccionarios/dpd

RETAMOSO, Roberto. Roberto Arlt, un cronista infatigable de la ciudad. In JITRIK, Noé. **Historia crítica de la literatura argentina**. Volumen 6. Buenos Aires: Emecé, 2002. (p. 299-319)

RIBEIRO, Maria Paula. **Tradução de *Águas-Fortes Portenhas*, de Roberto Arlt**. 2001. 360 p. Dissertação (Mestrado em Língua Espanhola). Universidade de São Paulo, São Paulo.

RICŒUR, P. **Sobre a tradução**. Tradução de Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SAÍTTA, Sylvia. **El escritor en el bosque de ladrillos.** Buenos Aires: Sudamericana, 2000.

_____. Narrar y describir. Representaciones de España en las *Aguafuertes españolas* de Roberto Arlt. In VALCÁRCEL, C; MORALES, A. **Viajeros, diplomáticos y exiliados: Escritores hispanoamericanos en España** (1914-1939). Vol. 1. Bruxelas: Peter Lang, 2012. p. 351-368. Disponível em http://www.cervantesvirtual.com/obra/narrar-y-describir-representaciones-de-espana-en-las-aguafuertes-espanolas-de-roberto-arlt/. Acesso em 20/08/2016.

_____. En el puerto se aprende a soñar. Viajando con Roberto Arlt por el litoral argentino en 1933. In **Viajes y viajeros: Un itinerario bibliográfico**. Buenos Aires: Biblioteca Nacional, 2013.

SARLO, Beatriz. **Escritos sobre literatura argentina**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007.

_____. Vidas (e obras) paralelas. **Revista Quatro Cinco Um**. São Paulo, nº 9, p 5-6, março de 2018.

TORRE, Claudia. Los relatos de viajeros. In JITRIK, Noé. **Historia crítica de la literatura argentina.** Volumen 2. Buenos Aires: Emecé, 2003. (p. 517-538)

UNIVERSIDAD DE ALCALÁ DE HENARES. **Señas. Diccionario para la enseñanza de la Lengua Española para brasileños**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Tradução de Cláudia Berliner e Eduardo Brandão.

VALE, Thaís Nascimento do. **Tradução comentada das *Aguafuertes Gallegas* (1935), de Roberto Arlt**. 2012. 205 p. Dissertação (Mestrado em Letras). UNESP, Assis.

_____. Imagens da Espanha republicana nas *Aguafuertes Asturianas* (1935), de Roberto Arlt. **X Seminário de Estudos Literários**. 2010. UNESP, Assis. Disponível em: http://sgcd.assis.unesp.br/Home/PosGraduacao/Letras/SEL/anais_2010/thaisnascimento.pdf. Acesso em 20/02/2017.

VILLORO, Juan. "La crónica: ornitorrinco de la prosa" **La Nación** – Suplemento Cultura. Buenos Aires, 22 de fevereiro de 2006.

## AGUAFUERTES MADRILEÑAS

| AGUAFUERTE | DATA | |
|---|---|---|
| etapa apasionante de la politica espanõla | 24/01/1936 | viernes |
| la alegría de Madrid. Primeira parte | 26/01/1936 | domingo |
| la alegría de Madrid. Segunda parte | 27/01/1936 | lunes |
| la alegría de Madrid. Tercera parte | 29/01/1936 | miercoles |
| El color de Madrid I | 30/01/1936 | jueves |
| El color de Madrid II | 31/01/1936 | viernes |
| El color de Madrid | 01/02/1936 | sabado |
| El café, institución madrileña. Primera parte | 03/02/1936 | lunes |
| El café, institución madrileña. Segunda parte | 04/02/1936 | martes |
| Del puente de Segovia al puente de Toledo | 05/02/1936 | miercoles |
| El triunfo de las izquierdas | 26/02/1936 | miercoles |
| en Madrid se vota bajo la lluvia | 27/02/1936 | jueves |
| Censura y estados de prevención | 28/02/1936 | viernes |
| Los barrios solitarios y el miedo | 29/02/1936 | sabado |
| Habla um político de la izquierda | 01/03/1936 | domingo |
| Despues de las elecciones | 02/03/1936 | lunes |
| Em la cocina del Rey | 04/03/1936 | miercoles |
| El Palacio Real de Madrid | 07/03/1936 | sábado |
| Los domingos de Madrid | 08/03/1936 | domingo |
| El Palacio Real de Madrid | 09/03/1936 | lunes |
| La armeria del Palacio Real | 20/03/1936 | viernes |
| La barriada de Cuatro Caminos | 22/03/1936 | domingo |
| Um dramaturgo al desnudo | 23/03/1936 | lunes |
| La obra de um gran dramaturgo | 28/03/1936 | sabado |
| El parque del Retiro | 29/03/1936 | domingo |
| El Escorial | 30/03/1936 | lunes |
| El Escorial | 31/03/1936 | martes |
| El barrio de los genios | 01/04/1936 | miercoles |
| El paisaje de Toledo | 06/04/1936 | lunes |
| Toledo la imperial | 07/04/1936 | martes |
| La Catedral de Toledo | 10/04/1936 | viernes |
| El Greco en Toledo | 11/04/1936 | sabado |
| La casa de El Greco en Toledo | 13/04/1936 | lunes |
| La destitución de Alcalá Zamora. Um momento dramatico de la política española | 15/04/1936 | miercoles |
| Política española: la etapa de los atentados | 20/04/1936 | lunes |
| Política española: más sucesos graves | 27/04/1936 | lunes |
| Despedida de Madrid | 26/06/1936 | viernes |

en Madrid

después del regreso

| |
|---|
| Início del viaje: 14/02/1935 |
| Llegada en España: 04/1935 |
| llegada en Madrid: 01/1936 |
| Partida de Madrid: 28/04/1936 |
| Partida de España: 07/05/1936 |
| Regreso a Buenos Aires: 22/05/1936 |

Tabela 1 – Aguafuertes Madrileñas

# TRADUÇÕES DE ROBERTO ARLT

| tipo | país | obra | idioma | ano | editora | tradutor | progra |
|---|---|---|---|---|---|---|---|
| romance | Itália | Los siete locos | italiano | 1971 | Bompiani | Luigi Pellisari | |
| romance | alemanha | Los siete locos | alemão | 1971 | insel | Bruno Keller | |
| romance | alemanha | Los lanzallamas | alemão | 1973 | Insel | Bruno Keller | |
| romance | Itália | Los lanzallamas | italiano | 1974 | Bompiani | Luigi Pellisari | |
| romance | França | Los lanzallamas | frances | 1974 | Belfond | Lucien Mercier | |
| romance | polônia | Los siete locos | polonês | 1978 | Panstwowy Instytut Wydawniczy | Rajmund Kalicki | |
| conto | Itália | el jorobadito | italiano | 1980 | Savelli | Angiolina Zucconi | |
| romance | Brasil | Los siete Locos | português | 1982 | Francisco Alves | Janer Cristaldo | |
| romance | EUA | Los siete locos | inglês | 1984 | DR Godine | Naomi Lindstrom | |
| romance | França | El juguete rabioso | frances | 1984 | grenoble | Isabelle e Antoine Berman | |
| romance /conto | Rússia | el amor brujo /el juguete rabioso | russo | 1984 | Hudožestvennaja literatura | V. Simonov | |
| romance | Inglaterra | Los siete locos | inglês | 1988 | Serpent's tail | Nick Caistor | |
| teatro | França | saverio el cruel / la isla desierta | frances | 1991 | C. Bourgois | isabelle Berman | |
| teatro | França | viaje terrible | frances | 1991 | Belfond | Lucien Mercier | |
| romance | França | el amor brujo | frances | 1992 | Belfond | Lucien Mercier | |
| romance | Turquia | Los siete locos | turco | 1993 | CAN | Ali Özçelebi | |
| romance | França | Los siete locos | frances | 1994 | Belfond | Isabelle e Antoine Berman | |
| romance | Itália | El juguete rabioso | italiano | 1994 | Microart | fiorenzo toso | |
| romance | Holanda | Los lanzallamas | holandês | 1994 | Coppens & Frenks | Mariolein Sabarte Belacortu | |
| conto | Brasil | el jorobadito | português | 1996 | Iluminuras | sergio molina | |
| romance | Itália | El juguete rabioso | italiano | 1997 | Editori Riuniti | Angiolina Zucconi | |
| conto | França | el jorobadito | frances | 1998 | grenoble | Jean-François Carcelen e Georges Tyras | |
| romance | Holanda | Los siete locos | holandês | 1998 | De Geus | Mariolein Sabarte Belacortu | |
| conto | França | El criador de gorilas | frances | 1999 | grenoble | Jean-François Carcelen e Georges Tyras | |
| teatro | Brasil | viaje terrible | português | 1999 | Iluminuras | Maria Paula Gurgel Ribeiro | |
| romance | Brasil | Los siete locos/los Lanzallamas | português | 2000 | Iluminuras | Maria Paula Gurgel Ribeiro | |
| romance | EUA | El juguete rabioso | inglês | 2002 | Duke University | Michele Aynesworth | |
| conto | Brasil | un argentino entre gangsters | português | 2002 | L&PM | Sérgio Faraco | |
| romance | Portugal | Los siete locos | português | 2003 | Cavalo de Ferro | Rui Lagartinho e Sofia Castro Rodrigues | |
| romance | alemanha | El juguete rabioso | alemão | 2006 | Suhrkamp | Elke Wehr | |
| romance | Grécia | Los siete locos | grego | 2008 | Roes | Dimitra Papavasiliou | |
| crônica | França | aguafuertes porteñas | frances | 2010 | Asphalte | | sur |
| romance | Egito | Los siete locos | árabe | 2010 | Sphinx for Translation, Publication and Distribution | | sur |
| romance | Egito | El juguete rabioso | árabe | 2012 | Dar Khan | | sur |
| romance | Itália | el amor brujo | italiano | 2012 | intermezzi editor | Elisa Montanelli | sur |
| romance | Romenia | Los siete locos | romeno | 2012 | allfa | | sur |
| romance | Bulgária | Los siete locos | búlgaro | 2013 | panorama | | sur |
| crônica | Itália | aguafuertes porteñas | italiano | 2013 | del vecchio | marino Magliani e Alberto Prunetti | sur |
| romance | Brasil | El juguete rabioso | português | 2013 | relicário | Davidson de Oliveira Diniz | sur |
| crônica | Itália | En el pais del viento - viaje a la patagonia | italiano | 2013 | sigismundus editrice | Luigi Marfé e Alberto Prunetti | sur |
| romance | Romenia | Los siete locos | romeno | 2013 | Univers Publishing House | | sur |
| romance | egito | Los siete locos | curdo | 2013 | Diania for Kurdish Books | | sur |
| conto | Itália | viagem terrible | italiano | 2013 | Arco Iris Multimedia | Raul Schenardi | sur |
| conto | Itália | cuentos del fin del mundo [1] | italiano | 2013 | Nova Delphi Libri | | sur |
| romance | Itália | Los siete locos | italiano | 2013 | einaudi | Jaime Riera Rehren | |
| crônica | Brasil | aguafuertes porteñas/Aguafuertes Cariocas | português | 2013 | Iluminuras | Maria Paula Gurgel Ribeiro | |
| romance | Brasil | El juguete rabioso | português | 2013 | Iluminuras | Maria Paula Gurgel Ribeiro | |
| crônica | Brasil | aguafuertes cariocas | português | 2013 | rocco | Gustavo Pacheco | |
| romance | Inglaterra | El juguete rabioso | inglês | 2013 | Hesperus press | James Womack | |
| romance | Bulgária | El juguete rabioso | búlgaro | 2014 | Casa Editorial Gutemberg | | sur |
| romance | Bulgária | Los lanzallamas | búlgaro | 2014 | panorama | | sur |
| romance | sérvia | Los siete locos | sérvio | 2014 | Bukefal E.O.N | | sur |
| romance | República | Los siete locos | checo | 2014 | rubato | | sur |
| conto | Itália | Cuentos completos [2] | italiano | 2014 | sur | Raul Schenardi | sur |
| conto | Itália | Una tarde de domingo | italiano | 2015 | Sur | Raul Schenardi | |
| romance | Itália | Los lanzallamas | italiano | 2015 | sur | Luigi Pellisari | |
| romance | sérvia | El juguete rabioso | sérvio | 2015 | RAD | aleksandra mancic | |
| teatro | Itália | saverio el cruel / la isla desierta | italiano | 2016 | Arco Iris Multimedia | Raul Schenardi e Violetta Colonnelli | |

fontes: *index Translationum* (http://www.unesco.org/xtrans/bsform.aspx?lg=2), Cervantes Virtual (http://cvc.cervantes.es/literatura/escritores/arlt/bibliografia/bibliografia_03.htm), Programa Sur (http://programa-sur.mrecic.gov.ar/).

[1] coletanea de cuentos de Arlt e Lugones

[2] conforme obra

atualizado em 24/01/2018

Tabela 2 – traduções de Roberto Arlt